Um Mês com Montalbano

Novos casos do comissário Salvo Montalbano

Andrea Camilleri

Autor de *A voz do violino* e *Ladrão de merendas*



COLEÇÃO NEGRA

Noir Europeu – Série Especial

"Os livros de Camilleri são ágeis e engraçados e se tornaram um fenômeno de vendas." — VEJA

RECORD

Andrea Camilleri

UM MÊS COM MONTALBANO

TRADUÇÃO DE

Joana Angélica d'Ávila Melo

EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

CIP-Brasil. Catalogação na fonte.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

C19u Camilleri, Andrea, 1925-
Um mês com Montalbano / Andrea Camilleri; tradução de Joana Angélica D'Ávila Melo — Rio de Janeiro: Record, 2002. — (Coleção Negra)

Tradução de: Un mese con Montalbano
ISBN 978-85-01-05623-8

1. Ficção policial. 2. Conto italiano. I. Melo, Joana Angélica D'Ávila. II. Título. III. Série.

01-1135 CDD: 853
CDU: 850-3

Copyright © 1998 Arnoldo Mondadori Editore S.p.A.

Título original:
UN MESE CON MONTALBANO

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa adquiridos pela
DISTRIBUIDORA RECORD DE SERVIÇOS DE IMPRENSA S.A.
Rua Argentina, 171 — Rio de Janeiro, RJ — 20921-380 — Tel.: 2585-2000,
que se reserva a propriedade literária desta tradução

Produzido no Brasil
ISBN 978-85-01-05623-8

Sumário

A carta anônima
A arte da adivinhação
A sigla
O empate
Amor
Uma giganta de sorriso gentil
Um diário de 1943
O cheiro do diabo
O companheiro de viagem
Armadilha para gatos
Prodígios de Trieste
Ícaro
O aviso
Being here...
O pacto
O que Aulo Gélio contou
O velho ladrão
A vidente
Mocinho e bandido
Toque de artista
O homem que acompanhava os enterros
Um assunto delicado
O iaque
Os dois filósofos e o tempo
Cinquenta pares de sapatos ferrados
O rato assassinado
Um cantinho paradisíaco
Réveillon
O punguista
Móbil de dois cumes

Nota

A carta anônima

Annibale Verruso quer mandar matar a mulher dele porque descobriu que ela anda lhe botando chifre. Se isso acontecer, a responsabilidade é de vocês!

Escrita em letra de fôrma, com esferográfica preta, a carta anônima tinha saído de Montelusa genericamente endereçada ao Comissariado de Segurança Pública de Vigàta. O inspetor Fazio, que era encarregado de distribuir a correspondência recebida, tinha-a lido e imediatamente entregue ao seu superior, o comissário Salvo Montalbano. O qual, naquela manhã, como o vento que soprava era o sudoeste, estava de humor azedo, mortalmente emputecido consigo mesmo e com o universo criado.

— Quem é este porra de Verruso?

— Sei não, doutor.

— Procure saber e depois venha me contar.

Duas horas depois, Fazio se apresentou novamente e, ao olhar interrogativo de Montalbano, começou:

— Annibale Verruso, filho de Carlo e Filomena Castelli, nascido em Montaperto em 3/6/1960, funcionário da Companhia Agrária de Montelusa mas residente em Vigàta, na rua Alcide De Gasperi, número 22...

O volumoso catálogo telefônico de Palermo e província, que por acaso se encontrava sobre a mesa do comissário, ergueu-se no ar, atravessou a sala toda e foi bater na parede em frente, derrubando no chão o calendário gentilmente oferecido pela confeitaria Pantano & Torregrossa. Fazio sofria daquilo que Montalbano denominava "o complexo do registro civil", uma coisa que deixava o comissário nervoso com o tempo bom, imagine-se quando batia o sudoeste.

— Desculpe — disse Fazio, indo apanhar o catálogo. — O senhor me faça as perguntas que eu vou respondendo.

— Que tipo de gente ele é?

— Sem passagem pela polícia.

Montalbano empunhou ameaçadoramente o catálogo telefônico.

— Fazio, eu já falei cem vezes. Sem passagem pela polícia não significa merda nenhuma. Vou repetir: que tipo de gente ele é?

— Dizem que é um homem tranquilo, de pouca conversa e raras amizades.

— Joga? Bebe? Mulheres?

— Nadinha.

— Casado desde quando?

— Faz cinco anos. Com uma moça daqui, Serena Peritore. Dez anos mais nova do que ele. Mulher bonita, dizem.

— Bota chifre nele?

— Bem...

— Bota ou não bota?

— Se bota, é esperta para não deixar ele saber. Tem quem diga uma coisa e tem quem diga outra.

— Filhos?

— Não, senhor. Dizem que ela é que não quer.

O comissário olhou-o com admiração.

— Como foi que você soube até dessas intimidades?

— Ah, conversando, no barbeiro — respondeu Fazio, passando uma mão na nuca recém-raspada.

Ou seja, em Vigàta o salão ainda era o Grande Lugar de Encontro, como nos velhos tempos.

— O que é que a gente faz? — perguntou Fazio.

— Vamos esperar que ele mate a mulher e depois vemos — disse Montalbano, sombrio, acenando para que Fazio saísse.

Tinha feito o gênero antipático e indiferente diante de Fazio, mas na verdade aquela carta anônima o tinha intrigado.

À parte o fato de que, desde quando ele chegou a Vigàta, jamais ocorreu um crime em defesa da chamada honra, a coisa, assim no faro, por instinto, não o convencia. Antes, respondendo à pergunta de Fazio, ele disse ser preciso esperar que Verruso matasse a mulher. E cometeu um erro. Na verdade, a carta afirmava que Verruso queria *mandar* matar a traidora, ou seja, pretendia recorrer a outra pessoa para limpar sua honra. E isso não era comum. Em primeiro lugar, um marido que ouve boatos de traição se embosca, segue, espiona, flagra e atira. Tudo em primeira pessoa, ele não deixa para atirar no dia seguinte e muito menos encarrega um estranho de resolver o problema. E, além do mais, quem poderia ser esse estranho? Um amigo certamente não se meteria nisso. Um matador de aluguel? Em Vigàta?! Que é isso, brincadeira? Claro que existiam

matadores em Vigàta, mas não estavam disponíveis para trabalhinhos extras, porque todos tinham emprego fixo e salário regularmente pago pelo contratador do serviço. Em segundo lugar, quem tinha escrito a carta? Dona Serena, para evitar o golpe? Mas, se realmente desconfiava de que, mais dia, menos dia, o marido mandaria matá-la, ela não iria perder tempo escrevendo cartas anônimas! Meteria no meio o pai, a mãe, o pároco, o bispo, o cardeal, ou então fugiria com o amante, e estamos conversados.

Não, sob qualquer ponto de vista, a coisa não se sustentava.

Mas surgiu-lhe de repente uma ideia. E se o marido, na Companhia, tivesse travado conhecimento com um cliente de poucos escrúpulos, o qual, num primeiro momento, concordara em cometer o crime, mas depois, sentindo-se arrependido, escrevera a carta anônima, para cair fora da complicação?

Sem perda de tempo, o comissário telefonou à Companhia Agrária de Montelusa, acionando um sistema que já tinha experimentado, com sucesso, nas repartições públicas.

— Alô? Quem fala? — perguntou alguém em Montelusa.

— Me passe para o diretor.

— Sim, mas quem fala?

— Cristo! — ululou Montalbano, e, como no telefone havia um pouquinho de eco, ele mesmo ficou surdo. — Será possível que vocês não reconheçam nunca a minha voz? Aqui é o presidente! Compreendeu?

— S-sim, senhor — fez o outro, apavorado. Passaram-se cinco segundos.

— Às suas ordens, presidente — disse a voz obsequiosa do diretor, que sequer atentou em perguntar de qual presidência era presidente aquele que estava falando.

— Eu fico pasmo com este atraso absurdo de vocês! — começou Montalbano, atirando quase às cegas. Quase: porque é impossível conceber uma repartição onde não existam processos atrasados ou, como se diz burocraticamente, aguardando despacho.

— Presidente, queira desculpar, mas não entendi...

— Não entendeu?! Estou falando das fichas, pelo amor de Deus!

Montalbano imaginou distintamente a cara estarrecida, as gotinhas de suor na testa do diretor.

— As fichas do pessoal, que eu venho esperando há mais de um mês! — rugiu o presidente. E prosseguiu, implacável: — Quero saber tudo sobre eles! Antiguidade, cargo, função, posição contributiva, tudo! O caso Sciarretta não deve se repetir nunca mais!

— Nunca mais — ecoou firmemente o diretor, que não sabia absolutamente quem fosse Sciarretta.

O qual, aliás, era desconhecido também de Montalbano, que havia chutado um nome ao acaso.

— E o que me diz de Annibale Terruso?

— Verruso, com V, presidente.

— Não interessa, é ele. Já houve queixas, reclamações, coisas assim. Parece que ele tem o hábito de frequentar...

— Calúnias! São todas calúnias infames! — interrompeu o diretor, com inesperada coragem. — Annibale Verruso é um funcionário modelo! Quem me dera que todos fossem como ele é! Está lotado na contabilidade interna, não tem qualquer relação com...

— Chega — cortou o presidente, imperioso. — Quero essas fichas aqui no prazo de vinte e quatro horas.

E desligou. Se o diretor da Companhia botava a mão no fogo pelo funcionário Annibale Verruso, como era que este poderia arranjar um matador com tanta facilidade?

Montalbano chamou Fazio.

— Escuta, eu vou sair para comer. Volto lá pelas quatro. Por essa hora, você vai me informar tudo sobre a família Verruso. Do bisavô até a sétima geração futura.

— E como é que eu faço?

— Vá a outro barbeiro.

A árvore genealógica dos Verruso afundava suas raízes num terreno adubado de respeitabilidade, de virtudes domésticas e civis: um tio coronel dos *carabinieri*, [1] um outro, também coronel, mas da polícia fiscal, e quase tinha sido aflorada a santidade com um irmão do bisavô, monge beneditino, cujo processo de beatificação estava em curso. Difícil encontrar um matador escondido entre as folhas daquela árvore.

— Algum de vocês conhece um tal de Annibale Verruso? — perguntou o comissário aos seus homens, expressamente convocados.

— Um que trabalha na Companhia de Montelusa? — esclareceu-se Germanà, para o caso de homonímia.

— Esse.

— Bom, eu conheço.

— Quero ver a cara dele.

— Fácil, comissário. Amanhã é domingo e ele deve ir à missa do meio-dia com a mulher, como sempre faz.

— Olha lá, são eles — informou Germanà às onze e cinquenta e cinco em ponto, os sinos acabavam de tocar a última chamada para a missa.

Salvo engano, Annibale Verruso teria uns trinta e sete anos, mas demonstrava uns cinquenta bem-conservados. Altura um pouco inferior à média, barriguinha evidente, uma calvície que lhe poupara somente os cabelos ao redor da parte baixa da cabeça, mãos e pés pequeninos, oculozinhos de ouro, atitude contrita.

"Deve ser cuspido e escarrado a cara do futuro beato, o monge beneditino irmão do bisavô", pensou Montalbano. Mas, sobretudo, emanava do homenzinho um ar de mansa imbecilidade. "Cuidado com o corno manso", dizia, entretanto, o provérbio. Quando o corno manso perde a mansidão, aí, sim, torna-se perigoso, pronto para as piores coisas. Seria o caso de Annibale Verruso? Não. Porque, se alguém perde a mansidão, perde-a de repente, não imagina com antecedência perdê-la, conforme denunciava a carta anônima.

Sobre a mulher, dona Serena Peritore de Verruso, o comissário teve, ao contrário, uma certeza fulminante: aquela ali botava chifres no marido, sim, e fartamente. Trazia isso escrito no modo de rebolar a bunda, no jeito como balançava os longuíssimos cabelos negros, mas, sobretudo, no repentino olhar que lançou a Montalbano ao se sentir observada, as pupilas verdes transformadas em bocas de espingarda lobeira, aquela de dois canos.

Era moura, bela e traidora, como dizia a canção.

— Dizem que ela corneia ele.

— Uns dizem que sim, outros dizem que não — fez Germanà, em cima do muro.

— E os que dizem que sim, será que eles sabem com quem?

— Com o projetista Agrò. Mas...

— Fala.

— Veja bem, comissário, não se trata de chifres simples. Serena Peritore e Giacomino Agrò já se gostavam desde quando eram criancinhas e...

— ... e brincavam de médico.

Germanà se aborreceu visivelmente. Talvez, para ele, a história de amor entre Serena e Giacomino fosse tão apaixonante quanto uma telenovela.

— Só que a família quis que ela se casasse com Annibale Verruso, que era um bom partido.

— E depois do casamento, Giacomino e Serena continuaram a se encontrar.

— Parece que sim.

— Mas para fazer as coisas que as pessoas fazem quando já estão crescidinhas — concluiu Montalbano, maldosamente.

Germanà não respondeu.

Na manhã seguinte, o comissário acordou cedo, com uma ideia a lhe martelar a cachola. E recebeu a resposta, vinda do computador da chefatura de Montelusa, meia hora depois de entrar em seu gabinete.

Cinco dias antes de chegar a carta anônima, Annibale Verruso havia comprado uma Beretta 7.65, com relativo estoque de munição. Ao registrá-la, como não tinha porte de arma, declarou que a conservaria numa casinha de veraneio, muito solitária, que ele possuía nas redondezas de Monterussello.

A esta altura, um homem dotado de lógica concluiria que Annibale Verruso, não tendo sido capaz de alugar um matador, decidira providenciar pessoalmente a limpeza de sua honra, enlameada pela bela traidora.

Mas Salvo Montalbano possuía uma lógica que às vezes lhe falhava e começava a girar em ponto morto, enlouquecida. E foi por isso que ele mandou Fazio telefonar à Companhia Agrária de Montelusa: o senhor Annibale Verruso, assim que terminasse o seu trabalho matutino, devia apresentar-se no comissariado de Vigàta, sem demora.

— O que foi? O que aconteceu? — perguntou Verruso, agitadíssimo.

Fazio, oportunamente instruído por Montalbano, enrolou-o da melhor maneira.

— É para estabelecer que o senhor não seja ele. Fui claro?

— Realmente, eu não...

— Talvez o senhor seja ele. Em caso contrário, não. Fui claro?

Fazio desligou, ignorando haver desencadeado uma angústia pirandelliana na mente do pobre funcionário da Companhia.

— Comissário, me ligaram pedindo que eu corresse pra cá e eu vim assim que pude — disse um arfante Verruso, assim que se sentou diante da escrivaninha de Montalbano. — Mas não entendi nada.

Chegou enfim o momento difícil, o de iniciar a partida, jogar os dados. O comissário hesitou um instantinho, mas depois principiou seu blefe.

— Todo cidadão tem o dever de denunciar delitos, sabia?

— Sim, me parece que sim.

— É a lei, não é questão de lhe parecer. Então, por que o senhor não denunciou o furto ocorrido na sua casa de campo em Monterussello?

Annibale Verruso ficou todo vermelho e agitou-se na cadeira, de repente espinhosa. Na cabeça de Montalbano, as campainhas desataram a soar gloriosamente. Ele havia acertado, o blefe estava funcionando.

— Considerando o pouco valor do prejuízo, a minha senhora achou que não...

— Sua senhora não tinha que achar nada, e sim denunciar o furto. Vamos, me conte o que aconteceu. Precisamos investigar. Houve outros furtos naquela área.

O tom seco do comissário havia enxugado a garganta de Annibale Verruso, que foi tomado por um ataque de tosse. Depois, ele contou.

— Quinze dias atrás, num sábado, minha senhora e eu fomos pra nossa casa de Monterussello, na intenção de ficar até o domingo à tardinha. Assim que chegamos, percebemos que a porta da casa tinha sido forçada. Levaram a televisão, mas esta era velha, em preto e branco, e um bom rádio portátil, este sim, novo em folha. Eu ajeitei a porta como pude, mas Serena, a minha senhora, não sossegou, estava apavorada, e quis voltar pra Vigàta. Chegou a dizer que não botava mais os pés naquela casa se eu não arrumasse alguma coisa pra gente se defender. Me obrigou a comprar uma pistola.

Montalbano fez aparecerem rugas em sua testa.

— O senhor registrou essa arma? — perguntou, severíssimo.

— Claro, fiz isso logo — disse o outro, com um sorrisinho de cidadão em dia com a lei. E permitiu-se uma leve tirada: — E o engraçado é que eu nem sei como se faz para usá-la.

— Pode ir.

Verruso saiu correndo que nem uma lebre, quando a gente não a acerta com o primeiro tiro.

Às sete e meia da manhã seguinte, Annibale Verruso saiu do portão da rua De Gasperi, 22, meteu-se às pressas no seu carro e partiu, certamente em direção à Companhia Agrária de Montelusa.

O comissário saiu do seu automóvel e leu a plaquinha do interfone: “Verruso, apto. 15”. Assim, no olho, calculou que a residência ficava no terceiro andar. O portão não fechava bem, bastou empurrá-lo um pouquinho para que se abrisse. Montalbano entrou e tomou o elevador. Havia calculado certo: os Verruso moravam no terceiro andar. Ele tocou a campainha.

— Mas se pode saber o que foi que você esqueceu desta vez? — perguntou lá de dentro uma furiosa voz feminina.

A porta abriu-se. Ao ver um desconhecido, dona Serena levou uma das mãos à altura do peito, para segurar o decote do robe. Um instante depois, tentou fechar a porta, mas o pé do comissário bloqueou a manobra.

— Quem é o senhor? O que é que o senhor quer?

Nem um pouco assustada ou preocupada. Esplêndida, olhos verdes de lobeira, emanava um tal cheiro de mulher e de cama que Montalbano sentiu como uma levíssima vertigem.

— Não se preocupe, minha senhora.

— Não estou preocupada com porra nenhuma, só não quero é que me encham o saco a esta hora.

Talvez a senhora Verruso não fosse tão senhora assim.

— Eu sou o comissário Montalbano.

Nenhum susto, apenas um gesto de irritação.

— Ora, mas que merda! Ainda?! Veio por causa da mixaria daquele furto?

— Sim, minha senhora.

— Ontem de noite o meu marido me deixou tonta com essa história do senhor convocar ele. Ficou tão apavorado que quase se cagou nas calças.

Cada vez mais fina, essa dona Serena.

— Posso entrar?

A senhora afastou-se para o lado com um muxoxo, conduziu-o a uma salinha decorada em horripilante imitação setecentista e ofereceu-lhe uma desconfortável poltrona dourada e reluzente. A seguir, sentou-se na poltrona em frente.

E, de repente, sorriu, os olhos estriados de tracinhos de luz negra, daquela que faz o branco brilhar violáceo. Os dentes eram um verdadeiro relâmpago.

— Eu fui grosseira e vulgar, desculpe.

Evidentemente, decidiu seguir uma linha estratégica diferente. Na mesinha entre os dois havia uma cigarreira e um isqueiro colossal, de prata maciça. Ela se inclinou, pegou a cigarreira, abriu-a e estendeu-a para o comissário. No movimento, perfeitamente calculado, a parte superior do robe se afrouxou, deixando completamente a descoberto duas bolotas pequeninas, mas de aparência tão sólida que Montalbano concluiu que seria possível quebrar nozes com elas.

— O que é que o senhor quer de mim? — perguntou dona Serena em voz baixa, olhando-o nos olhos e continuando a estender-lhe a cigarreira aberta. Era claro, ainda que ela não o dissesse em palavras: qualquer coisa que você possa querer, eu estou pronta a dar.

Montalbano recusou com um gesto, e não estava recusando somente o cigarro. Ela fechou a cigarreira, colocou-a novamente na mesinha e continuou a encarar o comissário de baixo para cima, o robe sempre aberto.

— Como foi que o senhor soube do furto em Monterussello?

Chegou, insolentemente, ao ponto mais fraco do blefe que Montalbano dera no marido.

— Joguei um verde — respondeu o comissário — e o seu marido caiu.

— Ah — fez ela, endireitando-se.

As bolotas desapareceram, como num jogo de prestidigitação. Por um momento, mas só por um momento, o comissário comemorou esse sumiço. Talvez fosse melhor sair daquela casa assim que pudesse.

— Será que eu preciso mesmo lhe contar tintim por tintim como concluí que a senhora pretendia matar o seu marido? Ou posso me poupar o fôlego?

— Pode se poupar.

— Tinha em mente uma bela encenação, certo?

— Podia funcionar.

— Se eu estiver errado, me corrija. Numa das próximas noites em Monterussello, a senhora acorda seu marido dizendo que ouviu um barulho suspeito lá fora e o convence a se armar e sair. Assim que ele sai, a senhora lhe dá por trás uma bela pancada na cabeça. O projetista Agrò, agora livre dos trajes de ladrão de mentirinha, veste os de verdadeiro assassino. Então atira em seu marido com a pistola que a senhora fez o infeliz comprar, mata-o e desaparece. Mais tarde, a senhora contará que o seu pobre marido foi espancado, desarmado e morto pelo ladrão. A coisa ia acontecer mais ou menos assim, não?

— Mais ou menos.

— A senhora compreendeu igualmente que essas minhas palavras não têm em que se apoiar. Eu não tenho nada de concreto para botá-la na cadeia.

— Claro que compreendi.

— E também deve ter entendido que, se acontecer algum mal a Annibale Verruso, a primeira pessoa que vai em cana é a senhora, seguida pelo seu amiguinho Giacomino. Peça a Deus que o seu marido não tenha nem mesmo uma leve dor de barriga, porque aí eu acuso a senhora de tentar envenená-lo.

O aviso de Montalbano entrou por um ouvido de dona Serena e saiu pelo outro.

— Me esclarece uma curiosidade, comissário?

— Sem dúvida.

— Onde foi que eu errei?

— Seu erro foi me mandar aquela carta anônima.

— Eu?! — quase gritou ela.

De repente, Montalbano ficou sem graça.

— Que carta anônima é essa? — continuou dona Serena.

Estava completa e sinceramente surpresa. Também o comissário se surpreendeu: mas como, não tinha sido ela?!

Olharam-se, perplexos.

— A carta anônima na qual diziam que o seu marido queria mandar matar a senhora, por ter descoberto a sua traição — explicou Montalbano, com dificuldade.

— Mas eu nunca...

Dona Serena interrompeu-se de repente, levantou-se num pulo, o robe se escancarou inteiramente e Montalbano entreviu doces colinas, valezinhos ocultos, luxuriantes pradarias. Ele fechou os olhos, mas teve de reabri-los imediatamente, ao ouvir a pancada do mastodôntico isqueiro arremessado contra um quadrinho que representava montanhas nevadas.

— Foi aquele grande miolo de merda do Giacomino! — começou a gritar a, digamos assim, senhora. — Se apavorou, aquele cagão!

A cigarreira estilhaçou uma jarra que estava sobre uma prateleira.

— Deu pra trás, aquele tremendo babaca, e armou essa história da carta anônima!

Quando a mesinha de centro reduziu a cacos os vidros da varanda, o comissário já estava lá fora, fechando atrás de si a porta da casa dos Verruso.

A arte da adivinhação

Desde sempre, em Vigàta, a festa de Carnaval nunca fez sentido. Isso, naturalmente, para os adultos, que não organizam bailes de máscaras e não fazem comidas especiais. Para as crianças, ao contrário, a história é outra: andam pela rua para cima e para baixo, exibindo-se em suas fantasias agora inspiradas na televisão. Hoje em dia já não se encontra uma fantasia de Pierrô ou de Mickey, nem a peso de ouro. Zorro sobrevive, mas quem faz furor mesmo são Batman e os ousados astronautas, em reluzentes macacões espaciais.

Naquele ano, porém, a festa de Carnaval fez sentido ao menos para um adulto: o professor Gaspare Tamburello, diretor do liceu local Federico Fellini, recentissimamente fundado, como se podia depreender do nome que lhe foi dado.

— Ontem à noite tentaram me matar! — proclamou o diretor, entrando e sentando-se no gabinete de Montalbano.

O comissário encarou-o, estarrecido. Não pelo dramático anúncio, mas pelo curioso fenômeno que se manifestava na cara do cidadão, a qual passava, sem solução de continuidade, do amarelo da morte ao vermelho do pimentão.

"Este cara vai ter um troço", pensou Montalbano. E disse:

— Senhor diretor, fique calmo, me conte tudo. Quer um copo d'água?

— Não quero nada! — rugiu Gaspare Tamburello.

Enxugou a cara com um lencinho, e Montalbano se espantou ao ver que as cores da pele não haviam tingido o pano.

— Aquele tremendo corno disse e fez!

— Escute, é melhor o senhor se acalmar e me contar tudo na ordem. Me diga exatamente o que foi que aconteceu.

O diretor Tamburello fez um evidente esforço para se controlar e depois começou.

— Sabia, comissário, que nós temos um ministro comunista na instrução pública? Ele quer que se estude Gramsci na escola. Mas eu me pergunto: por que Gramsci sim e Tommaseo não? Poderia me explicar por quê?

— Não — disse secamente o comissário, já de saco cheio. — Vamos aos fatos?

— Bom. Para adequar o instituto, que eu tenho a honra e o ônus de dirigir, às novas normas ministeriais, fiquei trabalhando no meu gabinete até a meia-noite passada.

Era mais do que sabido, em Vigàta, o motivo pelo qual o diretor arrumava quantas desculpas conseguisse para não se recolher à sua casa: ali, como uma tigresa entocada, aguardava-o a esposa Santina, mais conhecida na escola como Santipa.[2] Bastava o mínimo pretexto para desatar Santipa. E então os vizinhos começavam a ouvir a gritaria, as ofensas, os insultos que a terrível mulher lançava ao marido. Voltando à meia-noite, Gaspare Tamburello esperava encontrá-la dormindo e, assim, evitar a cena habitual.

— Continue, por gentileza.

— Mal abri o portão de casa, ouvi um estampido muito forte e vi um clarão. Escutei inclusive, distintamente, as risadinhas de alguém.

— E fez o quê?

— O que eu deveria fazer? Comecei a subir correndo a escada, esqueci de tomar o elevador, estava apavorado.

— Contou à sua senhora? — perguntou o comissário, o qual, quando caprichava, sabia ser realmente infame.

— Não. Para quê? Ela estava dormindo, a coitada!

— Quer dizer que o senhor viu um clarão.

— Claro que vi.

Montalbano fez cara de dúvida, e o diretor notou.

— O que foi, não acredita?

— Acredito. Mas é estranho.

— Como assim?

— Porque, se uma pessoa por acaso lhe der um tiro pelas costas, o senhor escuta o estampido, claro, mas não pode ver o clarão. Entendeu?

— Mas eu vi, está bem?

O amarelo da morte e o vermelho do pimentão se fundiram num verde-oliva.

— O senhor deu a entender que sabe quem teria atirado.

— Não fale no condicional, eu sei muitíssimo bem quem fez isso. E estou aqui para registrar formalmente a queixa.

— Espere, vamos devagar. Em sua opinião, quem foi?

— O professor Antonio Cosentino.

Claro, decidido.

— O senhor o conhece?

— Que pergunta! Ele ensina francês no instituto!

— E por que faria isso?

— De novo esse condicional! Porque ele me odeia. Não suporta as minhas frequentes reclamações, as minhas notas de demérito. Mas eu, o que posso fazer? Para mim, a ordem e a disciplina são imperativos categóricos! O professor Cosentino, ao contrário, não lhes dá a menor importância. Chega tarde as reuniões de professores, quase sempre contesta o que eu digo, faz chacota, assume um ar de superioridade, instiga os colegas contra mim.

— E o senhor acha que ele é capaz de um homicídio?

— Ah! Ah! Não me faça rir! Ele é capaz não só de matar, mas de outras coisas também!

"E o que pode ser pior do que matar?", pensou o comissário. Talvez esquartejar o cadáver da vítima e comê-lo, metade ensopado e metade assado ao forno com batatinhas.

— E sabe o que ele fez? — prosseguiu o diretor. — Vi com meus próprios olhos quando ele ofereceu fumo a uma aluna!

— Erva?

Gaspare Tamburello espantou-se, não entendeu.

— Não, que erva que nada! Por que fumariam grama? Ele estava dando era um cigarro.

Vivia fora do tempo e do espaço, o diretor.

— Creio ter compreendido que o senhor, agora há pouco, afirmou ter sido ameaçado pelo professor.

— Não exatamente. Ameaça, ameaça mesmo não houve. Ele falou meio assim, fingindo brincar.

— Explique-se com ordem, por favor.

— Bom. Uns vinte dias atrás, a professora Lopane convidou todos os colegas para o batizado de uma sobrinha. Eu não pude me eximir, compreende? Não me agrada que chefes e subordinados confraternizem, é sempre bom manter uma certa distância.

Montalbano lamentou que o atirador, se realmente existia, não tivesse uma pontaria mais precisa.

— Depois, como acontece nesses casos, todos nós do instituto nos vimos reunidos numa sala. E então os docentes mais jovens resolveram organizar algumas brincadeiras. A certa altura, o professor Cosentino afirmou dominar a arte da adivinhação. Disse que não precisava observar o voo das aves ou as vísceras de algum animal. Bastava-lhe olhar intensamente uma pessoa para ver nitidamente o destino dela. Uma tolinha, a professora Angelica Fecarotta, uma assistente, perguntou sobre seu futuro. O professor Cosentino lhe predisse uma grande mudança amorosa. Grande coisa! Todos sabíamos que a assistente trai o

noivo, um dentista, com o protético, e que o dentista, mais cedo ou mais tarde, vai descobrir! Com grande folgança...

À palavra folgança, Montalbano não aguentou mais.

— Ah, não, diretor, assim nós só vamos acabar à noite! Conte apenas o que o professor lhe disse. Ou melhor, predisse.

— Como todos insistiam em que ele adivinhasse o meu futuro, ele me olhou fixamente, por tanto tempo que se fez um silêncio tumular. Veja bem, comissário, criou-se um clima que, sinceramente...

— À merda com o clima, pelo amor de Deus!

Homem da ordem, o diretor obedecia às ordens.

— Disse que no dia 13 de fevereiro eu escaparia de um ataque, mas, dentro de três meses, já não estaria aqui com eles.

— Ambíguo, não acha?

— Mas que ambíguo, que nada! Ontem foi dia 13, não? Atiraram em mim, não? Então ele não se referia a um ataque apoplético, mas a um verdadeiro ataque a tiros de pistola.

A coincidência inquietou o comissário.

— Escute, senhor diretor, vamos combinar o seguinte. Eu faço algumas indagações e depois, se for o caso, peço-lhe que registre queixa.

— Se o senhor assim ordena, façamos assim. Mas eu preferiria sabê-lo imediatamente na cadeia, aquele biltre. Até mais ver.

E, finalmente, saiu.

— Fazio! — chamou Montalbano.

Mas, em vez de Fazio, viu comparecer novamente à sua sala o diretor. A cara, desta vez, estava mais para amarela.

— Eu ia esquecendo a prova mais importante!

Por trás do professor Tamburello apareceu Fazio.

— Pode mandar.

O diretor, porém, continuou imperturbável.

— Hoje de manhã, ao vir dar a queixa, vi que no portão do edifício onde moro, no alto, à esquerda, há um orifício que não existia. Ali deve estar alojado o projétil. É o que suponho.

E saiu.

— Você sabe onde mora o diretor Tamburello? — perguntou o comissário a Fazio.

— Sei, sim, senhor.

— Vá dar uma olhada nesse buraco do portão e depois me informe. Espera, primeiro telefone ao liceu, chame o professor Cosentino e diga que eu quero falar com ele hoje à tarde, ali pelas cinco.

Montalbano voltou ao comissariado às três e quarenta e cinco, um pouquinho empanzinado pelo quilo e tanto de peixe na grelha, tão fresco que tinha recomeçado a nadar no seu estômago.

— Bom, que tem um buraco, tem — relatou Fazio. — Mas é fresquinho, fresquinho, a madeira tá limpa, sem chamuscado de projétil, parece feito a canivete. E não tem vestígio de bala. Eu já fiz uma ideia cá comigo.

— Diga.

— Não acho que atiraram no diretor. Estamos na época do Carnaval, quem sabe deu na veneta de algum garoto isso de fazer uma brincadeira e jogar nele uma bombinha ou um rojão.

— Plausível. Mas como você explica o buraco?

— Talvez tenha sido feito pelo próprio diretor, para fazer o senhor acreditar nas besteiras que ele veio lhe contar.

A porta se escancarou e bateu contra a parede, Montalbano e Fazio tiveram um sobressalto. Era Catarella.

— O pobrema é que taí o fessor Cosentintino que tá dizendo que queria falar pessoalmente em pessoa com o senhor.

— Mande entrar.

Fazio saiu, Cosentino entrou.

Por uma fração de segundo, o comissário embasbacou-se. Esperava um indivíduo de camiseta, jeans e pesados Nike esportivos, mas o professor envergava um terno cinza, com gravata. Exibia até mesmo um ar melancólico, a cabeça ligeiramente inclinada sobre o ombro esquerdo. Os olhos, porém, eram espertos, saltitantes. Sem meios-termos, minuciosamente, Montalbano contou-lhe a acusação do diretor e advertiu-o de que a coisa não era para se brincar.

— Por que não?

— Porque o senhor adivinhou que, no dia 13, o diretor seria objeto de uma espécie de atentado, e isso aconteceu pontualmente.

— Mas, comissário, se é verdade que atiraram nele, como pode o senhor achar que eu seria tolo a ponto de anunciar que faria isso, diante de vinte testemunhas? Seria o mesmo que atirar e seguir diretamente para a prisão! Foi uma infeliz coincidência.

— Olha que comigo esse seu raciocínio não funciona.

— E por quê?

— Porque o senhor pode ter sido não tolo, mas esperto a ponto de dizer, fazer e depois vir sustentar na minha frente que não pode ter feito isso porque o havia anunciado.

— Lá isso é verdade — admitiu o professor.

— Então, como ficamos?

— Mas o senhor acha realmente que eu tenho poderes divinatórios, que estou em condições de fazer predições? No máximo, quanto ao diretor, eu poderia fazer, digamos assim, retrodições. E estas, sim, seguras, certas como a morte.

— Explique-se.

— Se o nosso caro diretor tivesse vivido na era fascista, já imaginou que belo federal ele seria? Daqueles de uniforme, botas e o pássaro no quepe, que pulavam dentro de círculos de fogo. Garantido.

— Vamos falar sério?

— Comissário, o senhor talvez não conheça um delicioso romance setecentista intitulado *O diabo apaixonado*, de...

— Cazotte — completou o comissário. — Já li.

O professor se refez rapidamente de um ligeiro estupor.

— Pois bem, certa noite Jacques Cazotte, havendo encontrado alguns amigos famosos, adivinhou exatamente a morte deles. Aí...

— Também conheço essa história, professor, li em Gérard de Nerval.

O professor deixou cair o queixo.

— Santo Deus! Como é que o senhor sabe dessas coisas?

— Lendo — disse bruscamente o comissário. E, mais sério ainda, acrescentou: — Isso tudo não tem pé nem cabeça. Não sei nem se atiraram no diretor ou se era um rojão.

— Rojão, rojão — fez o professor, com ar de desdém.

— Mas estou avisando formalmente. Se, nos próximos três meses, acontecer alguma coisa ao diretor Tamburello, o senhor será responsabilizado pessoalmente.

— Inclusive se ele tiver uma gripe? — perguntou Antonio Cosentino, nem um pouco assustado.

Mas aconteceu o que estava escrito para acontecer.

O diretor Tamburello ficou ouriçadíssimo com o fato de o comissário não ter registrado a queixa e muito menos algemado o cidadão que, segundo ele, era o responsável. E começou a fazer uma série de besteiras. Na primeira reunião de professores, assumindo um ar ao mesmo tempo severo e mártir, comunicou ao emudecido auditório ter sido vítima de um atentado, do qual havia miraculosamente escapado por intercessão (nesta ordem) de Nossa Senhora e do Dever Moral, do qual era ferrenho defensor. Durante o discursinho, não fez outra coisa senão olhar alusivamente para o professor Antonio Cosentino, o qual soltava escancaradas risadinhas. A segunda besteira foi a de confidenciar a coisa ao jornalista Pippo Ragonese, comentarista da Televigàta, que detestava o

comissário. Ragonese contou a história do seu jeito e afirmou que Montalbano, não tomando providências contra o indivíduo indicado como executor material do atentado, desenvolvia um objetivo trabalho de favorecimento da delinquência. O resultado foi simples: enquanto Montalbano dava uma bela gargalhada, Vigàta inteira veio a saber que alguém havia atirado no diretor Tamburello.

Para completar, a consorte do diretor, até àquele momento insciente de tudo, havendo ligado a televisão às doze e trinta para ouvir o noticiário, tomou conhecimento do assunto. O diretor, também ele ignorante de que a mulher agora sabia, apresentou-se às treze e trinta para almoçar. Os vizinhos debruçavam-se todos às janelas e sacadas, para curtir a cena. Santipa injuriou o marido, acusando-o de ter feito segredo com ela, definiu-o como um palerma que se deixava alvejar como um palerma qualquer, e ainda por cima reprovou o desconhecido atirador por ter, literalmente, "uma pontaria de merda". Depois de uma hora de tal artilharia, os vizinhos viram o diretor brotar do portão, como faz o coelho quando acuado em sua toca pelo furão. O infeliz voltou para a escola e mandou buscar um sanduíche.

Por volta das seis da tarde, reuniram-se no café Castiglione, como sempre faziam, as mentes mais especulativas da cidade.

— Que ele é um filho da puta, lá isso é — principiou o farmacêutico Luparello.

— Quem? Tamburello ou Cosentino? — esclareceu-se o contador Prestìa.

— Tamburello. Ele não dirige o instituto, governa, é uma espécie de monarca absoluto. Quem não se dobra à sua vontade está fodido. É bom lembrar que, no ano passado, ele reprovou a segunda série C inteirinha, porque entrou na sala e os meninos não se levantaram imediatamente.

— É verdade — interveio Tano Pisciotta, atacadista de peixe. E acrescentou, baixando a voz, quase num sopro: — E não esqueçam que, entre os garotos da segunda série C, estavam o filho de Giosuè Marchica e a filha de Nenè Gangitano.

Caiu um silêncio preocupado e meditabundo.

Marchica e Gangitano eram pessoas de destaque, às quais não se podia fazer desfeita. E reprovar os filhos deles não seria uma verdadeira desfeita?

— É bem mais do que antipatia, essa história entre o diretor e o professor Cosentino! O negócio é sério pra caramba! — concluiu Luparello.

Justamente nesse momento, o diretor entrou. Não percebendo o vento que começava a soprar, puxou uma cadeira, sentou-se à mesa e pediu um café.

— Lamento, mas preciso voltar pra casa — informou imediatamente o contador Prestìa. — Minha mulher está com um pouquinho de febre.

— Eu também tenho que ir, estou esperando um telefonema no escritório — disse o próximo da roda, Tano Pisciotta.

— A minha também está com febre — garantiu o farmacêutico Luparello, não muito criativo.

Num abrir e fechar de olhos, Tamburello se viu sozinho à mesa. Por via das dúvidas, era melhor não ser visto ao lado dele. Marchica e Gangitano podiam interpretar mal a amizade do grupo com o diretor.

Certa manhã, a mulher do farmacêutico Luparello abordou a mulher de Tamburello, que fazia compras no mercado.

— Mas como a senhora é corajosa! Eu, no seu lugar, já teria me mandado, ou então botava meu marido para correr de casa, na mesma hora!

— E por quê?

— Como assim, por quê? E se os que atiraram nele e erraram o alvo resolverem fazer a coisa direito e botarem uma bomba na porta do seu apartamento?

Na mesma noite, o diretor se transferiu para um hotel. Mas a hipótese da senhora Luparello se fortaleceu tanto que as famílias Pappacena e Lococo, que moravam no mesmo andar, mudaram de endereço.

No limite da resistência física e mental, o diretor Tamburello pediu e obteve transferência. Dali a três meses, já "não estava mais entre eles", como tinha adivinhado o professor Cosentino.

— Me esclarece uma coisa? — perguntou o comissário Montalbano. — O estampido foi de quê?

— Rojão — respondeu Cosentino, tranquilo.

— E o buraco no portão?

— Acredita que não fui eu? Deve ter sido um acaso, ou então ele mesmo fez isso pra dar credibilidade à queixa contra mim. Era um homem destinado a se ferrar pelas próprias mãos. O senhor deve saber que existe uma comédia, grega ou romana, não me lembro, intitulada *O punidor de si mesmo*, na qual...

— Eu só sei de uma coisa — cortou Montalbano. — Não quero nunca ter o senhor como inimigo.

E estava sendo sincero.

A sigla

Calòrio não se chamava Calòrio, mas Vigàta inteira o conhecia por esse nome. Tinha chegado ao lugar uns vinte anos antes, vindo não se sabia de onde, uma calça que era mais buraco do que pano, amarrada à cintura por uma corda, paletó com mais remendos que o de um arlequim, pés descalços mas limpíssimos. Sobrevivia pedindo esmolas, mas com discrição, sem incomodar, sem assustar mulheres e criancinhas. Quando podia, comprava uma garrafa de vinho e aguentava bem a bebida, tanto é que ninguém o via sequer um pouquinho alto; e olha que, em certas ocasiões festivas, ele chegava a entornar litros.

Pouco bastou para que Vigàta o adotasse. O padre Cannata lhe fornecia sapatos e roupas usadas, no mercado não havia um que lhe negasse um pouco de peixe e de verdura, um médico o atendia de graça e lhe mandava os remédios, quando necessários. De saúde geralmente ele passava bem, apesar de que, assim, no olho, de idade já devia ter passado dos setenta. À noite ia dormir no pórtico da prefeitura; no inverno, protegia-se do frio com dois velhos cobertores que ganhara de presente. Fazia uns cinco anos, porém, que tinha mudado de endereço. Na solitária praia do oeste, do lado oposto àquele onde as pessoas iam tomar banho de mar, haviam puxado para o seco os despejos de um pesqueiro. Depenado de tudo em pouco tempo, dele só restou a carcaça. Calòrio tomou posse daquilo que um dia tinha sido um barco e se instalou no antigo vão do motor. Durante o dia, quando o tempo estava bom, acomodava-se no convés. Lendo. E justamente por isso recebeu dos habitantes o nome de Calòrio:[3] o santo protetor de Vigàta, muito amado por todos, crentes ou não, era um frade de pele negra, com um livro nas mãos. Os livros, Calòrio tomava-os emprestados na biblioteca municipal; a senhorita Melluso, a diretora, garantia que ninguém melhor do que ele sabia como manusear um volume, ninguém era mais pontual na devolução. Lê de tudo, informava a senhorita Melluso: Pirandello e Manzoni, Dostoievski e Maupassant...

O comissário Salvo Montalbano, que costumava fazer longas caminhadas, ora pelo quebra-mar, ora pela praia do oeste, cujo maior atrativo era o de estar sempre deserta, um dia se deteve para conversar com ele.

— O que estamos lendo de bom aí?

O homem, evidentemente aborrecido, não ergueu os olhos do livro.

— O *Ur-Faust*[4] — foi a assombrosa resposta. E, já que o impertinente não só continuava por ali, mas também não revelava nenhuma surpresa, Calòrio se decidiu finalmente a olhar para ele. — Na tradução de Liliana Scalero — acrescentou educadamente. — Um pouco envelhecida, mas na biblioteca eles não têm outra. Tive que me contentar com esta.

— Tenho em casa na versão de Manacorda — disse o comissário. — Se quiser, eu lhe empresto.

— Obrigado. Quer sentar? — perguntou o homem, abrindo espaço no saco sobre o qual estava acomodado.

— Não, preciso voltar ao trabalho.

— Onde?

— Eu sou o comissário de Segurança Pública daqui, meu nome é Salvo Montalbano.

E estendeu a mão. Calòrio levantou-se, oferecendo a dele.

— Eu me chamo Livio Zanuttin.

— Do jeito como fala, parece siciliano.

— Vivo na Sicília há mais de quarenta anos, mas nasci em Veneza.

— Desculpe perguntar, mas por que um homem como o senhor, culto, civilizado, está reduzido a viver assim?

— O senhor é policial e, portanto, curioso de nascença e por profissão. Não diga "reduzido", trata-se de uma livre escolha. Eu me dispensei. De tudo: decoro, honra, dignidade, virtude, todas essas coisas que os bichos, pela graça de Deus, ignoram em sua bendita inocência. Liberado de...

— O senhor está me enrolando — interrompeu Montalbano. — Respondeu com as palavras que Pirandello põe na boca do mago Cotrone.[5] E, além do mais, os bichos não leem.

Os dois sorriram.

E assim começou uma estranha amizade. De vez em quando, Montalbano ia procurar Calòrio, levando presentes: alguns livros, um rádio, e, como o outro não só lia como também escrevia, um estoque de esferográficas e de cadernos. Quando era flagrado escrevendo, Calòrio imediatamente guardava o caderno numa grande bolsa supercheia. Certa vez em que começou a chover de repente, ele abrigou Montalbano no vão do motor, cobrindo a escotilha com um pedaço de encerado. Ali embaixo, tudo era arrumado e limpo. De um pedaço de linhol esticado de um lado a outro, pendiam alguns cabides com os pobres trajes do mendigo, que também tinha construído uma mesinha sobre a qual havia livros, velas e um lampião a óleo. Dois sacos faziam as vezes de cama. A única nota de desordem eram umas vinte garrafas de vinho vazias, encostadas num canto.

E agora ali estava Calòrio, de bruços na areia, bem ao lado da carcaça do pesqueiro, um profundo corte na nuca, assassinado. Tinha sido descoberto por um vigia noturno da vizinha fábrica de cimento, o qual estava voltando de manhãzinha para casa. O vigia ligou do celular para o comissariado e não saiu dali até a chegada da polícia.

Do vão do motor, o quarto de Calòrio, o assassino tinha levado tudo: as roupas, a bolsa, os livros. Somente as garrafas vazias permaneciam no lugar. Mas existiriam em Vigàta — perguntou-se o comissário — pessoas tão desesperadas a ponto de irem roubar as coisinhas miseráveis de um outro desesperado?

Calòrio, mortalmente ferido, tinha conseguido de algum modo descer da carcaça do pesqueiro e, caído na praia, tentou escrever na areia, com o indicador direito, três letras incertas. Por sorte, na noite anterior havia chuviscado, e a areia havia se compactado: mesmo assim, as três letras não estavam muito legíveis.

Montalbano virou-se para Jacomuzzi, o chefe da Perícia, indivíduo capaz, sim, mas doente de exibicionismo.

— Você conseguiria me dizer exatamente o que o coitado tentou escrever antes de morrer?

— Claro.

O doutor Pasquano, o médico-legista, homem de temperamento difícil, mas também ele versado no ofício, telefonou a Montalbano por volta das cinco da tarde, apenas para confirmar o que já havia declarado de manhã, com base numa primeira observação do cadáver.

Em sua reconstituição, entre a vítima e o assassino devia ter acontecido, por volta da meia-noite anterior, uma violenta luta corporal. Calòrio, atingido por um soco em pleno rosto, caiu para trás, batendo com a cabeça no guincho enferrujado que um dia serviu para puxar a rede de pesca: de fato, o guincho estava sujo de sangue. O agressor, supondo morto o mendigo, afanou tudo o que havia embaixo do convés e fugiu. Dali a pouco, porém, Calòrio voltou momentaneamente a si, tentou descer do pesqueiro, mas, atordoado e sangrando, caiu na areia. Ainda sobreviveu uns quatro ou cinco minutos, durante os quais se esforçou por escrever aquelas três letras. Segundo Pasquano, não havia dúvidas: o homicídio tinha sido acidental.

— Tenho absoluta segurança de que não há engano — afirmou categoricamente Jacomuzzi. — O infeliz, já morrendo, tentou escrever uma sigla. Trata-se de um P, um O e um E. Uma sigla, certo como a morte.

Fez uma pausa e continuou:

— Não poderia ser Partido Operário Europeu?

— E que porra significa isso?

— Bem, sei lá, hoje todo mundo só fala em termos de Europa... Talvez um partido subversivo europeu...

— Jacomù, você tem merda nos miolos?

Mas que ideias paria esse Jacomuzzi! Montalbano desligou sem agradecer. Uma sigla. O que Calòrio quis dizer ou indicar? Talvez alguma coisa relativa ao porto? Ponto Oeste Exterior? Pontão Obstruído Externamente? Não, ficar adivinhando assim era algo que não fazia sentido, aquelas três letras podiam significar tudo e nada. Na hora da morte, porém, escrever aquela sigla na areia tinha sido, para Calòrio, a coisa mais importante.

Por volta das duas da madrugada, Montalbano dormia quando alguém lhe deu uma espécie de soco na cabeça. Em outras ocasiões, já lhe acontecera acordar dessa maneira, e ele se persuadiu de que, durante o sono, uma parte do seu cérebro continuava em vigília, pensando em algum problema. E, a certa altura, resolvia chamá-lo à realidade. Assim sendo, levantou-se, correu ao telefone e discou o número da casa de Jacomuzzi.

— Tinha pontos?

— Mas quem está falando? — perguntou Jacomuzzi, apanhado de surpresa.

— Montalbano. Tinha pontos?

— Vai ter — garantiu Jacomuzzi.

— O que significa isso, vai ter?

— Significa que eu vou agora mesmo aí na sua casa, te arrebento os cornos e você leva dez pontos na cabeça.

— Jacomù, você acha que eu te ligo a esta hora da noite para ouvir suas besteiras? Tinha pontos, sim ou não?

— Mas que pontos, meu Deus?

— Entre o P e o O e entre o O e o E.

— Ah! Você se refere ao que estava escrito na areia? Não, não tinha pontos.

— Então que merda foi essa de me dizer que era uma sigla?

— E o que podia ser? Além do mais, você acha que um infeliz que está morrendo vai perder tempo com os pontos de uma sigla?

Montalbano bateu o telefone, aos palavrões, e correu à estante, esperando que o livro que procurava estivesse no lugar. E estava: Edgar Allan Poe, *Histórias extraordinárias*. Não se tratava de uma sigla, o que Calòrio escreveu na areia era o nome de um autor, destinando a mensagem a ele, Montalbano, o único que poderia entendê-la. A primeira narrativa do livro chamava-se "Manuscrito encontrado numa garrafa", e isso bastou ao comissário.

À luz da lanterna, os ratos fugiam apavorados para tudo quanto era lado. Soprava um forte vento frio, e o ar, passando através do madeirame desconexo, produzia em certos instantes um lamento que parecia de voz humana. Dentro da décima quinta garrafa, Montalbano viu aquilo que procurava: um rolo de papel embrulhado em verde-escuro, perfeitamente mimetizado com a cor do vidro. Calòrio era um homem inteligente. O comissário virou a garrafa de boca para baixo, mas o rolo, que havia se afrouxado, não saiu. Para ir embora daquele lugar o mais depressa possível, Montalbano subiu do vão do motor ao convés e deixou-se cair na areia, como fez, mas não por sua própria vontade, o pobre Calòrio.

Chegado à sua casa em Marinella, o comissário pousou a garrafa sobre a mesa e ficou a observá-la um tempinho, saboreando a curiosidade como um vício solitário. Quando não aguentou mais, pegou um martelo na caixa de ferramentas e deu um só golpe, seco e preciso. A garrafa se quebrou em dois pedaços, quase sem estilhaços. O rolo estava envolto num pedaço de papel crepom, do tipo que os floristas usam para cobrir os vasos.

> Se estas linhas forem parar nas mãos certas, ótimo; em caso contrário, paciência. Será a última das minhas derrotas. Eu me chamo Livio Zanuttin, pelo menos esse foi o nome que me foi atribuído, já que sou um enjeitado. Fui registrado como nascido em Veneza em 5 de janeiro de 1923. Até a idade de dez anos, estive num orfanato de Mestre. Depois me transferiram para um colégio de Pádua, onde estudei. Em 1939, quando eu tinha dezesseis anos, aconteceu um fato que desorientou a minha vida. No colégio havia um garoto da minha idade, Carlo Z., que em tudo e por tudo era uma moça, e de bom grado se prestava a satisfazer os nossos primeiros desejos juvenis. Esses encontros aconteciam durante a noite, num porão ao qual se chegava por um alçapão que havia na despensa. Somente a um dos rapazes da nossa turma Carlo recusava tenazmente os seus favores: Attilio C., com quem ele

não simpatizava. Quanto mais Carlo se negava, mais Attilio se enfurecia com essa recusa, para ele inexplicável. Certa tarde, marquei com Carlo um encontro à meia-noite e meia no porão (íamos para a cama às dez, as luzes se apagavam quinze minutos depois). Quando cheguei, vi, à luz de uma vela que Carlo sempre acendia, um espetáculo terrível: o rapaz jazia no chão, calças e cuecas abaixadas, numa poça de sangue. Tinha sido esfaqueado até a morte, depois de ser possuído à força. Transtornado pelo horror, virei-me para fugir dali e me encontrei diante de Attilio, com a faca erguida sobre mim. Sua mão esquerda sangrava, ele se ferira enquanto matava Carlo.

"Se você falar", disse-me, "vai ter o mesmo fim."

E eu me calei, por covardia. E o curioso é que nunca mais se falou do pobre Carlo. Certamente alguém do colégio, descoberto o crime, terá ocultado o cadáver: talvez algum bedel, tendo mantido relações ilícitas com Carlo, tenha agido dessa forma por medo do escândalo. Passados alguns dias, depois de ver Attilio jogar no lixo uma gaze ensanguentada, eu a recolhi, não sei bem por quê. Colei um pedacinho no pé da última destas páginas, não sei se terá alguma utilidade. Em 1941 me convocaram para o serviço militar, lutei na guerra, e em 1943 fui feito prisioneiro dos Aliados na Sicília. Saída prisão três anos depois, mas a essa altura o rumo da minha vida estava selado, e contá-lo aqui não vai ajudar. Um encadeamento de erros, um atrás do outro: talvez, eu disse talvez, o remorso por aquela covardia longínqua, o desprezo em relação a mim mesmo, por haver calado. Uma semana atrás, de modo inteiramente casual, vi e imediatamente reconheci Attilio, aqui em Vigàta. Era um domingo, e ele se dirigia à igreja. Segui-o, perguntei aqui e ali e soube tudo: Attilio C. veio visitar o filho, que é diretor da fábrica de cimento. Ele, Attilio, está aposentado, mas é administrador da Saminex, a maior indústria de conservas da Itália. Num destes últimos dias, reencontrei-o e parei à sua frente.

"Como vai, Attilio? Lembra-se de mim?", eu disse.

Ele me observou demoradamente, depois me reconheceu e deu um pulo para trás. Nos seus olhos apareceu a mesma expressão daquela noite no porão.

"O que é que você quer?"

"Ser a sua consciência."

Mas ele não terá acreditado, deve estar convencido de que eu tenho intenção de chantageá-lo. Mais dia, menos dia, ou mais noite, menos noite, certamente vai aparecer aqui.

Eram cinco da manhã, não adiantava ir para a cama. Montalbano tomou uma chuveirada demoradíssima, fez a barba, vestiu-se e se sentou no banco da varanda olhando o mar, que ondulava lentamente, como uma respiração calma. Havia preparado uma cafeteira cheia: de vez em quando se levantava, ia até a cozinha, enchia de novo a xícara e voltava a sentar-se. Estava contente pelo seu amigo Calòrio.

Tinha copiado o endereço do catálogo telefônico. Às oito em ponto, interfonou para o doutor Eugenio Comaschi. Atendeu uma voz masculina.

— Quem é?

— Encomenda postal.

— Meu filho não está.

— Não faz mal, é só alguém assinar o recibo.

— Terceiro andar.

Quando o elevador parou, um velho distinto, de pijama, esperava no corredor. Assim que viu o comissário, Attilio Comaschi ficou desconfiado, compreendeu logo que aquele não era um homem de entregas, até porque não trazia nada nas mãos.

— O que deseja? — perguntou o velho.

— Entregar isto ao senhor — disse Montalbano, tirando do bolso o quadradinho de gaze manchado de marrom-escuro.

— E o que é esta porcaria?

— É um pedacinho do curativo com o qual o senhor, cinquenta e oito anos atrás, enfaixou o ferimento que sofreu ao assassinar Carlo.

Dizem que existem certas balas que, ao atingirem um homem, fazem-no recuar três ou quatro metros. O velho pareceu alvejado no peito por um desses projéteis, e foi chocar-se literalmente contra a parede. Depois, levantou-se devagarinho e baixou a cabeça.

— Quanto a Livio... eu não queria matá-lo — disse Attilio Comaschi.

O empate

Quando Montalbano chegou, recém-nomeado, ao comissariado de Vigàta, o colega que o antecedeu, ao lhe passar o serviço, avisou entre outras coisas que o território de Vigàta e arredores era objeto de um contencioso entre duas "famílias" mafiosas, a dos Cuffaro e a dos Sinagra, as quais, diligentemente, tentavam dar um fim à velha disputa recorrendo não a papéis oficialmente selados, mas a tiros assassinos de espingarda lobeira.

— Espingarda? Ainda?! — espantou-se Montalbano, a quem um tal sistema parecia, digamos assim, arcaico, numa época em que as submetralhadoras e os AK-47 podiam ser comprados nas lojinhas do lugar por uma bagatela.

— Isso porque os dois chefões rivais são tradicionalistas — explicou o colega. — Dom Sisìno Cuffaro já passou dos oitenta, enquanto dom Balduccio Sinagra completou oitenta e cinco. Entenda, eles são muito apegados às recordações da juventude, e a espingarda está entre essas caras memórias. O filho de dom Sisìno, dom Lillino Cuffaro, que tem mais de sessenta, e o de dom Balduccio, dom Masino Sinagra, que já é cinquentão, mordem o freio. Gostariam de suceder aos pais e de se modernizar, mas têm medo dos progenitores, que ainda são capazes de espancá-los em praça pública.

— Você está brincando?

— De jeito nenhum. Os dois velhos, dom Sisìno e dom Balduccio, são pessoas ponderadas e querem estar sempre em igualdade de condições. Se um da família Sinagra matar um da família Cuffaro, pode botar a mão no fogo como, em menos de uma semana, um dos Cuffaro atira num dos Sinagra. Um só, e só um, não esqueça.

— E atualmente qual é o placar? — perguntou esportivamente Montalbano.

— Seis a seis — disse o colega, muito sério. — Agora o chute a gol cabe aos Sinagra.

Ao fim do segundo ano que o comissário passava em Vigàta, a partida estava momentaneamente equilibrada em oito a oito. E, como a bola era novamente dos Sinagra, em 15 de dezembro, após o telefonema de um cidadão que não quis dizer quem era, foi encontrado na região de Zagarella o cadáver de Titìllo Bonpensiero, o qual, apesar do sobrenome que usava, teve a péssima ideia de ir

fazer um passeio matutino e solitário naquele ermo pontilhado de sorgo, pedrinhas e torrões. Um lugar ideal para ser assassinado. Titìllo Bonpensiero, ligado a fio duplo com os Cuffaro, tinha trinta anos, oficialmente vivia da corretagem de imóveis e era casado há dois anos com Mariuccia Di Stefano. Naturalmente os Di Stefano eram unha e carne com os Cuffaro, porque em Vigàta a história de Romeu e Julieta passava pelo que realmente era, uma pura e simples lenda. Aproximação entre uma dos Cuffaro e um dos Sinagra (ou vice-versa) era um evento inimaginável, até mesmo de ficção científica.

No primeiro ano de comissariado em Vigàta, Salvo Montalbano, que não quis abraçar a escola de pensamento do colega precedente, "deixe que eles se matem entre si, não se intrometa, nós e as pessoas honestas só temos a ganhar", jogou-se por inteiro nas investigações daqueles homicídios, mas quebrou a cara.

Ninguém tinha visto, ninguém tinha ouvido, ninguém desconfiava, ninguém imaginava, ninguém conhecia ninguém.

"Foi por isso que Ulisses, justamente nas terras da Sicília, disse ao Ciclope que se chamava Ninguém", desatinou um dia o comissário, diante daquela névoa fechada.

Assim sendo, quando lhe contaram que na região de Zagarella estava o cadáver de um da quadrilha Cuffaro, ele mandou para lá o seu vice, Mimì Augello.

E todos, na cidade, começaram a esperar o próximo e inevitável assassinato de um dos Sinagra.

Em 22 de dezembro, Cosimo Zaccaria, que adorava pescar, encaminhou-se bem cedo, ainda não eram nem sete da manhã, à ponta do molhe do poente, levando caniço e iscas. Depois de uma meia hora lançando o anzol com alguma sorte, deve ter ficado emputecido por artes de uma ruidosa lancha que, do largo, vinha acelerada na direção do porto. Mais que para a entrada entre os dois molhes, a lancha apontava justamente para a extremidade do poente, decidida, ao que parecia, a espantar com seu barulho os peixes que Cosimo esperava. Uns dez metros antes de arriscar-se a ir trombar com as pedras, a lancha manobrou e voltou ao largo, mas a esta altura Cosimo Zaccaria jazia estabacadamente caído de bruços, encaixado entre dois recifes, havendo-lhe a espingarda dilacerado o peito.

Mal correu a notícia, a cidade inteira estranhou, e mais ainda o próprio comissário Montalbano.

Mas como?! Cosimo Zaccaria não pertencia à família Cuffaro, tanto quanto a ela pertencia Titìllo Bonpensiero? Por que os Sinagra tinham eliminado dois

Cuffaro seguidos? Haveria um erro de cálculo? E, se não havia erro, como era possível que os Sinagra tivessem decidido parar de respeitar as regras?

Agora estavam em dez a oito, e sem dúvida nenhuma os Cuffaro demorariam muito pouco ou quase nada para acertar a conta. O mês de janeiro anunciava-se frio, chuvoso e com dois Sinagra que já podiam se considerar mortos para todos os efeitos. Mas só se voltaria a falar disso depois das festas, porque de 24 de dezembro a 6 de janeiro sempre vigorava uma trégua tácita. Depois do Dia de Reis, a partida recomeçaria.

O apito do juiz, ouvido não pelos vigatenses, mas só pelos integrantes dos dois times, viria a soar na tarde de 7 de janeiro. De fato, no dia seguinte, Michele Zummo, dono de um aviário modelo lá pelas bandas de Ciavolotta, foi a muito custo identificado, na qualidade de cadáver, em meio a um milheiro e tanto de ovos esmigalhados, uns pela chuva de grãos de chumbo da espingarda, outros pela pancada do corpo do supracitado Zummo, que havia caído no meio deles.

Mimì Augello relatou ao seu superior que sangue, cérebro, gemas e claras haviam-se misturado a tal ponto que seria possível fazer uma fritada para trezentas pessoas sem que ninguém conseguisse distinguir entre Zummo e ovos.

Dez a nove. As coisas estavam retomando o rumo certo e a cidade se sentiu mais sossegada: Michele Zummo era dos Sinagra e morreu a tiros de lobeira, como mandava a tradição.

Agora seria a vez de mais um dos Sinagra, e então se reconstituiria a igualdade de condições.

Em 2 de fevereiro, um dia curto e amargo, Pasqualino Fichèra, atacadista de peixe, voltava para casa à uma da madrugada quando foi atingido de raspão por um tiro de espingarda. Caiu ferido no chão, e poderia ter escapado se houvesse passado por sua cabeça a a ideia de se fingir de morto, em vez de começar a gritar:

— Tem um engano aí, rapaziada! Ainda não chegou a minha vez!

Das casas vizinhas todos escutaram, mas ninguém moveu uma palha. Alvejado em cheio por um segundo tiro, Pasqualino Fichèra passou desta para a que se costuma chamar de melhor com uma dúvida atroz: não teria havido um mal-entendido? De fato, ele pertencia aos Cuffaro, e a ordem e a tradição impunham que, para empatar, tivesse sido assassinado mais um dos Sinagra. Era isso que, ferido, Pasqualino havia tentado dizer. Agora os Sinagra estavam com uma nítida vantagem: onze a nove.

A cidade perdeu a cabeça.

Quanto a Montalbano, porém, justamente esse último homicídio e a frase dita por Pasqualino Fichèra fizeram-lhe a cabeça se plantar mais solidamente no pescoço. Ele começou a raciocinar partindo de uma convicção que, no entanto, era somente instintiva, a saber: a de que não tivesse havido erro de conta, nem de uma parte nem de outra. Certa manhã, pensa daqui, pensa dali, convenceu-se da necessidade de passar uma horinha trocando ideias com o doutor Pasquano, o médico-legista que trabalhava em Montelusa. O doutor era velho, lunático e de pavio curto, mas com Montalbano tinha alguma paciência; por isso, arrumou na mesma tarde uma hora disponível.

— Titìllo Bonpensiero, Cosimo Zaccaria, Michele Zummo, Pasqualino Fichèra — enumerou o comissário.

— E daí?

— Sabia que três deles pertenciam à mesma quadrilha e só um era da adversária?

— Não, não sabia. E lhe digo que pra isso estou cagando solenemente. Convicções políticas, fé religiosa, filiações de qualquer natureza ainda não constituem objeto de pesquisa na autópsia.

— Por que o senhor disse ainda não?

— Porque tenho certeza de que, dentro de poucos anos, vão existir aparelhagens tão sofisticadas que, através da autópsia, conseguiremos estabelecer até como o falecido via a política. Mas desembuche, o que deseja?

— Nesses quatro mortos, o senhor não teria encontrado alguma anomalia, sei lá, um...

— Mas o que é que o senhor está pensando, hem? Que eu só tenho mãos e cabeça para os seus mortos? Eu carrego nas costas a província inteira de Montelusa, já ouviu? Sabia que os papa-defuntos daqui estão com casa de veraneio nas Maldivas?

O doutor abriu um enorme arquivo metálico, tirou quatro pastas, leu-as atentamente, repôs três no lugar e passou a quarta a Montalbano.

— Olha que a cópia exata deste relatório eu lhe remeti no devido tempo, endereçada ao comissariado de Vigàta.

O que significava: por que não lê as coisas que eu lhe mando, em vez de vir a Montelusa só para me encher o saco?

— Obrigado e desculpe o incômodo — disse Montalbano, depois de uma rápida olhada no relatório.

No retorno para Vigàta, a raiva de Montalbano pelo papelão feito diante do legista era tão grande que lhe saía pelas narinas, fumegantes como as de um touro enfurecido.

— Mimì Augello, venha cá agora mesmo! — gritou ele, assim que entrou no gabinete.

— O que foi? — perguntou Augello cinco minutos depois, e imediatamente acautelando-se ao ver a cara do comissário.

— Uma simples curiosidade, Mimì. Você, com os relatórios do doutor Pasquano, embrulha peixe ou limpa o cu?

— Por quê?

— Lê, pelo menos?

— Claro.

— Então me explique por que não me informou nada do que o doutor escreveu sobre o cadáver de Titìllo Bonpensiero.

— O que foi que ele escreveu? — informou-se Augello, em tom angelical.

— Vamos fazer o seguinte. Você vai agora pra sua sala, pega o relatório, lê e volta aqui. Eu, enquanto isso, tento me acalmar, porque senão isto vai acabar mal.

Ao voltar ao gabinete do seu superior, Augello estava de cara fechada, enquanto a do comissário parecia um pouquinho mais serena.

— E então, o que me diz? — perguntou Montalbano.

— Que eu sou um palerma — admitiu Mimì.

— Quanto a isso, ninguém discorda.

Mimì Augello não reagiu.

— Dado o pouquíssimo sangue encontrado no local — começou Montalbano —, Pasquano adianta claramente a suspeita de que Bonpensiero tenha sido morto em outra parte e depois levado ao descampado de Zingarella para receber uns tiros quando já era defunto de horas atrás. Tiro de espingarda à queima-roupa entre o peito e o queixo. Em substância, um teatro, uma encenação. Por quê? Ainda segundo Pasquano, porque Bonpensiero foi estrangulado durante o sono, e o ferimento da espingarda não conseguiu eliminar as marcas do estrangulamento, como eles queriam. E então, Mimì? O que você acha, agora que finalmente se dignou a dar uma olhada no relatório?

— Que, se as coisas aconteceram assim, este assassinato não se encaixa na praxe.

Montalbano olhou-o com admiração e espanto fingidos.

— Mimì, sua inteligência às vezes me dá até medo! Só isso? Não se encaixa na praxe e pronto?

— Talvez... — arriscou Augello, mas interrompeu-se logo.

De boca aberta, porque o pensamento que lhe ocorreu parecia espantoso a ele mesmo, em primeiro lugar.

— Vamos, fala, eu não mordo.

— Talvez os Sinagra não tenham porra nenhuma a ver com o assassinato de Bonpensiero.

Montalbano levantou-se, aproximou-se dele, segurou-lhe as bochechas e beijou-o na testa.

— Viu que quando a gente estimula este cuzinho com salsinha você consegue expelir um cocozinho?

— Comissário, o senhor mandou dizer que queria me ver um dia destes, mas eu corri logo pra cá. Não que eu precise me desonerar da lei, mas pela enorme estima que meu pai e eu temos pela sua pessoa.

Corpulento, careca, um olho semifechado, vestido de qualquer jeito, dom Lillino Cuffaro possuía, apesar do aspecto desleixado, uma espécie de fascínio secreto. Era um homem de comando, de poder, e não conseguia disfarçar isso muito bem.

Àquela rasgação de seda, Montalbano não respondeu nem a nem bê, como se não tivesse ouvido.

— Sei que o senhor tem muitas ocupações, e não quero fazê-lo perder tempo. Dona Mariuccia como vai?

— Quem?!

— Dona Mariuccia, a filha do seu amigo Di Stefano, a viúva de Titìllo Bonpensiero.

Dom Lillino Cuffaro abriu a boca, como se fosse dizer alguma coisa, e a seguir fechou-a. Estava desconcertado, não esperava um ataque por aquele lado. Mas se recuperou.

— Como quer o senhor que ela esteja, coitadinha, casada há dois anos apenas e se vendo com o marido assassinado daquele jeito...

— De que jeito? — perguntou Montalbano, a cara tão inocente quanto a de um cordeiro pascal.

— Mas... mas me disseram que foi a tiros — respondeu dom Lillino, hesitante, compreendendo que estava caminhando sobre terreno minado.

Montalbano era uma estátua.

— Não? — perguntou dom Lillino Cuffaro.

O comissário ergueu o indicador direito e moveu-o da esquerda para a direita e vice-versa. Não falou nem mesmo desta vez.

— E como foi, então?

Desta vez, Montalbano se dignou a responder.

— Estrangulado.

— Mas o que me conta?! — reagiu dom Lillino.

Via-se, porém, que ele era péssimo em fazer teatro.

— Se eu estou dizendo, o senhor deve acreditar — disse o comissário, seriíssimo, embora estivesse se divertindo.

Caiu um silêncio. Montalbano segurava uma esferográfica, olhando-a como se a caneta fosse um objeto misterioso que ele via pela primeira vez.

— Mas Cosimo Zaccaria cometeu um grande erro, grande mesmo — recomeçou o comissário, depois de um tempinho.

A seguir, pousou a esferográfica sobre a escrivaninha, renunciando definitivamente a compreender o que era aquilo.

— E o que tem a ver com isso o finado Cosimo Zaccaria?

Dom Lillino agitou-se na cadeira.

— E, segundo o senhor, assim, falando só por falar, qual foi o erro dele?

— Falando só por falar, o de atribuir aos Sinagra o assassinato por ele cometido. Mas os Sinagra fizeram saber, a quem de razão, que não entravam nessa história. Então, os do outro lado, convencidos do não envolvimento dos Sinagra, desencadeiam uma investigação em casa. E descobrem uma coisa que, se espalhada, pode cobri-los de vergonha. Me corrija se eu estiver errado, senhor Cuffaro...

— Não percebo como poderia corrigi-lo numa coisa que...

— Me deixe concluir. Ou seja, Mariuccia Di Stefano e Cosimo Zaccaria são amantes há algum tempo. Tão espertos que ninguém desconfia dessa relação, nem na família nem fora de casa. Depois, mas isto é só uma hipótese minha, Titìllo Bonpensiero começa a farejar alguma coisa, a abrir o olho e aguçar os ouvidos. Mariuccia se alarma e fala disso com o amante. Os dois organizam um plano para se livrar de Titìllo e jogar a culpa nos Sinagra. Uma noite em que o marido está dormindo profundamente, ela se levanta da cama, abre a porta e Cosimo Zaccaria entra...

— Pode parar — disse repentinamente dom Lillino, erguendo uma mão.

Ouvir a história lhe pesava.

Estuporado, Montalbano viu diante de si uma pessoa diferente, transformada. Ombros retos, expressão dura e decidida, o olho são mudado em lâmina de faca: um chefão.

— O que o senhor quer de nós?

— Foram vocês que ordenaram o assassinato de Cosimo Zaccaria, para reconstituir a ordem na família.

Dom Lillino não pronunciou uma sílaba.

— Bom, eu quero que o assassino de Cosimo Zaccaria se entregue. E também quero Mariuccia Di Stefano como cúmplice do assassinato do marido.

— Certamente o senhor terá provas disso que está dizendo.

Era uma última linha de defesa, que o comissário rapidamente demoliu.

— Em parte, sim, e em parte, não.

— Então, posso saber por que me incomodou?

— Só pra lhe dizer que tenho a intenção de fazer coisa pior do que exibir provas.

— Que coisa?

— Amanhã mesmo, inicio uma investigação sobre os crimes Bonpensiero e Zaccaria com o maior estardalhaço, deixo televisões e jornais acompanharem tudo passo a passo, dou entrevistas coletivas um dia sim e outro não. Desmoralizo vocês. Os Sinagra vão se mijar todos de tanto rir, quando vocês passarem pela rua. Desmoralizo tanto que vocês não vão saber onde mais se esconder de tanta vergonha. Basta que eu conte como foram as coisas e vocês perdem o respeito de todo mundo. Porque eu vou dizer que na família de vocês não existe obediência, reina a anarquia, que quem quer trepar faz isso com quem lhe der na telha, mulheres casadas ou mocinhas, que entre vocês se pode matar livremente, quando, como e quem se quiser...

— Pode parar — disse novamente dom Lillino.

Levantou-se, fez uma meia inclinação para o comissário e saiu.

Três dias depois, Vittorio Lopresti, da família Cuffaro, apresentou-se para declarar que assassinara Cosimo Zaccaria porque este, na condição de seu sócio nos negócios, não agira corretamente.

Na manhã seguinte, Mariuccia Di Stefano, toda vestida de preto, saiu cedo de casa e, em passos rápidos, caminhou até a ponta do molhe do poente. Estava sozinha e muitos a viram. Chegada ao pé do farol, conforme narrou Pippo Sutera, testemunha ocular, fez o sinal da cruz e se jogou no mar. Pippo Sutera até mergulhou imediatamente para salvá-la, mas o mar estava forte naquele dia.

“Foi convencida a se suicidar porque não lhe restava outra saída”, pensou Montalbano.

No lugar, todos acreditaram que Mariuccia Di Stefano tinha se matado porque já não suportava a perda do adorado marido.

Amor

Filha de gente a quem faltavam dezenove centavos para completar vinte — a mãe lavava as escadas da prefeitura, e o pai, que trabalhava sazonalmente no campo, perdera a vista na explosão de uma bomba manual deixada pela guerra —, Michela Prestìa ia ficando cada vez mais bonita à medida que crescia. Os vestidinhos cheios de buracos que ela usava, pouco mais do que farrapos, mas limpíssimos, não conseguiam esconder a verdadeira graça de Deus que estava por baixo. Morena, olhos sempre iluminados por uma espécie de alegria de viver apesar da pobreza, aprendeu sozinha a ler e escrever. Sonhava ser vendedora numa daquelas lojas grandes que a fascinavam. Aos quinze anos, já mulher feita, fugiu de casa para ir atrás de um tal que circulava de um lado para outro numa caminhonete, vendendo coisas de cozinha, copos, pratos, talheres. Um ano depois, voltou para casa, e o pai e a mãe agiram como se nada tivesse acontecido, ou melhor: agora tinham de novo mais uma boca para alimentar. Nos cinco anos seguintes, muitos foram os homens de Vigàta, solteiros ou casados, que a pegaram e largaram ou foram largados, mas sempre sem tragédias ou bate-bocas, a vitalidade de Michela conseguia justificar, tornar natural qualquer mudança. Aos vinte e dois anos, ela se transferiu para uma casa do velho doutor Pisciotta, que a fez sua manteúda, cumulando-a de presentes e dinheiro. Mas essa boa vida só durou três anos: morto o doutor nos braços de Michela, a viúva oficial recorreu a advogados que tiraram tudo o que a moça ganhou do médico, deixando-a pobre e meio maluquinha. Não se passaram nem seis meses e Michela conheceu o contador Saverio Moscato. No começo, parecia uma história como as outras, mas não demorou muito e a cidade percebeu que as coisas eram muito diferentes de antes.

Saverio Moscato, empregado da fábrica de cimento, era um bonitão de seus trinta anos, filho de um engenheiro e de uma professora de latim. Embora apegadíssimo à família, não hesitou em deixá-la assim que os pais, ao saberem do caso, fizeram críticas à sua relação com uma moça que era o escândalo do lugar. Sem dizer palavra, Saverio alugou uma casa perto do porto e foi morar lá com Michela. Viviam bem, o contador não se mantinha só com o salário, um tio lhe deixara terras e negócios. Mas, sobretudo, o que as pessoas mais estranhavam era o comportamento de Michela, que, com os outros, sempre demonstrara liberdade e independência. Agora, a moça só tinha olhos para o seu

Saverio, bebia-lhe as palavras, fazia sempre o que ele queria, não se rebelava. E Saverio não ficava atrás, atento a qualquer desejo de Michela, até mesmo aos que não eram ditos em palavras, mas só com um olhar. Quando os dois saíam de casa para um passeio ou para irem ao cinema, caminhavam pela rua tão estreitamente abraçados que pareciam estar se despedindo para sempre. E se beijavam sempre que podiam, e até quando não podiam.

— Para mim não tem dúvida — dissera o projetista Smecca, que durante pouco tempo tinha sido amante de Michela. — Estão apaixonados. E, se vocês querem mesmo saber, isso me deixa contente. Espero que dure, Michela merece, é uma boa moça.

Saverio Moscato, que sempre fazia o possível e o impossível para não se afastar de Vigàta, deixando Michela sozinha, precisou ir a Milão por uns dez dias, a fim de tratar de assuntos da fábrica de cimento. Antes de viajar, procurou seu único amigo, Pietro Sanfilippo, e estava quase desesperado.

— Para começo de conversa — confortou-o o amigo —, dez dias não são a eternidade.

— Para mim e Michela, são.

— Então por que ela não vai com você?

— Não quer. Nunca saiu da Sicília. Diz que ficaria apavorada numa cidade grande como Milão, a não ser que grudasse em mim o tempo todo. E eu não posso, tenho que visitar pessoas, participar de reuniões.

No período que Saverio passou em Milão, Michela não botou o pé fora de casa, ninguém a viu na rua. Mas o curioso foi que, mesmo quando o contador voltou, a moça não apareceu mais ao lado dele. Talvez tivesse ficado adoentada, ou então atacada de melancolia, com aquele período de afastamento do seu amado.

Um mês depois do retorno de Saverio Moscato a Vigàta, a mãe de Michela procurou o comissário Montalbano. O que a movia não eram preocupações maternas.

— Minha filha Michela não me deu a minha mesada.

— Ela lhe dava dinheiro?

— Claro. Todo mês. Dava duzentas ou trezentas mil lira,[6] o que podia. Sempre foi uma filha direita.

— E o que a senhora quer de mim?

— Fui lá na casa e tava o contador. Ele falou que Michela não tava mais lá, que quando voltou de Milão não encontrou ela. Me mostrou inclusive os quarto.

Nada, de Michela nem um vestido, não tinha nem uma calcinha, com perdão da má palavra.

— E o contador disse o quê? Como foi que ele explicou esse desaparecimento?

— Não tinha nenhuma expricação nem pra ele. Disse que Michela, do jeito que ela é, talvez fugiu com outro homem. Mas eu não credito.

— Porquê?

— Porque ela tava paixonada pelo contador.

— E o que a senhora quer que eu faça?

— Ah, não sei... Falar com o contador, talvez pro senhor ele diz o que aconteceu mesmo de verdade.

Para não dar um cunho oficial às perguntas que pretendia fazer, Montalbano esperou que acontecesse um encontro casual com o contador. E uma tarde viu-o sentado, sozinho, a uma mesinha do café Castiglione, tomando um refresco de menta.

— Bom dia. Eu sou o comissário Montalbano.

— Eu conheço o senhor.

— Queria trocar duas palavrinhas.

— Sente-se. Bebe alguma coisa?

— Um sorvete, uma *cassata*, acho que eu tomaria.

O contador fez o pedido.

— Pode falar, comissário.

— Fico até meio embaraçado, pode acreditar, senhor Moscato. Um dia destes a mãe de Michela Prestìa veio me procurar, dizendo que a filha desapareceu.

— E é verdade.

— Poderia me explicar melhor?

— A título de quê?

— O senhor vive, ou vivia, com essa Michela Prestìa ou não?

— Mas eu não estava falando de mim! Perguntei a título de quê o senhor se interessa por essa história.

— Bom, já que a mãe veio me...

— Mas Michela é maior de idade, acho eu. Livre para fazer o que lhe der na telha. Ela foi embora, só isso.

— Queira desculpar, mas eu gostaria de saber um pouco mais.

— Viajei para Milão e ela não quis ir comigo. Disse que não ficaria à vontade numa cidade como Milão, sentiria medo. Eu, agora, acho que era uma

desculpa para ficar sozinha e preparar a fuga. Seja como for, na primeira semana em que eu estive fora, nós nos telefonamos de manhã e à noite. Na manhã do oitavo dia, ela respondeu de mau humor, disse que... que não aguentava mais ficar longe de mim. Na noite desse mesmo dia, quando telefonei, ela não atendeu. Mas eu não me preocupei, achei que ela tivesse tomado algum remédio para dormir. Na manhã seguinte aconteceu a mesma coisa, e eu fiquei preocupado. Telefonei ao meu amigo Sanfilippo e pedi que fosse ver. Pouco depois ele me ligou dizendo que encontrou a casa fechada, bateu na porta um tempão e não teve resposta. Comecei a pensar que ela podia ter sentido alguma coisa, um mal-estar, e então telefonei ao meu pai, com quem eu tinha deixado cópia das chaves antes de viajar. Ele foi lá e abriu a porta. Nada. Não só não achou nenhuma pista de Michela como inclusive deu falta de tudo o que era dela. Até o batom.

— E o senhor, o que fez?

— Quer mesmo saber? Comecei a chorar.

Mas por que agora, enquanto falava da fuga da mulher amada e do seu próprio choro desesperado, seus olhos não só não se entristeciam mas até brilhavam, como por um prazer saciado? Ele procurava fazer uma cara compungida, claro, mas não o conseguia inteiramente: das cinzas que tentava jogar sobre o olhar, brotava, à traição, uma centelha de alegria.

— O que é que eu posso lhe dizer, comissário? — perguntou Pietro Sanfilippo. — Não estou entendendo nada. Só pra lhe dar uma ideia: quando Saverio voltou de Milão, eu tirei três dias de licença. Se não acreditar, pode confirmar no meu trabalho. Pensando que ele estaria desesperado com a fuga de Michela, eu quis ficar por perto o tempo todo, com medo de que ele fizesse alguma besteira, porque estava muito apaixonado. Fui buscá-lo na estação e ele desceu do trem com a melhor cara do mundo. Eu esperava choro, lamentações, e no entanto...

— No entanto?

— No carro, na vinda de Montelusa pra Vigàta, ele veio cantando baixinho. Sempre gostou de ópera lírica, e ficou cantarolando "*Tu che a Dio spiegasti l'ali*".[7] Eu gelei, pensei que fosse o choque. À noite jantamos juntos e ele comeu tranquilo, tranquilo. Então, voltei a trabalhar no dia seguinte.

— Vocês falaram de Michela?

— De jeito nenhum! Era como se essa mulher jamais tivesse existido na vida dele.

— Soube de alguma briga entre os dois? Sei lá, alguma discussão...

— De jeito nenhum! Sempre o maior amor e entendimento!

— Tinham ciúme um do outro?

Aqui, Pietro Sanfilippo não teve resposta imediata e precisou pensar um pouquinho.

— Ela, não. Ele tinha, mas de um modo especial.

— Em que sentido?

— Não era ciúme do presente, mas do passado de Michela.

— Feia coisa.

— Pois é. Este é o pior ciúme, contra o qual não existe remédio. Houve um dia em que ele estava um tanto mal-humorado e se saiu com uma frase que eu lembro muito bem: "Todos já tiveram tudo de Michela, não existe mais nada de novo, de virgem, que ela possa me dar." Eu quis responder que, se ele pensava assim, tinha ido arrumar a mulher errada, com muito passado. Mas achei melhor me calar.

— O senhor é amigo de Saverio desde antes de ele conhecer Michela, não?

— Certo. Temos a mesma idade e nos conhecemos desde o primário.

— Reflita bem. Se considerarmos o período de Michela como um parêntese, dá para perceber alguma diferença em seu amigo, de antes para depois?

Pietro Sanfilippo refletiu.

— Saverio nunca foi um tipo aberto, desses que revelam o que sentem. É caladão, muitas vezes até melancólico. As únicas vezes em que o vi feliz foi quando ele estava com Michela. Agora ficou mais fechado ainda, evita até a mim, passa o sábado e o domingo no campo.

— Ele tem uma casa de campo?

— Tem, deixada por um tio, lá para as bandas de Belmonte, na província de Trapani. Antes, ele não queria nem botar os pés lá. Mas o senhor me esclarece uma curiosidade?

— Se eu puder...

— Por que esse interesse todo no desaparecimento de Michela?

— A mãe dela me pediu.

— Aquela?! Mas aquela lá está cagando para a filha. Só se interessa pelos trocados que Michela lhe dava!

— E não lhe parece um bom motivo?

— Comissário, olha que eu não sou burro. O senhor está fazendo mais perguntas sobre Saverio do que sobre Michela.

— Quer que eu seja sincero? Tenho uma desconfiança.

— Qual?

— Tenho a curiosa impressão de que o seu amigo Saverio esperava por isso. E talvez até conheça o homem com quem Michela fugiu.

Pietro Sanfilippo engoliu a mentira. Montalbano congratulou-se consigo mesmo: tinha conseguido improvisar uma resposta convincente. Afinal, não podia dizer ao outro que estava preocupado e perplexo simplesmente por ter visto uma centelhazinha brilhando no fundo de um olhar.

O comissário não queria envolver na história nenhum dos seus homens, por medo de parecer ridículo. Por isso, arcou sozinho com a tarefa de interrogar os moradores do prédio onde morava o contador. Tudo era débil, ou mesmo quase inexistente, naquela investigação que nem era investigação, e o ponto de partida para as suas perguntas era tênue como um fio, uma teia de aranha. Se era verdade o que Saverio Moscato havia contado, Michela tinha atendido à chamada matinal, mas não à noturna. Portanto, se havia ido embora, foi durante o dia. E alguém podia ter percebido alguma coisa. O prédio era de seis andares, com quatro apartamentos por andar. Escrupulosamente, o comissário começou pelo último. Ninguém tinha visto, ninguém tinha escutado. O contador morava no segundo andar, apartamento oito. Já meio desanimado, o comissário tocou a campainha do apartamento cinco. Na plaquinha estava escrito: “Maria Costanzo, viúva Diliberto”. E foi ela mesma quem veio abrir, uma velhinha toda ajeitada, olhos vivos e penetrantes.

— O que deseja?

— Eu sou o comissário Montalbano.

— Que abano?

Era surda em níveis inacreditáveis.

— Tem alguém em casa? — esgoelou-se o comissário.

— Não precisa gritar! — fez a velhinha, indignada. — Eu não sou tão surda assim!

Atraído pelo barulho, um indivíduo de seus quarenta anos surgiu lá de dentro.

— Pode falar comigo, eu sou filho dela.

— Posso entrar?

O homem conduziu Montalbano a uma sala e a velhinha sentou-se numa poltrona diante dele.

— Eu não moro aqui, só vim visitar a minha mãe — disse o homem, estendendo as mãos.

— Como devem saber, a senhorita Michela Prestìa, que morava no apartamento oito com o contador Saverio Moscato, foi embora sem dar

explicações, enquanto o contador se encontrava em Milão, exatamente de 7 a 16 de maio.

A velhinha deu sinais de impaciência.

— O que é que ele está dizendo, Pasqualì? — perguntou ela ao filho.

— Espera aí — respondeu Pasquale Diliberto, com voz normal.

Evidentemente, a mãe estava habituada a ler os lábios dele.

— Então, eu queria saber se, durante esse período, a senhora sua mãe viu ou ouviu alguma coisa que...

— Já conversamos sobre isso. Ela não sabe informar nada sobre o desaparecimento de Michela.

— Sei, sim — disse a velha. — Eu vi ele. E inclusive contei a você. E agora você diz que não.

— Quem foi que a senhora viu?

— Comissário, vou avisar — intrometeu-se o homem —, a minha mãe não somente é surda como não regula muito bem da cabeça.

— Eu não regulo da cabeça?! — indignou-se dona Maria Costanzo, viúva Diliberto, levantando-se num pulo. — Filho canalha e ingrato, me ofendendo na frente de estranhos!

E saiu, batendo a porta da sala.

— Então me diga o senhor — ordenou Montalbano, sério.

— Minha mãe fez aniversário em 13 de maio. À noite eu vim aqui com a minha mulher. Jantamos os três, cortamos um bolo, tomamos uns copos de espumante e, às onze, fomos embora. Bom, minha mãe agora está dizendo que naquela noite não conseguia dormir, talvez por ter exagerado um pouquinho no bolo, é uma mulher frugal. Lá pelas três da manhã, lembrou que não tinha jogado o lixo fora. Abriu a porta, a luz do corredor estava queimada. Diz ela que, na frente do apartamento oito, que fica bem em frente a este, viu um homem com uma mala grande. E achou ele parecido com o contador. E eu disse: mas mamãe, você faz ideia do que está contando? Pois se o contador só voltou de Milão três dias depois!

— Fiz todas as verificações que o senhor me pediu para fazer, comissário — disse Angelo Liotta, diretor da fábrica de cimento. — O contador apresentou normalmente as passagens utilizadas e os comprovantes de despesa para reembolso. Resumindo: ele saiu no domingo do aeroporto de Palermo, às seis e meia da noite, num voo direto para Milão. Pernoitou no Hotel Excelsior, onde ficou hospedado até a manhã do dia 17, quando pegou o voo que sai às sete e meia do Linate. Confirmei que ele participou de todas as reuniões e fez todos os

contatos pelos quais tinha ido a Milão. Se tiver mais perguntas, estou às suas ordens.

— Não, o senhor foi detalhadíssimo, muito obrigado.

— Espero que um funcionário meu como o contador Moscato, muito trabalhador e por quem tenho grande estima, não esteja envolvido em alguma coisa errada.

— Eu também — disse Montalbano, dispensando-o.

Assim que o diretor saiu, o comissário pegou o envelope com todos os comprovantes da viagem, que o outro havia deixado sobre a escrivaninha, e, sem abrir, guardou-o numa gaveta.

Com esse gesto, estava inclusive dispensando a si mesmo de uma investigação que não chegou a ser uma investigação.

Seis meses depois, ao receber um telefonema, não percebeu logo quem estava na linha.

— Desculpe, como foi que o senhor disse?

— Angelo Liotta. Lembra? Sou o diretor da fábrica de cimento. O senhor me convocou para saber...

— Ah, sim, me lembro muito bem. Pode falar.

— Pois é, nós estamos fechando a contabilidade, e eu precisaria dos recibos que deixei aí.

Mas de que estaria falando? Depois, Montalbano se lembrou do envelope que não chegara a abrir.

— Mando entregar ainda hoje.

Pegou logo o envelope na gaveta e deixou-o sobre a escrivaninha, com medo de esquecer. Olhou-o um pouquinho e, nunca soube por quê, resolveu abri-lo. Examinou os comprovantes um a um, guardou-os no envelope, reclinou-se no encosto da poltrona e fechou os olhos por alguns minutos, refletindo. Depois tirou novamente os papéis do envelope e organizou-os cronologicamente sobre a escrivaninha, um após o outro. O primeiro à esquerda, datado de 4 de maio, era um recibo de um posto de gasolina; o último à direita, uma passagem ferroviária, de 17 de maio, correspondente ao trajeto Palermo-Montelusa. Não fazia sentido, não mesmo. Do jeito como estavam as coisas, o contador Moscato partiu de Vigàta de carro, para ir até o aeroporto; depois, no fim da viagem, retornou a Vigàta de trem. Aliás, sobre ter ele vindo de trem havia o testemunho do amigo, Pietro Sanfilippo. Então a pergunta era esta, muito simples: quem trouxe de volta a Vigàta o carro do contador, enquanto ele estava em Milão?

— Senhor Sanfilippo? Montalbano. Queria uma informação. Quando o contador Moscato foi pegar o voo para Milão, o senhor estava com ele no carro?

— Ainda pensando naquela história, comissário? Sabia que de vez em quando aparece por aqui alguém dizendo que viu Michela em Paris, em Milão e até em Londres? De qualquer forma, eu não só não acompanhei Saverio como acho que o senhor está enganado. Se ele voltou de trem, por que teria ido de carro para o aeroporto? E Michela também não pode ter ido junto, ela não sabia dirigir.

— Como vai o seu amigo?

— Saverio? Faz tempo que a gente não se vê. Ele se demitiu da fábrica de cimento e deixou o apartamento daqui.

— Sabe pra onde ele foi?

— Claro. Está morando no campo, na tal casa da província de Trapani, em Belmonte. Eu já quis ir fazer uma visita, só que ele me deu a entender que...

Mas o comissário já não estava ouvindo. Belmonte, dissera Sanfilippo. E o recibo da gasolina trazia escrito no alto, à esquerda: "Posto Pagano-Belmonte (Trapani)".

Montalbano parou justamente naquele posto a fim de perguntar qual era o caminho para a casa do contador Moscato, e eles informaram. Era uma casinha modesta, mas bem-conservada, térreo e mais um andar, completamente isolada. O homem que o recebeu só de longe lembrava o aspecto daquele Saverio Moscato que ele conheceu meses antes. Mal vestido, desalinhado, barba crescida, o contador também demorou a reconhecer o comissário. E nos seus olhos, que Montalbano observou intensamente, a centelha tinha se apagado completamente, só havia cinzas negras. Saverio conduziu-o à sala de jantar, muito simples.

— Eu estava por aqui, de passagem — começou Montalbano.

Mas não continuou: esquecido de sua presença, o outro estava examinando as próprias mãos. Pela janela, o comissário viu os fundos da casa: um espaço cheio de flores e arbustos, estranhamente contrastante com o resto do terreno, abandonado. Levantou-se e foi até esse jardim. Bem no meio, havia uma enorme pedra branca, dentro de um cercadinho. E, ao redor, roseiras que não acabavam mais. Montalbano debruçou-se sobre o cercadinho e tocou a pedra com uma das mãos. O contador também saiu, Montalbano sentiu a presença dele às suas costas.

— Foi aqui que o senhor a enterrou, não foi?

Fez a pergunta com calma, sem erguer o tom de voz. E, igualmente calma, chegou-lhe a resposta que ele esperava e temia.

— Foi.

— Na sexta à tarde, Michela quis que a gente viesse para Belmonte.

— Ela tinha vindo aqui?

— Só uma vez, e gostou. Eu não conseguia negar qualquer coisa que ela pedisse. Combinamos passar o sábado aqui, no domingo de manhã eu a levaria de volta a Vigàta e, à tarde, pegaria o trem para Palermo. O sábado foi um dia maravilhoso, como não tínhamos tido até então. À noite, depois do jantar, fomos cedo para a cama e fizemos amor uma vez. Começamos a conversar, fumamos um cigarro.

— Falaram de quê?

— Este é o ponto, comissário. Foi Michela quem puxou um certo assunto.

— Qual?

— É difícil dizer. Eu a censurava... Não, censurar não é a palavra certa, eu me lamentava, é isso, porque ela, tendo tido aquela vida antes de me conhecer, não podia mais me dar alguma coisa que nunca tivesse dado a outros.

— Mas o senhor também, para Michela, estava nas mesmas condições!

Saverio Moscato olhou-o por um instante, embaraçado. Cinzas em suas pupilas.

— Eu?! Antes de Michela, eu jamais tinha estado com uma mulher.

Estranhamente, sem saber explicar-se por quê, o comissário encabulou.

— A certa altura, ela foi até o banheiro, ficou lá uns cinco minutos e voltou. Estava sorrindo, deitou-se novamente ao meu lado. Me abraçou muito forte e disse que ia me dar uma coisa que os outros jamais tinham tido e que nunca poderiam ter. Eu perguntei o que era, mas aí ela quis fazer amor outra vez. Só depois me disse o que estava me dando: a morte dela. Tinha tomado veneno.

— E o senhor, o que fez?

— Nada, comissário. Fiquei segurando as mãos dela. E ela sem tirar os olhos dos meus. Foi rápido. Acho que não sofreu muito.

— Não se iluda. E, principalmente, não diminua o que Michela fez pelo senhor. Com veneno se sofre, e como!

— Na mesma noite, abri uma cova e enterrei-a onde ela está agora. Fui pra Milão. Eu me sentia desesperado e feliz, entende? Um dia, os trabalhos terminaram cedo, não eram nem cinco da tarde. Peguei um avião, cheguei a Palermo e segui pra Vigàta no meu carro, que eu tinha deixado no estacionamento do aeroporto de Punta Ràisi. Fiz tudo com calma, queria chegar

à cidade tarde da noite, não podia correr o risco de alguém me ver. Enchi uma mala com as roupas e as coisas dela e trouxe pra cá. Está tudo lá em cima, no quarto. Na hora de voltar a Punta Ràisi, meu carro não quis pegar. Então, deixei-o escondido ali embaixo daquelas árvores e fui para o aeroporto num táxi de Trapani, em cima da hora do primeiro voo para Milão. Quando terminei o trabalho lá, voltei de Palermo no trem. Nos primeiros dias, fiquei meio atordoado com a felicidade pelo que Michela tinha tido a coragem de me dar. Me mudei para cá de propósito, queria ficar sozinho com ela. Mas depois...

— Depois? — reforçou o comissário.

— Depois, uma noite, acordei de repente e não senti mais Michela ao meu lado. E pensar que, quando fechei os olhos, tive a impressão de que ela estava ali, respirando... Saí chamando, procurando por ela na casa inteira. E ela não estava. E então eu compreendi que o grande presente dela havia custado muito caro, caro demais.

Moscato começou a chorar, sem soluços, lágrimas mudas lhe corriam pela face.

Montalbano olhava uma lagartixa que, tendo subido na branca pedra tumular, relaxava ao sol, imóvel.

Uma giganta de sorriso gentil

Exatamente aos cinquenta anos, o doutor Saverio Landolina, sério e estimado ginecologista de Vigàta, perdeu a cabeça por uma jovem de vinte, Mariuccia Coglitore. A paixão recíproca aconteceu logo na primeira consulta. Até então, os pais de Mariuccia tinham como médico da filha o professor Gambardella, de noventa anos, e cuja ancianidade era garantia certa de que as explorações íntimas aconteceriam no mais absoluto respeito à deontologia. Mas o professor Gambardella havia saído de cena, derrubado por um infarto: a morte o colhera, por assim dizer, com as mãos no útero de uma aterrorizada paciente.

O doutor Landolina foi escolhido durante um conselho de família estendido até aos parentes de segundo grau. Os Coglitore, com os primos Gradasso, Panzeca e Tuttolomondo, representavam na sociedade vigatense uma espécie de comunidade católico-integralista que obedecia a leis próprias, tais como assistência matutina à missa, prece vespertina com recitação do rosário e abolição de rádio, jornais e televisão. Descartados, naquela reunião, o doutor Angelo La Licata, de Montelusa ("Este corneia a mulher: e se contaminasse Mariuccia com suas mãos impuras?"), o colega deste, Michele Severino, também de Montelusa ("Vocês estão brincando? Esse aí não tem nem quarenta anos"), e o doutor Calogero Giarrizzo, de Fela ("Parece que foi visto comprando uma revista pornográfica"), só restou Saverio Landolina, cujo único senão era o de morar em Vigàta, como Mariuccia: a moça, encontrando-o casualmente na rua, poderia ficar encabulada. De resto, nada a dizer sobre o doutor Landolina, já secretário local da democracia cristã: era fielmente casado há vinte e cinco anos com Antonietta Palmisano, uma espécie de giganta de sorriso gentil, mas o Senhor não quis conceder ao casal a graça de um filho. Sobre o médico, nunca uma palavra de censura, uma crítica.

Até o momento em que Mariuccia, depois de levantar-se da cadeira diante da escrivaninha, tirou a roupa atrás do biombo, nada de estranho aconteceu no coração do ginecologista. A mocinha de óculos que, ruborizada, respondia às perguntas dele era inteiramente insignificante. Mas quando Mariuccia, metida num pudico avental preto, e sem óculos (automaticamente, tirava-os sempre que se despia), saiu de trás do biombo e, com a pele cor de fogo por causa da vergonha, se deitou no leito do consultório para o exame, no peito do cinquentão Landolina desencadeou-se uma delirante sinfonia, que nenhum compositor

dotado de juízo se arriscaria jamais a compor: a momentos de centenas e centenas de tambores galopantes sobrepunha-se o voo alto de um violino solitário, à irrupção de mil metais contrapunham-se dois líquidos pianos. O doutor Landolina tremia todo, ou melhor, vibrava, quando pousou uma mão sobre Mariuccia; e de repente, enquanto um órgão majestoso iniciava um solo, ele sentiu que o corpo da moça vibrava em uníssono com o seu, respondendo ao ritmo da mesma música.

Dona Concetta Sicurella de Coglitore, que havia acompanhado a filha e esperado na saleta o fim da consulta, atribuiu a um embaraço virginal o forte rubor das faces, o brilho febril dos olhos de Mariuccia, que entrou no consultório mocinha e, uma hora depois, saiu mulher feita.

Landolina e Mariuccia brincaram de médico durante um ano inteiro: ao fim de cada consulta, Mariuccia saía cada vez mais corada e mais bonita, enquanto Angela Lo Porto, há vinte anos enfermeira secretamente apaixonada pelo médico, ia ficando sempre mais magra, nervosa e melancólica.

— Novidades? — perguntou Salvo Montalbano, entrando no gabinete às nove da manhã do último dia de maio, uma segunda-feira.

Já fazia um calor de meados de agosto, e o comissário sentia um desconforto ainda maior porque havia passado o sábado e o domingo na casa de campo de seu amigo Nicolò Zito, curtindo um belo descanso.

— Acharam o carro do doutor Landolina — respondeu Fazio.

— Tinha sido roubado?

— Não, doutor. Ontem de manhã esteve aqui a senhora Landolina, aos prantos, dizendo que o marido não tinha voltado para casa na noite anterior. Demos umas buscas, e nada. Desapareceu. Hoje de madrugada, um pescador viu um automóvel caído nos recifes do cabo Russello. O doutor Augello foi lá e telefonou agora há pouco. É o de Landolina.

— Acidente?

— Eu diria que não — fez Mimì Augello, entrando. — A estrada é bem afastada das bordas do cabo Russello, só se chega até lá querendo, ele não pode ter perdido o controle do carro. Foi de propósito, pra cair lá embaixo.

— Você acha que se trata de suicídio?

— Não tem outra explicação.

— Em que estado você encontrou o cadáver?

— Que cadáver?

— Mimì, você não está dizendo que Landolina se matou?

— Sim, mas na queda contra os recifes as portas se abriram. O corpo não estava lá, deve ter despencado no mar. Um cara do lugar me disse que

certamente as correntes vão levá-lo até a praia de Santo Stefano. Qualquer dia desses a gente encontra.

— Tudo bem. Fique cuidando do caso.

À tardinha, Mimì Augello fez seu relatório a Montalbano. Não tinha descoberto uma explicação para o suicídio do médico. Landolina gozava de boa saúde, não tinha dívidas (pelo contrário, era rico, tinha propriedades em sua Còmiso natal, e a mulher também possuía bens), não alimentava vícios secretos, não era uma pessoa chantageável. A viúva...

— Não a chame de viúva enquanto não se achar o corpo — interrompeu-o Montalbano.

... a senhora estava quase louca, não conseguia entender, fixava-se na ideia de um acidente causado por um repentino mal-estar.

— Também examinei a agenda. Nada, ele não deixou escrito absolutamente nada. Amanhã vou falar com a enfermeira, que passou mal com a notícia e foi pra casa. Mas não creio que ela possa me revelar alguma coisa.

Pelo contrário: a enfermeira Angela Lo Porto tinha muito a revelar, e fez isso na manhã seguinte, indo por iniciativa própria ao comissariado.

— É tudo teatro — começou ela.

— O quê?

— Tudo. O carro despencado, o cadáver que ninguém acha. O doutor não se suicidou, foi assassinado.

Montalbano observou a mulher. Olheiras, cara amarelenta, olhar amalucado. No entanto, sentiu que ela não era uma mitômana.

— E quem teria feito isso?

— Ignazio Coglitore — respondeu Angela Lo Porto, sem hesitar.

Montalbano aguçou os ouvidos. Não porque Ignazio Coglitore e seus dois filhos fossem homens de moralidade dúbia, ou comprometidos com a máfia, ou dedicados a tráficos ilícitos, mas simplesmente porque o fanatismo religioso daquela família era notório em toda a região. Instintivamente, o comissário desconfiava de fanáticos, considerava-os capazes de qualquer coisa.

— E que motivo ele teria?

— O doutor engravidou a filha dele, Mariuccia.

O comissário não acreditou: achou que talvez se tivesse enganado na avaliação da enfermeira, ela devia ser do tipo que inventava coisas.

— Quem foi que lhe contou?

— Estes olhos — fez Angela Lo Porto, indicando-os.

Caramba. Aquela ali estava falando a verdade, não era fantasia de jeito nenhum.

— Me conte tudo desde o começo.

— Um ano atrás, eu marquei a consulta para essa Mariuccia, a mãe me telefonou. Na manhã seguinte cheguei tarde ao consultório, moro em Montelusa e o ônibus tinha enguiçado. Não tenho carro, nem mesmo carteira de motorista. Quando entrei, a moça estava sentada na frente da escrivaninha do doutor. O senhor sabe como é o consultório?

— Não.

— Tem uma sala de espera grande e também duas saletinhas separadas. Depois vem o consultório propriamente dito, onde tem também um banheiro e outra salinha, que é onde eu fico. Na hora da consulta, eu sempre estou presente. Naquele dia, fui até a minha salinha para trocar de roupa e vestir o uniforme. Mas era um dia de dar tudo errado mesmo. O uniforme limpo se descosturou e eu tive que consertar às pressas. Quando finalmente entrei no consultório...

Ela parou, devia estar com a garganta seca.

— Quer que eu peça um copo d'água?

A enfermeira não ouviu a pergunta, perdida que estava na lembrança do que havia visto.

— Quando entrei no consultório — prosseguiu —, eles já estavam fazendo aquilo. O doutor tinha tirado a roupa e jogado no chão, de qualquer jeito.

— Teve a impressão de que ele estava violentando a moça?

A mulher fez com a boca um ruído estranho, como se estivesse batendo dois pedaços de madeira um contra o outro. Montalbano compreendeu que ela estava rindo.

— Mas que ideia! Ela estava agarrada com ele!

— Os dois já se conheciam?

— Ela nunca havia ido ao consultório, aquela era a primeira vez.

— E depois?

— Depois, o quê? Eles não me viram, não me viam. Naquele momento eu era como ar pra eles. Saí para a minha salinha e comecei a chorar. Depois ele bateu na porta. Tinham se vestido. Eu acompanhei Mariuccia até a mãe dela e voltei. Antes de mandar entrar a paciente seguinte, tive que limpar tudo no leito de exame, o senhor me entende?

— Não.

— A piranha era virgem.

— E o doutor não lhe disse nada? Não explicou, não justificou?

— Não me disse nem uma palavra, foi como se nada tivesse acontecido.

— E esse encontro foi o único?

De novo, os dois pedaços de madeira um contra o outro.

— Eles se viam a cada quinze dias. Aquela puta era saudável como um peixe, mas o doutor tinha inventado uma doença para ela ir se consultar pelo menos duas vezes por mês.

— E a senhora, o que fazia quando...

— O que eu podia fazer? Ia chorar na minha salinha.

— Desculpe perguntar, mas a senhora era apaixonada pelo doutor?

— Não deu para perceber? — perguntou a enfermeira, erguendo a face desfeita para o comissário.

— E entre a senhora e ele nunca aconteceu nada?

— Antes tivesse acontecido! A esta hora ele estaria vivo!

Angela começou a choramingar, apertando um lencinho contra a boca. Mas se refez logo, era uma mulher forte.

— Ali pelo dia 15 de abril — recomeçou — ela chegou de um jeito que parecia ter ganhado na loteria. Eu ia entrando na minha salinha e ouvi quando ela disse: "Mas que tipo de ginecologista você é? Ainda não percebeu que eu estou grávida?" Gelei, comissário. Aí me virei um pouquinho. O doutor era uma estátua de sal, acho que só naquela hora percebeu a grande besteira que havia feito. Eu me meti na salinha mas não fechei a porta. Sabe qual era a intenção daquela cretina inconsciente? Contar tudo ao pai, porque assim o doutor seria obrigado a largar a mulher e se casar com ela. O doutor foi valente, respondeu para ela esperar um pouquinho antes de falar com o pai, e enquanto isso ele ia conversar com a mulher para ir providenciando o divórcio. Depois, eles fizeram amor.

— E essa foi a última vez em que se viram?

— Imagina! Ela continuou voltando, até cinco dias atrás. Primeiro eles trepavam e depois conversavam. A cada vez o doutor dizia que vinha fazendo progressos com a mulher dele, que ela estaria se mostrando compreensiva. Eu tive certeza de que nada disso era verdade, ele falava assim para acalmar a piranha enquanto procurava uma solução, andava distraído e preocupado.

— A senhora desconfiava que a solução pudesse ser o suicídio?

— Está brincando? O doutor não tinha a menor intenção de se matar, eu o conhecia bem. Claro que aquela piranha cretina contou ao pai. E Ignazio Coglitore não perdeu tempo.

Assim que a enfermeira saiu, Montalbano chamou Fazio.

— Vá buscar Ignazio Coglitore e traga-o aqui em dez minutos. Não quero ouvir desculpas.

Fazio voltou dali a meia hora, e sem Ignazio Coglitore.

— Nossa Senhora, doutor, que confusão!

— Ele não quis vir?

— Não pôde. Foi detido pela Arma, em Montelusa.

— Quando?

— Hoje, às oito da manhã.

— E por quê?

— Bom, vou tentar explicar. Parece que a filha de Ignazio Coglitore, quando soube que o doutor Landolina se matou, teve um troço e perdeu os sentidos. Todo mundo na família achou que era porque ela se tratava com ele. Só que a moça não se recuperava do desmaio, e aí Ignazio Coglitore, com os dois filhos homens, colocou-a no carro e levou para o hospital de Montelusa, e ela ficou em observação. Ontem à noitinha, Ignazio Coglitore e a mulher foram buscar a filha no hospital. E aí um médico jovem e cretino disse que seria melhor a moça ficar mais uns dias, porque estava arriscada a perder a criança. Ignazio Coglitore e a mulher caíram aos pés do médico, fulminados, pareciam mortos. Quando se recuperou, Ignazio Coglitore ficou uma fera, bateu em tudo quanto era médico e enfermeiro. Finalmente, conseguiram expulsá-lo. Hoje de manhã, às sete e meia, ele voltou ao hospital, levando, além dos dois filhos, os homens das famílias Gradasso, Panzeca e Tuttolomondo. Doze pessoas ao todo.

— E eles queriam o quê?

— A moça.

— E por quê?

— Ignazio Coglitore explicou ao titular que eles precisavam levar Mariuccia porque ela teria que ser sacrificada imediatamente a Deus, para pagar o pecado. O titular não deixou, e aí começou o fim do mundo. Pancadaria, gritos, vidros quebrados, pacientes fugindo. Até os *carabinieri* foram agredidos quando chegaram. Aí a turma toda acabou em cana.

— Me diga uma coisa, Fazio. Quando foi que o médico disse aos Coglitore que a filha deles estava grávida?

— Por volta das sete e meia de ontem.

Portanto, a hipótese, ou melhor, a certeza da enfermeira Angela Lo Porto tinha ido por água abaixo. Que o responsável pelo emprenhamento de Mariuccia tivesse sido o doutor Landolina, isso os Coglitore seguramente haviam concluído. Porém, mesmo que quisessem, não poderiam se vingar: só haviam

recebido a notícia do cacho e de suas consequências depois que o doutor havia desaparecido. Descartado o suicídio, só restava uma pessoa que poderia ter sérias razões para vingança.

— Alô? É a senhora Landolina?

— Sim.

Mais que uma sílaba, um sopro lamentoso.

— Aqui é o comissário Montalbano.

— Encontraram o corpo?

Por que se insinuara uma nota de apreensão na voz da senhora Landolina? Mas seria mesmo apreensão ou susto injustificado?

— Não, não encontramos. Mas eu gostaria de falar com a senhora, só uns cinco minutos, para alguns esclarecimentos.

— Quando?

— Agora mesmo, se possível.

— Desculpe, comissário, mas agora de manhã eu não estou aguentando, minha cabeça parece que vai explodir de dor a qualquer momento. Uma enxaqueca tão forte que não consigo nem abrir os olhos.

— Lamento, senhora. Poderia ser hoje à tarde, às cinco?

— Pode, estarei à sua espera.

Às três, Montalbano recebeu uma convocação do chefe de polícia: teria de estar sem falta em Montelusa às cinco e meia, para uma reunião importante. Não querendo renunciar ao encontro com a senhora Landolina, ele decidiu antecipá-lo em uma hora, sem avisar.

— Aonde vai? — perguntou grosseiramente o porteiro, que não o conhecia ou fingia não conhecê-lo.

— Falar com a senhora Landolina.

— Ela não está. Viajou.

— Viajou, como?

— No carro dela — respondeu o porteiro, equivocando-se. — Levou tanta bagagem que eu e o padre Vassallo precisamos ajudar.

— O padre também estava aí?

— Claro, ele ficou dois dias na casa dos Landolina, para confortar a viúva. É um santo homem e, além do mais, amigo da família.

— A que horas ela partiu?

— Mais ou menos ao meio-dia.

Portanto, pouco depois de falar com o comissário. Bagagem muito grande não se arruma assim às pressas, a partida certamente já estava preparada antes

de Montalbano telefonar. Transferindo a visita para a parte da tarde, ela simplesmente o tapeara.

— Por acaso ela disse para onde ia?

— Disse. Para Còmiso. Falou que volta no máximo daqui a uma semana.

E agora, o que fazer? Ligar para algum colega de Còmiso, pedindo-lhe que ficasse de olho na senhora Landolina? Com que motivação? Distante, aérea, impalpável suspeita de homicídio? Ou talvez simulação de encontro?

Montalbano teve uma inspiração. Correu de volta ao comissariado e telefonou para Antonino Gemmellaro, seu velho colega de colégio, agora diretor da filial do Banco Agrícola Siciliano em Còmiso.

— Alô, Gemmellaro? Aqui é Montalbano.

Por que os antigos colegas de colégio só se tratavam pelo sobrenome? Lembrança da lista de chamada?

— Oh, que boa surpresa! Está em Còmiso?

— Não, estou ligando de Vigàta. Preciso de uma informação.

— Às ordens.

— Sabia que o doutor Landolina desapareceu desde a noite de sábado? Você o conhecia, não?

— Claro que conhecia, ele era nosso cliente.

— Ou se suicidou ou foi assassinado.

Gemmellaro não comentou logo, evidentemente estava pensando nas palavras de Montalbano.

— Suicídio, diz você? Não acredito mesmo.

— Por quê?

— Porque uma pessoa que tem intenção de se matar não fica pensando em vender todos os seus bens. Em menos de um mês, o doutor vendeu, e mal, em alguns casos, todas as propriedades que ele tinha aqui. Casas, terrenos, lojas, tudo. Queria realizar o valor às pressas.

— Quanto?

— Uns três bilhões, por alto.

Montalbano assoviou.

— Incluindo o que era dele e da mulher, diga-se.

— Ela também vendeu tudo?

— Sim.

— O doutor estava com uma procuração da mulher?

— Nada! Ela veio pessoalmente a Còmiso.

— E esse dinheiro está onde, agora?

— Não sei. Sei é que, daqui do banco, ele retirou até o último centavo.

Montalbano agradeceu, desligou, chamou a única agência imobiliária de Vigàta e recorreu a quem lhe pudesse dar uma resposta exata.

— Sim, comissário, o pobre doutor Landolina nos autorizou a vender a casa e o consultório.

— E como é que vocês vão fazer, agora que ele desapareceu?

— Quinze dias atrás, ele tinha decidido, com registro em cartório e tudo, que o produto da venda fosse entregue ao padre Vassallo.

O encontro com o chefe de polícia não foi longo, e o comissário teve tempo de ir procurar o tenente Colorni, com quem mantinha boas relações, no comando da Arma.

— Que providências vocês tomaram quanto à situação de Mariuccia Coglitore?

— Estamos montando guarda no quarto dela, no hospital. Sabe como é, com aqueles parentes malucos...

— E depois?

— Vamos mandá-la para uma instituição de mães solteiras. Muito longe daqui, e o endereço nós não vamos dar a ninguém. Quem sugeriu essa instituição foi o confessor da moça.

— Quem é o confessor?

Já sabia a resposta, mas queria ouvi-la.

— O padre Vassallo, de Vigàta.

— Padre, vim lhe dizer que amanhã de manhã vou ter que falar à imprensa e à televisão sobre o desaparecimento do doutor Landolina.

— E acha que eu lhe posso ser útil em alguma coisa?

— Sem dúvida. Mas, antes, uma pergunta: um padre que mente está cometendo pecado?

— Se a mentira for para o bem, não creio.

O reverendo sorriu, abrindo os braços: e assim Montalbano quebrou a cara. Padre Vassallo era um cinquentão um tanto gorducho, cara irônica e inteligente.

— Então permita que eu lhe conte uma história.

— Como queira, comissário.

— Um médico sério, casado, se apaixona por uma moça e a engravida. Ele então entra em pânico: as reações da família da moça podem chegar a excessos

impensáveis. Desesperado, não tem outra saída, a não ser confessar tudo à mulher. E esta, que deve ser uma pessoa extraordinária...

— É mesmo, pode acreditar — interrompeu o padre.

— ... organiza um plano perfeito. No prazo de um mês, sem que a coisa venha a público, o casal vende tudo o que possui e realiza uma cifra altíssima. O doutor finge o suicídio, mas, na verdade, inclusive com a cumplicidade de um amigo padre, bate asas para uma destinação que nós desconhecemos. Dois dias depois, a mulher vai ao encontro dele. O que o senhor acha?

— É uma narrativa plausível — disse o padre, tranquilo.

— Continuando. O médico e a mulher são gente de bem, não querem deixar a pobre moça grávida na rua da amargura. E assim decidem vender o apartamento e o consultório que possuem em Vigàta, mas destinam o produto da venda ao amigo padre, para que este dê cobertura às primeiras necessidades da jovem mãe.

Houve uma pausa.

— O que o senhor vai dizer na coletiva à imprensa?

— Que o doutor Landolina se suicidou. E que a viúva foi viver com seus familiares, em sua região natal.

— Obrigado — disse muito baixinho o padre Vassallo. E acrescentou: — Eu nunca poderia pensar que um anjo pudesse assumir as feições dessa senhora. Chegou a conhecê-la?

— Não.

— Uma mulherona, enorme. Decididamente feia. Uma espécie de giganta de contos de ogros e bruxas. Mas com um sorriso...

— ... extraordinariamente gentil — concluiu o comissário.

Um diário de 1943

A ressaca foi tão forte que o mar quase alcançou a varanda da casa de Montalbano, engolindo a praia inteira. Consequentemente, o humor do comissário, que só se sentia em paz consigo mesmo e com o universo criado quando podia se torrar de sol, ficou negro como carvão. Assim que o viu entrar no gabinete, Fazio, que o conhecia bem, deu bom-dia e saiu de perto. Mas Catarella, alheio ao risco que corria apesar de já prestar serviço no comissariado havia mais de um ano, precipitou-se sala adentro.

— Dotor! Hoje de manhã telefonou gente pedindo pra falar com o senhor pessoalmente em pessoa! Os nome eu escrevi neste papelzinho.

E estendeu a Montalbano uma folha quadriculada, desajeitadamente arrancada do caderno.

— E a tua irmã telefonou? — perguntou Montalbano, perigosamente gentil.

Catarella primeiro embatucou e depois sorriu.

— Dotor, vossenhoria tá querendo brincar? A minha irmã não tem condição de telefonar!

— É maneta?

— Não sinhor, dotor. Ela não tem condição de telefonar porque não existe, eu sou filho único e macho do meu pai e da minha mãe.

Derrotado, o comissário abandonou a partida. Liberou Catarella e começou a decifrar a lista de nomes. "Dotor Vanesio" só podia ser o doutor Sinesio, em cuja casa os ladrões tinham feito uma limpeza; "sinor Xefe" era, evidentemente, o senhor chefe de polícia; "Scillicato", surpreendentemente, chamava-se de fato Scillicato; e "dereto Purcio" correspondia sem dúvida ao diretor Burgio, com quem Montalbano não se encontrava já fazia algum tempo.

Ele gostava do ex-diretor, um senhor de mais de setenta anos que o ajudara, junto com a mulher, dona Angelina, numa investigação inteiramente desenvolvida sobre o fio da memória, e que mais tarde foi denominada como a do "cão de terracota".

Não sentia a menor vontade de falar com o chefe de polícia, aquele novo, que vivia procurando pelo em ovo. O doutor Sinesio iria choramingar mais uma vez porque ainda não haviam recuperado a sua prataria roubada. Quanto a Scillicato, seis meses antes tinham-lhe incendiado a BMW e ele comprou uma

Fiat Punto. Tocaram fogo também nesta, e ele então adquirira uma Cinquecento de segunda mão que, duas semanas depois, ardeu igualmente em chamas.

"Comissário, o que é que eu faço?", veio perguntar.

O conselho mais certo seria o de que Scillicato parasse com a agiotagem, na cidade já se comentava que Pepè Jacono tinha se enforcado por causa das dívidas contraídas com ele. Mas Montalbano, que naquele dia estava de ovo virado, olhou-o em silêncio e depois respondeu:

"Compre um patinete."

Agora, via-se que haviam tocado fogo também no patinete. O comissário telefonou então ao diretor Burgio. Foi convidado para jantar naquela mesma noite e aceitou: dona Angelina cozinhava com simplicidade, mas sabia o que fazia.

Depois do jantar, passaram à sala de estar, e foi então que o diretor trouxe à baila o verdadeiro motivo do convite.

— Tem ido recentemente ao porto?

— Sim, eu passo por lá quando vou dar minhas caminhadas até o farol.

— Viu que demoliram o silo velho?

— Fizeram bem. Já estava quase caindo, um verdadeiro perigo para quem andasse por perto.

— Quando o construíram, em 1932, eu tinha sete anos — contou o diretor. — Mussolini havia desencadeado a chamada batalha do trigo, estava certo de tê-la vencido e tinha mandado construir esse grande silo.

— Por que no porto, e não ao lado da estação ferroviária? — perguntou o comissário.

— Porque daqui partiriam os navios carregados de trigo em direção ao que o *duce* chamava de quarta margem, ou seja, a Eritreia, a Líbia, sei lá.

O diretor calou-se um instante, perdido nas lembranças de sua juventude. Depois, recomeçou.

— O projetista Cusumano, que dirigiu a demolição, encontrou dentro do edifício uns papéis velhos e, sabendo que eu me interesso por histórias vigatenses, me trouxe tudo. Trata-se de uma correspondência entre o escritório de Vigàta e a direção da Companhia Agrária, que ficava em Palermo. Mas em outra parte do silo, num jirauzinho, ele descobriu números antigos do *Popolo d'Italia*, o jornal do partido fascista, um livro, *Parlo con Bruno*, que Mussolini escreveu sobre a morte do filho, e um caderno. O projetista ficou com os jornais e o livro e me deu o caderno. Eu passei os olhos e fiquei muito curioso. Dê uma espiada o senhor também, e depois, se quiser, a gente volta ao assunto.

Era um caderno supercomum, um pouco amarelecido. A capa mostrava Mussolini empertigado, em uniforme de gala, fazendo a saudação fascista, com a legenda: "O Fundador do Império". A contracapa representava o próprio império, ou seja, era um pequeno mapa geográfico da Abissínia. Na primeira página, no centro, quatro versos:

"*Se neste caderno quiserdes tocar,*
no flanco uma espada tereis de portar.
E se o meu nome quiserdes saber:
Eu sou Carlo Zanchi, com muito prazer."

Mas um grande X cancelava-os, como se Carlo Zanchi se tivesse envergonhado daqueles versos infantis, de escola primária. Abaixo, em letra de imprensa:

"CARLO ZANCHI, VANGUARDISTA. VIVA O *DUCE*, VIVA O REI"

E, por fim:

"ANO XXI DA ERA FASCISTA"

Montalbano fez um cálculo rápido e concluiu que o caderno remontava a 1943, ano que, pelo menos na Sicília, pertencera à era fascista somente pela metade, visto que os aliados desembarcaram na ilha na noite de 9 para 10 de julho.

Era uma espécie de diário descontínuo, que se limitava a registrar no papel os fatos mais importantes aos olhos do rapaz. A primeira anotação trazia a data de 2 de setembro:

Consegui trazer para cá e esconder quatro bombas manuais, daquelas pequenas, vermelhas e negras, que se chamam Balilla. Duce*, saberei usá-las!*

Poucas linhas, mas suficientes para fazer o comissário passar da curiosidade amena à total atenção.

6 de setembro. Hoje assisti a uma cena torpe: mulheres que se prostituíam com os negros invasores. Meus olhos se encheram de lágrimas. Pobre Pátria minha!

10 de setembro. Os ratos regurgitados pelas fossas começaram a mostrar, com o beneplácito dos invasores, suas intenções obscenas. Querem fazer renascer aqueles partidos que o Fascismo havia varrido para longe. Como impedi-lo?

15 de setembro. Aqueles dejetos humanos que se reuniram em nome da assim chamada democracia elegeram para prefeito um tal Salvatore Di Mora. Como não sou de Vigàta, informei-me discretamente. Trata-se de um conhecido mafioso que o Fascismo havia banido! Que vergonha. É preciso fazer alguma coisa para salvar a honra do nosso País.

A anotação seguinte trazia a data de 5 de outubro:

Creio haver encontrado uma solução. Mas será que terei coragem de colocá-la em prática? Acho que sim. O Duce *me dará a força. E, se necessário, sacrificarei minha vida pela Pátria.*

Com a data de 9 de outubro:

É quase certo que amanhã de manhã existam condições ideais para que eu possa executar o meu Gesto. Viva a Itália!

A última anotação era do dia seguinte. Montalbano quase não reconheceu a letra, num primeiro momento pensou que uma outra mão tivesse escrito aquelas poucas palavras:

10 de outubro. Eu o fiz. Estou vivo. Foi terrível, tremendo. Eu não imaginava que... Deus me perdoe!

Depois o comissário compreendeu que a letra era a mesma, só que se tornara quase irreconhecível por causa de uma fortíssima tensão emocional. Não havia mais vivas ao *duce* ou invocações à Itália: naquelas palavras, agora se liam susto e horror.

Mas o que fizera aquele rapaz? E também: por que o caderno se encontrava entre os destroços do grande silo demolido?

Era quase meia-noite quando o telefone tocou.

— Aqui é o diretor Burgio. Sofro de insônia e sei que o senhor vai dormir tarde, por isso me permiti ligar a esta hora. Conseguiu ler?

— Consegui. E fiquei muito impressionado.

— Eu não disse? Vem almoçar amanhã?

Montalbano sorriu. Evidentemente, o diretor queria fazê-lo embarcar numa daquelas investigações que retrocediam no tempo, e nas quais, para falar a verdade, os dois se divertiam bastante.

— Naquela época — disse o diretor —, as pessoas, desde o nascimento, eram enquadradas na organização juvenil fascista, que primeiro se chamou Ação Nacional Balilla e, a seguir, Juventude Italiana do Litório. Dos três aos seis anos, éramos Filhos da Loba...

— Aquela que amamentou Rômulo e Remo — especificou dona Angelina.

— ... dos seis aos dez passava-se à Balilla, depois era-se vanguardista e, dos dezesseis em diante, pertencia-se à juventude fascista. Portanto, o rapazinho que mantinha o diário devia ter uns quinze anos, no máximo.

— Ele escrevia com muita correção de linguagem — observou Montalbano.

— Pois é. Eu também notei.

— Um rapaz como ele, um pouco exaltado...

— Nessa idade e naquele período — interrompeu dona Angelina —, éramos todos, se não exaltados como esse aí, pelo menos orgulhosos. Os mais velhos dentre nós, embora estivessem desiludidos com o fascismo, sofreram muito ao verem as tropas estrangeiras em nossa terra.

— O que eu queria dizer — prosseguiu o comissário — é que um rapaz tão profundamente ofendido, com ou sem razão, e dispondo de quatro bombas manuais, é uma verdadeira mina ambulante...

— Que deve ter explodido de algum modo — disse o diretor.

— Zanchi não é um sobrenome destas nossas bandas — comentou Montalbano.

— Não — respondeu o diretor —, mas há uma explicação. Entre os papéis que Cusumano me trouxe, e que ainda não li inteiramente, há uma carta que talvez esclareça isso.

Burgio levantou-se, foi até a outra sala e voltou com uma folha amarrotada, que entregou ao comissário.

À DIREÇÃO GERAL — PALERMO

11 de outubro de 1944

Dando prosseguimento ao nosso of. nº 250, de 30 set. p.p., temos a satisfação de informar a V. Sas. que os refugiados alojados no Silo foram transferidos para Montelusa. No Silo permanecem ainda as camas e alguns outros móveis (mesas, cadeiras, bancos etc.), de cuja remoção o Instituto de Assistência Comunal se encarregará dentro de poucos dias.

A seguir, providenciaremos a imediata limpeza do local e a execução de algum pequeno conserto que seja necessário.

Sendo o que se nos apresenta no momento, subscrevemo-nos

Atenciosamente... etc.

— Sabe lá de onde vinham esses refugiados — especulou o comissário, em voz alta.

— Isso eu posso lhe dizer agora mesmo — interveio o diretor —, pois fiquei sabendo por uma outra carta. O responsável pelo silo pedia uma quantidade enorme de veneno contra ratos. Escrevia que estes, de proporções enormes — imagine-se um silo de armazenamento de trigo, vazio —, atacavam as dez famílias refugiadas da Líbia. Certamente era gente pobre, ex-colonos que haviam perdido tudo. Os funcionários estatais, os de alto escalão fugidos da Líbia, deviam ter achado colocação em outros lugares.

— Mas o que será que esse Zanchi aprontou com suas bombas manuais? — perguntou-se Montalbano.

— Este é o busílis — concluiu o diretor.

— Mas um ponto de partida nós temos — animou-se Montalbano, reabrindo a discussão.

— Qual?

— A data. O que Zanchi fez, uma coisa terrível, como ele mesmo escreveu no diário, deve ter acontecido em 10 de outubro de 1943. Aqui em Vigàta não temos ninguém que possa...?

— Temos Panarello — interveio dona Angelina. — Pepè Panarello, pai da minha amiga Giulia. Ele nunca saiu de Vigàta, era funcionário do registro civil. E de 1910.

— Meu Deus! — disse o comissário. — Um velho de oitenta e sete anos! Não vai se lembrar de nada!

— Aí é que o senhor se engana — respondeu dona Angelina. Giulia, a filha, um dia destes me dizia que o pai esquece tudo o que fez na véspera, mas das coisas de cinquenta ou sessenta anos atrás ele se recorda inteiramente, com lucidez e exatidão.

Montalbano e o diretor Burgio trocaram um olhar.

— Ligue para ele agora mesmo — pediu o diretor à mulher. — Pergunte como está de saúde e marque um encontro para mim e para o comissário.

Em vez de recebê-los em casa, Pepè Panarello quis vê-los no café Castiglione.

— É que, assim, pode aproveitar para entornar um conhaquinho. O que eu não permitiria nem se ele me pedisse de joelhos — esclareceu a filha Giulia a

dona Angelina.

Encontraram-no sentado a uma das mesinhas postas do lado de fora, na calçada. De fato, estava tomando um conhaquinho.

Era um ancião supermagro, a pele parecia pintada sobre os ossos, a mão esquerda agitada por um tremor, mas, e isso logo se percebia, espertíssimo de cabeça. Foi ele quem iniciou a conversa, a filha certamente avisara que aqueles dois senhores precisavam de sua memória.

— O que desejam saber?

— Estamos em busca de um fato que não sabemos nem se realmente houve — disse o diretor.

— Um fato ocorrido aqui em Vigàta nos primeiros dez dias de outubro de 43 — reforçou o comissário.

— Se tiver acontecido alguma coisa, eu certamente me lembro — disse o velho. — Desde que me aposentei, passo os dias polindo minhas recordações.

Terminou o conhaquinho com calma, rebobinando a memória. Depois balançou a cabeça.

— Não houve nada — disse, concluindo sua exploração, que durara uns dez minutos, enquanto Montalbano e o diretor não ousavam abrir a boca, para não atrapalhar.

— Tem certeza? — perguntou o comissário, desiludido.

— Absoluta — garantiu o velho, erguendo a mão para chamar o garçom.

Montalbano achou que ele queria pagar.

— Com sua licença, eu convido — disse.

— Obrigado — respondeu Panarello. — Assim, com o dinheiro do primeiro, eu posso beber um segundo.

— Escute, senhor Panarello, não acha que, na sua idade...

— Minha idade, o caralho — disse o velho. — Quanto o senhor acha que eu ainda vou durar? Seis meses? Um ano? E vou me privar de um conhaquinho?

Nesse momento, o relógio da prefeitura, a qual ficava bem em frente à calçada onde estavam as mesas do café, soou as horas.

— Já são seis? — espantou-se Panarello.

— Que nada, está uma hora adiantado — disse o diretor. — Esse relógio bate as horas como acha melhor.

— Jesus! — quase gritou o velho. E depois, baixinho: — Como foi que eu me esqueci? Jesus!

A excitação fazia sua mão esquerda tremer violentamente e, para contê-la, ele agarrou-a com a direita.

— Se não fosse o relógio — disse —, eu não me lembraria.

Junto com o conhaquinho, o garçom trouxera um providencial copo d'água, que agora Panarello bebeu todo de uma vez.

Montalbano e o diretor, mudos, sequer se mexiam nas cadeiras. Finalmente, o ancião conseguiu falar.

— Quando os aliados tomaram conta de toda a Sicília — começou ele —, surgiu o problema da remoção da enorme quantidade de explosivos de vários tipos que os italianos e os alemães tinham abandonado. Era uma coisa impressionante, acreditem. As crianças brincavam com bombas manuais, um dia dois grupos de vigatenses fizeram uma guerra simulada a tiros de canhão. Decidiram jogar tudo no mar e encarregaram disso os soldados negros. Caminhões inteiramente carregados de munição e explosivos, com três ou quatro negros a bordo, chegavam ao ancoradouro. Tinham requisitado uns dez pesqueiros, com a tripulação. Do alto do caminhão, os negros jogavam a munição aos marinheiros, que agarravam aquilo no ar e iam arrumando no convés. Quando o pesqueiro estava carregado, zarpava, jogava o material no mar e voltava para fazer outra viagem. Enquanto isso, na cidade nós encomendávamos a alma a Deus, era inevitável que, mais dia, menos dia, acontecesse alguma coisa. E realmente aconteceu. Na manhã de 10 de outubro, um caminhão foi pelos ares. E morreram os quatro negros que estavam em cima, quatro moradores nossos que estavam no pesqueiro, três carregadores do porto, que trabalhavam por ali, e dois pescadores que iam passando na hora. Treze mortos e quarenta feridos. Deus do Céu! E como é que eu ia esquecendo?

— O senhor excluiria a hipótese de sabotagem? — perguntou o comissário.

O velho olhou para ele, espantado.

— Não entendi, desculpe.

— Em outras palavras: o senhor acha que foi um acidente?

— Claro! Eram todos malucos, fazendo um trabalho desses daquele jeito! Sem a menor precaução! Pior ainda, com desleixo! Foi acidente, o senhor queria que fosse o quê?

— Nada — disse Montalbano.

— Desculpe me intrometer — interveio o diretor —, mas o senhor se lembra de onde estava o caminhão quando explodiu?

— Bem embaixo do silo que agora foi demolido. Inclusive três das pessoas que moravam lá ficaram feridas.

— Só uma curiosidade — disse o comissário. — Por que o relógio da prefeitura fez o senhor se lembrar da explosão?

O velho sorriu.

— Ah, por causa de uma história que circulou por aí, não sei se verdadeira ou falsa. O fato é que a explosão foi tão forte que arrebentou os vidros de casas a

dois, três quilômetros de distância. Eu estava na minha sala, ali na prefeitura, que fica a pelo menos quatro ruas do porto. Pois bem, o deslocamento de ar desconjuntou a porta, estilhaçou as vidraças e me derrubou da cadeira. A história é que o vidro do relógio se quebrou e o relógio parou às dez e doze. Em cima do ponteiro dos minutos apareceu um ponto negro, todo mundo achou que fosse um pombo morto pela explosão. Mas, quando se chamou alguém para consertar o relógio e instalar um vidro novo, o homem disse que aquele negócio no ponteiro não era um pombo morto, mas a mão de um negro, que havia sobrevoado os telhados de quatro fileiras de casas. Na verdade, dos quatro negros do caminhão só se recolheram pedaços pequenos, no máximo um pé ou um braço. Foi uma coisa terrível, tremenda.

Sem saber, o velho tinha usado as mesmas palavras escritas por Carlo Zanchi, mais de cinquenta anos antes.

Montalbano e o diretor Burgio saíram mudos, um para o comissariado, outro para casa. Só na hora de se despedirem foi que o diretor falou.

— E se tiver sido apenas uma coincidência?

— Não creio — disse o comissário. — O rapaz esperou que o embarque do material explosivo acontecesse bem embaixo do silo e, lá de cima, jogou uma bomba no caminhão. Depois se apavorou, ao ver tantos mortos inocentes.

— O que faremos com este nosso segredo? — perguntou o diretor.

— Vamos mantê-lo entre nós dois. Ou melhor, nós três, porque o senhor certamente vai contá-lo a dona Angelina.

No entanto, quatro eram as pessoas a conhecer aquele segredo. Uma noite em que, instalado na poltrona, assistia ao telejornal da Retelibera, o comissário ficou de orelha em pé ao escutar uma certa notícia. Ao informar os fatos do dia, Nicolò Zito, o jornalista, disse que na comunidade de San Calogero, que acolhia miseráveis de todo tipo, tinha ocorrido um incêndio seguramente doloso, que destruiu duas barracas. A hipótese mais forte era a de que o incêndio tivesse sido provocado por alguém expulso dali por má conduta. Não foi a notícia em si que despertou a curiosidade de Montalbano, mas o nome do fundador da própria comunidade: o reverendo Celestino Zanchi.

Imediatamente, o comissário se lembrou da carta de 1944, na qual se dizia que todos os refugiados hospedados no silo tinham sido transferidos para Montelusa. E a comunidade ficava justamente a três quilômetros de Montelusa. Esta, sim, podia realmente ser uma coincidência, mas não custava verificar.

Montalbano procurou o número do telefone no catálogo, anotou-o e foi dormir.

Na manhã seguinte, às oito, ligou. Responderam que o sacerdote estava com um pouquinho de febre, mas poderia atendê-lo se ele aparecesse por volta das cinco da tarde. Sequer perguntaram o motivo da visita.

Padre Celestino Zanchi recebeu-o deitado na cama, com trinta e oito de febre.

— Uma gripezinha boba — desculpou-se —, mas me derrubou.

Magro, olhos vivíssimos, era um homem forte e decidido, de idade bem avançada.

— O senhor é um comissário?

— Sou.

— Veio por causa do incêndio?

— Não.

O reverendo observou mais atentamente o comissário, enquanto este olhava à sua volta. Um quarto muito pobre. Sobre a cômoda, havia apenas duas fotografias. Uma representava um casal; outra, um adolescente de seus quatorze anos. O padre acompanhava o olhar de Montalbano.

— Esses dois são meu pai e minha mãe na Líbia, em 38. A outra foto é do meu irmão Carlo, antes de completar quinze anos.

Pronto: já contara tudo, sem saber, sem querer. Para que ficar ali naquele quarto, atormentando sem motivo um pobre sacerdote? Montalbano não conseguia tirar os olhos da foto de Carlo: uma cara limpa, de rapaz boa-praça, sorriso aberto, franco.

— O senhor ficou sabendo de alguma coisa relativa ao meu pobre irmão, não foi? — perguntou baixinho o padre Celestino.

— Foi — respondeu o comissário, sem se voltar.

— E como descobriu?

— Acharam um caderno, nas ruínas do silo de Vigàta. Uma espécie de diário que o seu irmão mantinha.

— E ele escreveu que...

— Não muito claramente. O senhor sabia? — perguntou Montalbano, virando-se finalmente para a cama.

— Veja bem, eu não estava no silo com a minha família. Na Líbia, já era seminarista, e então me acolheram no seminário de Montelusa. Na manhã de 10 de outubro, soubemos da explosão. À tarde, meu irmão apareceu de repente no seminário. Estava transtornado, tremendo, gaguejando. Achei que tivesse acontecido alguma coisa grave com meu pai e minha mãe. Mas ele, chorando,

me confessou aquela coisa monstruosa que havia feito. Eu não sabia o que fazer, e ainda por cima ele ficou com febre, às vezes parecia delirar. Corri ao reitor, que me estimava, e contei tudo. O reitor abrigou-o numa cela vaga e chamou um médico. Durante cerca de um mês, ele se recusou a comer, eu o obrigava à força. Certa noite, pediu para se confessar com o reitor. Na manhã seguinte, despediu-se e deixou o seminário. Foi encontrado quinze dias depois, nos campos de Sommatino. Tinha se enforcado.

Montalbano não soube o que dizer. Por que diabos encasquetara de ir procurar o padre Celestino?

— Para mim — continuou o sacerdote —, restou uma obrigação.

— Qual?

— Indenizar, pelo menos em parte, as vítimas inocentes. Meu pai recebeu do nosso governo, um ano antes de morrer, um certo ressarcimento pela propriedade agrícola que ele tinha perdido na Líbia. Era uma fazenda grande, valia muito. Todo esse dinheiro, assim que o herdei, eu remeti anonimamente às viúvas e aos filhos daqueles pobres mortos. E não se passa um dia em que eu não peça a Deus por eles e pelo meu irmão Carlo, que morreu desesperado.

— Amanhã eu mando lhe trazer o caderno — disse bruscamente o comissário. — O senhor faça com ele o que quiser.

Com uma leve inclinação, despediu-se do padre e saiu do quarto maldizendo o seu sangue de tira.

Na manhã seguinte, Montalbano mandou o agente Gallo entregar ao padre Celestino um envelope. Dentro estavam o caderno e um cheque de quinhentas mil liras, tiradas de suas economias, destinado à comunidade.

Depois telefonou ao diretor Burgio, convidando a si mesmo para o almoço. Precisava contar-lhe o fim da investigação.

O cheiro do diabo

Dona Clementina Vasile Cozzo era uma ex-professora velhinha, paralítica, que em diversas ocasiões tinha ajudado o comissário Montalbano. Entre os dois nasceu algo mais que uma amizade: o comissário, que perdera a mãe quando era bem pequeno, alimentava uma espécie de sentimento filial. Muitas vezes Montalbano ia visitá-la e acabava ficando para o almoço ou o jantar: a cozinha da empregada Pina prometia bem e cumpria sempre melhor.

Naquele dia, os dois tinham acabado de almoçar e estavam tomando o café quando dona Clementina disse:

— Sabia que a minha professora primária ainda está viva e forte?

— É mesmo? Quantos anos ela tem?

— Noventa e cinco, completa justamente hoje. Mas o senhor precisa vê-la, comissário! Lucidíssima, perfeitamente independente, movimenta-se como uma mocinha. Imagine que, pelo menos uma vez por mês, ela vem me visitar, e isso morando perto da estação velha.

— A pé?! — maravilhou-se o comissário.

De fato, era um bom pedaço para se caminhar.

— Mas hoje sou eu que vou até lá, por dois motivos. Meu filho me leva e depois me busca. Aqui em Vigàta sobrevivemos uns dez antigos alunos, e virou um costume nós nos encontrarmos na casa de Antonietta, Antonietta Fiandaca, é este o nome todo, para comemorar o aniversário dela. Nunca quis se casar, sempre foi uma mulher sozinha. Por escolha própria, veja bem.

— E o outro?

— Que outro? Não entendi.

— A senhora disse que ia visitar sua ex-professora por dois motivos. Um é o aniversário. E o outro?

Dona Clementina fez uma evidente cara séria, estava claramente hesitante.

— O fato é que eu me sinto um pouquinho encabulada de lhe contar. Bom, Antonietta me telefonou ontem para dizer que sentiu novamente o cheiro do diabo.

O comissário logo compreendeu que dona Clementina não estava falando metaforicamente, referia-se de fato ao diabo diabo, aquele de chifres, rabo e cascos de bode. A história de que um diabo desse tipo emitia mau cheiro Montalbano conhecia por leituras e por tradição oral, ou seja, pelos casos que

sua avó contava. Mas, diante da seriedade da senhora Vasile Cozzo, deu-lhe vontade de sorrir.

— Olha que isso é uma coisa séria, comissário.

Montalbano engoliu a reprovação.

— Por que me diz que sua ex-professora sentiu "novamente"? Já aconteceu antes?

— Vamos começar do começo, é melhor. Bom, Antonietta era de família muito rica, trabalhava como professora não por necessidade, mas porque desde cedo tinha ideias avançadas. Depois, os negócios do pai ficaram mal. Para resumir, ela e a irmã Giacomina receberam apenas uma herança discreta. Entre outras coisas, Antonietta ficou com dois palacetezinhos, um no campo, na região de Pàssero, e outro aqui em Vigàta. O daqui é uma delícia, o senhor conhece?

— É aquele em estilo mourisco, a uns dez metros da estação velha?

— Sim, esse aí. É do arquiteto Basile.

O comissário não só o conhecia como, mais de uma vez, se deteve para olhá-lo, admirando-lhe a graciosa leveza.

— Depois que se aposentou, Antonietta gostava de se demorar o máximo no palacete do campo, que ela havia reformado e decorado com móveis de valor. O jardim, então... parecia o de uma casa inglesa. Ela passava os dias ajudando os filhos dos vizinhos nos estudos. Quando chegava o inverno, vinha para cá. Isso até dois anos antes de o senhor, comissário, chegar a Vigàta.

— O que aconteceu?

— Uma noite, ela acordou com um barulho, mas não descobriu de onde vinha. Como seria natural, pensou em ladrões. Na mesa de cabeceira, havia uma espécie de interfone ligado à casa do caseiro, que morava lá com mulher e filhos. Em cinco minutos, o caseiro chegou, armado. Nenhuma porta arrombada, nenhuma vidraça quebrada. Resolveram voltar a dormir. Mal se deitou, Antonietta começou a sentir o fedor. Era um mau cheiro insuportável de enxofre queimado, misturado com miasmas de latrina. Aquilo revirava o estômago, dava ânsias de vômito. Antonietta voltou a se vestir e, não querendo acordar de novo o caseiro, passou o resto da noite numa espécie de quiosque que havia no jardim.

— Esse fedor ainda estava lá, quando ela voltou para dentro de casa?

— Estava. Até a mulher do caseiro percebeu, quando foi fazer a limpeza. Fraco, mas ainda se sentia.

— Aconteceu outras vezes?

— E como! Antonietta mandou limpar a fossa, esvaziar o sótão, dar uma faxina na adega. Nada. O cheiro voltava sempre. Depois, aconteceu outro fato.

— O que foi?

— Uma noite, depois de ter sido obrigada a se refugiar no quiosque por causa do fedor, ela escutou uns barulhos apavorantes, vindos de dentro da casa. Quando entrou, viu que todos os copos e pratos estavam quebrados, tinham sido arremessados contra as paredes. E houve coisa pior. Ela estava havia uns dois meses nessa vida, à noite já ia direto dormir no quiosque, quando tudo acabou de repente, assim como havia começado. Antonietta voltou a passar as noites no quarto. Depois de uns quinze dias em que tudo parecia ter voltado ao normal, aconteceu o que aconteceu.

O comissário, interessadíssimo, sequer fez alguma pergunta.

— Antonietta costuma dormir de costas. Como fazia calor, ela havia deixado a janela escancarada. Então acordou com alguma coisa caindo pesadamente em sua barriga. Abriu os olhos e o viu.

— Quem?

— O diabo, comissário. O diabo na forma que ele decidiu assumir.

— E que forma era essa?

— De um animal. De quatro patas. Com chifres. Fosforescente, olhos vermelhos, bufava e expelia um cheiro pavoroso de enxofre e cloaca. Antonietta soltou um grito e desmaiou. O grito foi tão forte que o caseiro e a mulher correram para lá, mas não encontraram o menor vestígio do animal imundo. Tiveram que chamar o médico. Antonietta, de tanto pavor, estava com febre alta e delirando. Quando se recuperou, desesperada e aterrorizada, chamou o padre Fulconis.

— Quem é?

— Um sobrinho dela, sacerdote em Fela. Giacomina, a irmã, que era casada com um médico, o doutor Fulconis, teve dois filhos: Emanuele, o padre, e Filippo, um degenerado, jogador encarniçado, que matou a mãe do coração e dilapidou o patrimônio. O padre Emanuele ganhou fama de exorcista em Fela. Então Antonietta o chamou, na esperança de que ele libertasse a casa.

— E ele conseguiu?

— Que nada. O padre quase desmaiou ao chegar, ficou amarelo de parecer morto, disse que sentia uma fortíssima presença do Maligno. Pediu que o deixassem sozinho na casa, afastou até o caseiro com a família. Depois de três dias em que ele não dava notícias, Antonietta se preocupou e chamou os *carabinieri*. Acharam o padre Fulconis com a cara inchada de pancadas, manco de uma perna, mais para lá do que para cá. Ele contou que o diabo tinha aparecido várias vezes, os dois lutaram mas não adiantou, ele levou a pior. Para concluir, Antonietta se mudou de vez para Vigàta e divulgou a intenção de vender a casa de campo. Mas ninguém queria comprar, porque a notícia de que um diabo vivia lá havia chegado ao conhecimento de todos. Finalmente,

apresentou-se um candidato de Fela, que adquiriu a casa por uns trocados, uma miséria. No térreo ele fez um restaurante e, em cima, um cassino clandestino. Depois os *carabinieri* fecharam o local. O que aconteceu depois eu não sei, e também não me interessa, afinal a casa não pertence mais a Antonietta. Talvez algum outro a tenha comprado. E sabe de uma coisa? Eu só tive conhecimento dessa história do diabo depois, quando Antonietta já havia vendido o palacete.

— Se tivesse sabido a tempo, a senhora teria feito o quê?

— Bom, pensando de cabeça fria, eu não saberia o que fazer, o que aconselhar. Mas fiquei com tanta raiva! E agora a coisa está recomeçando, igualzinha. Tenho medo de que a pobre Antonietta, velhinha como está, seja prejudicada não apenas financeiramente.

— Como assim?

— Ah, ela anda meio transtornada. Deu para falar umas coisas estranhas, preocupantes. Outro dia me perguntou: "Mas o que será que o diabo quer de mim?"

Estava ficando tarde, o comissário precisava retornar ao trabalho.

— Por favor, me mantenha informado — disse ele a dona Clementina.

Quando a senhora Vasile Cozzo tomou conhecimento de que sua antiga professora, após uma recrudescência da manifestação diabólica de enxofre e miasmas, tinha sido obrigada a passar duas noites sentada na escadinha diante da porta, mandou-lhe a empregada Pina com um bilhete e convenceu-a a ir dormir em sua casa.

Assim sendo, a senhorita Antonietta voltava ao palacete de manhã cedo e, quando caía a noite, afastava-se de lá.

Sobre tal mudança de hábitos, dona Clementina Vasile Cozzo informou o comissário por telefone. Os dois concluíram que essa era a melhor solução, dadas as evidências de que ao diabo não aprazia a luz do sol e de que, à noite, ele começava a feder somente na presença da antiga professora.

Dois dias depois, porém, Montalbano telefonou pela manhã para dona Clementina.

— Dona Antonietta ainda está em sua casa?

— Não, já voltou para a dela.

— Muito bem. Posso aparecer aí agora de manhã? Preciso falar com a senhora.

— Quando quiser.

Às sete e meia da noite, dona Antonietta jantava (por assim dizer, porque um passarinho comia mais do que ela), arrumava suas coisinhas para a noite, metia tudo numa sacola e se encaminhava para a residência de sua ex-aluna.

Naquela noite, o telefone tocou quando ela mal acabara de jantar.

— Alô, Antonietta? Estava vindo para cá?

— Sim.

— Olha, lamento muito, você não sabe o quanto isso me aborrece, mas de repente me chegou da Austrália um sobrinho. Hoje e amanhã, eu não posso hospedá-la.

— Ai, meu Deus! E agora, para onde eu vou?

— Fique em casa. Vamos esperar que não aconteça nada.

Na primeira noite, de fato nada aconteceu, mas dona Antonietta não dormiu do mesmo jeito, por medo de sentir o cheiro do diabo.

Na segunda noite, porém, o diabo se manifestou, e o primeiro a vê-lo foi o comissário, que estava encolhido dentro de seu carro, estacionado a uma curta distância da entrada dos fundos do palacete. O Maligno abriu cautelosamente a porta, entrou, ficou na casa menos de um minuto, saiu, fechou a porta e já ia entrando em seu próprio automóvel.

— Com licença um instantinho.

Surpreendido por aquela voz às suas costas, o Diabo teve um sobressalto e deixou cair a garrafinha de plástico que segurava. Não se encontrando esta bem tampada, o líquido espalhou-se pelo chão.

— O senhor certamente é o diabo — disse Montalbano —, reconheci pelo cheiro que está espalhando.

A seguir, não sabendo como comportar-se ante uma presença sobrenatural, o comissário, por via das dúvidas, deu-lhe um poderoso soco nas fuças.

— Me confessou que vinha sendo assediado pelos credores, jogava e perdia. Então teve a ideia de repetir o que já havia feito uns anos atrás, no palacete do campo. Os que compraram o imóvel por um décimo do valor real estavam mancomunados com ele. Desta vez, de combinação com outros, pretendia forçar a tia a vender também o palacete de Vigàta.

— Eu sabia que esse sobrinho Filippo era um delinquente — disse dona Clementina. — O senhor está me informando que o cheiro do diabo era um composto químico que ele tinha mandado fazer, e até aí tudo bem. Mas como explica o episódio do animal diabólico, luminoso, que pulou na barriga da pobre Antonietta? E como é que o irmão padre, Emanuele, afirmou que havia lutado contra o diabo?

— O animal diabólico era um gato, lambuzado com uma pasta fosforescente e adornado com dois chifres de cartolina amarrados na cabeça. Quanto ao padre, o confronto não foi com o diabo, mas com o irmão dele, Filippo. Emanuele tinha compreendido tudo e queria dissuadi-lo.

— E se tornou cúmplice? Um padre?!

— Eu não o justifico, mas entendo. Filippo, com tantas dívidas, vinha sendo ameaçado de morte.

— E agora, o que faremos? Contamos tudo a Antonietta? Se ela vier a saber que foi o sobrinho quem arquitetou a coisa, vai morrer do coração, como a irmã.

Montalbano pensou um pouquinho.

— Tive uma ideia — disse.

— Um momento, antes de me dizer qual é. Como foi que Filippo soube que Antonietta iria dormir no palacete?

— Ele recebia de um cúmplice a informação sobre os deslocamentos. Me deu inclusive o nome.

— Qual é a sua ideia?

Convocado pela tia Antonietta, que por sua vez recebera de dona Clementina a insistente sugestão, chegou correndo a Vigàta o padre Emanuele Fulconis, o exorcista. Desta vez trabalhou muito bem, só precisou de uma noite. Na manhã seguinte, anunciou, triunfante, que finalmente conseguira: o diabo fora definitivamente derrotado.

Tinham acabado de comer as *sarde a beccafico*[8] quando o comissário criou coragem para fazer a pergunta que o encucava já fazia muitos dias.

— Mas afinal, e a senhora, dona Clementina, acredita no diabo?

— Eu? Que ideia! Por que eu lhe contaria essa história, então? Se eu acreditasse, iria procurar o bispo, o senhor não acha?

O companheiro de viagem

O comissário Salvo Montalbano chegou à estação de Palermo de péssimo humor. Tal disposição resultava de que, tendo sabido tarde demais de uma dupla greve, aérea e marítima, para ir a Roma só conseguira um leito numa cabine de dois lugares na segunda classe. O que vinha a significar, em poucas palavras, uma noite inteira a passar com um desconhecido, num espaço tão apertado que até uma solitária certamente seria mais confortável. Além disso, em viagens de trem, Montalbano jamais conseguia pegar no sono, nem mesmo entupindo-se de soníferos até o limite da lavagem gástrica. Para passar as horas, executava então um ritual próprio, que em geral só era possível na condição de ele estar completamente só. Ritual esse que consistia basicamente em se deitar, apagar a luz, acendê-la novamente em menos de meia hora, fumar meio cigarro, ler uma página do livro que levava, apagar o cigarro, apagar a luz e, cinco minutos depois, repetir toda a operação, até o ponto final do trajeto. Assim sendo, se não estivesse sozinho, era absolutamente indispensável que o companheiro de viagem fosse dotado de nervos saudáveis ou de um sono de chumbo: na falta de tais requisitos, a coisa podia acabar mal. A estação estava tão lotada de viajantes que aquilo parecia 1º de agosto. E isso aborreceu ainda mais o comissário: não havia esperança de que o outro leito ficasse livre.

Diante do seu vagão, havia um sujeito metido num imundo macacão azul, com uma plaquinha de identificação no peito. A Montalbano o indivíduo pareceu um carregador, raça em vias de extinção, porque agora se usam aqueles carrinhos do tipo que um viajante perde bem uma hora até achar um que funcione.

— Me dê a passagem — intimou o homem de macacão, ameaçador.

— E por quê? — perguntou o comissário, em desafio.

— Porque tem uma greve dos ajudantes e me encarregaram de substituir eles. Eu estou autorizado a arrumar os leitos, mas já vou avisando que amanhã de manhã não posso nem preparar o café nem trazer o jornal.

Montalbano aborreceu-se mais ainda: quanto ao jornal, vá lá, mas sem café ele era um homem perdido. O começo não podia ter sido pior.

Entrou na cabine. O companheiro de viagem ainda não tinha chegado, não havia bagagem à vista. Foi só o tempo de ajeitar a mala e abrir o romance policial, escolhido sobretudo pela espessura, e o trem já estava em movimento.

Quem sabe o outro tinha mudado de ideia e não partiria mais? Tal pensamento o alegrou. Um tempinho depois da partida, o homem de macacão se apresentou com duas garrafas de água mineral e dois copos de papel.

— Sabe onde embarca o outro passageiro?

— Me disseram que ele reservou pra embarcar em Messina.

Montalbano consolou-se: pelo menos, podia ficar em santa paz durante três horas e um bom pedaço, tempo que o trem gastava para ir de Palermo a Messina. Fechou a porta e continuou a ler. A história contada no livro absorveu-o a tal ponto que, quando ele olhou o relógio, descobriu que faltava pouco para chegar a Messina. Chamou o homem de macacão, mandou arrumar o leito — coubera-lhe o de cima — e, mal o servente acabou, despiu-se e se deitou, continuando a ler. Quando o trem entrou na estação, ele fechou o livro e apagou a luz. À entrada do companheiro de viagem, fingiria dormir, assim não precisaria trocar palavras de conveniência.

Inexplicavelmente, contudo, mesmo quando o trem, depois de intermináveis manobras para a frente e para trás, entrou na balsa, o leito inferior continuou vago. Montalbano já começava a se alegrar, quando, atracada a balsa com um encontrão, a porta da cabine se abriu e o viajante fez o seu temido ingresso. Por um segundo, e à escassa luz que vinha do corredor, o comissário conseguiu entrever um homem de baixa estatura, cabelos cortados à escovinha, embrulhado num capotão largo e pesado, uma pasta de documentos na mão. O passageiro cheirava a frio, evidentemente tinha embarcado em Messina, sim, mas tinha preferido ficar no convés da balsa durante a travessia do estreito.

O recém-chegado sentou-se no leito e dali não saiu mais, não fez o menor movimento, sequer acendeu a luzinha, aquela que permite enxergar sem incomodar os outros. Durante mais de uma hora, manteve-se assim, imóvel. Se ele não estivesse respirando pesadamente, como quem acaba de fazer uma longa corrida da qual fosse difícil se recuperar, Montalbano poderia até achar que o leito inferior ainda estava vago. Na intenção de deixar o desconhecido à vontade, o comissário fingiu dormir e começou a ressonar de leve, com os olhos fechados, mas à maneira do gato, que parece dormir e no entanto está é contando as estrelas do céu, uma a uma.

E de uma hora para outra, sem perceber, caiu no sono de verdade, como jamais lhe acontecera.

Acordou com um arrepio de frio, o trem estava parado numa estação: Paola, socorreu-o uma voz masculina, vinda de um alto-falante. A janelinha de guilhotina estava completamente descida, as luzes amarelas da estação iluminavam discretamente a cabine.

O companheiro de viagem, ainda embrulhado no capote, sentava-se agora ao pé do leito, e a pasta, aberta, estava sobre a bancadinha da pia. O homem lia uma carta, acompanhando a leitura com o movimento dos lábios. Ao terminar, rasgou-a demoradamente e botou os pedacinhos ao lado da pasta. Olhando melhor, o comissário viu que o montículo branco formado pelas cartas rasgadas era bastante alto. Portanto, aquilo já durava havia algum tempo, ele dormiu por umas duas horas, ou pouco menos.

O trem moveu-se, ganhou velocidade, mas só fora da estação foi que o homem se ergueu cansadamente, recolheu com as mãos em concha metade do montículo e jogou tudo pela janela. Repetiu o gesto com a metade restante e então, depois de um momento de indecisão, agarrou a pasta, ainda quase cheia de cartas a reler e rasgar, e arremessou-a também pela janela. Pelo jeito como fungava, Montalbano compreendeu que ele estava chorando, e de fato, pouco depois, o homem passou a manga do capote no rosto, para enxugar as lágrimas. Depois o companheiro de viagem desabotoou o pesado traje, puxou do bolso de trás da calça um objeto escuro e lançou-o lá fora com força.

O comissário teve certeza de que ele havia se livrado de uma arma de fogo.

O desconhecido voltou a abotoar o capote, fechou a janelinha e a cortina, jogou-se no leito como um corpo morto e recomeçou a soluçar descontroladamente. Montalbano, embaraçado, aumentou o volume do seu fingido ressonar. Um belo concerto.

Pouco a pouco, os soluços foram diminuindo; o cansaço, ou o que quer que fosse, levou a melhor, e o homem do leito inferior caiu num sono agitado.

Ao perceber que faltava pouco para chegar a Nápoles, o comissário desceu a escadinha, encontrou, tateando, o cabide com suas roupas e começou a se vestir cautelosamente: o companheiro de viagem, sempre encapotado, virava-lhe as costas. Mas Montalbano, ao ouvir a respiração dele, teve a impressão de que o outro estava acordado mas não queria dar isso a perceber; um pouco como ele mesmo havia feito, na primeira etapa da viagem.

Ao inclinar-se para amarrar os sapatos, Montalbano percebeu no chão um retângulo branco de papel. Apanhou-o, abriu a porta, saiu rapidamente para o corredor e fechou a porta atrás de si. O que ele tinha nas mãos era um cartão-postal, com um coração vermelho circundado por uma revoada de pombos brancos contra um céu azul. Estava endereçado ao contador Mario Urso, rua della Libertà número 22, Patti (prov. Messina). Apenas seis palavras de texto, “Penso sempre em você com amor”, e a assinatura, “Anna”.

O trem ainda não havia parado sob a marquise e o comissário já corria pela plataforma, procurando desesperadamente alguém que vendesse café. Não

achando, entrou quase sem fôlego no saguão central, escaldou a boca com duas xícaras, uma atrás da outra, e precipitou-se até a banca, para comprar o jornal.

Foi preciso correr de novo, porque o trem já se punha em movimento. De pé no corredor, Montalbano esperou um pouquinho para recuperar o fôlego e depois iniciou a leitura, começando pelos fatos do dia a dia, como fazia sempre. E, quase na mesma hora, seu olhar deu com uma notícia que vinha de Patti (província de Messina). Poucas linhas, tantas quantas o fato merecia.

Um estimado contador de seus cinquenta anos, Mario Urso, tendo surpreendido sua jovem mulher, Anna Foti, em inequívoca atitude com R. M., trinta anos, ex-presidiário, matou-a com três tiros de pistola. R. M., o amante, que por várias vezes já havia escarnecido publicamente do marido traído, tinha sido poupado, mas estava internado no hospital pelo choque sofrido. As buscas ao assassino continuavam, envolvendo policiais civis e *carabinieri*.

O comissário não entrou logo na cabine: ficou no corredor, fumando um cigarro atrás do outro. Depois, quando o trem já se movimentava lentamente sob a marquise da estação de Roma, decidiu-se a abrir a porta.

O homem, sempre encapotado, estava sentado na cama, os braços apertados ao redor do tronco, o corpo sacudido por longos tremores. Não via, não escutava.

Criando coragem, o comissário mergulhou na densa angústia, na desolação palpável, no visível desespero que impregnavam a cabine e cheiravam a podre. Pegou a sua mala e depois pousou delicadamente o cartão-postal nos joelhos do companheiro de viagem.

— Boa sorte, contador — sussurrou.

E acotovelou-se com os outros viajantes que se preparavam para desembarcar.

Armadilha para gatos

— Domingo à noite estou dando uma festa pra comemorar vinte e cinco anos de casado. Os amigos e colegas vão todos. Eu e minha mulher queríamos ter a honra — recitou Fazio.

— Claro que eu vou — disse Montalbano.

Entre todos os homens do comissariado de Vigàta, era com Fazio que ele se entendia melhor, bastava uma olhada. Seguia-se o vice-comissário Augello; com este, também bastava uma simples olhada, mas só se naquele momento o vice não estivesse de cabeça perdida por algum rabo de saia.

— Carne ou peixe? — perguntou Fazio, sabendo o quanto eram complicadas as preferências culinárias do seu superior.

Montalbano pesou os prós e os contras; era notório que a senhora Fazio, na cozinha, sabia onde botar a mão. Mas era nascida e criada numa aldeiazinha minúscula do interior, onde os peixes jamais tinham sido de casa.

— Carne, carne.

A mulher de Fazio se superou. A *pasta 'ncasciata*[9] estava de lamber os dedos e o *brusciuluni* (um *rollè* recheado com ovo cozido, salame e *pecorino* em pedacinhos) se volatilizou, e pensar que daria para umas vinte pessoas. O comissário levara uma caixa com doze garrafas de vinho bom, daquele que seu pai fazia. Terminado o jantar e terminadas, inclusive, as doze garrafas, o grupo resolveu, já que fazia uma belíssima noite de começo de maio, dar um longo passeio pelo molhe, até o farol, a fim de aliviar um pouquinho a carga que cada um levava a bordo.

E, como todos eram tiras, inevitavelmente a conversa enveredou, a certa altura, para um enfoque de tira. O assunto resultou de uma inocente pergunta do comissário a Fazio, que caminhava ao seu lado.

— O que foi que você deu de presente à sua mulher?

Estavam percorrendo a rua Roma, a principal de Vigàta, cheia de lojas, todas com as vitrines acesas, mesmo à noite.

— Venha que eu lhe mostro — respondeu Fazio.

Passaram para a outra calçada e Fazio parou diante da vitrine de uma joalheria.

— Um relojinho de pulso igual àquele ali, com pulseirinha vermelha, tá vendo?

Os outros se aproximaram.

— São objetos de valor — observou Mimì Augello —, isso daí não é bijuteria. Foi caro, esse relojinho?

— Bastante — respondeu Fazio, seco.

Os dois não eram muito amigos.

— Uma pessoa de fora que passe por aqui e veja esta rua — interveio Galluzzo, enquanto eles recomeçavam a caminhada até o porto — faz uma ideia errada de Vigàta. Pensa que aqui não tem ladrão, porque o vidro das vitrines nem blindado é.

— E, enquanto vai pensando assim, alguém lhe bate a carteira ou a bolsa — disse Tortorella.

— O fato é que os comerciantes da rua Roma podem ficar tranquilos — comentou Fazio. — Eles pagam os tubos pra ficarem sossegados. Os *carabinieri*, que cuidam dessas coisas, sabem de tudo mas não podem fazer nada. Não tem um único lojista que vá denunciar essa obrigação de pagar proteção para sua loja não ser assaltada.

— É como um seguro como tantos outros que existem, só que este é mais seguro, no sentido de que você paga para não te acontecer nada e realmente nada te acontece, ao passo que, se te acontecer alguma coisa com um seguro de verdade, é capaz de nem te pagarem — foi o confuso comentário de Gallo, que havia entornado sozinho uma garrafa e meia de vinho.

— Esse pessoal da rua Roma paga proteção a quem? — informou-se Montalbano, distraidamente.

— À família Sinagra — respondeu Fazio.

— Mandam um cobrador?

— Não, doutor, nem esse trabalho eles têm. Todo fim de mês, os comerciantes vão a Pepè Rizzo, o dono da última loja da rua Roma, à direita. Conhece?

— É lá que eu compro os meus sapatos.

— Pois é, Rizzo pertence à família Sinagra. Recebe, tira a parte dele e entrega o restante. Mais cômodo do que isso não existe.

— Claro que dá raiva, isso de saber que um cara é delinquente e não poder nem encostar a mão nele! — explodiu Gallo.

— Se encostar — observou Fazio —, você tem que correr do bando inteiro dos Sinagra e da cambada de homens da lei e de fora da lei que obedece ao comando deles.

— As coisas não são exatamente como vocês estão contando ao comissário — interveio Tortorella, que era o mais lúcido de todos, visto que um antigo ferimento na barriga o impedia de beber uma única gota de vinho.

— Ah, não? E são como? — polemizou Fazio, a quem o vinho às vezes descia mal.

— São que Pepè Rizzo não é mafioso, não pertence à família Sinagra e, quando recolhe o dinheiro dos colegas, não fica nem com um centavo.

— Então, por que ele faz isso?

— Porque foi obrigado pelos Sinagra, eles espalharam que Pepè faz parte da turma.

— E como é que você sabe dessas coisas?

— Ele me contou, em confiança. É meu primo, crescemos juntos, eu conheço ele por dentro e por fora. E acredito.

Montalbano riu.

— Uma armadilha para gatos — disse.

Os outros o olharam, sem entender.

— Uma vez, a filha de menos de quatro anos de uma amiga minha desenhou um passarinho numa folha de caderno. Ela, pelo menos, estava convencida de ter desenhado um passarinho, mas não dava para se perceber bem. Aí pediu à mãe que escrevesse acima do desenho: "Isto é um passarinho." Depois pegou o papel e foi esconder no meio da grama do jardim da casa. A mãe, curiosa, perguntou: "O que foi que você fez?" E a menina: "Uma armadilha para gatos." Os Sinagra fizeram a mesma coisa, dando a entender que Rizzo é da quadrilha. Seria bom a gente foder com eles solenemente, fazer com que caiam, por sua vez, em outra armadilha para gatos.

E, enquanto acabava de falar, o comissário decidiu que no dia seguinte iria comprar um par de sapatos.

Às sete e meia da noite, assim que o vendedor desceu quase inteiramente a porta e foi embora, o comissário abaixou-se e perguntou:

— Aqui é Montalbano, posso entrar? Ainda dá tempo?

— Imagine, comissário! — respondeu lá de dentro Pepè Rizzo.

Montalbano, de lado como um caranguejo, passou por baixo da porta e entrou na loja.

— Em que posso servi-lo?

— Os de sempre, marrons, de amarrar.

Enquanto Rizzo escolhia caixas na prateleira, o comissário se sentou, tirou o sapato direito e apoiou o pé no banquinho.

— Assim, falando por falar, sabe quantos estabelecimentos comerciais existem aqui na rua Roma?

A pergunta podia parecer inocente, mas Pepè Rizzo, que tinha o rabo preso, ficou na defensiva.

— Não sei, realmente. Nunca contei — respondeu, continuando a examinar as caixas.

— Pois eu lhe digo: setenta e três. A rua é comprida.

— Pois é.

Pepè Rizzo acocorou-se aos pés do comissário e abriu a primeira das quatro caixas que escolhera.

— Estes são um pouquinho caros. Mas veja que maciez!

Montalbano nem olhou, seu olhar parecia perdido atrás de um pensamento.

— E sabe do que mais? Desse total, o senhor só deve contar como amigos sessenta e três. Os outros dez, não.

— Por quê?

— Porque esses dez, os nomes eu não vou dizer, me procuraram hoje à tarde no comissariado pra denunciá-lo. Dizem que o senhor é quem recolhe o dinheiro para a família Sinagra.

Pepè Rizzo arriou-se de bunda, num tombo surdo, soltou o ar dos pulmões com uma espécie de gemido e depois desfaleceu, caindo para trás, braços largados.

O comissário se assustou. Aos tropeções, por causa do pé descalço, correu a baixar completamente a porta, precipitou-se para os fundos da loja, voltou com meia garrafa de mineral e um copo de plástico, borrifou um pouco d'água na cara de Rizzo e, assim que este deu sinais de recuperação, estendeu-lhe o copo cheio. Rizzo bebeu tremendo, como de febre terçã, mas não abriu a boca para se defender: seu desmaio tinha sido pior do que uma confissão.

— Mas, veja bem, essa denúncia é o de menos — fez o comissário, com um ar entre angelical e diabólico.

— E qual é o de mais? — perguntou o outro, num fio de voz.

— Vai ser a reação dos Sinagra à denúncia. Vão imaginar que o senhor é um homem que não soube impor respeito e com isso criou problema para eles. E aí, o senhor sabe melhor do que eu: em comparação com o que eles são capazes de fazer, a cadeia vai lhe parecer o paraíso terrestre.

Pepè Rizzo começou a oscilar como uma árvore sacudida pelo vento. Um poderoso tapa de Montalbano em sua cara girou-lhe a cabeça em muitos graus, mas evitou-lhe um segundo desmaio.

— Procure se manter lúcido — disse o comissário. — Precisamos ter uma conversinha.

Tortorella tinha razão: Pepè Rizzo era um mafioso de mentirinha.

Depois que soltou a língua, Pepè Rizzo não parou mais. Revelou ao comissário como havia sido contactado pelos Sinagra, quais pressões tinham sido exercidas sobre ele para que aceitasse o encargo de cobrador e quais as cotas que cada comerciante devia pagar, em espécie, no dia 28 de cada mês. No dia seguinte ao da coleta, apresentava-se de manhã cedo um indivíduo com uma sacola de pano, jogava ali dentro o dinheiro recolhido, despedia-se e se mandava.

— Sempre a mesma pessoa? — quis saber Montalbano.

Rizzo respondeu que, ao longo dos cinco anos em que durava a história, as pessoas que apareciam com a sacola tinham sido pelo menos sete.

— E como é que o senhor faz para reconhecer essas pessoas? Só porque se apresentam com uma sacola?

Rizzo disse que cada mudança de encarregado era precedida de um telefonema.

— E o senhor confia numa voz anônima ao telefone?

— Não, havia uma combinação, uma espécie de senha.

O anônimo dizia: "Hoje resolvi trocar de sapato."

Quando, por fim, Rizzo insistiu em saber os nomes dos que haviam tido a coragem de denunciá-lo, o comissário confessou que aquilo fora apenas uma trampa.

— Hein? — estranhou Rizzo.

— É um termo que a gente usa na polícia. Nada daquilo era verdade, eu joguei um verde e o senhor caiu.

Pepè Rizzo abraçou os próprios ombros.

— Melhor assim.

Continuaram a falar, a debater e, quando Montalbano saiu discretamente da loja, o dia já vinha amanhecendo. Levava uma caixa embaixo do braço: já que tinha encontrado os sapatos marrons de amarrar, resolveu comprá-los de fato, mas precisou discutir com Rizzo, o qual, num rompante de gratidão, queria presenteá-los ao comissário.

A contribuição não era a mesma para todos os setenta e três comerciantes da rua Roma: os Sinagra, com magnanimidade e compreensão diante das necessidades individuais, tinham estabelecido tarifas *ad personam*, que variavam de cem mil a trezentas mil liras. Na noite de 28 daquele mesmo mês, Pepè Rizzo, fechada a loja, dirigiu-se a pé até a sua casa, levando a maletinha habitual recheada com

cento e setenta milhões líquidos. Caminhava sem pressa, sem temer assaltos, pois todos sabiam na cidade que um eventual furto traria consequências certamente letais para os temerários ladrões que a isso se atrevessem. Na manhã seguinte, sempre levando a maletinha, que, durante a noite, guardara embaixo da cama, Pepè Rizzo saiu de casa às sete e meia e foi comer um brioche com *granita*[10] de café no bar Salamone. Em seguida, exatamente às cinco para as oito, como todos os dias, exceção feita a domingos e feriados religiosos, abriu a porta do estabelecimento, depois de pousar a maletinha no chão. O horário de trabalho do vendedor começava às nove, mas antes disso chegaria o encarregado dos Sinagra, a fim de transferir o dinheiro para a sacola de pano que trazia. Ocupado como estava na abertura da loja, Pepè Rizzo não tinha como notar um automóvel, com duas pessoas a bordo, que havia estacionado rente à calçada. Erguida a porta até a metade, Rizzo inclinou-se para apanhar a maleta: em perfeita sincronia, o homem sentado ao lado do motorista escancarou a porta do carro, deu um salto, empurrou violentamente com a mão esquerda as cestas de Pepè Rizzo, arremessando-o dentro da loja, agarrou a maletinha com a direita e embarcou de novo, gritando "corre!" ao do volante. A essa altura, segundo testemunharam alguns transeuntes, aconteceu uma coisa incrível: o motor do carro enguiçou, não ligava de jeito nenhum. Em vão o motorista lutava para virar a chave. Nada. Berrando como um maluco, Pepè Rizzo saiu da loja segurando um revólver que ele costumava manter na gaveta do caixa, porque nunca se sabe. Visto que o automóvel não conseguia partir, Pepè Rizzo não perdeu tempo: gritando a ponto de ser ouvido ao longo do trajeto até o farol, apontou a arma para a cara do passageiro e, ameaçando explodir-lhe a cabeça, exigiu a devolução da maleta. O homem assim o fez, e só então, como se recuperado de uma ausência momentânea, o carro arrancou. Pepè Rizzo deu dois tiros para tentar interromper a fuga, mas depois, em virtude da tensão, e como era do seu costume, saiu do ar, caindo desfalecido, braços abertos. Foi um deus nos acuda, muitos acharam que Pepè Rizzo tinha sido alvejado pelos marginais em fuga. Por sorte, o comissário Salvo Montalbano ia justamente passando por ali e interveio com grande autoridade, restabelecendo a ordem. Quanto à placa do carro dos bandidos, cujo número lhe foi informado por alguns prestativos cidadãos que haviam assistido à cena, o comissário expressou a certeza de que aquilo não levaria a nada, pois seguramente tratava-se de um veículo roubado. Por sua vez, Pepè Rizzo, tendo voltado a si, disse que, naqueles terríveis momentos, o susto o impediu de fixar na mente os traços do homem que lhe tentara roubar a maleta. O revólver estava registrado nos conformes, esclareceu ele, enquanto o recolhia à cintura.

— Mas o que é que tem de tão importante assim nessa maleta? — perguntou finalmente o comissário.

Muitas eram as pessoas que, enquanto isso, se aglomeravam ao redor, e, a essa pergunta, todas, que sabiam muitíssimo bem o que havia dentro da maleta, prenderam a respiração.

— Ah, uns papéis meus, sem importância nenhuma — respondeu Pepè Rizzo, calmo e agora sorridente. — Sei lá o que foi que eles pensaram.

Os presentes — e Montalbano o intuiu perfeitamente — a muito custo contiveram a vontade de aplaudir. O comissário mandou que Rizzo se apresentasse com calma em seu gabinete, a fim de prestar depoimento, despediu-se e saiu dali.

Às nove da noite dessa mesma data em que o fato aconteceu, os setenta e três comerciantes da rua Roma, com exceção de Pepè Rizzo, encontraram-se nos fundos da loja Vinhos & Licores, de Fonzio Alletto. O primeiro ponto da ordem do dia não escrita versou sobre formato, número e composição dos colhões de Pepè Rizzo. Giosuè Musumeci sustentou que ele os tinha quadrados, Michele Sileci garantiu que eram quatro no total, Filippo Ingroia afirmou que Rizzo possuía dois, como qualquer um, mas de chumbo. Todos, porém, concordaram em que Pepè Rizzo, fazendo o que fez, agiu no interesse comum: não havia dúvida de que, se o roubo tivesse mesmo acontecido, os Sinagra iriam exigir ressarcimento, fazendo-os pagar novamente as respectivas cotas. E, aqui, a discussão acirrou-se. Os dois ladrões fracassados seriam dois patetas que nem mesmo sabiam o que a maleta continha? Ou tratava-se de dois integrantes da família adversária dos Sinagra, a qual teria decidido iniciar uma guerra pela conquista da rua Roma? Essa segunda hipótese era a mais inquietante: se verdadeira, não importava o que fizessem, eles, os comerciantes, ficariam entre dois fogos. Espalharam-se preocupados, expressões sombrias.

O dia 30 caía num domingo. Na segunda-feira, às nove e meia da manhã, Stefano Catalanotti e Turi Santonocito, ambos homens de confiança dos Sinagra, dirigiram-se ao Banco Agrário, o primeiro, e ao Banco Cooperativo de Vigàta, o segundo. Cada um iria depositar oitenta e cinco milhões. Preencheram as respectivas fichas de depósito e, junto com o dinheiro, entregaram tudo aos caixas. O do Banco Agrário, no meio da contagem, hesitou um pouco, reconstituiu a pilha de notas e examinou demoradamente a primeira destas, inclusive contra a luz.

— Algum problema? — perguntou Stefano Catalanotti.

— Não sei — respondeu o caixa, levantando-se e desaparecendo na sala do gerente.

Enquanto isso, no Banco Cooperativo de Vigàta, acontecia mais ou menos a mesma coisa.

Vinte minutos depois de haverem entrado nos respectivos bancos, Stefano Catalanotti e Turi Santonocito, que não tinham querido revelar a origem do dinheiro, viram-se algemados pelos agentes do comissariado de Vigàta, sob a acusação de espalharem notas falsas.

Às cinco da tarde desse mesmo dia, ocorreu um fato que superou a mais fértil imaginação. Um menininho de menos de seis anos entregou um pacote a Pepè Rizzo, dizendo tê-lo recebido, junto com uma gorjeta de dez mil liras!, de dois senhores que iam passando de carro, os quais haviam recomendado que o entregasse pessoalmente ao dono da loja de sapatos.

Dentro, havia cento e setenta milhões em notas bancárias, verdadeiras, e um bilhetinho que dizia: "Devolver aos proprietários. Os Sinagra não são de nada." Ou seja, situavam-se no último lugar da escala de valores dos homens.

Naquela noite, encontraram-se nos fundos da loja Vinhos & Licores, de propriedade de Fonzio Alletto, todos os comerciantes da rua Roma, desta vez convocados por Pepè Rizzo. Discutiram animadamente, mas chegaram a uma só conclusão. O roubo tinha sido de mentira, o motor do carro não pegou de propósito, a fim de dar tempo a Rizzo para recuperar a maleta, não a dele, mas uma outra, idêntica, cheia de notas falsas: o dinheiro que Rizzo, em total boa-fé, entregou ao emissário dos Sinagra. E ainda por cima o dinheiro de verdade foi restituído, sublinhando-se, ainda, que tudo isso significava um diabólico trote à custa dos Sinagra. O primeiro a se recuperar da estupefação foi Giosuè Musumeci, que começou a gargalhar. Dali a pouco, gargalhavam todos, uns lacrimejando, outros segurando a barriga, outros até mesmo rolando pelo chão. E essa gargalhada geral marcou o princípio da decadência da família Sinagra.

Em sua casa de Marinella, Montalbano ria sozinho. O autor e diretor daquela comédia genial, ou melhor, armadilha para gatos que encenara com a colaboração de Pepè Rizzo (protagonista), Santo Barreca e Pippo Lo Monaco, agentes do comissariado de Mazàra del Vallo (nos trajes de fingidos assaltantes), assim como da chefatura de Montelusa (fornecedora das notas falsas e dos cartuchos de festim para o revólver de Pepè Rizzo). Em outras palavras o

comissário Salvo Montalbano, sabia que nunca, jamais poderia apresentar-se à ribalta para receber os merecidos aplausos. Não tinha importância: ele estava se divertindo do mesmo jeito.

Prodígios de Trieste

É possível ser tira de nascença, ter no sangue o instinto de caça, como o chama Dashiell Hammett, e ao mesmo tempo cultivar boas e até refinadas leituras? Salvo Montalbano era assim, e se alguém, espantado, fizesse a ele essa pergunta, não respondia. Somente uma vez, em que estava particularmente mal-humorado, retrucou rispidamente ao interlocutor:

— Convém se documentar antes de abrir a boca. Sabe quem era Antonio Pizzuto?

— Não.

— Um cidadão que havia feito carreira como tira, foi chefe de polícia, exerceu alto cargo na Interpol. Às escondidas, traduzia filósofos alemães e clássicos gregos. Com mais de setenta anos, já aposentado, começou a escrever. E se tornou o maior escritor de vanguarda que já tivemos. Era siciliano.

O outro emudeceu. E Montalbano continuou.

— Já que entramos no assunto, vou lhe dizer uma convicção que eu tenho. Leonardo Sciascia, se tivesse prestado concurso para a polícia em vez de ser professor primário, teria sido melhor do que Maigret e Pepe Carvalho juntos.

E, como era desse tipo, mal desceu do vagão-leito que o levara a Trieste, Montalbano sentiu que um poema de Virgilio Giotti, em dialeto, começava a martelar-lhe a cabeça. Mas logo o afastou da mente: aqui, exatamente no lugar onde tinham nascido aqueles versos, sua dicção pesadamente siciliana pareceria uma ofensa, ou mesmo um sacrilégio.

Era uma manhã maravilhosa, limpa, clara, e ele, que sofria de mudanças de humor segundo as variações do tempo, esperou poder ficar até a noite no mesmo estado de espírito daquele momento, benevolamente aberto a qualquer situação, a qualquer encontro.

Percorrida a plataforma lotada, entrou no saguão e deteve-se para comprar *Il Piccolo*. No bolso, foi inútil procurar moedas; e, na carteira, levava somente notas de cinquenta mil e de cem mil liras. Sem muitas esperanças, estendeu uma de cinquenta mil.

— Não tenho troco pra dar — disse, de fato, o jornaleiro.

— Nem eu — respondeu Montalbano, afastando-se.

Imediatamente, porém, voltou atrás: descobrira uma solução.

Ao jornal acrescentou dois romances policiais, escolhidos ao acaso, e desta vez o jornaleiro lhe devolveu trinta e cinco mil liras, que o comissário, sem vontade de tirar a carteira, meteu no bolso direito da calça. Dirigiu-se então ao ponto de táxi, enquanto agora, irresistivelmente, Saba[11] começava a cantar dentro de sua cabeça, com aquela voz que ele escutara na televisão:

"*Trieste ha una scontrosa*
grazia. Se piace
è come un ragazzaccio aspro e vorace
con gli occhi azzuri et mani troppo grandi..."

As mãos que de repente lhe agarraram o paletó à altura do peito não eram as de um rapagão, pertenciam a um senhor em torno dos cinquenta, de óculos, ar nem um pouco áspero e voraz, vestido com capricho. O homem havia tropeçado e, se não se agarrasse instintivamente em Montalbano e se o comissário, também instintivamente, não o segurasse, teria caído no chão.

— Queira desculpar, perdi o equilíbrio — disse o senhor, encabulado.

— Ora, não foi nada — respondeu o comissário.

O homem se afastou e Montalbano, já fora da estação, aproximou-se do primeiro táxi da fila. Ia abrindo a porta quando percebeu que, misteriosamente, estava sem a carteira.

"Mas como?", indignou-se. Era assim que uma cidade da qual ele sempre gostara lhe dava as boas-vindas?

— Entra ou não entra? — perguntou o taxista ao comissário, que afinal abrira a porta, fechara-a e agora a estava abrindo novamente.

— Escute, me faça um favor. Leve esta mala e estes livros ao Jolly. Eu me chamo Montalbano, tenho uma reserva lá. Sigo depois, tenho outra coisa para fazer. Vinte mil bastam pra corrida?

— Bastam — disse o taxista, arrancando na mesma hora, já que o Jolly ficava a dois passos, mas Montalbano não sabia.

Ficou olhando o táxi, até que este desapareceu de vista, e na mesma hora veio-lhe uma apreensão.

"Não anotei a placa."

Sentia uma ponta de desconfiança, um certo peso.

O homem que lhe havia roubado a carteira certamente ainda estaria ali por perto. Montalbano perdeu uma meia hora olhando e voltando a olhar dentro da estação e, à medida que o fazia, ia perdendo as esperanças. Que voltaram de repente quando, chegado à praça della Libertà, reviu o punguista, que caminhava em ziguezague entre os carros de um estacionamento. Havia acabado de fazer a

mesma cena com um senhor imponente, cabelos brancos ao vento, o qual, inconsciente de estar sendo aliviado, continuou a dirigir-se para a Galeria de Arte Antiga, majestosamente olhando todos de cima.

O punguista desapareceu de novo. Dali a pouco Montalbano achou que o entrevira, encaminhando-se para a avenida Cavour.

Pode um comissário de polícia começar a correr atrás de um indivíduo, aos gritos de "pega, ladrão!", "pega, ladrão!"? Não, não pode. A única alternativa era acelerar o passo e tentar alcançá-lo.

Um sinal vermelho bloqueou Montalbano, que pôde assim assistir, impotente, a uma outra exibição do punguista: desta vez, a vítima era um sessentão elegantíssimo, parecia Chaplin no filme *Um rei em Nova York*. O comissário não pôde deixar de admirar a magistral competência do ladrão, um verdadeiro artista em seu campo.

Mas, enquanto isso, onde teria ele ido parar? Montalbano passou pelo seu hotel, chegou à altura do Teatro Verdi e, então, desanimou. Era inútil continuar a busca. Além do mais, em que direção? Quem lhe assegurava que o punguista já não tivesse enveredado por uma rua qualquer, entre todas aquelas que partiam da praça Duca degli Abruzzi ou da Litorânea III Novembre? Lentamente, ele voltou atrás.

Trieste soube transformar aquela correria de perseguição num tranquilo e arejado passeio de retorno. O comissário aspirou com prazer o cheiro denso e forte do Adriático, tão diferente daquele do mar de sua terra.

A mala já havia sido levada para o quarto e, na recepção, ele prometeu apresentar mais tarde o documento de identidade.

Em primeiro lugar, telefonou para a chefatura e chamou o comissário Protti, seu amigo de sempre.

— Aqui é Montalbano.

— Olá, como vai? Você chegou cedo demais, a convenção só começa às três horas da tarde. Vem almoçar comigo? Te pego aí no Jolly, tudo bem?

— Está ótimo, obrigado. Escute, vou lhe contar uma coisa, mas, se você começar a rir, eu juro que vou até aí e lhe quebro a cara.

— O que foi que te aconteceu?

— Fui furtado. A carteira. Na estação.

Montalbano teve de esperar cinco minutos com o fone na mão, o tempo para que Protti emergisse da trepidante gargalhada na qual mergulhara.

— Desculpe, não consegui segurar. Precisa de dinheiro?

— Algum, você me empresta quando vier. Veja se me dá uma mãozinha com os seus colegas para achar pelo menos os documentos, sabe como é, carteira de motorista, cartão 24 horas, crachá do Ministério...

Enquanto a gargalhada de Protti recomeçava, Montalbano desligou, despiu-se, tomou um banho, vestiu-se de novo e deu dois telefonemas: um, longo, para Mimì Augello, seu vice de Vigàta, e outro para Livia, sua mulher, em Boccadasse, Gênova.

Quando desceu ao hall, o recepcionista chamou-o e o comissário não gostou. O cidadão certamente queria os documentos, ali não era possível enrolar: aqueles caras, em matéria de respeito às regras, ainda estavam nos tempos de Cecco Beppe.[12] Que conversa ele poderia passar, a fim de ganhar tempo?

— Doutor Montalbano, trouxeram este envelope para o senhor.

Era um envelope grande, de papel grosso, com o nome dele escrito em letra de imprensa. Tinha sido entregue em mãos, não havia remetente. O comissário abriu-o. Dentro estava a carteira. E, dentro da carteira, tudo o que havia nela: carteira de motorista, cartão do banco, crachá, quinhentas e cinquenta mil liras, sem faltar um centavo.

Que milagre era aquele? O que significava? Como pôde o punguista arrependido descobrir em que hotel ele se hospedaria? A única explicação possível era a de que o ladrão, ao perceber estar sendo seguido, tivesse ficado escondido e, por sua vez, acompanhado a vítima até o hotel.

Mas por que teria se arrependido do seu gesto? Teria olhado os documentos e, ao perceber que o lesado era um policial, sentido medo? Ora! Não tinha lógica.

A primeira coisa que Protti perguntou foi:

— Vai me contar melhor essa história da carteira?

Evidentemente, o engraçadinho queria curtir a cara dele um pouquinho mais, soltar outras gargalhadas.

— Ah, pois é, desculpe, eu ia lhe telefonar na mesma hora, mas me ligaram de Vigàta e esqueci. O bolso do paletó estava descosturado e a carteira escorregou pra dentro do forro. Falso alarme.

Protti olhou-o com cara de dúvida, mas não disse nada.

No restaurante para onde o amigo o levou, cuja especialidade eram os frutos do mar, Montalbano pediu como primeiro prato um talharim ao molho de lavagante e, como segundo, *guatti*[13] desfiados que dificilmente se conseguem encontrar. Para ajudar a descer aquela graça de Deus, Protti sugeriu um terrano do Carso, produzido nas colinas atrás de Trieste.

À convenção estavam presentes uns trezentos policiais de toda a Itália. Convidado a sentar-se no palco, o comissário, até para combater o enorme sono que o assolou depois do almoço, começou a observar um a um, em busca de algum rosto conhecido, os que estavam na plateia, todos com o crachá pregado na lapela do paletó.

E de fato o encontrou, um rosto que, apesar de tê-lo visto somente durante por poucos segundos, ele não havia esquecido. Montalbano sentiu uma espécie de choque elétrico na espinha: era o punguista, quanto a isso não havia dúvida. Era o punguista, um sem-vergonha que teve a pachorra de se fingir policial, com o crachá bem à vista (de quem o teria afanado, santo Deus?), que lhe devolvia o olhar e lhe sorria.

Pode um comissário, numa convenção de policiais, pular do palco e agarrar um indivíduo que todos supõem colega, gritando que aquele é um ladrão? Não, não pode.

Sempre olhando fixamente para ele, sempre sorrindo, o ladrão tirou os óculos e contorceu o rosto numa careta engraçada.

E Montalbano então o reconheceu. Genuardi! Impossível estar enganado, era mesmo Totuccio Genuardi, um antigo colega de ginásio, aquele que fazia a turma rir, sempre existe um. Desde aquela época, já extremamente hábil com suas mãos de veludo: certa vez, surripiou a carteira do diretor, e todos foram farrear numa taberna.

E agora, o que fazer?

Quando, finalmente, veio o intervalo para o café, Montalbano ia descendo do palco, mas foi interceptado por um colega que lhe apresentou um delicado problema sindical. Livrou-se dele assim que pôde, mas Totuccio havia desaparecido.

Procurou, procurou e finalmente o viu. E, assim que o viu, gelou. Totuccio acabava de fazer sua cena habitual com o chefe de polícia Di Salvo e estava pedindo desculpas, fingidamente embaraçado. O chefe de polícia, que era notoriamente um fidalgo, confortou-o com um tapinha nas costas e fez questão de abrir a porta para ele. Totuccio sorriu para Di Salvo, fez uma meia inclinação de agradecimento, saiu e perdeu-se na multidão.

Ícaro

Considerando que em Vigàta a água (não potável) do dessalinizador era distribuída duas vezes por semana durante quatro horas; considerando que o total dos emigrados para a Bélgica e a Alemanha chegava a dois mil duzentos e treze; considerando que o número de desempregados havia ultrapassado setenta por cento da população; considerando que uma pesquisa recente revelara que de dez jovens quatro se drogavam; considerando que o porto havia sido rebaixado, menos de dois meses antes, à categoria inferior; considerando tudo isso e muito mais, o Prefeito decretou solenes festejos por ocasião do 150º aniversário da promoção de Vigàta (já então denominada Molhe Subordinado de Montelusa) a Município autônomo.

No programa dos festejos, que se desenvolveriam ao longo de quase uma semana, de 25 a 30 de junho, incluía-se, para todas as noites, a apresentação da Família Moreno, sobre a qual alguns cidadãos, tendo tido a fortuna de assistir a esse espetáculo especial nas cidades do norte, longamente fabulavam. O nome artístico escolhido pela trupe, Família Moreno, justamente dava a ideia de uma brincadeira inocente, à qual os avós podiam assistir com os netinhos. Mas, dizíamos bem-informados, era um engano, tanto que, nos cartazes, aparecia a tarja: “Proibido para menores de 18 anos”.

Devidamente esclarecido pela mulher de um que havia visto o espetáculo em Bergamo, o padre Burruano, arcipreste, interpelou o prefeito, o qual, estarreceu-se o reverendo, pertencia a um partido cujo chefe e fundador tinha uma tia freira que ele não perdia ocasião de mencionar. Mas o prefeito fincou pé: seu partido, retrucou, era dos que queriam ver os homens livres, sua administração não era como as anteriores, encabeçadas por gente sem Deus, sem Pátria, sem Liberdade. E portanto os adultos, se àquele espetáculo quisessem ir, que fossem; em caso contrário, poderiam escolher entre duas manifestações simultâneas à exibição da Família Moreno: a corrida de saco e o torneio de *scopone scientifico*.[14]

Gerhardt e Annelise Boldt, irmão e irmã, ela dois anos mais nova do que ele, nascidos e crescidos num circo, exibiam-se como acrobatas desde criancinhas. Aos dezoito anos, Annelise, agora uma jovem loura que dava de dez nas

modelos de capa de revista, perdeu a cabeça por um piloto de helicóptero, Hugo Rittner, e casou-se com ele. E foi Hugo quem teve a ideia de formar, com a mulher e o cunhado, a Família Moreno.

Três dias antes da estreia, construiu-se, com tubos de ferro, no espaço escolhido, uma enorme estrutura circular a céu aberto, em cujo contorno foi aplicada uma lona grossa, pintada de modo a representar o Coliseu.

A estrutura, com capacidade para quatrocentos lugares dispostos ao redor da curvatura interna, possuía no centro um amplo espaço circular inteiramente ocupado por um picadeiro de madeira branca. Ao lado da estrutura, instalaram-se um holofote giratório e uma torre também em tubos de ferro, com uma cabine de madeira e uma antena lá no alto. A exibição, segundo os cartazes, devia começar exatamente às nove e meia da noite, mas já uma hora antes o local estava apinhado de homens vigatenses, solteiros e casados, embora o preço do ingresso fosse salgado. Mulheres, ao contrário, nenhuma: o aviso que proibia o espetáculo aos menores de 18 anos as manteve à distância. Ao menos, naquela primeira noite. Na hora marcada, com precisão teutônica, o feixe luminoso do holofote começou a explorar o céu, enquanto uma música de filme de terror atordoava os espectadores. Todo o público mantinha a cabeça voltada para o céu escuro, e nessa mesma posição também se encontravam os vigatenses que haviam ficado de fora. Depois o holofote enquadrou um helicóptero e seguiu-o até que este se posicionasse, bem alto, na vertical da estrutura, como se fosse aterrissar no picadeiro. Em vez disso, porém, baixou do helicóptero um longo cabo, que terminava num argolão, e ao longo do cabo oscilante desceu um homem vestido num macacão espacial prateado. O homem começou a fazer uma série de acrobacias espetaculares. Ao mesmo tempo, desencadeava-se na cidade um enorme tumulto: todo mundo nas sacadas e janelas, olhando para o céu. O torneio de *scopone* e a corrida de saco foram suspensos. O acrobata concluiu seu número com rapidíssimos volteios de um só braço, os quais deixaram os vigatenses sem respiração.

Do helicóptero desceu um outro cabo, ao qual se prendia um trapézio, e na barra sentava-se uma mulher, percebia-se pelos cabelos louros em coque, também ela de macacão, mas sem capacete. Chegada à altura do outro acrobata, a mulher executou, com incrível velocidade, alguns exercícios individuais que eram claramente muito difíceis. A seguir, teve início uma série de acrobacias a dois. As pessoas gritavam “bravo!”, aplaudiam, gritavam, mas, lá do alto, eles não ouviam. Terminado esse balé aéreo, os cabos desceram até a distância de uns dois metros do picadeiro, e os acrobatas sumiram da visão dos vigatenses que não haviam comprado ingresso. O holofote apagou-se, o helicóptero recolheu os cabos e se afastou, um único refletor iluminou a pista. E a música mudou,

também metaforicamente, dando início àquela segunda parte do espetáculo contra a qual o padre Burruano, o arcipreste, havia vociferado.

A mulher pulava do trapézio, fingia cair de mau jeito e desmaiar, braços largados, pernas abertas. Então seu companheiro se livrava do macacão e aparecia vestido só com uma pele de tigre, o rosto coberto por uma máscara de leão. A moça, ao recobrar os sentidos e ver o animal, apavorava-se e começava a correr. Uma primeira patada do leão arrancava-lhe a parte superior do macacão, deixando-a de sutiã. Mais uma patada, e ela ficava de calcinha. Agora a jovem, ao compreender as intenções do leão, acenava-lhe para esperar e iniciava um demoradíssimo e voluptuoso striptease, ao fim do qual só lhe restava uma tanguinha quase invisível. E, a esta altura, ela cedia ao desejo do leão, o qual não só parecia saber de cor o *Kama Sutra* como também tinha condições de apresentar uma edição revista e ampliada.

Fazia um pouquinho de frio quando o espetáculo terminou, sob um delírio de aplausos, mas os homens estavam tão esquentados e suados como se tivessem ficado diante de um forno. O helicóptero reapareceu, baixou os cabos, os dois agradeceram mais uma vez e já iam subindo quando aconteceu o que aconteceu.

— Ora, você quer saber o que aconteceu? — respondeu Mimì Augello a Salvo Montalbano, na manhã seguinte. — Não sei se chamo aquilo de farsa ou de tragédia. A moça ia agarrando o cabo quando se ouviu uma voz desesperada. Tão dilacerante que todo mundo ficou mudo. "Não, não! Não vá embora! Não voe daqui!", gritava a voz, aliás interpretando o sentimento de todos. E ela, com uma das mãos segurando o cabo, olhar espantado, enquanto agradecia tinha soltado os cabelos, chegavam até o meio das costas, pernas compridíssimas, tão fortes que você pensava, puxa, podem até me partir em dois se eu ficar no meio delas, mas ao mesmo tempo tão femininas, e ainda por cima aquele rabo tão alto e durinho que chegava ao nível das minhas dores cervicais, uma bundinha cor-de-rosa, as bochechinhas aparecendo...

Montalbano soltou um assovio safado, Mimì Augello teve um sobressalto e voltou a si.

— Me virei pra olhar quem estava soltando aqueles gritos, não consegui distinguir bem, era um rapaz que dois vizinhos seguravam a muito custo. Mas ele se soltou e correu pro picadeiro. A mulher, quando viu o perigo, se pendurou rapidamente no cabo. O rapaz tentou ir atrás, mas levou do acrobata um soco na cara e caiu. O casal subiu pelos cabos e o helicóptero foi embora. Eu então subi no picadeiro. O rapaz estava se levantando devagar, com sangue escorrendo da boca por causa do soco, mas mesmo assim gaguejava: "Eu quero ela! Quero

ela!” Tremia inteiro, os olhos arregalados como um louco. Eu dei-lhe uma bronca, disse que mandaria prendê-lo se ele aparecesse de novo por ali na noite seguinte. Mas não sei se ele entendeu o que eu falei. E sabe quem era? Nenè Scòzzari!

Ao ouvir esse nome, também o comissário se espantou. Mas como?! Nenè Scòzzari, estimado e elogiado por Vigàta inteira, pela seriedade, compostura, educação?! Filho de um advogado, o número um do lugar, bem de vida, filiado à Ação Católica, diplomado em direito aos vinte e três anos, seis meses de noivado com Agatina Lo Vullo, a dirigente das Filhas de Maria. E se prestava a fazer publicamente um papel desses, dando escândalo?

— Eu não estou nem acreditando ainda — disse Augello. — Se ele tivesse conseguido agarrar a acrobata, trepava com ela ali mesmo, na frente de todo mundo.

Então foi isso o que aconteceu na estreia, no dia 25. Espalhada a história do espetáculo dado por Nenè Scòzzari dentro do espetáculo, a fila na bilheteria, na noite seguinte, era tão grande que foi preciso chamar os guardas municipais para organizarem a bagunça. Surgiram até umas dez mulheres casadas, acompanhadas pelos maridos. E também compareceu Mimì Augello, o qual, com a cara mais lisa do mundo, dissera a Montalbano que sua presença era indispensável, a fim de que não acontecessem incidentes como o da véspera. Mas o vice acabou confessando ao seu superior que as coxas da acrobata alemã não o tinham deixado pegar no sono.

O espetáculo do dia 26 correu sem alterações, à parte um leve mal-estar que, na melhor hora do *Kama Sutra*, sobreveio ao *cavaliere* Scibetta, de setenta anos, que precisou ser levado para fora nos braços do filho e do neto, visto que ninguém mais quis se mexer dali, para não perder nem um minuto da apresentação.

Obediente à intimação, Nenè Scòzzari não apareceu. E, desde a noite do dia 25, também não aparecia na casa dos pais, com quem morava.

Na manhã do dia 27, ali pelas onze, apresentou-se no gabinete do comissário o advogado Giulio Scòzzari, pai de Nenè.

— Meu filho não voltou para casa desde a noite de anteontem, depois de fazer aquela palhaçada que nos cobriu de vergonha.

— Ele sumiu?

— Que sumiu, que nada! — reagiu o advogado. — Eu sei muitíssimo bem onde ele está.

— E onde ele está?

— Em Punta Speranza, onde aqueles alemães imorais acamparam, com helicóptero e tudo.

Punta Speranza, o local em que os acrobatas haviam instalado sua base, era uma zona deserta, avançada quase em balanço sobre o mar.

— E fazendo o quê?

— Nada. Está dentro do carro, a pouca distância, esperando para ver a alemã quando ela sair, o idiota.

— E o que é que o senhor deseja de mim?

— Se o senhor pudesse ir falar com ele, convencê-lo a não fazer esse papel ridículo...

Eram onze e meia e Montalbano não tinha a menor vontade de ir parlamentar com o rapaz. Então passou o encargo a Mimì Augello, que não precisou ouvir a ordem duas vezes: saiu disparado, na esperança de conseguir ver de perto a alemã. Dali a duas horas, voltou, transtornado.

— Nossa Senhora, Salvo! Cheguei a Punta Speranza e encontrei a seguinte situação: Nenè Scòzzari, encostado no capo do carro dele, a uns vinte metros dos dois furgões e do helicóptero; e a alemã, completamente pelada, pegando sol num colchonete. Nenè, segurando um buquê de margaridas que ele acabava de colher, se aproximou da mulher, botou as flores em cima da bunda dela e voltou ao seu lugar. Ela então olhou pra ele. Nossa Senhora, Salvo, que olhar! Escute o que eu estou dizendo, aquela ali, assim que o marido e o irmão derem uma folga, vai dar uma trepadinha com Nenè. Ah, vai. Garantido!

— E os dois homens quebram a cara dele, desta vez pra valer.

— Ora, Salvo, esses caras são alemães, e não sicilianos. Uma rapidinha com as mulheres eles perdoam!

— Por falar nisso, onde estavam os homens?

— Tomando banho de mar, cem metros abaixo.

— Você falou com Nenè?

— Falei. Mas tenho certeza de que ele não escutou, pode acreditar. Acho que nem me viu direito, era como se eu fosse ar. O tempo todo olhando a alemã, e ela olhando para ele. Eu ia fazer o quê? Aí, voltei. Confesso que aquela alemã estava me fazendo o sangue ferver.

— Mas, afinal, você nunca viu mulher nua?

— Como aquela, nunca — respondeu Mimì, com sinceridade. — E não é questão só de beleza. Agora eu sei de fato o que os americanos querem dizer, quando falam de sex appeal.

Os espetáculos dos dias 27 e 28 correram super bem, só que as mulheres presentes eram agora o dobro dos homens.

— Isso se explica — comentou Mimì, que não perdera uma só noite. — Se eu fosse mulher, ficaria doida por ele. É igualzinho à irmã, só que no masculino.

Na manhã do dia 29, Mimì Augello chegou ao trabalho um pouco atrasado, com um sorrisinho nos lábios.

— Seu despertador quebrou?

— Nada! Eu estava vindo pra cá e, quando passei pela locadora de automóveis, vi os dois alemães, o piloto e o acrobata, saindo de carro. Então entrei e perguntei ao proprietário. Eles foram a Catânia para vistoriar a área, pretendem se apresentar lá.

— Mimì, você é mais fofoqueiro do que uma caseira, uma doméstica.

— E a coisa não acabou aí! — fez Mimì, os olhos brilhando. — Me veio a ideia de...

— ... ir até Punta Speranza — disse Montalbano.

Mimì Augello olhou-o com admiração.

— Acertou! Cheguei e estacionei a distância, para não fazer barulho de motor. Nenè não estava no carro dele. Aí me aproximei do furgão onde a alemã fica com o marido. Nem te conto, Salvo! Estava todo fechado, mas ela gritava como uma louca, "Já! Já.", parecia que estava sendo esganada. Se Nenè tiver saúde pra isso, pode cavalgar com ela até as seis da tarde, antes dessa hora os dois alemães não voltam. Salvo, eu não disse que aquela lá não ia perder essa com Nenè, assim que pudesse?

Às seis e meia da manhã do dia 30, o comissário foi acordado por um telefonema do advogado Giulio Scòzzari.

— Doutor Montalbano, desculpe a hora, mas estou muito preocupado com o meu filho.

— O que foi que houve?

— Como tenho feito nestes últimos dias, ontem à noite, por volta de uma hora, passei por Punta Speranza. O carro do meu filho sumiu.

— E o helicóptero e os furgões?

— Tudo lá, os alemães tinham voltado do espetáculo. Esperei por uma hora, Nenè não apareceu e eu pensei que ele tinha voltado para casa. Mas não.

Montalbano podia dizer ao pai que talvez o filho, cansado da longa cavalgada, como a chamava Mimì, tivesse ido recobrar as forças em algum hotel, sem ter de dar explicações aos pais?

— Bem, provavelmente alguma coisa mudou dessa hora para cá.

O advogado não entendeu.

— Nada mudou! Passei de novo por lá há menos de quinze minutos, os alemães estão dormindo, e nada do meu filho nem do carro.

— Doutor, seu filho é maior de idade.

— E daí?

— Daí que nós não podemos sair procurando, como se ele fosse um menininho perdido. Vamos esperar um pouco e, se ele não aparecer, eu vejo o que posso fazer.

Mas a angústia do advogado Scòzzari de algum modo contaminou Montalbano. Às oito da manhã, em vez de ir para o comissariado, ele resolveu fazer uma visitinha à trupe. Do carro de Nenè Scòzzari, nem sinal. Montalbano imaginou que ainda encontraria os alemães dormindo, mas os dois estavam acordados: Hugo mexia com o rotor, Gerhardt se exercitava nas paralelas. O comissário se aproximou deste último. Não sabia uma palavra de alemão, mas esperava fazer-se entender mesmo assim.

— Sabe onde foi parar o homem que estava por aqui, num carro?

Gerhardt, que descera das paralelas, abriu os braços e balançou a cabeça. Tendo ouvido a pergunta, o piloto se aproximou.

— Italiano apaixonado non mais fisto.

E riu. Também o acrobata explodiu numa gargalhada repentina, desagradabilíssima.

Não se pode confessar a ninguém, talvez nem a si mesmo, que uma investigação está sendo feita só porque aconteceu uma gargalhada muito desagradável, na qual se embutiam escárnio, desprezo, triunfo, malvadeza. Assim que entrou em seu gabinete, Montalbano chamou Fazio e Gallo.

— Você, sem se fazer notar — disse ele ao segundo —, vai até Punta Speranza, onde os acrobatas estão acampados. Leve binóculo e o celular. Quero ser informado de qualquer coisa estranha.

— E você — continuou, virando-se para Fazio —, assim que Mimì Augello chegar, vai com ele buscar a alemã. Se ela estiver dormindo, caguei, acordem. Quero essa mulher aqui, mas sozinha.

A seguir, telefonou ao advogado Scòzzari.

— Notícias do seu filho?

— Nada, comissário. Estamos desesperados.

De repente, porém, o advogado ficou suspeitoso.

— Por que me telefonou, comissário? Descobriu alguma coisa? Por que me chamou?

Montalbano não soube o que responder.

— Desculpe, estou ocupadíssimo. Se houver novidades, me telefone.

Desligou. E, naquele momento, apareceu Mimì Augello.

— Você não foi com Fazio?

— Liguei pra avisar que ia chegar atrasado, então Fazio foi buscar a acrobata com Galluzzo.

— Mas eu queria que ele fosse com você, que, de tanto foder com as turistas, fala alguma coisa de alemão!

— Se for por isso, Galluzzo também. Quando era mais moço, andou procurando emprego na Alemanha.

— Mimì, quando essa mulher chegar eu quero você aqui comigo. E não vá se distrair olhando a bunda e as coxas dela.

— Dá para explicar o que foi que aconteceu?

— Nenè Scòzzari sumiu com carro e tudo.

— Só isso? Depois daquela trepada de ontem...

— Sim, Mimì, foi o que também me ocorreu. Mas tem alguma coisa que não me convence.

Mimì Augello calou-se. Sabia por experiência: quando o seu superior dizia que alguma coisa não funcionava, realmente alguma coisa não funcionava.

Assim que Annelise entrou no gabinete, metida num short curtinho e justíssimo e com um grande lenço de seda cobrindo o peito, Montalbano compreendeu o sofrimento de Mimì ao vê-la nua. Tinha razão, o seu vice: não se tratava apenas de beleza. A moça sorriu para Augello, a quem já conhecia, acenou com a cabeça para o comissário e perguntou alguma coisa em alemão.

— Ela quer saber se é algum problema com o passaporte.

— *Nein* — fez Montalbano, instintivamente.

— *Nein* — disse Mimì ao mesmo tempo.

Olharam-se.

— Diga que a gente quer saber como foi que ela passou o dia de ontem — pediu o comissário.

Mimì perguntou e a moça respondeu. Demoradamente. E, à medida que ela falava, Augello parecia cada vez mais encabulado.

— O que foi que ela disse?

— Bem, Salvo, esta aqui fala tudo com todas as letras. Diz que, como ficou sozinha ontem, aproveitou pra fazer sexo, falou assim mesmo, com aquele bonito rapaz siciliano que ficou doido por ela. Não comeram, ficaram juntos até às quatro da tarde, quando ela o mandou embora, com medo de que o marido e o irmão voltassem de Catânia. Assim que o rapaz saiu, ela adormeceu na hora, estava um pouquinho dolorida, falou assim mesmo.

— Meus parabéns a Nenè Scòzzari — fez Montalbano.

— Lá pelas sete da noite — continuou Mimì —, foi acordada pelo marido e começou a se preparar para o espetáculo.

— Pergunte se, quando ela foi entrar no helicóptero, o carro do rapaz ainda estava lá.

— Diz que não sabe — traduziu Mimì —, já estava muito escuro. E que agora há pouco, quando o nosso pessoal foi buscá-la, se espantou por não ver o carro no lugar. Ficou chateada e contente ao mesmo tempo.

— Pergunte: chateada por quê e contente por quê?

A resposta de Annelise foi bastante longa.

— Chateada porque os homens, segundo ela, são todos uns porcos egoístas. Mal conseguem o que queriam, ou adormecem, ou vão ao banheiro mijar, foi o que ela disse, ou então desaparecem. E contente porque temia alguma reação feia de Gerhardt, o qual não apenas tem ciúme, mas também é violento.

— Você está traduzindo direito, Mimì? Olha que Gerhardt é o irmão, o marido se chama Hugo.

— Mas foi Gerhardt que ela disse. Vou perguntar de novo.

Mimì indagou alguma coisa e, ao ouvir a resposta da alemã, corou violentamente. Montalbano estranhou: aquele cara de pau era capaz de enrubescer?

— O que foi que ela disse? O que foi que ela disse?

— Com muita naturalidade, contou que o primeiro homem de sua vida, quando ela estava com quatorze anos, foi o irmão.

— Certamente porque antes fazia com os elefantes — comentou grosseiramente o comissário.

— Também disse que Gerhardt sofreu muito quando ela resolveu se casar com Hugo, mas que por sorte o marido se mostrou bastante compreensivo. Acrescentou que o pobre Gerhardt, quando eles fazem o *Kama Sutra* no picadeiro, sofre de uma tensão forte, porque é obrigado a fingir aquilo que faria de verdade.

A alemã inclinou-se para a frente, a fim de remover um grãozinho de poeira do dedão do pé, que brotava da sandália. Não estava nem aí para as reações dos dois homens às suas palavras.

— Diga pra ela ir embora — fez Montalbano. — Está claro que não sabe nada sobre Nenè. Ela pode ser piranha, mas me parece sincera.

— A mim também — apoiou Mimì.

O comissário convocou todos os seus homens, à exceção de Gallo, que estava em Punta Speranza espiando o que faziam os alemães, e explicou o que pretendia fazer.

— Você, Germanà, vá à casa do advogado Scòzzari e peça pra ele denunciar por escrito o sumiço do filho. A queixa deve ser redigida com data retroativa ao dia 28 de manhã, pelo menos, do contrário não teremos as 24 horas exigidas por lei para iniciar as buscas. Entregue esse documento ao doutor Augello. Você, Mimì, apresente a queixa ao juiz, engambele ele com alguma mentira e consiga um mandado de busca para os furgões, os trailers, a carreta, o helicóptero, em suma, para tudo o que os alemães têm. Mas essa busca tem que ser feita hoje à noite, e não antes, assim que eles aterrissarem em Punta Speranza, de volta do espetáculo. Tortorella, Galluzzo e Grasso vão com uma viatura pras redondezas de Punta Speranza sem que os alemães os vejam. Procurem o carro do rapaz, Augello lhes dirá a marca e a cor. Você, Germanà, entre em contato com Gallo pelo celular, pergunte em que lugar ele está exatamente e daqui a uma hora vá rendê-lo.

— E você? — perguntou Augello.

— Eu? Vou almoçar — respondeu Montalbano.

Catarella entrou, disparado.

— Dotor, Gallo telefonou indagorinha. Disse assim, que os alemão macho tão se pegano com a alemoa fêmea, gritaram com ela e o irmão até deu uns tapa nela.

— Más notícias — informou Mimì, entrando no gabinete por volta das quatro da tarde.

— O juiz não quis assinar o mandado?

— Não, ele não disse nada, o documento está no meu bolso. O fato é que eu tive uma ideia e resolvi passar na locadora. Perguntei a que horas os alemães devolveram o carro. O dono respondeu que foi por volta das seis e meia, quem

entregou foi Gerhardt, que para voltar ao acampamento pegou o ônibus para Montereale e deve ter descido numa parada nas redondezas de Punta Speranza.

— E isso lhe parece má notícia?

— Escute o resto. O dono da locadora informou também que os alemães já estavam de volta antes daquela hora.

— E como é que ele sabe?

— Porque viu quando eles passaram às três e meia na direção de Montereale e, portanto, de Punta Speranza.

— Então podem ter visto Nenè saindo do furgão de Annelise.

— Exatamente. E isso me preocupa.

O telefone tocou. Era Germanà, que havia substituído Gallo.

— Doutor? Aqui, tudo tranquilo. Gerhardt e Annelise estão se exercitando nas paralelas. Depois da briga que Gallo viu, fizeram as pazes. Se abraçaram e se beijaram. Quer saber de uma coisa, doutor? Pelo jeito como se beijavam, se eles forem irmão e irmã eu sou o papa.

— Não se escandalize, Germanà, os alemães têm esse costume, fazem tudo em família, são piores do que nós.

Às sete, a voz triunfante de Tortorella anunciou que eles haviam encontrado o carro de Nenè Scòzzari, a três quilômetros de Punta Speranza, escondido entre umas touceiras e coberto com galhos cortados. Dentro não havia ninguém. O que deveriam fazer? O comissário mandou-os deixarem as coisas como estavam. Grasso ficaria de guarda nas vizinhanças, os outros podiam voltar.

Às oito, Gallo apresentou-se.

— Vou render Germanà. Sabia, comissário? Os alto-falantes dos alemães estão avisando que hoje à noite vai ter um número especial. Feito por um acrobata chamado Ícaro.

"E onde teriam pescado esse aí?", perguntou-se Montalbano. Mas logo se deu uma resposta: certamente, em Catânia.

— Veja lá — disse ele a Gallo. — Qualquer coisa esquisita que você veja ou escute, me telefone, estou com o celular.

— Estou quase indo também hoje à noite — disse Montalbano. — Quanto custa o ingresso?

Mimì olhou-o, estupefato.

— Mas não precisamos de ingresso.

— Não? Por quê?

— Porque somos autoridades.

— Eu não sabia — disse o comissário, sincero.

— Pois é. Temos lugares reservados na primeira fila.

Às nove e vinte, iam saindo do comissariado quando tocou o celular. Era Gallo.

— Comissário? A alemã não pegou o helicóptero. Estou vendo bem, porque dentro da cabine tem luz. A moça não está lá. E eles vão decolar agora mesmo.

— Quantos são, dentro do helicóptero?

— Dois, comissário. O piloto e o acrobata, que está com o capacete do uniforme espacial na mão, eu reconheci muito bem a cara dele.

E Annelise, por onde andava? E o novo acrobata Ícaro, anunciado pelos alto-falantes?

— Gallo, faça o seguinte. Vá para perto do furgão. Se alguma coisa lhe parecer estranha, faça o que achar melhor. Mas me telefone.

Os alto-falantes haviam propagandeado um espetáculo diferente. De fato, começou que o helicóptero, pairando acima da plateia, soltou o primeiro cabo, o do argolão, até este tocar o picadeiro. Passaram-se alguns minutos, e nada aconteceu. A seguir, apareceu um acrobata, atado ao segundo cabo, do qual fora removido o trapézio. As faixas que o prendiam ao cabo estavam trançadas de modo a fazê-lo ficar de barriga para baixo, o homem parecia uma rã. Vestia cueca, camiseta e meias. Afora isso, só o capacete espacial. Um traje realmente ridículo. O acrobata começou a mexer desajeitadamente braços e pernas, de uma maneira tão cômica que a plateia começou a rir. A seguir, o homem pendurado ao cabo parou, braços abertos, pernas escancaradas, tremendo, e agora parecia uma aranha. Indubitavelmente, era Ícaro, um palhaço.

— Ele é muito bom — disse Mimì ao comissário.

Montalbano não respondeu: estava perguntando a si mesmo como era possível fingir um medo tão alucinado, total, a ponto de fazê-lo parecer verdadeiro. De repente, ao ver o outro cabo ao seu lado, o acrobata Ícaro agitou-se violentamente para alcançá-lo, mãos estendidas, mas deu uma reviravolta e ficou de cabeça para baixo, os pés no ar. O público explodiu em gargalhadas e aplaudiu. Os movimentos do palhaço que imitava todos os gestos do pavor tornaram-se frenéticos.

E, naquele momento, o celular de Montalbano tocou.

— Comissário? Aqui é Gallo. Escutei um choro vindo de um furgão e arrombei a porta. Era a alemã, amarrada e amordaçada. Parece louca, e eu não entendo o que ela está gritando, quer fugir, me arranhou todo.

— Segure ela aí! — gritou Montalbano a Gallo e, virando-se para Augello, gritou de novo: — Venha comigo!

Correu para fora, Mimì correu ao lado.

— Está com a pistola? Assim que a gente entrar, ponha fora de combate quem estiver por lá.

Precipitou-se para trás do holofote e começou a escalar a escadinha de ferro da torre, as mãos agarrando-se às traves, todo suado, sentindo um pouco de vertigem.

— Quer me explicar o que está acontecendo? — perguntou Mimì, que subia atrás dele.

— Não fale comigo agora, merda, estou sem fôlego — arquejou Montalbano.

Chegou à plataforma na qual ficava a cabine e afastou-se para o lado. Mimì Augello catapultou-se contra a porta, apenas encostada, e caiu como uma avalanche sobre um homem que estava sentado diante de um console e que acabou no chão, com cadeira e tudo.

Montalbano arrancou-lhe o fone de ouvido e, percebendo que perguntavam alguma coisa em alemão, passou-o a Mimì. No console havia dois microfones e o comissário pegou aquele no qual o homem não estava falando, quando ele entrara.

— Os caras do helicóptero querem saber o que está acontecendo aqui — disse Mimì, enquanto, até por estar com as mãos livres, dava com o cabo da pistola uma pancada na nuca do homem, o qual, atordoado, começava a se levantar.

— Vigatenses! — gritou Montalbano. Da janelinha da cabine viam-se três quartos da plateia e quase todo o picadeiro.

O comissário notou que sua voz havia chegado lá, todos se voltavam agora para os alto-falantes do recinto.

— Vigatenses! — repetiu. E o diabinho maligno da ironia, que, mesmo nos momentos mais difíceis, sempre se mantinha ao seu lado, sugeriu-lhe acrescentar “irmãos, meu povo”, como Alberto da Giussano.[15] Mas ele venceu a tentação. — Quem lhes fala é o comissário Montalbano. O homem que está pendurado aí em cima não é Ícaro, não é um palhaço. É o nosso conterrâneo Nenè Scòzzari, apanhado pelos alemães, que agora o fazem correr risco de vida! Me ajudem!

— O pessoal do helicóptero já percebeu alguma coisa. Precisamos agir rápido — disse Mimì, excitado, com o fone nos ouvidos.

Pois é, mas fazer o quê? O comissário voltou a olhar o público. E viu um espetáculo que o comoveu, de dar nó na garganta. Dois ou três rapazes subiam pelo cabo, como macacos, e uma penca humana de umas trinta pessoas se

pendurava no mesmo cabo, fazendo peso. Montalbano olhou o helicóptero: claramente, havia dificuldades, mas mesmo assim o piloto conseguiria fazê-lo subir mais.

— Fale com esses dois babacas — disse Montalbano a Mimì. — Diga que, se eles se afastarem, levam junto no voo umas dez pessoas penduradas no cabo. Pode acontecer uma tragédia. É bom que pensem nisso.

Mas já sabia como acabariam as coisas.

— Soltem o helicóptero! — gritou ao público. — Voltem aos seus lugares!

De fato, o cabo que suspendia Nenè Scòzzari desmaiado, parecendo uma marionete com os fios rompidos, começou a descer lentamente até o chão.

E foi assim que as coisas aconteceram. A alemã, uma sacana de quem o meu vice Mimì Augello guardará imperecível lembrança por tê-la visto nua, aproveitou-se da ausência do marido e do amante (que não é outro senão o seu irmão) para conceder-se no seu furgão algumas horas de animada fodelança com Nenè Scòzzari, ex-rapaz de bem, enlouquecido por ela. Os dois alemães, retornados antes da hora, surpreendem o jovem Scòzzari saindo do furgão. Ocorre-lhes então a ideia de fazê-lo pagar a trepada com uma brincadeira cruel: agarram o infeliz, amarram-no e o escondem no helicóptero, sumindo também com o carro. Quando a putona se acorda do sono reparador, os dois a censuram pelo que ela fez, mas a coisa parece acabar aí. Eles mandam um ajudante circular pela cidade anunciando que, naquela noite, um novo acrobata, Ícaro, participará do espetáculo. Pouco antes de deixarem o acampamento, os dois safados amarram e amordaçam a respectiva mulher e irmã-amante, a qual, evidentemente, se recusa a participar da brincadeira. Eles deixam Scòzzari literalmente de cuecas, metem-lhe o capacete na cabeça, para que ninguém escute os gritos do pobre rapaz, e descem o cabo com ele pendurado. Está criado o palhaço-acrobata Ícaro. Eu entendi tudo quando um agente meu telefonou avisando que havia achado a moça amarrada e amordaçada.

Minhas propostas são: prisão perpétua para os dois babacas (que, esclareça-se, não pretendiam matar Nenè Scòzzari, mas só dar um belo susto nele); e liberdade condicional para a alemãzinha (consistindo o condicionamento da liberdade em mantê-la, durante um mês, sob a custódia do meu vice, o doutor Mimì Augello).

Isso foi o que o comissário Montalbano contou em seu relatório ao juiz. Mas usando outras palavras e omitindo as propostas finais.

O aviso

— Realmente, comissário, eu não consigo entender.

Carlo Memmi parecia um homem de trinta anos precocemente envelhecido, mas, quando se via sua data de nascimento, constatava-se ser ele um cinquentão que aparentava ter muito menos idade. Antenore Memmi, seu pai, foi dono, em Parma, de uma renomada barbearia, frequentada por todos os dirigentes fascistas da cidade. Pois bem, como se explicava que, no final de 1945, Antenore tivesse aparecido em Vigàta, hospedado pela mãe de sua mulher, Lia, nativa do lugar? Os vigatenses não tiveram muito trabalho para entender. O que faz quem anda com um coxo? Aprende a coxear. E assim aconteceu com Antenore Memmi: de tanto conviver com os fascistas, parece que no tempo da República de Saio havia adquirido o vício de criticar sem papas na língua os rebeldes que seus amigos aprisionavam. Depois da libertação, escapou de ser preso, mas compreendeu que continuar morando em Parma não seria boa ideia: mais dia, menos dia apareceria alguém para lhe retribuir o favorzinho que ele havia feito. Em Vigàta, com o dinheiro da sogra, abriu um salão, e como, afinal, era realmente bom no seu ofício, os clientes vinham até das regiões vizinhas. Em 1950 nasceu-lhe o filho único, Carlo, que começou a trabalhar com ele como aprendiz e, depois, como profissional. Aos vinte anos, Carlo perdeu a mãe, dona Lia. Passados seis meses, Antenore Memmi cismou de voltar a Parma, que não revia desde que saíra de lá, vinte e cinco anos antes. O filho o desaconselhou, mas Antenore encasquetou e partiu, assegurando a Carlo que a visita seria curtíssima. E assim aconteceu. Três dias depois de chegar a Parma, Antenore Memmi foi atropelado e morto por um carro de chapa fria, jamais identificado. Em Vigàta, a maioria concluiu que algum parente de uma daquelas pessoas sobre as quais Antenore andara falando certas coisas não tinha gostado do serviço e, apesar de tanto tempo já passado, resolveu informá-lo disso. Morto o pai, Carlo vendeu o salão e comprou um bem maior, que dividiu em duas áreas, uma masculina e uma feminina. O fato é que, tendo ido a Parma para o enterro, ele conheceu uma prima, Anna, cabeleireira de senhoras. Foi amor à primeira vista, o qual, além disso, dotou Vigàta de um elegantíssimo salão que se orgulhava do letreiro Carlo & Anna.

Depois de algum tempo durante o qual os negócios andavam cada vez melhor, Carlo teve a genial ideia de trazer para Vigàta, diretamente de Paris, o

quarentão Monsieur Dédé, cabeleireiro de senhoras, exemplar standard da espécie, o qual, além do mais, era devidamente maricas (segundo os velhos vigatenses), veado (no dizer dos vigatenses mais vulgares) ou gay (de acordo com as senhoras que eram loucas por ele). Como consequência da chegada de Monsieur Dédé, Carlo precisou transferir-se para um local três vezes maior e contratar uma secretária só para marcar os horários. Inexplicavelmente, porém, no início dos anos 90, Carlo Memmi e sua mulher Anna afastaram-se do salão, deixando-o aos cuidados de Monsieur Dédé, que o adquiriu por centenas e centenas de milhões. Assim, Carlo pôde dedicar-se em tempo integral às suas duas paixões, caçar e pescar. Fosse verão ou fosse inverno, vivia com a mulher num palacete em Marinella, muito cômodo para a pesca, que ele praticava saindo ao largo num bote inflável a motor. Para a caça, a coisa era um pouquinho mais complicada. Uma vez por ano, Carlo Memmi ia caçar no exterior, primeiro na Iugoslávia e depois na Tchecoslováquia, e ficava fora de casa durante um mês. Era dono de um jipe equipadíssimo, que mantinha guardado numa garagem de Vigàta, enquanto, para os deslocamentos diários, geralmente usava uma Fiat Punto. Tinha, além disso, três fuzis de boa marca e um cão de caça de raça inglesa, que lhe custou uma fortuna. O cão vivia no jardim do palacete junto com Bobo, um reles vira-lata ao qual dona Anna era muito afeiçoada.

O comissário Montalbano jamais foi cliente do salão de Carlo: se já detestava ir ao barbeiro para cortar o cabelo, muito menos usaria os serviços de um lugar onde dezenas de espelhos flagram a nossa cara com a expressão inevitavelmente abestalhada que se costuma assumir em tais ocasiões. Mas conhecia Carlo Memmi e sabia que ele era um homem correto, tranquilo, incapaz de causar problemas a qualquer pessoa. Então, por quê?

— Então, por quê? — disse Carlo Memmi, como se lhe tivesse lido o pensamento.

Na véspera, por volta de uma hora da manhã, enquanto Carlo pescava ao largo de Vigàta, ocorreu uma forte explosão, seguida de um princípio de incêndio, na garagem onde ele guardava o jipe. A explosão danificou o piso da residência da família Currera, que morava sobre a garagem e que tinha sido aconselhada pelos bombeiros a se mudar dali. Mimì Augello, chamado ao local, relatou ao comissário que o incêndio tinha sido seguramente doloso. Dona Amalia Currera, que era de sono leve, declarou que, meia hora após a meia-noite, escutou o ruído do portão sendo erguido. Deitou-se de novo, para ser despertada pelo barulho:

— Ah, que medo! Parecia uma bomba!

A garagem, prosseguiu Augello, já estava sendo vistoriada pelo perito do seguro.

Às dez da manhã, Carlo Memmi foi falar com Montalbano. E agora ali estava, a cara inchada de sono e preocupação, a perguntar-se por quê.

— Se o incêndio do seu Toyota tiver sido doloso mesmo — disse Montalbano —, é sinal de que alguém lhe mandou um aviso.

— Mas aviso de quê?

— Senhor Memmi, vamos falar claro. Um aviso, na minha terra e também na sua, já que o senhor nasceu aqui, tem sempre duplo significado.

— Como assim?

— "Meu amigo, você quer fazer uma certa coisa? Olha que não convém fazer." Ou então: "Meu amigo, você não quer fazer uma certa coisa? Veja bem, é melhor fazer." Mas que coisa é essa que deve ou não deve ser feita, só o senhor sabe, não adianta vir me perguntar. Eu só posso lhe ser útil sob uma condição: o senhor me contar sinceramente como anda a sua vida e por que alguém chegou ao ponto de tocar fogo no seu Toyota.

Sob o olhar do comissário, Carlo Memmi manteve-se em silêncio durante pelo menos dois minutos. E, nesses dois minutos, pareceu se transformar, demonstrando seus cinquenta anos de idade e até um pouco mais. Por fim, deu um suspiro, como de resignação.

— Comissário, desde que isso aconteceu eu não penso em outra coisa, pode acreditar. Não consigo descobrir nada que seja preciso fazer ou não fazer. Mas hoje de manhã me veio um pensamento...

Interrompeu-se de repente.

— Continue — disse Montalbano.

— Passei pelo salão. Perguntei a Dédé se ele tinha...

Interrompeu-se de novo, estava difícil continuar. O comissário deu uma ajudinha.

— Se ele tinha pago normalmente a proteção da máfia?

— Sim — confirmou Carlo, enrubescendo.

— E tinha?

— Sim — repetiu o homem, parecendo uma labareda.

A seguir levantou-se e estendeu a mão.

— Desculpe o incômodo. Sei que o senhor fará o melhor que puder, mas não estou em condições de ajudar. Podem me fazer voar pelos ares, mas eu morreria me perguntando por quê.

Certa manhã, uns quinze dias depois, o comissário acordou sentindo uma tal preguiça, uma tamanha vontade de não fazer nada, que a ideia de precisar se vestir e sair para o trabalho provocou-lhe uma leve náusea. Ele avisou a Fazio, no comissariado, e instalou-se na varanda da casa, metido num calção de banho. Era 3 de maio, mas parecia 3 de setembro. Tempos atrás, Montalbano tinha sido

um fiel leitor da *Linus*, e isso lhe deu um certo gosto pelas histórias em quadrinhos de época, de Mandrake ao Agente Secreto X-9, de Flash Gordon a Jim das Selvas. Um mês antes, ao ir ver Livia em Boccadasse, Gênova, descobriu, numa banca de jornal, um semestre inteiro do *Corriere dei piccoli* de 1936, bem encadernado. Comprou-o, mas até então não tivera tempo de ler. Agora, parecia ter chegado o momento. Engano seu.

— Comissário! Comissário!

Era Carlo Memmi que o chamava, correndo pela praia. Montalbano foi ao encontro dele.

— O que foi?

— Mataram Pippo! — explicou Memmi, explodindo num choro desconsolado.

— Desculpe, mas quem era Pippo?

— O meu cão de caça! — fez o homem, soluçando.

— Degolaram ele?

— Não, foi com um bolo de carne envenenado.

O pranto de Carlo Memmi era incontrolável. Meio sem graça, Montalbano deu-lhe dois tapinhas no ombro.

— Como o senhor percebeu que foi veneno?

— O veterinário me disse.

O comissário chegou furioso ao gabinete e, como primeira providência, deu uma solene espinafração em Fazio, que lhe havia arruinado a manhã ao revelar a Carlo Memmi que ele estaria em casa. Depois chamou Mimì Augello.

— Mimì, você soube mais alguma coisa sobre aquele carro incendiado?

— Que carro?

— Aquele que você usa para tirar sarro!

— Puxa, Salvo, que mau humor! De que carro você está falando?

Montalbano teve uma desconfiança.

— Desculpe, Mimì, mas em quantos carros tocaram fogo nos últimos quinze dias?

— Em sete.

— Ah, bom. Eu queria saber sobre o Toyota de Carlo Memmi.

— Abriram a garagem com uma chave falsa, não tinha sinal de arrombamento. Tiraram a tampa do tanque de gasolina, meteram lá dentro uma meia de mulher, botaram fogo e pronto.

— Como foi que você disse?

— O que foi que eu disse?

— Meia de mulher? E como você soube?

— O perito do seguro me contou. Ficou um pedacinho pequenininho sem queimar.

— Quero o nome e o telefone desse perito.

Montalbano ligou para o perito e conversou com ele uns dez minutos. Ao terminar, convocou Fazio imediatamente.

— Dentro de duas horas, no máximo, quero saber o que se diz por aí sobre os motivos que levaram Carlo Memmi e a mulher a se desfazerem do salão.

— Mas isso foi há pelo menos quatro anos, eu acho!

— E daí? Problema seu. Bom, não lhe dou só duas, dou três horas. Tá bom assim?

Mas Fazio voltou em menos de uma hora.

— Já me deram uma explicação.

— Quem?

— O outro barbeiro, aquele onde o senhor corta.

— Dá licença? — perguntou Carlo Memmi da varanda.

— Estou indo — respondeu Montalbano. — Aceita um café?

— Claro.

Sentaram-se no banco. O vento havia virado algumas páginas do *Corriere dei piccoli*, que estava sobre a mesinha desde a manhã. O comissário sorriu.

— O senhor já leu esta revistinha alguma vez?

Memmi deu uma olhadela distraída.

— Não, mas já ouvi falar.

— Está vendo esta página que o vento deixou aberta? Uma historinha de Pafúncio e Marocas.

— Ah, é? E quem são?

— Depois eu explico. Sabe, agora há pouco, quando eu vinha voltando do comissariado, parei em frente à sua casa e desci.

— E por que não tocou? Nós é que lhe ofereceríamos um café.

— Eu pensei em fazer isso, mas no jardim tinha um cachorro que rosnou para mim.

— Quem? Bobo? O cachorro de Anna? Eu não aguento aquele bicho. Por que não deram a ele o bolo de carne envenenado, em vez de dar ao meu Pippo?

Prevendo uma nova crise de choro, Montalbano soltou logo o seu comentário.

— Este é o ponto — disse.

Carlo Memmi olhou-o, sem entender.

— Me corrija se eu estiver errado — continuou o comissário. — Ontem à noite, enquanto o senhor pescava, alguém jogou uma comida envenenada no seu jardim, onde estavam soltos os dois cães. Certo?

— Certo.

— Como se explica que o seu cão tenha comido e o da sua mulher, não?

— Também pensei nisso, sabia? — fez Memmi, iluminando-se. — E acho que tem uma explicação. Pippo era mais rápido, tinha reflexos fulminantes. Mas Bobo, imagine! Antes que ele desse um passo, Pippo já devia ter engolido o bolo ou o que fosse.

Memmi suspirou, acrescentando:

— Infelizmente!

— Gostaria de fazer outra pergunta. Por que, em vez de incendiar o carro que o senhor usa diariamente e deixa estacionado na frente da sua casa, ao alcance de todos, eles se deram o trabalho de abrir a garagem e tocar fogo no Toyota? Correram um risco bem maior, não acha?

— Pois é, agora que o senhor está falando, eu também acho! — explodiu Memmi. — Como é que o senhor explica isso?

Montalbano não respondeu, preferiu continuar como se pensasse em voz alta.

— Depois do fogo no Toyota, eu teria apostado como o segundo aviso seria a destruição do bote inflável que o senhor deixa na praia, a poucos metros do palacete. Uma coisa facílima, alguns segundos bastariam. E eu ganharia a aposta. Ou melhor, não, perderia, porque desta vez eles se arriscaram ainda mais, matando o seu cão. Pense bem: precisaram ficar diante do portão para ter certeza de que a carne envenenada tinha sido comida por Pippo, e não por Bobo. Podiam ter sido flagrados pela sua mulher, acordada pelos latidos de Bobo, que até pode ser tão imbecil quanto o senhor diz, mas é capaz de fazer um escarcéu se uma folha se mexer.

— Aonde o senhor quer chegar, comissário?

— A uma conclusão. Mas chegaremos juntos, não tenha dúvida. Posso fazer mais algumas perguntas?

— À vontade.

— Hoje de manhã, falei com o perito do seguro e ele me explicou como incendiaram o seu carro. Disse que o informou sobre isso na manhã de ontem.

— É verdade. Ele me telefonou.

— O senhor também deve ter ficado surpreso, não é mesmo? Onde já se viu tocar fogo num carro com uma meia feminina embebida em acetona, aquela de

tirar esmalte de unha?

— Realmente...

Agora Carlo Memmi estava claramente embaraçado. Não olhava o comissário, mas uma mosca que tinha caído dentro de sua xícara vazia.

— Mais cinco minutinhos e a gente acaba. Outro café?

— Eu queria só um pouco d'água fresca.

Ao voltar com uma garrafa e dois copos, Montalbano percebeu que Carlo Memmi havia tirado da xícara a mosca, que se agitava inutilmente sobre a mesa: com as asas meladas de açúcar, não podia voar. Quando Montalbano lhe encheu o copo, Memmi molhou a ponta do dedo e pingou uma gota d'água sobre o inseto. Depois ergueu a cabeça e olhou o comissário.

— Vamos torcer pra água dissolver o açúcar. Eu não posso ver nem uma formiga sofrendo.

Como tantos caçadores, ele tinha um enorme respeito por todas as criaturas da Terra.

— Imagino o quanto não sofreu para matar o seu Pippo — disse a meia voz Montalbano, os olhos fixos no mar, que brilhava a ponto de doer na vista.

A reação de Carlo Memmi não foi a que o comissário esperava. O homem não desmentiu, não gritou, não começou a chorar. Limitou-se a pingar outra gota sobre a mosca.

— Sabe por que eu precisei ceder o salão?

— Sim, soube hoje de manhã. Por causa do ciúme de sua mulher, que vinha piorando a cada dia. Me contaram que de vez em quando ela fazia verdadeiras cenas em público, dizendo que o senhor andava de caso com funcionárias e com clientes.

— Sabe, comissário? Eu nunca traí minha mulher, nunca. Cedi o salão na esperança de vê-la parar de sofrer. Durante algum tempo as coisas correram muito bem, mas depois ela encasquetou com outra ideia, ou seja, que eu a traía quando viajava ao exterior para caçar. As cenas recomeçaram. Vinte dias atrás, ela achou um cartão-postal da Tchecoslováquia no bolso de uma roupa minha de caça. Não me disse nada.

— Com licença, o cartão era de uma mulher?

— De jeito nenhum! Dizia somente "até mais ver" e a assinatura era "Tatra". Meu amigo Jan Tatra, meu companheiro de esporte. Só que ela cismou que isso era nome de mulher. Então, uma noite saiu de casa com a chave da garagem, que eu guardo na gaveta da escrivaninha, foi lá e tocou fogo no jipe com o que tinha à mão, acetona e uma meia de seda.

— E o senhor não desconfiou dela?

— Nunca! Nem me passou pela cabeça! Fiquei com muito medo, apavorado com o que eu supunha um aviso da máfia. Depois, o perito me ligou. E eu comecei a pensar. Tinha acontecido um precedente. Ela já tentou tocar fogo nos cabelos de uma auxiliar minha. Achando que a moça era uma das minhas amantes, jogou acetona na cabeça dela e depois, com o isqueiro... Em suma, esse foi o incidente que me fez decidir largar tudo. Calar a boca da auxiliar me custou um dinheirão. Então, ontem à noite, no jantar, eu perguntei por que ela tocou fogo no meu jipe. Ela não respondeu, começou a gritar e veio pra cima de mim. Depois foi até o quarto e voltou com o cartão-postal. Tentei explicar as coisas como realmente eram, mas não teve jeito. Eu a segurava pelos pulsos e ela me chutava as pernas. Aí começou a virar os olhos, escorregou para o chão, começou a ter convulsões. Chamei o médico e ela foi levada para o hospital de Montelusa. Depois disso, tranquei Bobo em casa e dei o veneno a Pippo.

— Por quê?

— Mas como? O senhor entendeu tudo e não entendeu o porquê? Porque, quando voltar pra casa, daqui a três ou quatro dias, Anna vai compreender que eu parei inteiramente com a caça. Eu quero muito bem à minha mulher.

A seguir, Carlo fez a pergunta cuja resposta o apavorava.

— O que pretende fazer, comissário?

— Eu é que lhe pergunto, senhor Memmi.

— Eu? Hoje mesmo vou procurar Donato Currera, quero ressarci-lo do prejuízo e do susto que ele tomou com a família. Mas não vou falar nada sobre Anna.

— Para mim, está bom assim — disse Montalbano.

Carlo Memmi soltou um suspiro de alívio e levantou-se.

— Obrigado. Ah, o senhor não me contou a história de... como se chamam mesmo aqueles dois?

— Pafúncio e Marocas. Eu conto de outra vez. Por ora, basta saber que Marocas é uma mulher ciumenta.

Os dois trocaram um sorriso e um aperto de mãos. Perturbada pelo movimento, a mosca voou para longe.

Being here...

Assim que o homem entrou no gabinete, Montalbano pensou estar sofrendo uma alucinação: o visitante era igualzinho a Harry Truman, o indubitavelmente finado ex-presidente dos Estados Unidos, do jeito como o comissário sempre o viu nas fotografias e nos documentos da época. O mesmo terno em risca de giz com jaquetão, o mesmo cabelo claro, a mesma gravata vistosa, a mesma armação de óculos. Só que, observando bem, havia duas diferenças. A primeira era que o homem navegava em direção aos oitenta, se já não os tivesse ultrapassado, com um aspecto excelente. A segunda era que, enquanto o ex-presidente vivia rindo, até mesmo quando mandava jogar bombas atômicas sobre Hiroshima, este aqui não só não ria como também parecia rodeado por uma aura de circunspecta melancolia.

— Desculpe-me por incomodá-lo, cavalheiro. Eu me chamo Charles Zuck. — Falava um italiano de livro, sem nenhum sotaque dialetal. Ou melhor: sotaque ele tinha, sim, e bem evidente.

— O senhor é americano? — perguntou o comissário, acenando-lhe para sentar-se na cadeira diante da escrivaninha.

— Sou cidadão americano, sim.

Sutilíssima distinção, que Montalbano, corretamente, assim interpretou: eu não nasci, mas sim me tornei americano.

— Em que lhe posso ser útil?

O comissário tinha simpatizado com o homem. Não só por aquele ar melancólico, mas também porque ele parecia deslocado, estranho.

— Cheguei a Vigàta três dias atrás, com intenção de me demorar muito pouco. De fato, depois de amanhã tenho um voo de Palermo para voltar a Chicago.

E daí? Talvez, com outra pessoa, Montalbano já tivesse perdido as estribeiras.

— E qual é o seu problema?

— E que o prefeito de Vigàta não quer me receber.

E Montalbano com isso?

— Veja bem, o senhor é estrangeiro e, embora fale um italiano perfeito, certamente ignora que um comissariado de polícia não se ocupa de...

— Agradeço-lhe o cumprimento — fez Charles Zuck —, mas eu, durante décadas, ensinei italiano nos Estados Unidos. Sei muitíssimo bem que o senhor não tem o poder de obrigar o prefeito a me receber. Mas pode tentar convencê-lo.

Por que Montalbano o escutava com santa paciência, por que aquele homem o deixava curioso?

— Posso, sim — disse. E, querendo desculpar o primeiro-cidadão aos olhos de um estranho, acrescentou: — Faltam três dias para as eleições. E o nosso prefeito se candidatou de novo. Mesmo assim, tem o dever de recebê-lo.

— Até porque eu sou, ou melhor, era vigatense.

— Ah, então o senhor nasceu aqui — espantou-se Montalbano, mas não muito.

Calculando assim, no olho, o homem devia ter nascido por volta dos anos 20, quando o porto era muito movimentado e praticamente se tropeçava em estrangeiros.

— Sim.

Charles Zuck fez uma pausa, o ar melancólico pareceu condensar-se, tornar-se mais espesso, as pupilas começaram a saltar pela sala, de uma parede à outra.

— E aqui morri — disse.

A primeira reação do comissário não foi de estupor, mas de raiva: raiva contra si mesmo, por não ter entendido logo que o homem era um pobre maluco, alguém cuja cabeça não regulava direito. Decidido a chamar algum dos seus homens para mandar tirar o velho dali, ele se levantou.

— Com licença, um instantinho.

— Eu não sou louco — disse o americano.

Exatamente como nos textos de ficção, os malucos que garantiam ser normais, os presidiários que juravam ser tão inocentes quanto Jesus Cristo.

— Não há necessidade de chamar ninguém — prosseguiu Zuck, levantando-se por sua vez. — E me desculpe por havê-lo feito perder todo esse tempo. Bom dia.

E foi saindo em direção à porta. Montalbano sentiu pena, agora os oitenta anos do velho estavam bem à vista. Não podia deixar ir embora assim um homem daquela idade, se não louco, pelo menos atordoado e estrangeiro, que podia se meter em alguma complicação.

— Sente-se de novo.

Charles Zuck obedeceu.

— Tem alguma identificação?

Sem falar nada, o outro estendeu-lhe o passaporte.

Não havia dúvida: chamava-se como havia dito, e nascera em Vigàta a 6 de setembro de 1920. O comissário devolveu-lhe o documento e os dois se olharam.

— Por que o senhor diz que morreu?

— Não sou eu que digo. Assim está escrito.

— Onde?

— No monumento aos mortos.

O monumento aos mortos, que se erguia numa praça em meio à principal avenida de Vigàta, representava um soldado erguendo um punhal para defender uma mulher com uma criança nos braços. O comissário se detivera algumas vezes para observá-lo, porque, em sua opinião, tratava-se de uma boa escultura. Ficava sobre um pedestal retangular em cujo lado mais visível havia uma lápide com os nomes dos tombados na guerra 1914-1918, aos quais o monumento foi originariamente dedicado. Depois, em 1938, instalou-se no lado direito uma segunda lápide com a relação dos que haviam perdido a vida nas guerras da Abissínia e da Espanha. Em 1946, acrescentou-se, no lado esquerdo, uma terceira lápide com a lista dos mortos na Segunda Guerra Mundial. O quarto e último lado estava livre, por enquanto.

Montalbano puxou pela memória.

— Não me lembro de ter lido o seu nome — concluiu.

— Realmente, Charles Zuck não aparece lá. Mas sim Carlo Zuccotti, que sou eu mesmo.

O velho sabia narrar as coisas com ordem, brevidade e clareza. Para resumir os setenta e sete anos de sua existência, levou pouco menos de dez minutos. Seu pai, contou, que se chamava Evaristo, era de família milanesa e se casou, ainda muito jovem, com uma moça de Lecco, Annarita Vismara. Pouco depois do matrimônio, Evaristo, que era ferroviário, foi escalado para Vigàta, que então possuía nada menos que três estações de trem, uma das quais, reservada ao tráfego comercial, ficava bem à entrada do setor portuário. E foi assim que Carlo, primeiro e último filho do casal, veio a nascer em Vigàta. Ali passou doze anos de sua vida, estudando primeiro nas escolas elementares do lugar e, a seguir, no ginásio de Montelusa, para onde seguia de ônibus. Depois o pai, promovido, foi transferido para Orte. Concluído o liceu nessa cidade, Carlo se matriculou na universidade de Florença, para onde, enquanto isso, o pai havia sido deslocado. Um ano antes de se formar, perdeu a mãe, dona Annarita.

— Que curso o senhor fez? — perguntou Montalbano a essa altura.

Aquilo que o homem estava contando não lhe bastava, ele queria entendê-lo melhor.

— Letras modernas. Estudei com Giuseppe De Robertis, minha tese foi sobre *As Graças*, de Foscolo.

"Tiro-lhe o chapéu", pensou o comissário, que era doente por literatura.

Nesse meio tempo, a guerra havia estourado. Chamado às armas, Carlo foi enviado para combater na África setentrional. Depois de seis meses no front, uma carta da circunscrição ferroviária de Florença informou-lhe que seu pai tinha morrido em consequência de um metralhamento do local. Agora, ele estava realmente sozinho no mundo, dos parentes de seus progenitores não sabia nem o nome. Aprisionado pelos americanos, foi mandado para um campo de concentração do Texas. Falava bem o inglês e isso muito o ajudou, a ponto de fazê-lo tornar-se uma espécie de intérprete. E assim conheceu Evelyn, a filha do administrador do campo. Libertado após o fim da guerra, casou-se com Evelyn. Em 1947, remeteram-lhe de Florença, a seu pedido, o diploma de formatura. O documento não servia nos Estados Unidos, mas ele recomeçou a estudar até ser habilitado para o ensino. Obteve a cidadania americana e mudou o sobrenome de Zuccotti para Zuck, como os americanos já o chamavam, resumidamente.

— Por que o senhor quis voltar aqui?

— Esta é a resposta mais difícil — disse o velho.

Durante alguns instantes, ele pareceu perdido no labirinto de suas recordações. Montalbano permaneceu mudo, esperando.

— A vida dos velhos como eu, comissário, a certa altura consiste numa lista: a dos mortos. Os quais, aos poucos, vão-se tornando tantos que você pensa ter ficado sozinho num deserto. Então procura desesperadamente se orientar, mas nem sempre consegue.

— Dona Evelyn já não está com o senhor?

— Tivemos um filho, James. Só um. Vê-se que minha família é daquelas de filhos únicos. Ele caiu no Vietnã. Desde então, minha mulher não se recuperou. E foi ao encontro do nosso filho, oito anos atrás.

Mais uma vez, o comissário não abriu a boca.

A esta altura, o velho professor sorriu. Um sorriso tal que Montalbano sentiu como se um punho, surgido do céu por descuido, tivesse dado um soco em seu coração.

— Que história má, comissário. Má, eu digo, literariamente falando, a meio caminho entre o dramalhão à Giacometti, aquele da morte civil, e certas situações pirandellianas. Por que eu quis voltar aqui, pergunta o senhor? Vim por

impulso. Feitas as contas, aqui passei o melhor tempo da minha existência, o melhor, sim, e só porque ainda não conhecia a dor. Não é pouco, sabia? Na minha solidão de Chicago, Vigàta começou a brilhar como uma estrela. Mas, assim que botei os pés neste lugar, a ilusão se desvaneceu. Era uma miragem. Dos antigos colegas de escola não encontrei um sequer, nem mesmo a casa onde morei ainda existe, agora é um edifício brutalhão de dez andares. E as três estações se reduziram a uma só, com pouco ou nenhum tráfego. Depois, descobri que figurava na lápide do monumento. Fui ao registro civil. Evidentemente, houve um erro da parte do comando militar. Eles me deram por morto.

— Desculpe perguntar, mas o que foi que o senhor sentiu, quando leu o seu nome lá?

O velho refletiu um pouquinho.

— Saudade — disse a seguir, em voz baixa.

— De quê?

— De que as coisas não tenham acontecido como está escrito na lápide. Pelo contrário, eu tive de viver.

— Professor, certamente até amanhã eu consigo um encontro seu com o prefeito. Onde está hospedado?

— No hotel Tre Pini. Fica fora de Vigàta, a cada vez é preciso tomar um táxi para vir e voltar. Já que falamos nisso, pode me chamar um?

À tarde, Montalbano não conseguiu falar com o prefeito, o qual estava ocupado primeiro com um comício e depois num corpo a corpo com eleitores. Só foi recebido na manhã seguinte. Contou-lhe então a história de Carlo Zuccotti, o morto-vivo. Por fim, o prefeito soltou uma gargalhada tão forte que lhe vieram lágrimas aos olhos.

— Está vendo, comissário? O nosso quase conterrâneo Pirandello não precisava de tanta fantasia para inventar as coisas! Bastava transcrever o que realmente acontece aqui por estas bandas!

Não podendo meter a mão na cara dele, Montalbano decidiu ali mesmo que não lhe daria o seu voto.

— E o senhor, comissário, faz alguma ideia sobre o que ele quer de mim?

— Bem, provavelmente mandar alterar a lápide.

— Ah, meu Deus! — aborreceu-se o prefeito. — Seria uma tremenda despesa.

— Professor? Aqui é o comissário Montalbano. O prefeito o receberá hoje à tarde, às dezessete horas. Está bem para o senhor? Assim, amanhã poderá tomar seu avião para Chicago.

Silêncio absoluto do outro lado do fio.

— Professor, está me ouvindo?

— Sim. Mas ontem à noite...

— Ontem à noite?

— Fiquei o tempo todo acordado, pensando naquela lápide. Agradeço a sua cortesia, mas tomei uma decisão. Acho que é a mais adequada.

— Qual é?

— *Being here*...

E desligou sem se despedir.

Being here: já que estou aqui.

Montalbano deu um pulo da cadeira, no corredor trombou com Catarella, empurrou-o com violência, correu até o carro, os dois quilômetros que separavam Vigàta do hotel lhe pareceram cem, e finalmente irrompeu no saguão.

— O professor Zuccotti?

— Não temos nenhum Zuccotti.

— Charles Zuck, imbecil.

— Quarto 115, primeiro andar — balbuciou o recepcionista, assustado.

O elevador não chegava, o comissário subiu os degraus dois a dois. Chegou sem fôlego, bateu.

— Professor? Abra! É o comissário Montalbano.

— Um momentinho — respondeu a voz tranquila do velho.

A seguir, lá dentro, muito forte, violento, ressoou um tiro.

E Salvo Montalbano soube então que o prefeito de Vigàta não precisaria arcar com a despesa de mandar refazer a lápide.

O pacto

Toda vestida de preto, saltos altos, chapeuzinho fora de moda, bolsa de verniz pendurada no braço direito, a senhora (porque se percebia muito bem que era uma senhora, e de antiga classe) caminhava em passos curtos, mas decididos, pela beira da estrada, olhos no chão, alheia aos raros carros que passavam bem rente a ela.

Mesmo de dia, aquela mulher chamaria a atenção do comissário Montalbano, pela distinção e a elegância de outros tempos: imagine-se então às duas e meia da manhã, numa área fora da cidade. Montalbano vinha voltando à sua casa de Marinella depois de uma longa jornada de trabalho no comissariado. Embora cansado, rodava devagar. Pelas janelas abertas do automóvel chegavam-lhe os odores de uma noite de meados de maio, sopros de jasmim dos jardinzinhos das casas à direita, lufadas salobras do mar à esquerda. Depois de seguir a mulher por alguns minutos, o comissário alcançou-a e, inclinando-se sobre o assento do carona, perguntou:

— Algum problema, senhora?

Ela nem levantou a cabeça, não fez o menor gesto, continuou seu trajeto.

O comissário ligou o farol alto, parou o carro, desceu e plantou-se diante dela, impedindo-a de prosseguir. Só então a mulher, nem um pouco assustada, decidiu-se a olhar para ele. À luz dos faróis, Montalbano viu que ela era uma anciã, mas os olhos, de um azul intenso, quase fosforescente, destoavam do resto da face pela juventude conservada. Usava brincos preciosos e, no pescoço, um esplêndido colar de pérolas.

— Eu sou o comissário Montalbano — disse ele para tranquilizá-la, embora a mulher não desse o menor sinal de nervosismo.

— Muito prazer. Eu sou a senhorita Angela Clemenza. O que deseja? — Havia sublinhado o "senhorita".

O comissário desembuchou.

— Eu não desejo nada. Acha lógico andar por aí, arrumada desse jeito, a esta hora da noite, e sozinha? A senhora teve sorte de ainda não ter sido roubada e jogada numa vala. Entre no carro, eu a levo.

— Não tenho medo. E não estou cansada.

Era verdade: respirava normalmente, e no seu rosto não havia vestígio de suor; somente os sapatos, embranquecidos pela poeira, diziam que a senhorita

havia caminhado por um longo trecho.

Montalbano, com dois dedos, pegou-lhe delicadamente o braço e levou-a até o carro.

Angela Clemenza ainda o observou por um momento, o azul dos olhos agora mesclado de violeta. Evidentemente, estava com raiva, mas não disse nada: entrou.

Assim que se sentou no carro, pousou a bolsa nos joelhos e massageou ligeiramente o antebraço direito. O comissário notou que a bolsa estava cheia, parecia pesada.

— Onde a senhora fica?

— Bairro Gelso. Eu digo como se chega.

O comissário soltou um suspiro de alívio: o bairro Gelso não era longe, ficava para os lados da área rural, a poucos quilômetros de Marinella. Pensou em perguntar à senhorita que história era aquela de se ver sozinha, de noite, dirigindo-se a pé para casa, mas a reserva e a compostura dela o intimidavam.

A senhorita Clemenza, por sua vez, não abriu a boca, a não ser para dar breves indicações sobre o trajeto a seguir. Passado um grande portão de ferro batido e percorrido um caminho perfeitamente conservado, Montalbano parou no espaço diante de um palacete oitocentista, térreo e mais três pisos, recém-pintado com esmero, a tinta da porta e das janelas até parecia ainda fresca, de tão nova. Desceram.

— O senhor é uma pessoa excepcional. Muito obrigada — disse a senhorita.

E estendeu o braço. Montalbano, surpreso consigo mesmo, inclinou-se e beijou-lhe a mão. A senhorita Clemenza voltou-lhe as costas, remexeu dentro da bolsa, tirou uma chave, abriu a porta, entrou e fechou.

Não eram nem sete da manhã quando ele foi acordado por um telefonema de Mimì Augello, seu vice.

— Salvo, desculpe ligar a esta hora, mas houve um homicídio. Já estou no local. Mandei um carro te buscar.

Só deu tempo de fazer a barba, e a viatura chegou.

— Mataram quem, você sabe?

— Um professor aposentado, Corrado Militello — disse o agente ao volante. — Morava depois da estação velha.

A casa do finado professor Militello surgia, sim, depois da estação velha, mas em campo aberto. Antes de Montalbano ultrapassar a soleira, Mimì Augello, tomado naquela manhã pela vontade de parecer o primeiro da classe, veio informá-lo.

— O professor tinha passado dos oitenta. Morava sozinho, nunca se casou. De uns dez anos pra cá, não saía mais de casa. Todo dia vinha uma empregada, a mesma há trinta anos, e foi ela quem o encontrou morto e nos telefonou. A casa é assim: no andar de cima, dois quartos grandes, dois banheiros e um quartinho. No térreo, uma sala de estar, uma sala de jantar pequena, um banheiro e um escritório, onde ele foi assassinado. Pasquano está lá agora.

No vestíbulo, a empregada, sentada na beirada de uma cadeira, chorava em silêncio, movendo o busto para a frente e para trás. O corpo do professor Corrado Militello jazia debruçado sobre a escrivaninha do escritório. O doutor Pasquano, o médico-legista, o examinava.

— O assassino — disse Mimì Augello —, sadicamente, quis apavorar o professor antes de matá-lo. Olha aqui: atirou no abajur, na estante, naquele quadro, me parece uma reprodução do *Beijo* de Velásquez...

— Hayez — corrigiu Montalbano, em tom cansado.

— ... na janela, e reservou o último tiro para ele. Um revólver, não havia nenhum cartucho.

— Não vamos nos perder na contagem dos tiros — interveio o doutor Pasquano. — Foram cinco, está certo, mas a pessoa também atirou no busto de Wagner, que é de bronze. A bala ricocheteou, pegou o professor em plena testa e matou o infeliz.

Augello não replicou.

Na lareira, uma montanha de papel incinerado. Curioso, Montalbano interrogou seu vice com os olhos.

— A empregada contou que há dois dias ele vinha queimando cartas e fotografias — respondeu Augello. — Guardava tudo neste baú aqui, que agora está vazio.

Evidentemente, Mimì Augello estava num daqueles dias em que, se começasse a falar, não parava nem a canhonaços.

— A vítima abriu a porta ao assassino, não encontrei marcas de arrombamento. Certamente conhecia a pessoa, confiava nela. Alguém de casa. Sabe de uma coisa, Salvo? De algum lugar vai aparecer um sobrinhozinho que há muito tempo vinha esperando a herança e acabou perdendo a paciência e a cabeça. O velho era rico, casas, terrenos edificáveis.

Montalbano não ouvia, perdido em lembranças de filmes policiais ingleses. E por isso fez uma coisa que já tinha visto em um desses filmes: inclinou-se para a lareira, meteu uma das mãos nas cinzas e tateou. Teve sorte: seus dedos encontraram um quadradinho de papel grosso. Era um fragmento de fotografia, do tamanho de um selo. O comissário examinou-o e sentiu um choque elétrico. Meio rosto de mulher, mas como não reconhecer aqueles olhos?

— Não achou nada, não? — perguntou Augello.

— Não — disse Montalbano. — Escuta, Mimì, cuide você de tudo, eu tenho umas coisas para fazer. Minhas saudações ao juiz, quando ele chegar.

— Sente-se, sente-se — disse a senhorita Angela Clemenza, visivelmente contente por revê-lo. — Venha para cá, a casa ficou grande demais para mim quando morreu o meu irmão, o general. Fiquei nestes três cômodos do térreo, assim evito as escadas.

Nove e meia da manhã, e a senhorita estava impecável. Comparado a ela, o comissário se sentiu sujo e mal-ajambrado.

— Posso lhe oferecer um café?

— Não, não precisa se dar esse incômodo. Eu só quero lhe fazer umas perguntas. Conhece o professor Corrado Militello?

— Desde 1935, comissário. Eu tinha dezessete anos na época, ele um a mais.

Montalbano olhou-a fixamente: nada, nenhuma emoção, os olhos um lago de alta montanha, liso, liso.

— É com grande desprazer, acredite, que eu sou obrigado a lhe dar uma notícia ruim.

— Mas eu já sei o que é, comissário! Quem atirou nele fui eu!

Montalbano sentiu o chão faltar-lhe sob os pés, a mesma impressão que havia experimentado no terremoto do vale de Belice. Despencou numa cadeira que, por sorte, estava atrás dele. A senhorita Clemenza também se sentou, aprumadíssima.

— Por quê? — conseguiu articular o comissário.

— É uma história de outros tempos, o senhor vai se entediar.

— Garanto que não.

— Muito bem. Da segunda metade do século passado em diante, por razões que eu não sei e nunca desejei saber, minha família e a de Corrado começaram a se odiar. Houve mortes, duelos, ferimentos. Capuleto e Montecchio, lembra? E nós dois, ao invés de nos odiarmos, nos apaixonamos. Romeu e Julieta, justamente. Nossos familiares, os meus e os dele, desta vez aliados, nos separaram. Me mandaram para um colégio de freiras, ele também acabou num internato. Minha mãe, no leito de morte, me fez jurar que eu jamais me casaria com Corrado. E eu pensei: ou ele ou ninguém. Corrado fez o mesmo. Durante anos e anos, nós nos escrevíamos, nos telefonávamos, dávamos um jeito de nos encontrar. Quando restamos só nós dois, os sobreviventes das nossas famílias, eu já estava com sessenta e dois anos e ele, sessenta e três. Concordamos em que, nessa idade, seria ridículo nos casarmos.

— Sim, tudo bem, mas por quê...?

— Seis meses atrás, ele me deu um longo telefonema. Disse que não aguentava mais ficar sozinho. Queria se casar com uma viúva, parente distante dele. Então, eu perguntei: mas como? Com sessenta você achava ridículo, e com oitenta, não?

— Compreendo. Foi por isso que a senhora...

— Está brincando? Por mim, ele podia se casar cem vezes! Mas é que ele me telefonou no dia seguinte. Disse que não tinha conseguido dormir. Confessou que havia mentido, não era por medo da solidão que ia se casar, mas porque realmente estava apaixonado por aquela mulher. Aí, o senhor compreende, as coisas mudavam.

— Mas porquê?!

— Porque nós tínhamos assumido um compromisso, feito um pacto.

A senhorita levantou-se, abriu a mesma bolsa da noite da véspera, que estava sobre uma mesinha, tirou dali um papelzinho amarelecido e estendeu-o ao comissário.

Nós, Angela Clemenza e Corrado Militello, juramos diante de Deus o que se segue: aquele de nós dois que se apaixonar por uma terceira pessoa pagará com a vida essa traição. Lido, assinado e subscrito:

Angela Clemenza, Corrado Militello.

Vigàta, em 10 de janeiro de 1936.

— Leu? Tudo certo, não?

— Mas ele deve ter esquecido! — exclamou Montalbano, quase gritando.

— Só que eu, não — disse a senhorita, os olhos variando para um perigoso violeta. — E veja que ontem de manhã eu telefonei para me assegurar melhor. "O que é que você está fazendo?", perguntei. "Queimando as suas cartas", ele respondeu. Então eu fui reler o pacto.

Montalbano, suado, sentia um círculo de ferro começando a apertar-lhe a fronte.

— Jogou fora a arma?

— Não.

Ela abriu a bolsa, tirou um Smith & Wesson centenário, enorme, e entregou-o a Montalbano.

— Foi difícil acertar nele, sabia? Eu jamais tinha atirado antes. Pobre Corrado, sentiu um pavor tão grande!

E agora, o que fazer? Levantar-se e declará-la presa?

Ele ficou olhando o revólver, indeciso.

— Gostou? — perguntou, sorridente, a senhorita Angela Clemenza. — Eu lhe dou de presente. Até porque não tem mais utilidade para mim.

O que Aulo Gélio contou

O sistema de aquecimento do carro de Montalbano havia deflagrado uma greve sem aviso prévio, aproveitando-se covardemente de que soprava uma tramontana escandinava. O vento frio ia entrando por uma infinidade de frestas e o comissário, apesar do calor do motor e do odiado blusão de couro que vestia, sentia-se congelar. Saído de um colóquio não exatamente cordial com o novo chefe de polícia de Montelusa, tomado por um fricote dos nervos por causa do tempo que fazia, ele resolveu, a fim de tentar melhorar seu humor, ir experimentar uma *osteria* no caminho de Fiacca, indicada por um amigo alguns dias antes. O amigo também tinha informado que havia uma placa por volta do décimo quinto quilômetro. Ultrapassado o décimo sétimo sem ver absolutamente nada, Montalbano desistiu, perdeu a vontade de fazer aquela experiência ao acaso. E se, suponhamos, à conversa com o chefe, àquele tempo de merda, ainda por cima se acrescentasse uma refeição ruim? Que noite ele se arriscava a passar, remexendo-se na cama sem conseguir dormir nem um pouquinho, atacado dos nervos? Ia principiando o retorno em U quando, à débil luz do farol baixo ("pelo menos tem uma porra qualquer funcionando neste carro!"), viu a placa. Consistia num pedaço de madeira, pregado meio torto num poste, no qual estava escrito desajeitadamente, a mão: *no Filippo come-se muinto bem*. O comissário enveredou pela estradinha de terra, que terminava, uns cem metros adiante, num descampado onde surgia uma solitária casinhola de um só piso. Pela porta e pelas janelas fechadas, nenhuma luz se filtrava. Talvez aquele fosse o dia de folga, e a viagem teria sido inútil. Ele abriu o carro e de repente o vento o assaltou, junto com o barulho do mar tempestuoso, que ficava uns trinta metros abaixo do descampado. Desceu, começou a correr, girou o trinco da porta e esta se abriu. Montalbano entrou e imediatamente fechou-a atrás de si. Uma sala com cinco mesinhas, nenhum freguês. Aquele que devia ser Filippo estava sentado a uma das mesas e via um filme na televisão.

— Dá para se comer? — perguntou o comissário, incerto.

Filippo não moveu um dedo, não desgrudou os olhos da televisão, limitando-se a murmurar:

— Se sente por aí.

Montalbano tirou o blusão e escolheu a mesa mais próxima de uma estufazinha a lenha. Dali a cinco minutos, já que o homem continuava

hipnotizado pelo filme, o comissário levantou-se, foi até o aparador, pegou uma cestinha de pães e uma garrafa de vinho e voltou ao seu lugar. Finalmente, passados mais uns dez minutos, apareceu o texto "Fim da primeira parte" e Filippo, de estátua que parecia, voltou a mostrar-se vivo. Aproximou-se da mesa e perguntou:

— Vai comer o quê?

— Me disseram que polvo à napolitana o senhor sabe fazer muito bem.

— Disseram certo.

— Eu queria experimentar.

— Exprimentar ou comer?

— Comer. Usa *passuluna* de Gaeta?

As azeitonas pretas de Gaeta são fundamentais para o polvo à napolitana.

Filippo olhou para ele, indignado com a pergunta.

— Claro. E também boto *chiapparina*.

Ai! Esta era uma novidade que podia revelar-se deletéria: de alcaparras em polvo à napolitana, ele jamais ouvira falar.

— *Chiapparina* de Pantelleria — esclareceu Filippo.

As dúvidas de Montalbano reduziram-se à metade: as alcaparras de Pantelleria, aciduladas e saborosíssimas, talvez combinassem ou, na pior das hipóteses, não atrapalhassem.

Antes de se dirigir à cozinha, Filippo olhou nos olhos o comissário, e este aceitou o desafio. Entre ele e Filippo, claro estava, nascera um duelo. Quem não entende de comida poderia se espantar: mas qual é o problema com dois polvinhos à napolitana? Alho, azeite, tomate, sal, pimenta, pinhão, azeitonas pretas de Gaeta, uvinhas sultaninas, salsa e fatiazinhas de pão torrado: está feito o jogo. Pois é, mas e as proporções? E o instinto que deve te orientar, para fazer corresponder, a uma certa quantidade de sal, uma dose exata de alho?

A polêmica imaginária do comissário foi violentamente interrompida pelo barulho repentino da porta escancarada, que bateu contra a parede.

"O vento", pensou Montalbano, mas não a tempo de se levantar para fechá-la.

Entraram dois homens, caras cobertas por gorros montanheses, pistolas em punho.

— O que foi? — perguntou Filippo, vindo da cozinha com um rolo de pastel na mão.

— Parado tudo mundo aí — intimou um dos dois, que era miúdo de estatura. O companheiro, ao contrário, era uma espécie de colosso.

"Dois desesperados em busca de alguns milhares de liras", pensou Montalbano.

Mas talvez as coisas não fossem tão simples assim, porque o baixinho encarou o comissário e disse:

— Estava te procurando, e finalmente te achei.

Evidentemente, eles haviam seguido Montalbano e compreendido que o lugar era ideal para fazer aquilo que pretendiam fazer. E o que eles pretendiam fazer, muito provavelmente, vinha a significar o fim do comissário. Costuma-se dizer que, na hora da morte, um homem vê desdobrar-se velozmente toda a sua vida e tem algum pensamento não terreno. Tudo o que ocorreu a Montalbano foi:

"Agora estes caras me matam e adeus, polvinhos."

Enquanto o homem pequenino se aproximava lentamente, até porque dispunha de todo o tempo que quisesse, seu companheiro colossal não tirava os olhos do comissário, que sentia um desconforto maior por esse olhar do que pela boca da pistola que o mirava. O baixinho chegou à altura da mesa de Montalbano.

— Se vai rezar, pode ir começando — disse.

E então sucedeu o inacreditável. Movendo-se com silenciosa rapidez, o colosso transferiu a pistola da mão direita para a esquerda, arrancou o rolo das mãos de um Filippo petrificado, plantou-se atrás do companheiro, que já ia atirando no comissário, e desceu-lhe com força o rolo na cabeça. O homem desabou, fora de combate, deixando cair a arma.

A seguir, o colosso disse a Montalbano:

— Fique quieto que eu não quero errar.

Mirou atentamente e disparou. A bala meteu-se na parede, a poucos centímetros da cabeça do comissário. Filippo gritou. O colosso pareceu não ouvir: virou-se e deu outro tiro na parede que estava às suas costas.

Filippo caiu de joelhos e começou a rezar em voz alta, tomado por uma espécie de convulsão.

— Estamos entendido? — perguntou o colosso a Montalbano.

Havia encenado um confronto a tiros.

— Perfeitamente.

Então o colosso apanhou no chão a pistola do baixinho, meteu-a no bolso, agarrou pela gola o companheiro desmaiado, arrastou-o, abriu a porta e saiu.

Montalbano se levantou num pulo, correu para Filippo, que girava os olhos como um louco, e deu-lhe um tapa.

— Corre, que o polvo vai queimar!

Apesar do pavor que o invadiu, Filippo soube cozinhar como Deus manda e Montalbano lambeu os dedos. Pagou uma miséria (e precisou insistir, Filippo não queria um tostão, mas sim que o freguês fosse embora o mais depressa possível), entrou no carro e partiu em direção à sua casa de Marinella. Durante o trajeto, recapitulou o episódio. Estava claro que o colosso quis salvar-lhe a vida; e, ao decidir isso, nocauteou o companheiro e livrou a própria pele arquitetando um plano. Diria que Filippo tinha dado uma pancada na cabeça do baixinho, que ele, colosso, reagira atirando em Montalbano, que este, por sua vez, fizera fogo e que ele conseguira fugir levando junto, corajosamente, o amigo desmaiado. Mas a pergunta principal continuava a mesma: por que o homenzarrão tinha resolvido salvar o comissário, arriscando a própria vida, se aqueles que o tinham enviado, os chefes, não acreditassem em sua versão dos fatos?

Todo domingo, o comissário costumava comprar um jornal econômico, que imediatamente tratava de jogar na lixeira, já que daquelas coisas não entendia absolutamente nada. Mas conservava o suplemento cultural, que era bem-feito e que ele habitualmente lia à noite, na cama, antes de dormir.

Daquela vez, já com os olhos piscando, pensou em apagar a luz e mergulhar no sono quando sua atenção caiu sobre uma longa e substancial matéria dedicada a Aulo Gélio, a propósito da publicação de uma coletânea de excertos de suas *Noites áticas*. O autor, depois de dizer que Aulo Gélio, surgido no século II d. C., havia composto aquela sua vasta obra para passar o tempo durante as longas noites invernais transcorridas numa propriedadezinha que ele tinha na Ática, concluía dando sua avaliação: Aulo Gélio era um escritor elegante de coisas absolutamente inúteis. Teria permanecido na memória de todos somente por uma história que contava, a de Ândrocles e o leão.

A esta altura o comissário, em vez de fechar os olhos, abriu-os, ou melhor, arregalou-os. Ândrocles e o leão! Será que a explicação do fato ocorrido quatro dias antes, na *osteria* de Filippo, não estaria numa versão modernizada e verdadeira da lenda narrada por Aulo Gélio? Contava o escritor latino que um escravo romano da África, Ândrocles, tendo fugido de seu senhor, que o oprimia, foi se esconder numa gruta na qual havia um leão doente. Em vez de fugir dali e procurar outra gruta, mais habitável, Ândrocles havia permanecido e cuidado do leão, que sofria de uma infecção causada por um enorme espinho numa pata. Depois o leão, já curado, foi embora e Ândrocles, após muitas histórias que lhe aconteceram, converteu-se ao cristianismo e seguiu para Roma. Preso por ser cristão e condenado a morrer devorado pelos leões, Ândrocles fez o sinal da cruz e entrou na arena. De repente um dos leões, maior que os outros,

pulou em sua direção com a boca escancarada, mas depois, para maravilhamento dos espectadores, sentou-se e lambeu as mãos do cristão. Era o mesmo animal que Ândrocles havia curado na África. Naturalmente, a condenação do ex-escravo foi suspensa: ele agora estava livre. Exatamente como aconteceu com o comissário. Mas quem era o leão?

O sono tinha ido embora completamente. Montalbano levantou-se, foi à cozinha, fez um café, tomou-o, entrou no banheiro, lavou o rosto, vestiu-se dos pés à cabeça, meteu-se no blusão que detestava e foi passear à beira-mar. A tramontana estava um pouquinho mais calma, mas o mar tinha invadido grande parte da praia.

Caminhou durante umas duas horas, fumando e lembrando.

As memórias, todo mundo sabe, são como as cerejas: pega-se uma de cada vez, mas volta e meia intrometem-se na fila recordações não convocadas e desagradáveis, que nos desviam da estrada principal para caminhos escuros e enlameados, nos quais, no mínimo, sujamos os sapatos.

Seja como for, por volta das quatro da manhã, ele teve a certeza de haver chegado ao ponto, enquadrado o leão na mira.

Numa tarde tranquila, ali pelas quatro, o vice-comissário Montalbano, então com uns trinta anos, segue de carro, a trabalho, para uma aldeiazinha perdida dos montes Le Madonie. A estrada margeia um barranco de uns vinte metros, passam pouquíssimos automóveis. Montalbano está pensando em dar um jeito de ultrapassar o carro que o antecede e que vai muito devagar quando o vê derrapar para a direita, transpor a mureta, sem sequer tentar uma freada, e cair lá embaixo. Para e desce correndo, ainda a tempo de vê-lo ricochetear numa pedra enorme e ir arrebentar-se dentro de uma vala. Sem pensar nem um segundo, o vice-comissário inicia a pavorosa descida, agarrando-se ora numa pedra, ora num tufo de mato, rasgando a calça, perdendo inclusive um sapato. Nem ele mesmo sabe como pôde chegar junto do carro, virado de lado. Compreende imediatamente que o homem ao volante está morto, a cabeça quebrada. Ao lado do homem há um garoto de uns quinze anos, olhos fechados, fronte ensanguentada, gemendo baixinho. Montalbano consegue puxá-lo para fora com um esforço que o deixa esgotado, também porque o garoto é uma espécie de colosso. Deitado na grama, o ferido abre finalmente os olhos, encara Montalbano e diz:

— Me ajude, não me deixe aqui.

— Não vou deixar — diz o vice-comissário Montalbano, tirando o cinto para fazer um torniquete na coxa esquerda do rapaz, que está perdendo muito sangue

por um profundo corte na panturrilha.

— Não me deixe.

E aqueles olhos assustados, cheios de dor, sempre em cima dele.

Depois, levantando a cabeça, o vice-comissário percebe que atrás do seu carro, à beira do barranco, parou um outro, do qual desceu um homem que agora olha lá para baixo.

Montalbano então fica de pé, agita os braços para cima e grita desesperadamente por ajuda, apontando o rapazinho ferido. O homem lá na beira do barranco se mexe, afinal, entra no carro e parte.

— Pelo amor de Deus, não me deixe.

— Fique calmo, eu não vou deixar.

A seguir, o garoto perde os sentidos. Quinze minutos depois, chega o socorro.

Seis meses após esse episódio, o vice-comissário Montalbano foi transferido e perdeu de vista o rapaz, que se recuperou completamente.

Salvatore Niscemi era o nome do leão agradecido.

E agora, o que fazer? Emitir uma ordem de prisão? Mas com base em quê? Numa história contada no século II depois de Cristo, por um escritor que se chamava Aulo Gélio? Brincadeira!

O velho ladrão

Orazio Genco tinha sessenta e cinco anos nas costas e era ladrão de casas. Romildo Bufardeci tinha sessenta e cinco anos nas costas e era um ex-guarda-civil. Orazio era mais novo do que Romildo exatamente uma semana. Orazio Genco era conhecido em toda Vigàta e nos arredores por dois motivos: primeiro, conforme já foi dito, por sua condição de esvaziador de residências momentaneamente desabitadas; segundo, pelo fato de ser ele um homem bom, gentil, que não faria mal nem a uma formiga. Romildo Bufardeci, quando ainda trabalhava, era chamado "o sargento de ferro" pela dureza e intransigência de que lançava mão contra quem, a seu ver, houvesse violado a "lei". A atividade de Orazio Genco iniciava-se em primeiro de outubro e terminava no final de abril do ano seguinte: esse era o período em que os veranistas e os proprietários das casas ao longo do litoral mantinham fechadas as suas residências estivais. Correspondia, mais ou menos, ao período no qual a vigilância de Romildo Bufardeci era mais solicitada. A área de trabalho de Orazio Genco abrangia de Marinella à Scala dei Turchi: exatamente a mesma de Romildo Bufardeci. Na primeira vez em que foi detido por furto com arrombamento, Orazio Genco estava com dezenove anos (mas tinha iniciado a carreira aos quinze). Quem o entregou à Benemerita foi Romildo Bufardeci, que também fazia sua primeira prisão na qualidade de guardião da "lei". Estavam ambos a tal ponto emocionados que o tenente dos *carabinieri* lhes ofereceu água e licor de anis, a fim de confortá-los.

Nos anos que se seguiram, Romildo deteve Orazio mais três vezes. Depois, quando Bufardeci se aposentou, porque um tremendo de um corno, ladrão de automóveis, disparou contra ele um tiro de revólver, pegando-o no flanco (e Orazio foi visitá-lo no hospital), Genco passou bem melhor, no sentido de que o guarda-civil que substituiu Romildo não tinha o mesmo respeito sagrado pela "lei", não esquentava a cabeça, faltava-lhe o faro de cão mastim. Os longos anos passados sempre alerta, enquanto os outros dormiam tranquilamente, haviam deixado uma espécie de deformação profissional em Romildo Bufardeci, que só conseguia pegar no sono quando despontavam as primeiras luzes do amanhecer. Passava as noites em solitários jogos de paciência que nunca davam certo, nem que ele tapeasse a si mesmo, ou então assistindo a programas de televisão.

Certas noites, porém, quando se sentia mais sereno, montava a bicicleta e começava a passear por aquele que um dia fora o território confiado à sua vigilância: de Marinella à Scala dei Turchi.

Visto que se estava em meados de outubro e aquela noite se mostrava particularmente tão morna e estrelada que parecia de verão, Romildo não aguentou mais ficar vendo na tevê um filme americano que lhe esquentava o sangue, pois a polícia, a "lei", estava sempre errada e os delinquentes, sempre com a razão. Desligou o aparelho, assegurou-se de que a mulher dormia, saiu de casa, montou a bicicleta e seguiu de Vigàta para Marinella.

O trecho da litorânea que ia até a Scala dei Turchi parecia morto, e não só porque a temporada tinha acabado e não passavam carros de veranistas: eram sobretudo os barcos e lanchas puxados para o seco e cobertos por encerados a darem essa impressão de tumbas de cemitério.

Depois de três horas para lá e para cá, o céu começou a se abrir, e no oriente apareceu como uma ferida clara que se alargava e que, em meia hora, começou a tingir de violeta todas as coisas.

Foi nessa luz particular que Romildo Bufardeci viu uma sombra saindo pelo portão do jardinzinho de um palacete construído três anos antes. A sombra se movia com calma, a ponto de fechar o portão, embora não com chave, em tudo e por tudo igualzinha a alguém que estivesse saindo de sua própria casa para ir trabalhar. Parecia não se ter dado conta de que Romildo Bufardeci, tendo posto um pé no chão para se equilibrar, observava tudo atentamente. Ou então, se tinha percebido a presença do ex-guarda-civil, não dera importância.

A sombra pegou a estrada para Vigàta, devagar, um pé à frente e um atrás, como se tivesse à disposição todo o tempo que queria. Mas Bufardeci era demasiado experiente para deixar-se tapear pela aparente tranquilidade do outro, e de fato, a certa altura, partiu na bicicleta.

Tinha reconhecido a sombra, sem possibilidade de dúvida.

— Orazio Genco! — chamou.

O interpelado se deteve um instantinho, não se voltou, deu um salto e saiu correndo. Evidentemente, estava fugindo. Bufardeci embaraçou-se: a fuga não combinava com o *modus operandi* de Orazio, inteligente demais para não entender quando perdia uma partida. Vai ver não era Orazio, mas o dono da casa, que tinha se assustado com aquela voz imperiosa e inesperada? Não, era seguramente Orazio. E Romildo recomeçou a perseguição com mais vontade ainda.

Apesar dos sessenta e tantos anos, Genco possuía o fôlego de um garoto, saltava obstáculos e buracos que Romildo, por causa da bicicleta, era obrigado a contornar. Sempre no mesmo passo acelerado, Orazio passou a Ponte di Ferro e chegou a Cannelle, onde começavam as primeiras casas de Vigàta. Aqui, não aguentou mais e caiu sobre a mureta de uma fontezinha seca. Agora, quase não conseguia respirar, e botou uma mão no coração para convidá-lo a se acalmar.

— Quem foi que te fez correr desse jeito? — perguntou Romildo, assim que o alcançou.

Orazio Genco não respondeu.

— Descanse um pouquinho — disse Bufardeci — e depois a gente segue.

— Para onde? — perguntou Orazio.

— Como, para onde? Para o comissariado, não?

— Para fazer o quê?

— Vou te entregar a eles, você está preso.

— E quem me prendeu?

— Eu te prendi, eu.

— Você não pode mais, está aposentado.

— E daí, aposentado? Qualquer cidadão, basta sentir o cheiro do crime, tem esse dever.

— Mas que merda é essa, Romì? Que crime?

— Furto com arrombamento. Vai negar que você saiu pelo portão de uma casa vazia?

— E quem está negando?

— Bom, afinal...

— Romì, você me viu saindo não foi da porta da casa, foi do portão do jardim.

— E tem diferença?

— Tem, e grande que nem uma casa.

— Vai falando.

— Eu não entrei naquela casa. Entrei só no jardim, porque me deu uma necessidade e o portão estava meio aberto.

— Vamos para o comissariado assim mesmo. Depois eles dão um jeito de te fazer falar a verdade.

— Olha, Romì, se eu não me convencer que devo ir, você não me leva nem acorrentado. Mas desta vez eu digo: vamos lá. Assim você faz papel de bobo na frente dos tiras.

No comissariado, estava de serviço o agente Catarella, a quem o comissário Montalbano, para evitar complicações, atribuía tarefas de plantão ou de telefonista. Escrupulosamente, Catarella redigiu a ocorrência:

Ali por volta das cinco hora da manhã de oje o senhor Romilto Buffoardeci ex-guarda-civil ia passando na frente de diante duma casa feichada residente no setor prossimo a Scala chamada dei Turchi foi quando ele viu saindo da mesma furtivamente um elemento ladrão que comessou a fujir quando viu o guarda sinal inquivocavel de rabo prezo ou melhor dizendo conciencia pesada...

E por aí foi.

— Doutor, temos um probleminha — avisou Fazio, assim que viu Salvo Montalbano aparecer no comissariado, às oito da manhã.

E contou a história entre Orazio Genco e Romildo Bufardeci.

— Catarella revistou ele. Não tinha nada roubado. Nos bolsos, só a carteira de identidade, dez mil liras, as chaves da casa dele e mais esta outra, novinha em folha, parece uma duplicata bem-feita.

Fazio entregou-a ao seu superior. Era uma daquelas chaves amplamente propagandeadas como impossíveis de se copiar. Mas para Orazio Genco, com toda a sua experiência, a coisa devia ter sido só um pouquinho mais difícil que o normal. Até porque ele dispôs de tempo à vontade para tirar calmamente o molde da fechadura.

— Orazio reclamou da revista?

— Quem? Genco? Doutor, aquele lá é muito esquisito. Está escondendo o jogo. Parece que está se divertindo, curtindo com a cara da gente.

— Como assim?

— De vez em quando dá uma olhada para Bufardeci e solta uma risadinha.

— Bufardeci ainda está aqui?

— Como não? Grudado em Orazio como uma sanguessuga. Não larga ele. Diz que quer ver com os próprios olhos quando Genco for algemado e mandado para o xadrez.

— Você conseguiu saber quem é o proprietário da casa?

— Consegui. É o advogado Francesco Caruana, de San Biagio Platani. Anotei o telefone.

— Ligue agora. Diga que temos motivos para afirmar que na casa de praia dele foi cometido um furto. Informe que esperamos por ele lá, ao meio-dia. Mas

nós dois vamos uma meia hora antes, para dar uma olhada.

Enquanto seguiam de carro para a Scala dei Turchi, que era uma colina de marga branca com um precipício sobre o mar, Fazio disse ao comissário que quem tinha atendido ao telefone foi a senhora Caruana. Era ela quem viria, porque o marido estava em Milão, a negócios.

— Quer saber de uma coisa, doutor? Deve ser uma mulher de temperamento frio.

— Como é que você sabe?

— Porque, quando eu falei do possível furto, ela não comentou nada.

Como Montalbano e Fazio tinham previsto, a chave encontrada no bolso de Orazio Genco abria perfeitamente a porta da casa. Os dois já haviam visto montes de residências reviradas por ladrões, mas aqui tudo estava em ordem, nada de gaveta aberta, nada de objetos jogados às pressas pelo chão. No andar superior havia dois quartos e dois banheiros. O guarda-roupa do quarto de casal estava cheio de roupas de verão masculinas e femininas. Montalbano aspirou profundamente.

— Eu também estou sentindo — disse Fazio.

— O que é que você está sentindo?

— O mesmo que o senhor, cheiro de charuto.

No quarto, aquele cheiro era tão forte que certamente não remontava ao verão passado. Mas, nos dois cinzeiros das mesinhas de cabeceira, nenhum vestígio de guimbas nem de cinzas de charuto ou de cigarro. Tinham sido cuidadosamente lavados. Num dos banheiros, o comissário notou uma grande toalha felpuda que pendia, desdobrada, de um braço metálico ao lado da banheira. Pegou-a, encostou-a numa das faces, sentiu na pele uma umidade residual e deixou-a no mesmo lugar.

Alguém, com certeza na véspera, tinha estado naquela casa.

— Vamos esperar a proprietária lá fora. Feche a porta a chave. Não esqueça, Fazio: não diga a ela que nós já entramos.

Fazio se ofendeu.

— Mas o que é que eu sou, uma criancinha?

Ficaram esperando diante do portão. O carro da senhora Caruana chegou com poucos minutos de atraso. Ao volante estava um bonitão de seus quarenta anos, alto, esbelto, elegante, olhos azul-celeste, parecia um ator americano. Como um perfeito cavalheiro, o homem precipitou-se para abrir a porta do carona. Dali

saiu Betty Boop, uma mulher que era cuspida e escarrada a famosa personagem dos velhos cartuns. Até os cabelos estavam cortados e penteados do mesmo jeito.

— Eu sou o engenheiro Alberto Caruana. Minha cunhada insistiu muito em que eu a acompanhasse.

— Fiquei tão impressionada! — fez Betty Boop toda coquete, batendo as pestanas.

— Desde quando a senhora não vem aqui? — perguntou Montalbano.

— Fechamos a casa no dia trinta de agosto.

— E desde então não voltou?

— Para fazer o quê?

O pequeno grupo transpôs o portão, atravessou o jardim e parou diante da porta.

— Vá você na frente, Alberto — disse a senhora Caruana ao cunhado. — Eu tenho medo.

E estendeu-lhe uma chave.

Com um sorriso à Indiana Jones, o engenheiro abriu a porta e virou-se para o comissário.

— Não foi arrombada!

— Parece que não — disse Montalbano, lacônico.

Entraram. A senhora acendeu a luz e olhou ao redor.

— Mas aqui não mexeram em nada!

— Observe bem.

Ela abriu nervosamente cristaleirinhas, moveizinhos, gavetinhas, caixinhas.

— Nada.

— Vamos subir — disse Montalbano.

Ao término da vistoria nos quartos de cima, Betty Boop abriu a boquinha desenhada em coração.

— Mas vocês têm certeza de que os ladrões vieram aqui?

— Alguém nos telefonou. Mas, pelo jeito, foi engano. Melhor assim, não?

Foi só um segundo: Betty Boop e o ator americano de mentirinha trocaram um rapidíssimo olhar de alívio.

Montalbano desmanchou-se em desculpas por havê-los feito perder tempo, a senhora Caruana e o cunhado engenheiro aceitaram-nas com elegância.

Como para extinguir qualquer sombra de dúvida no comissário e em Fazio, o engenheiro, já no carro, antes de engrenar a primeira, acendeu um charutão.

— Vá lá e se livre de Bufardeci. Dê uma bronca, diga que ele me fez perder a manhã inteira e que não me encha mais o saco.

— Libero Orazio Genco também?

— Não. Mande aqui para o gabinete. Quero falar com ele.

Orazio entrou na sala do comissário com os olhos brilhando de contentamento por ter feito Bufardeci pagar o mico que ele prometera.

— O que é que o senhor quer me dizer, comissário?

— Que você é um tremendo de um filho da puta.

Montalbano tirou do bolso a duplicata da chave e mostrou-a ao velho ladrão.

— Esta aqui abre perfeitamente a porta. Bufardeci tinha razão. Você entrou naquela casa, sim, só que ela não estava vazia, como você pensava. Vou lhe dizer uma coisa, preste bem atenção. Estou sentindo a grande tentação de achar uma desculpa qualquer para te botar agora mesmo no xadrez.

Orazio Genco não pareceu se impressionar.

— O que é que eu posso fazer para essa tentação passar?

— Me conte como foram as coisas.

Os dois se sorriram, sempre tinham simpatizado um com o outro.

— Me acompanha até lá, comissário?

— Eu estava convencidíssimo que dentro da casa não tinha ninguém. Quando cheguei, não vi carro estacionado nem na frente do portão nem nas vizinhanças. Me escondi por ali, fiquei esperando pelo menos uma hora antes de entrar. Tudo morto, nem folha se mexia. A porta abriu fácil. Com a lanterna, vi que na cristaleira tinha umas estatuetas de algum valor, mas difíceis de colocar. Mesmo assim, fui à cozinha e peguei uma toalha grande, para botar as coisas dentro. Assim que abri a cristaleira, escutei uma voz de mulher gritando: "Não! Não! Meu Deus! Assim eu morro!" Gelei na hora. Depois, sem pensar muito, subi correndo para ajudar a infeliz. Ah, meu prezado comissário, imagine o que eu vi lá em cima! Uma mulher e um homem, pelados, trepando! Fiquei parado, mas o homem me percebeu.

— Mas como? Se ele estava...

— Pois é, comissário — continuou Orazio Genco, rubro, visto que era um homem pudico —, ele estava embaixo e ela em cima, a cavalo. Bom, o homem, quando me viu, foi logo tirando a mulher de cima, pulou da cama e me agarrou pelo pescoço. "Eu te mato! Eu te mato!" Vai ver que estava com raiva porque eu atrapalhei ele no melhor da coisa. A mulher se recuperou logo do susto e

mandou o amante me largar. Que ele era o amante, e não o marido, eu entendi pelo que ela disse: “Alberto, pelo amor de Deus, pense no escândalo!” Aí ele me soltou.

— E vocês chegaram a um acordo.

— Eles botaram a roupa, o homem acendeu um charuto e conversamos. No fim, eu disse que, quando estava escondido lá fora, tinha visto o ex-guarda Bufardeci passando: e esse daí, enjoado como é, se visse o casal saindo ia prender os dois, e o escândalo aconteceria do mesmo jeito.

— Um momentinho, só para eu entender, Orazio. Você viu Bufardeci e mesmo assim tentou o furto?

— Comissário, mas eu não sabia que Bufardeci realmente estava lá! Inventei isso para aumentar o preço! Eles fizeram um pequeno acréscimo e eu me encarreguei de fazer Bufardeci me seguir, para eles terem tempo de chegar até o carro, que estava estacionado longe. Só que precisei correr de verdade, porque Bufardeci andava mesmo por ali.

Tinham chegado à casa de praia. Montalbano parou, Orazio desceu.

— O senhor me espera um instantinho?

Passou pelo portão e reapareceu quase na mesma hora, com um maço de notas na mão. Entrou no carro.

— Eu tinha escondido o dinheiro no meio das plantas. Mas estava preocupado em deixar aí. Eles me deram dois milhões.

— Quer carona até Vigàta? — perguntou Montalbano.

— Se não for incômodo — respondeu Orazio Genco, reclinando-se no encosto, em paz consigo mesmo e com o mundo.

A vidente

Em Carlòsimo, Salvo Montalbano passou um dos invernos mais amargos de sua jovem vida. Tinha então trinta e dois anos, e usavam-no como uma espécie de caixeiro-viajante: a cada mudança de estação, transferiam-no de um lugar para outro, ora para fazer uma substituição, ora para tapar um buraco, ora para dar uma ajudinha numa situação de emergência. Mas os quatro meses de Carlòsimo foram os piores de todos. Era uma aldeiazinha de colina onde não seria de se esperar que fizesse todo aquele frio que costumava fazer, mas o fato é que misteriosos cruzamentos e combinações de eventos meteorológicos obrigavam a pessoa a não tirar nunca o capote pesado e o cachecol, às vezes nem mesmo quando ia dormir. Os habitantes, uns sete mil, se tanto, não eram gente ruim, pelo contrário; só que não davam confiança, cumprimentavam a custo, eram caladões. O único no lugar completamente diferente dos outros era o farmacêutico Rizzitano, sempre pronto ao sorriso, à tirada esperta, ao tapinha nas costas. "Hiena sorridente", batizou-o Montalbano, em homenagem a uma velha piada, aquela dos dois amigos que vão ao zoológico e um dos dois lê o cartaz pregado diante da jaula dos animais: "*Hyaena ridens*. Vive no deserto, só sai à noite, alimenta-se de carniça e cruza uma vez por ano." Espantado, vira-se para o amigo e pergunta:

"Mas, então, ela ri de quê?"

Às oito da noite, todo mundo em casa, ruas desertas graças ao vento que fazia rolarem as garrafas vazias, que levantava no ar fantasmas de papel. Não havia um cinema, na livraria-papelaria só vendiam cadernos. E, para piorar as coisas, a mesma conjuntura (ou melhor, conjura) meteorológica fazia com que os dois canais de televisão então existentes só transmitissem imagens de ectoplasmas.

Para o vice-comissário Montalbano, responsável pela ordem pública, um paraíso; para o homem Montalbano, uma calmaria de limbo, uma contínua instigação ao suicídio ou ao jogo de cartas. Mas, na roda local, os "civis" da aldeia não só apostavam a camisa como também o cu, de modo que o vice-comissário, a quem, ademais, não agradavam as cartas, se mantinha ao largo. A única saída era dedicar-se à leitura: naquele inverno ele devorou Proust, Musil e Melville. Nisso, pelo menos, saiu ganhando.

Na manhã de 3 de fevereiro, Montalbano, dirigindo-se ao trabalho, viu que um pregador de cartazes tentava colar, na parede amarelecida ao lado da entrada do Gran Caffe Italia, um pôster colorido segundo o qual naquela mesma noite ocorreria a estreia do Circo Familiare Passerini.

Terminado o expediente, ao voltar para o único hotel do lugar, Montalbano passou pela praça Libertà. O circo já estava montado: pequeno, e de uma esqualidez que aflorava a indecência. A bilheteria, fracamente iluminada, estava aberta, e dois ou três moradores compravam seus ingressos.

Uma onda de melancolia, alta como as do Pacífico, abateu-se sobre o vice-comissário. Sumiu-lhe até o apetite, que ele sempre tinha robusto; fechou-se no seu quarto, onde evitava o congelamento mediante uma estufazinha elétrica acesa a noite inteira, com risco de vida, e pela sexta vez releu o conto "Benito Cereno", de Melville, o qual não conseguia largar, siderado.

Na manhã seguinte, ao entrar no comissariado, escutou vozes enfurecidas que vinham da sala ao lado da sua. Foi olhar: Palmisano e Ingarrìga, dois de seus agentes, alterados, caras vermelhas, estavam para cair de pancada um em cima do outro. Invadido por uma raiva incontrolável, desenfreada, mais pela tristeza acumulada na noite anterior do que pela cena que estava vendo, pulou no meio, apartou os dois como se fossem porcos e deu-lhes um solene esculacho.

Depois voltou à sua sala e bateu a porta com tanta força que arrancou um pedaço do reboco.

Menos de cinco minutos depois, Palmisano e Ingarrìga se apresentaram para pedir desculpas. E explicaram, sem que ele pedisse, o motivo da briga.

Tinha sido por causa do circo.

Contaram ao comissário que o palhaço não fazia rir, que a mulher que andava na corda bamba tinha levado um tombo e machucado o tornozelo, que o mágico se enrolou todo num número de cartas. Em suma, uma porcaria. Palmisano e Ingarrìga iam abandonado o local, até porque o espetáculo parecia ter acabado, quando ela apareceu.

— Ela, quem? — perguntou o comissário, irritado.

— A vegente! — disse reverencialmente Ingarrìga, que apresentava uma certa dificuldade com o italiano.

Mas Palmisano exibiu um ar de superioridade.

— E essa vidente faz o quê?

— Ah, meu doutor! Uma coisa que se a gente não vê não acredita! Ela adivinha tudo! Qualquer coisa!

— Com truque — comentou calmamente Palmisano.

— Mas que truque, não tem truque nenhum! Ela é vegente de verdade! — explodiu Ingarrìga, pronto a recomeçar a briga.

O comentário de que no circo se apresentava aquela vidente extraordinária, que não errava uma, espalhou-se pela aldeia e, no sábado seguinte, havia uma verdadeira fila diante da bilheteria. Impelido pela curiosidade, e mais ainda pelo tédio, Montalbano acotovelou-se com as pessoas, abandonando Benito Cereno no quarto do hotel.

Naquela noite, talvez porque os bancos do circo estivessem todos lotados, a trupe, eletrizada pelo público, trabalhou bem: o palhaço arrancou algumas gargalhadas, a equilibrista conseguiu não cair, embora ficasse várias vezes no quase-quase, e o mágico fez um número com cartola que surpreendeu o próprio Montalbano. A seguir, a amazona demonstrou-se em estado de graça. Por fim, as luzes sobre o pequeno picadeiro se apagaram de repente. No escuro, rufaram dois tambores. Quando um refletor voltou a se acender, iluminou uma mulher sozinha no meio do picadeiro, sentada numa cadeira de palha.

Podia ter uns setenta anos, demonstrava inteiramente a idade e não fazia nada para disfarçá-la. Miúda, modestamente vestida, os cabelos grisalhos recolhidos num coque, mantinha-se imóvel, olhando para o chão. E na plateia baixou um silêncio espesso, de cortar com faca. No círculo do refletor adiantou-se um cinquentão, vestido de fraque. Tirou a cartola, inclinou-se profundamente e disse:

— Senhoras e senhores, Eva Richter.

Sem ênfase, em voz baixa, quase com respeito. A mulher não se mexeu na cadeira. Montalbano sentiu que alguma coisa tinha mudado de repente dentro daquele circo miserável: como se, no meio do picadeiro, agora não mais se fosse desenvolver uma brincadeira ou uma simulação, mas um terrível momento de verdade.

O homem de fraque dirigiu-se novamente aos espectadores.

— A senhora Eva Richter não responde a nenhuma pergunta, nem minha nem do público. Se algum dos presentes quiser emprestar um seu objeto pessoal, ela irá segurá-lo por um momento e depois o devolverá. Só então dirá ao proprietário do objeto alguma coisa que o interesse. Aviso que a resposta será dada em voz alta. Portanto, não deve participar quem não desejar que seus assuntos pessoais venham ao conhecimento de todos.

Fez uma pausa e olhou o público, que estava no escuro.

— Um objeto, por favor.

Ouviram-se risadinhas encabuladas, incitamentos, comentários em voz baixa. Depois, de um dos bancos mais altos, passada de mão em mão, uma gravata chegou ao homem de fraque. Novas risadas, que o homem cortou com um gesto imperioso.

Eva Richter, sem levantar a cabeça em nenhum momento, pegou a gravata que o outro lhe estendia, enrolou-a, formando como bola, segurou-a com as mãos em concha e devolveu-a. A gravata fez o percurso inverso.

O homem de fraque perguntou:

— A gravata já está com o dono?

— Sim — respondeu uma voz anônima.

Então o homem de fraque virou-se para olhar a mulher sentada no meio do picadeiro.

Eva Richter falou em voz muito baixa, quase murmurando as palavras. Tinha sotaque verdadeiro de estrangeira.

— O rapaz que me mandou a gravata é muito jovem. Esta é sua primeira gravata, que ele ganhou de presente da irmã.

Dos bancos mais altos partiram palmas que contagiaram todo o público. O homem de fraque ergueu a mão e o silêncio voltou.

— No ano passado, o rapaz da gravata caiu da motoneta. Quebrou o tornozelo esquerdo.

Os ocupantes dos bancos mais altos levantaram-se para aplaudir, o dono da gravata, assombrado, começou a gritar:

— É verdade! Juro! É tudo verdade!

Quando as palmas diminuíram, o homem de fraque voltou a falar.

— A senhora Eva está cansada hoje. Fará somente outros dois exercícios de vidência. Mais alguém, por favor.

Ele fez um gesto e algumas luzes se acenderam sob o toldo, agora também o público dava espetáculo.

— Quem quer participar?

— Eu.

Todos se voltaram para olhá-la: era dona Elvira Testa quem havia falado. Até Montalbano seguiu os outros, não se podia fazer por menos. Trinta anos, lindíssima, Elvira Testa era casada com o homem mais rico do lugar, o comerciante, mas sobretudo agiota, Filippo Mancuso, indivíduo careca e atarracado que já tinha passado dos cinquenta.

Transferido igualmente de mão em mão, um colarzinho de ouro chegou às de Eva Richter e depois retornou à dona.

— Quem me mandou esse objeto acaba de voltar de Nova York, onde se hospedou na casa de uma amiga.

Ao aplauso de Elvira Testa uniu-se, estralejante, o de todos os espectadores.

Mas Eva Richter prosseguiu:

— Quem me mandou esse objeto passou por um luto recente, e sofreu muito com isso.

Não se ouviram nem comentários nem palmas. Caiu um silêncio mortal. O homem de fraque mostrou-se surpreso e preocupado. Até Eva Richter levantou por um momento a cabeça.

— Errado, errado! — gritava Filippo Mancuso, de pé, lívido.

Ao seu lado, a belíssima Elvira Testa era uma labareda. Na aldeia, todo mundo, Montalbano inclusive, sabia que o amante muito amado de Elvira Testa tinha perdido a vida dois meses antes, num acidente automobilístico.

Percebendo imediatamente que alguma coisa não corria bem, o homem de fraque incitou os espectadores.

— Mais um, rápido, mais um!

— Eu! Eu! Eu!

Da primeira fila, o farmacêutico Rizzitano, sentado entre o doutor Spalic, um triestino que havia quarenta anos exercia a medicina em Carlòsimo, e o prefeito Di Rosa, agitou um lenço. Talvez para quebrar o clima de um minuto atrás, ele se remexia todo, ria, fazia caretas.

O homem de fraque aproximou-se, pegou o lenço e passou-o à vidente. Também este lenço foi enrolado em bola e mantido entre as mãos. Mas, em vez de devolvê-lo ao homem de fraque, Eva Richter o reteve um pouco mais. O homem de fraque ficou de mão estendida, uma expressão de curiosidade no rosto. E então aconteceu o que ninguém esperava.

Soltando um grito, Eva Richter jogou o lenço no chão, como se aquele pedaço de pano lhe tivesse transmitido um fogo vivo. Levantou-se, branca como uma morta, e começou a recuar para o toldo às suas costas, a mão esquerda apertando fortemente a boca aberta, para impedir a saída de outro grito. Quando sentiu o toldo atrás de si, ergueu o braço direito e apontou o indicador para o farmacêutico:

— Assassino! Você é o assassino!

Havia murmurado a frase em tom mais baixo, mas todos a ouviram, porque baixara um tal silêncio que parecia não haver ninguém respirando dentro do circo. Depois, ela saiu de repente. Desencadeou-se uma confusão. Algumas mulheres começaram a gritar, como se, diante dos seus olhos, o farmacêutico estivesse novamente matando alguém; dona Elvira Testa, que naquela noite tinha passado um bom aperto, providenciou um desmaio e foi amorosamente levada para fora pelo marido comerciante, usurário e, agora, também publicamente corno. O farmacêutico, apesar do estupor, não conseguia fazer desaparecer o sorriso dos lábios:

— Mas o que é que ela é, doida? — perguntava a todos.

O prefeito chamou Montalbano, enquanto o público se dispersava.

— Doutor, é preciso fazer alguma coisa!

— Que coisa? — perguntou o vice-comissário, plácido.

— Bem, não sei... Aquela mulher criou um tumulto... Ela não devia se permitir...

— Vou ver o que posso fazer — disse Montalbano.

Na manhã seguinte, o circo já não estava na praça Libertà. E também não estava em Carlòsimo, nem sobre a face da terra, o doutor Spalic, que, ali pelas três da madrugada, depois de algumas horas caminhando insone pela casa, conforme testemunhou o senhor Lauricella, que morava no andar de baixo, pegou uma corda e se enforcou numa trave do forro.

Sobre a escrivaninha, Montalbano encontrou um bilhete escrito a lápis. Dizia simplesmente: "Eu era muito jovem, não compreendia o mal que fazia. Perdoem-me."

"Mas se a vidente disse que o assassino era o farmacêutico, por que o doutor Spalic se matou?", perguntou-se a aldeia inteira, sem entender.

Aos domingos, a farmácia de Rizzitano só ficava aberta de manhã. Montalbano entrou por volta das onze, quando os clientes, que pediam remédios sobretudo contra gripe e resfriado, já rareavam. Rizzitano aproveitou um momento em que não havia ninguém e fechou com chave a porta interna.

— Eu vi o que o senhor fez ontem à noite — disse Montalbano.

O farmacêutico não sorria, uma ruga lhe atravessava a testa.

— Viu o quê?

— Vi que o senhor meteu a mão no bolso esquerdo do capote do doutor Spalic e pegou o lenço que ele sempre tinha ali. Aquele lenço não era seu. O senhor quis pregar uma peça nele.

— Pois é — disse Rizzitano, com amargura.

— E Eva Richter não apontou para o senhor, mas para o doutor. Mas, como o lenço tinha saído das suas mãos, todo mundo achou que ela se referia ao senhor.

— Pois é — repetiu Rizzitano.

— E eu notei mais uma coisa — prosseguiu o vice-comissário.

— Que coisa?

— Que Eva Richter disse: "Você é o assassino." Entendeu? Não um assassino, genericamente.

— É verdade.

— E agora eu lhe pergunto: o que o senhor sabe sobre o doutor?

O farmacêutico ajeitou os óculos em cima do nariz e examinou uma receita que estava no balcão. Do lado de fora, bateram à porta interna, mas nem Rizzitano nem o comissário responderam.

— Veja bem — decidiu-se finalmente o farmacêutico —, se o pobre doutor ainda estivesse vivo, eu não lhe contaria nada do que vou contar, o senhor não conseguiria me arrancar isso nem com tenazes. O doutor Spalic, Vinko era seu primeiro nome, chegou a Carlòsimo em 1952 ou no ano seguinte, agora não me lembro bem. Tinha se formado em Nápoles. Mas nasceu em Trieste, onde havia passado a juventude. Nunca falava de sua vida, nunca recebia correspondência da sua terra, parecia não ter deixado nem amigos nem parentes. No início, houve uma certa curiosidade a seu respeito, mas depois ele se tornou um dos nossos. Era bom, as pessoas gostavam dele.

Rizzitano fez uma pausa, foi até os fundos da farmácia, bebeu um copo d'água e voltou.

— Vinko — recomeçou ele — era abstêmio. Numa noite em que me parecia particularmente entristecido, convidei-o para jantar comigo e o convenci a tomar meio copo de vinho. Foi o bastante para embriagá-lo completamente, tanto que precisei levá-lo em casa. Ao longo do caminho, ele só fazia chorar, mas eu percebi que aquele choro não era só por causa do vinho. Entrei com ele no apartamento, queria vê-lo deitado, não confiava em deixá-lo só. Convenci-o a ir até o banheiro e lavar o rosto. E, a essa altura, ele me disse uma frase muito clara: "Hoje é um aniversário." Eu perguntei de quê, e ele: "De um assassinato. Quarenta e um anos atrás, matei um rapaz em Trieste. Eu fazia parte das SS." Foi o que ele me disse, e recomeçou a chorar. O senhor lembra que, em 44, Trieste era uma espécie de protetorado alemão?

— Sim — disse Montalbano. — Ele voltou ao assunto?

— Nunca mais falamos disso.

Montalbano levantou-se, agradeceu ao farmacêutico, este abriu a porta e na mesma hora dois clientes precipitaram-se para dentro. Rizzitano perguntou baixinho a Montalbano, um segundo antes de ele sair:

— Mas quem é afinal Eva Richter?

Arturo Passerini, proprietário e diretor do circo, localizado enquanto, com seus três caminhões, se dirigia para uma aldeia vizinha, disse que Eva Richter o procurara dois meses antes, quando o circo estava numa localidade próxima a Messina. Deu uma prova estrepitosa de sua habilidade e pediu para ser contratada por um pagamento mínimo. Tinha uma fixação: chegar o mais depressa possível a Carlòsimo. Naquela manhã, às primeiras luzes do alvorecer,

quando se espalhou a notícia de que o espectador da véspera havia se enforcado, a trupe achou melhor levantar acampamento e partir. Só no momento de entrar nos caminhões é que perceberam que Eva Richter tinha desaparecido, abandonando sua mala.

Montalbano abriu-a. Dentro havia um vestido, roupa de baixo e um jornal amarelecido, de novembro de 1945. Uma curta matéria dizia que o criminoso nazista Vinko Spalic, réu, entre outras coisas, do assassinato a sangue-frio do jovem Giani Richter, tinha conseguido mais uma vez escapar da captura. Embrulhado num pedaço de pano, havia também um grande revólver carregado.

Eva Richter, que levou mais de quarenta anos para encontrar o assassino de seu irmão, não teve necessidade de usá-lo.

Mocinho e bandido

Taninè, a mulher do jornalista de tevê Nicolò Zito, um dos poucos amigos do comissário Montalbano, era uma mulher que cozinhava ao sabor do vento, ou seja, os pratos que ela aprontava não obedeciam a regras precisas de culinária, mas constituíam o resultado mais improvisado de seu temperamento mutante.

"Hoje eu gostaria de te convidar para comer conosco lá em casa", disse algumas vezes Nicolò a Montalbano, "mas infelizmente acho que não é um bom dia."

O que significava que alguma coisa tinha desandado na cabeça de Taninè, e disso resultavam massa supercozida (ou crua), carne insípida (ou salgada até dizer chega), molho ao qual seriam preferíveis três anos de prisão, um dos quais em solitária. Mas, em contrapartida, quando lhe dava na telha, quando tudo corria nos conformes, que sabor paradisíaco!

Taninè era uma bela trintona, carnes sólidas e cheias, que inspiravam nos homens pensamentos vulgarmente terrestres: pois bem, um dia em que ela o convidou para fazer-lhe companhia na cozinha, onde jamais admitia estranhos, Montalbano observou, estupefato, a mulher que preparava o tempero para a massa perder peso e transformar-se numa espécie de bailarina que, absorta, circulava de um lado para outro com gestos quase aéreos. Pela primeira e última vez, olhando-a, o comissário pensou nos anjos.

"Esperemos que Taninè não me estrague o dia", desejou o comissário enquanto dirigia o carro para Cannatello.

Porque, em matéria de mudanças de humor, ele também não ficava atrás. De manhã, assim que acordava, a primeira coisa que fazia era ir à janela para olhar o céu e o mar, este a dois passos de sua casa: se as cores estivessem vivas e claras, tal seria o seu comportamento naquele dia; em caso contrário, as coisas ficariam feias para ele e para todos os que estivessem ao seu alcance.

Todo segundo domingo de abril, Nicolò, Taninè e o filho do casal, Francesco, de sete anos, abriam oficialmente a casa de campo em Cannatello, herdada do pai de Nicolò. E tinha virado uma tradição que o primeiro hóspede fosse Salvo Montalbano.

Para ir até lá, o comissário enfrentava trilhas, caminhos de mula, estradinhas poeirentas que lhe embranqueciam o automóvel, em vez de pegar a muito mais cômoda via expressa que o deixaria a dois quilômetros de Cannatello.

Aproveitava a ocasião para admirar uma Sicília desaparecida, áspera e dura, áridas extensões de cor amarelo-palha, aqui e ali interrompidas pelos cubos brancos que eram as casinhas dos camponeses. Cannatello era terra estéril, nada que nela se semeasse ou se plantasse vingava, os breves respiros de verde eram somente umas moitas de sorgo, pepinos-de-são-gregório e alcaparras. Era terreno de caça, isto sim, e vez por outra, de trás de uma touceira de sorgo, surgia velocíssima alguma lebre. Ele chegou quase na hora do almoço, o perfume dos doze *cannoli*[16] gigantes que tinha comprado enchia a cabine do carro e lhe estimulava o apetite.

Na porta, estavam todos à sua espera: Nicolò, sorridente, Francesco, impaciente, e Taninè, com os olhos brilhantes de contentamento. Montalbano se tranquilizou: talvez aquele dia fosse digno de ser vivido, se continuasse como havia começado.

Francesco nem lhe deu tempo de sair do carro e já começou a saltitar ao redor dele:

— Vamos brincar de mocinho e bandido?

O pai o repreendeu.

— Deixe o comissário em paz! Você brinca depois do almoço!

Naquele dia, Taninè decidira exibir-se num prato estrepitoso, chamado, vá-se saber por quê, "*malalìa d'amuri*". Vá-se saber por quê: de fato, não era possível que aquele ensopado de porco (bofe, fígado, baço e carne magra), a ser comido com fatias de pão torrado, tivesse a ver com o mal de amor; teria, se tanto, com dor de barriga.

Deliciaram-se em absoluto silêncio; nem mesmo Francesco, que era um pouquinho inquieto de natureza, se mexeu desta vez, perdido no paraíso dos sabores que sua mãe havia criado.

— Vamos brincar de mocinho e bandido?

Inevitável, insistente, a pergunta chegou assim que os três adultos terminaram de tomar o café.

Montalbano virou-se para o amigo Nicolò e pediu socorro com os olhos: naquela hora, não conseguiria de jeito nenhum sair correndo atrás do menino.

— O tio Salvo vai tirar um cochilinho. Depois vocês brincam.

— Olha — disse Montalbano, vendo que o garoto tinha ficado amuado —, vamos fazer o seguinte: daqui a exatamente uma hora, você mesmo me acorda, e aí a gente vai ter todo o tempo para brincar.

Nicolò Zito recebeu um telefonema que o obrigava a retornar a Montelusa para uma reportagem urgente, e Montalbano, antes de se recolher ao quarto de hóspedes, prometeu ao amigo que levaria de volta Taninè e Francesco.

Foi só o tempo de tirar a roupa, os olhos pestanejando, e se deitar que já caiu num sono de chumbo.

Pareceu-lhe ter acabado de adormecer quando foi acordado por Francesco, que lhe sacudia um braço, dizendo:

— Tio Salvo, já passou uma hora. Eu trouxe café para você.

Nicolò tinha partido, Taninè havia arrumado a casa e agora, sentada numa cadeira de balanço, lia uma revista. Francesco desapareceu para ir esconder-se lá fora.

Montalbano abriu o carro, pegou uma velha capa de chuva que mantinha no banco de trás para qualquer eventualidade, vestiu-a, apertou o cinto, levantou a gola, na tentativa de imitar um daqueles investigadores de filme americano, e saiu à procura do menino. Francesco, muito hábil em se esconder, adorava fingir ser um ladrão procurado por um comissário "de verdade".

A casa de Nicolò surgia em meio a dois hectares de terreno incultivado que provocava em Montalbano uma certa melancolia, também porque, no limite da propriedade, havia uma casinhola semidestruída, com metade do teto já no chão, a qual acentuava o estado de abandono da terra. Via-se que as longínquas origens camponesas do comissário se rebelavam contra aquela displicência.

Montalbano procurou Francesco durante meia hora, mas depois começou a sentir-se cansado, o ensopado de porco e dois *cannoli* gigantes ainda pesavam. Tinha certeza de que o garoto o espiava, excitado e atento, deitado de bruços atrás de alguma moita de sorgo. A diabólica capacidade de se esconder do menino podia esticar a brincadeira até o anoitecer.

Decidiu então declarar-se vencido, gritar bem alto sua rendição. Francesco desembocaria de algum lugar e exigiria o imediato pagamento da prenda, a qual consistia na narrativa, devidamente floreada, de uma de suas investigações. O comissário havia notado que as inventadas em sã consciência, com mortos, feridos e tiroteios, eram as que mais agradavam ao garoto.

Quando estava para declarar-se derrotado, veio-lhe um pensamento repentino: será que Francesco tinha ido se esconder dentro da casinhola destruída, apesar da severíssima proibição, por parte de Taninè e Nicolò, de que ele entrasse ali sozinho?

Começou então a correr e chegou sem fôlego diante da casinha. A porta, desconjuntada, estava apenas encostada. O comissário escancarou-a com um chute, pulou para dentro e, depois de meter a mão direita no bolso da capa, com o indicador ameaçadoramente apontado, disse em voz baixa e rouca, terrivelmente assustadora (uma voz que fazia Francesco urrar de alegria):

— Sou o comissário Montalbano. Vou contar até três. Se você não aparecer, eu atiro. Um...

Dentro da casa moveu-se uma sombra e, sob os olhos arregalados do comissário, surgiu um homem, de mãos para o alto.

— Não atire, seu guarda.

— Está armado? — perguntou Montalbano, dominando a surpresa.

— Estou — respondeu o homem, começando a baixar uma das mãos para pegar a arma, que deixara no bolso direito da jaqueta.

Só então o comissário percebeu aquele perigoso volume no bolso do desconhecido.

— Não se mexa, ou eu te queimo — intimou Montalbano, esticando ameaçadoramente o indicador. O homem voltou a levantar o braço.

Tinha olhos de cão raivoso, um ar de desespero pronto para tudo, barba crescida, roupa rasgada e suja. Um homem perigoso, sem dúvida, mas quem diabos seria?

— Siga em frente, na direção daquela casa.

O homem se mexeu, com Montalbano atrás. Chegado ao local onde havia estacionado, o comissário viu Francesco sair de detrás do carro e olhar a cena, excitadíssimo:

— Mamãe! Mamãe! — chamou o menino.

Assustada com a voz alterada do filho, Taninè foi até à porta e, com um único olhar, entendeu-se com o comissário. Entrou e de repente reapareceu apontando uma arma de caça para o desconhecido. Era uma velha espingarda de dois canos que pertencera ao pai de Nicolò e que este mantinha pendurada, descarregada, junto à porta; o jornalista jamais havia eliminado conscientemente um ser vivo, sua mulher dizia que ele não tratava das gripes para não matar as bactérias.

Completamente suado, o comissário abriu o carro e, no porta-luvas, pegou a pistola e algemas. Respirou profundamente e observou a cena. O homem estava imóvel sob a firme pontaria de Taninè, que, morena, bela, cabelos ao vento, parecia uma heroína de *western*.

Toque de artista

A campainha do telefone não era a campainha do telefone, mas o barulho da broca de um dentista enlouquecido, que tinha decidido fazer-lhe um buraco no cérebro. Ele abriu os olhos a custo e consultou o despertador na mesa de cabeceira: cinco e meia da manhã. Seguramente, algum dos seus homens do comissariado estava à sua procura para dizer algo sério, àquela hora não poderia ser outra coisa. Levantou-se da cama, praguejando, foi até a sala de jantar e pegou o fone.

— Salvo, você conhece Potocki?

O comissário reconheceu a voz do seu amigo Nicolò Zito, o jornalista da Retelibera, uma das duas televisões privadas de Montelusa que chegavam a Vigàta. Como Nicolò não era dado a brincadeiras cretinas, ele não se enfureceu.

— Quem é mesmo que eu deveria conhecer?

— Potocki, Jan Potocki.

— É polonês?

— Pelo nome, acho que sim. Deve ser o autor de um livro, mas todas as pessoas a quem perguntei não souberam me dizer nada. Se nem você sabe, acho que me ferrei.

Fiat lux. Talvez pudesse dar uma resposta à consulta incomum do amigo.

— Sabe se por acaso o livro se chama *Manuscrito encontrado em Saragoça*?

— Isto mesmo! Caralho, Salvo, você é demais! E o livro, já leu?

— Já, muitos anos atrás.

— Pode me dizer do que se trata?

— Mas por que esse interesse todo?

— Alberto Larussa, que você conhecia bem, se suicidou. Descobriram o corpo ali pelas quatro desta madrugada e me tiraram da cama.

O comissário Montalbano levou um susto. Amigo, amigo de Alberto Larussa não era, mas de vez em quando ia visitá-lo, a convite, na casa dele em Ragòna, e aproveitava a oportunidade para pegar emprestado algum livro da vastíssima biblioteca do outro.

— Como foi, tiro?

— Quem? Alberto Larussa? Imagine se ele ia se matar desse jeito rotineiro!

— E como foi que ele fez?

— Transformou a cadeira de rodas numa cadeira elétrica. Em certo sentido, executou-se.

— E o livro com isso?

— Estava ao lado da cadeira elétrica, em cima de um banquinho. Talvez tenha sido a última coisa que ele leu.

— Sim, chegamos a conversar a respeito. Ele gostava muito desse livro.

— Quem era esse Potocki, afinal?

— Nasceu na segunda metade do século XVIII, numa família de guerreiros. Era um estudioso, um viajante, imagine que foi do Marrocos à Mongólia. O czar fez dele seu conselheiro. Publicou livros de etnografia. Um grupo de ilhas, esqueci onde ficam, levava o nome dele. O romance sobre o qual você me perguntou foi escrito em francês. É o que sei.

— Mas por que Larussa gostava tanto desse livro?

— Pois é, é como eu lhe disse: ele gostava, vivia lendo e relendo. Acho que considerava Potocki uma espécie de alma gêmea.

— Mas como, se nunca botou os pés fora de casa?

— Alma gêmea no sentido de estranheza, de originalidade. Aliás, Potocki também se suicidou.

— E como?

— Com um tiro.

— Não me parece uma coisa original. Larussa soube fazer melhor.

Dada a notoriedade de Alberto Larussa, o noticiário das oito da manhã foi apresentado por Nicolò Zito, que habitualmente se reservava os de maior audiência, à noite. A primeira parte da notícia, Nicolò dedicou-a às circunstâncias da descoberta do cadáver e à modalidade do suicídio. Um caçador, Martino Zìcari, passando às três e meia da manhã pela casa de Larussa, viu sair fumaça por uma janelinha do porão. Já que, conforme se sabia, ali ficava o ateliê de Alberto Larussa, num primeiro momento Zìcari não se alarmou. Mas uma lufada de vento levou às suas narinas o odor daquela fumaça, e isto, sim, o alarmou. Então ele chamou os *carabinieri* e estes, depois de baterem inutilmente, arrombaram a porta. No porão, encontraram o corpo semicarbonizado de Alberto Larussa, que havia transformado artesanalmente sua cadeira de rodas numa perfeita cadeira elétrica. A seguir, ocorreu um curto-circuito, e as chamas devastaram parcialmente o local. Intacto, contudo, ao lado do morto, um banquinho sobre o qual estava o romance de Jan Potocki. E, aqui, Nicolò Zito utilizou as informações que Montalbano tinha lhe dado. Depois, desculpou-se com os espectadores por transmitir somente imagens externas da

casa onde Larussa morava: o oficial dos *carabinieri* havia proibido gravações no interior. A segunda parte foi dedicada a ilustrar a figura do suicida. Cinquentão, muito rico, havia trinta anos paralítico em consequência de uma queda de cavalo, Larussa jamais saiu dos limites de sua cidade natal, Ragòna. Nunca se casou, e tinha um irmão mais novo que morava em Palermo. Leitor apaixonado, possuía uma biblioteca de mais de dez mil volumes. Depois da queda do cavalo, descobriu, de modo inteiramente casual, a sua verdadeira vocação: a de ourives. Mas um ourives inteiramente original. Só usava materiais pobres: fios de ferro, de cobre, pedrinhas de vidro de várias cores. Mas o desenho dessas joiazinhas pobres era sempre de extraordinária elegância inventiva, a ponto de fazê-las parecerem verdadeiros objetos de arte. Larussa não as vendia, presenteava-as aos amigos ou às pessoas com quem simpatizava. Para trabalhar melhor, tinha transformado o porão num ateliê equipadíssimo. No qual se matou, sem deixar a menor explicação.

Montalbano desligou o televisor e ligou para Livia, esperando encontrá-la ainda em casa, em Boccadasse, Gênova. Ela estava, e ele lhe deu a notícia. Livia havia conhecido Larussa, os dois tinham gostado um do outro. A cada Natal, Alberto lhe mandava de presente uma de suas criações. Livia não era uma mulher de chorar facilmente, mas o comissário percebeu-lhe a voz embargada.

— E por que ele fez isso? Nunca me deu a impressão de ser uma pessoa capaz de semelhante gesto.

Por volta das três da tarde, o comissário telefonou a Nicolò.

— Novidades?

— Bem, algumas. No ateliê, Larussa tinha uma parte da instalação elétrica em 380 trifásica. Tirou a roupa toda, aplicou nos pulsos e nos tornozelos umas argolas, no peito uma larga faixa metálica e, nas têmporas, uma espécie de arco, parecido com aqueles de fone de ouvido. Para que a corrente fizesse mais efeito, meteu os pés numa bacia cheia d'água. Queria se garantir. Naturalmente, ele mesmo tinha fabricado essas geringonças todas, na maior paciência.

— E como foi que conseguiu acionar o interruptor de corrente? Segundo entendi, estava amarrado.

— O chefe dos bombeiros me disse que havia um timer. Genial, não? Ah, e bebeu uma garrafa de uísque.

— Era abstêmio, sabia?

— Não.

— Vou lhe dizer uma coisa que me veio à cabeça quando você falou das geringonças que ele mesmo fabricou, para fazer passar a corrente. Tem uma

explicação para isso de botar ao lado o romance de Potocki.

— Finalmente você vai me contar o que é que tem nesse bendito livro?

— Não, porque em nosso caso não é o romance que interessa, mas o autor.

— Como assim?

— Me lembrei como foi que Potocki fez para se matar.

— Mas você já disse! Um tiro!

— Sim, mas na época as pistolas eram de carregar pela boca, e com uma bala só.

— E daí?

— Três anos antes de se mandar, Potocki desatarraxou uma bola que existia na tampa de um bule de prata. Todo dia, ficava algumas horas limando essa bola. E levou esses três anos para conseguir dar a ela o diâmetro certo. Depois mandou benzê-la, meteu-a no cano da pistola e se alvejou.

— Deus do céu! Hoje de manhã eu considerei Larussa vencedor em matéria de originalidade, mas agora acho que ele ficou só empatado com Potocki! Então o livro seria substancialmente uma espécie de mensagem: me suicidei de um modo extravagante, como fez o meu mestre Potocki.

— Digamos que o sentido poderia ser esse aí.

— Por que você diz "poderia ser", e não que é?

— Bom, sinceramente eu não sei.

No dia seguinte, foi Nicolò quem o procurou. Tinha uma gravação interessante para lhe mostrar a respeito do suicídio de Larussa, que continuava a despertar curiosidade pelo fantasioso modo de execução. Montalbano seguiu para os estúdios da Retelibera. Nicolò havia entrevistado Giuseppe Zaccaria, administrador dos bens de Larussa, e o tenente Olcese, dos *carabinieri*, responsável pelas investigações. Zaccaria era um homem de negócios palermitano, grosseiro e carrancudo.

— Não tenho obrigação de responder às suas perguntas.

— Claro que não tem, eu só estava pedindo a gentileza de...

— Ora, vão se foder, o senhor e a televisão!

Zaccaria virou as costas e já ia se afastando.

— É verdade que Larussa tinha um patrimônio estimado em cinquenta bilhões?

Era claramente um blefe de Zito, mas Zaccaria caiu. Virou-se de repente, enfurecido.

— Mas quem lhe disse uma besteira dessas?

— Pelas minhas informações...

— Olha aqui, o pobre Larussa era rico, mas não a esse nível. Possuía ações, títulos diversos, mas, repito, não chegavam ao nível que o senhor mencionou.

— A herança vai para quem?

— Não sabia que ele tinha um irmão mais novo?

O tenente Olcese era um poste de um metro e noventa e nove. Cortês, mas uma pedra de gelo.

— As poucas novidades que surgiram conduzem todas, eu disse todas, na direção do suicídio. Muito rebuscado, é certo, mas suicídio. Também o irmão...

O tenente Olcese se interrompeu bruscamente.

— É só isso, bom dia.

— O senhor ia dizendo que o irmão...

— Bom dia.

Montalbano olhou seu amigo Nicolò.

— Por que você me fez vir aqui? Não me parecem duas entrevistas reveladoras.

— Decidi mantê-lo informado. Você não me engana, Salvo. Esse suicídio não te convenceu, não é?

— Não é que não me convença, é mais que me incomoda.

— Quer falar disso?

— Podemos falar, até porque eu não estou cuidando do caso. Mas você precisa jurar que não vai usar esta conversa em seus noticiários.

— Prometido.

— No telefone, Livia me disse que não achava Larussa do tipo que se mata. E eu acredito na sensibilidade de Livia.

— Ora, Salvo! Toda a parafernália da cadeira elétrica traz a assinatura original de Larussa! É praticamente a marca dele!

— E esse é o ponto que me incomoda. Alguma vez ele quis dar entrevista para as revistas que ficavam insistindo, quando se espalhou a notícia das coisas artísticas que fazia?

— Pois é, não quis dar nem a mim, quando pedi. Era um urso.

— Um urso, isto mesmo. E, quando o prefeito de Ragòna quis organizar uma exposição beneficente desses trabalhos, o que foi que ele fez? Recusou a proposta, mas mandou ao prefeito um cheque de vinte milhões.

— É verdade.

— E depois tem a história do romance de Potocki, posto em evidência. Mais um toque de exibicionismo. Não, nada disso combina com o jeito habitual dele.

Olharam-se em silêncio.

— Você devia tentar entrevistar esse tal irmão mais novo — sugeriu a certa altura o comissário.

No telejornal das oito, Nicolò Zito transmitiu as duas entrevistas que havia mostrado antecipadamente a Montalbano. Terminado o noticiário da Retelibera, o comissário passou ao da Televigàta, a outra emissora privada, que começava às oito e meia. Naturalmente, a manchete foi o suicídio de Larussa. O jornalista Simone Prestìa, cunhado do agente Galluzzo, entrevistou o tenente Olcese.

— As poucas novidades que surgiram — declarou o tenente, usando exatamente as mesmas palavras que havia adotado com Nicolò Zito — conduzem todas, eu disse todas, na direção do suicídio. Rebuscado, é certo, mas suicídio.

"Caralho, mas que tenente mais criativo!", pensou o comissário, enquanto Olcese continuava:

— Também o irmão...

O tenente Olcese se interrompeu bruscamente.

— E só isso, bom dia.

— O senhor ia dizendo que também o irmão...

— Bom dia — repetiu o tenente Olcese.

E se afastou, rígido. Montalbano ficou de boca aberta. Depois, como a imagem só mostrou o tenente, e do repórter apenas se ouviu a voz, fora de cena, veio-lhe a dúvida de que Zito tivesse passado a matéria a Prestìa, às vezes os jornalistas trocavam esses favores.

— Você repassou a entrevista de Olcese a Prestìa?

— Mas que ideia!

Montalbano desligou, pensativo. O que significava aquele teatro? Talvez o tenente Olcese, com seus dois metros de altura, fosse menos bobo do que pretendia aparentar.

E qual seria o objetivo da encenação?

Só podia ser um: açular, atiçar os jornalistas contra o irmão do suicida. E para conseguir o quê? De qualquer modo, uma coisa era certa: naquele suicídio, o tenente estava sentindo cheiro de queimado, era o caso de se dizer.

Durante três dias, em Palermo, Nicolò, Prestìa e outros jornalistas correram atrás do irmão de Larussa, que se chamava Giacomo, sem conseguir encontrá-lo. Fizeram plantão na frente da casa, na frente do liceu onde ele ensinava latim: nada, o homem parecia ter-se tornado invisível. Depois, o diretor da escola, assediado, decidiu-se a comunicar que o professor Larussa havia tirado dez dias de férias. Giacomo não apareceu nem mesmo na cerimônia fúnebre do suicida (que se realizou na igreja, os ricos que se matam são considerados fora de si e, portanto, absolvidos do gesto insano). Foi um funeral como tantos outros, e isso

despertou na memória do comissário uma certa lembrança confusa. Ele então ligou para Livia.

— Se não me engano, numa das vezes em que nós fomos visitar Alberto Larussa ele falou com você sobre o funeral que gostaria de ter.

— Claro! Estava brincando, mas não muito. Me levou ao escritório dele e me mostrou os desenhos.

— De quê?

— Do funeral. Você não imagina o que era o carro fúnebre, com anjos chorosos de dois metros de altura, querubins, coisas assim. Tudo em mogno e ouro. Ele disse que, na hora certa, mandaria construir aquilo. Tinha desenhado até o uniforme dos carregadores das coroas. O caixão, então, nem te conto: talvez só mesmo um faraó tenha tido igual.

— Estranho.

— O quê?

— Um homem como ele, tão retirado, quase um urso, sonhar com um funeral como você definiu, faraônico, típico de exibicionista.

— Pois é, eu também me espantei. Mas ele disse que a morte era uma mudança de tal ordem que mais valia a pessoa se demonstrar, depois de morta, o contrário do que havia sido em vida.

Uma semana mais tarde, Nicolò Zito divulgou um verdadeiro furo. Havia conseguido filmar os objetos que Alberto Larussa tinha confeccionado em seu ateliê para o suicídio: quatro argolas ou algo assim, duas para os tornozelos e duas para os pulsos; uma faixa de cobre, de pelo menos cinco dedos de largura, com a qual ele cingiu o tórax; e uma espécie de arco de cabeça no qual, no lugar dos fones de ouvido, havia placas retangulares de metal para encostar nas têmporas. Montalbano viu aquilo tudo no jornal da meia-noite e ligou imediatamente para Nicolò: queria uma gravação. Zito prometeu-a para a manhã seguinte.

— Mas por que isso te interessa?

— Nicolò, você viu bem? São coisas que você e eu poderíamos fazer, embora não saibamos fazer. São objetos tão rústicos que nem os ambulantes se arriscariam a vender na praia. Um artista como Alberto Larussa jamais adotaria aquilo, teria vergonha de ser encontrado morto com uns troços tão malfeitos em cima dele.

— E o que significa isso, em sua opinião?

— Em minha opinião, significa que Alberto Larussa não se suicidou. Foi assassinado, e quem cometeu o crime agiu de maneira a que os detalhes do

suicídio fossem compatíveis com a estranheza, a originalidade de Larussa.

— Talvez fosse bom a gente falar com o tenente Olcese.

— Quer que eu lhe diga uma coisa?

— Diga.

— O tenente Olcese sabe mais sobre isso do que nós dois juntos.

Tanto sabia o tenente Olcese que, exatamente vinte dias depois da morte de Alberto Larussa, prendeu o irmão deste, Giacomo. Na mesma noite, foi ao ar na Retelibera o procurador-substituto Giampaolo Boscarino, um indivíduo que fazia questão de aparecer impecável na telinha.

— Doutor Boscarino, o professor Larussa é acusado de quê? — perguntou Nicolò Zito, que se precipitara até Palermo.

Boscarino, antes de responder, alisou o bigodinho louro, ajeitou o nó da gravata e passou uma mão na lapela do paletó.

— Do cruel homicídio do seu irmão Alberto, crime que ele tentou fazer passar por suicídio mediante uma encenação macabra.

— Como foi que os senhores chegaram a essa conclusão?

— Lamento, mas o processo é sigiloso.

— O senhor não pode nos dizer nada mesmo?

O doutor Boscarino passou uma mão na lapela do paletó, ajeitou o nó da gravata e alisou o bigodinho louro.

— Giacomo Larussa caiu em patentes contradições. Além disso, as investigações, brilhantemente conduzidas pelo tenente Olcese, trouxeram à luz certos elementos que agravam a situação do professor.

Alisou o bigodinho louro, ajeitou o nó da gravata e a imagem mudou, para mostrar o rosto de Nicolò Zito.

— Conseguimos entrevistar o senhor Filippo Alaimo, de Ragòna, aposentado, 75 anos. O testemunho dele foi considerado fundamental pela acusação.

Apareceu, de corpo inteiro, um camponês magro e comprido, com um cão de bom tamanho deitado aos seus pés.

— Meu nome se chama Alaimo Filippo. O senhor, doutor e jornalista, deve saber que eu sofro de insônia, comigo dormir é fogo. Meu nome se chama Alaimo Filippo.

— Isso o senhor já disse — ouviu-se a voz de Zito, sem a imagem.

— Bom, o que era que eu estava falando? Ah, sim. Então, quando me dá gastura de ficar dentro de casa, a qualquer hora da noite, acordo o cachorro e levo pra esticar as perna. Então o cachorro, que o nome dele se chama Pirì,

quando que se vê acordado no meio do sono sai de casa um pouquinho aperreado.

— O que é que o cachorro faz? — perguntou Nicolò, sempre sem aparecer.

— Eu só queria ver o senhor, doutor e jornalista, se lhe cutucam no meio da noite e lhe obrigam a dar um passeio de duas hora! O senhor não se aperreia? Pois o cachorro também. Então Pirì, é ver uma coisa se mexendo, homem, bicho ou automóvel, e corre atrás.

— E foi o que aconteceu na noite de 13 para 14, não? — decidiu intervir Nicolò, temendo que os telespectadores, a certa altura, não entendessem mais nada. — O senhor estava perto da casa de Alberto Larussa e viu um carro sair disparado pelo portão...

— É sim, senhor. Assim mesmo como o senhor disse. O carro saiu, Pirì correu atrás e o corno que estava dirigindo me atropelou o cachorro. Olhe aqui, doutor e jornalista.

Filippo Alaimo inclinou-se, pegou o cão pela coleira e ergueu-o um pouco: o animal tinha as patas posteriores enfaixadas.

— Que horas eram, senhor Alaimo?

— Vamos dizer assim duas e meia, três da manhã.

— E o senhor, o que fez?

— Eu saí gritando atrás do carro que ele era um filha da puta. E decorei a placa.

Reapareceu a face de Nicolò Zito.

— Segundo fontes bastante autorizadas, a placa anotada pelo senhor Alaimo corresponderia à do professor Giacomo. Agora, a pergunta é a seguinte: o que Giacomo Larussa fazia àquela hora da noite na casa do irmão, quando se sabe que os dois não se davam bem? Passemos a pergunta ao advogado Gaspare Palillo, que assumiu a defesa do suspeito.

Gorducho e rosado, o advogado Palillo era idêntico a um dos Três Porquinhos.

— Antes de responder à sua pergunta, eu gostaria de fazer-lhe uma. Posso?

— À vontade.

— Quem mandou a suposta testemunha Filippo Alaimo deixar de usar os óculos que ele habitualmente usa? Trata-se de um senhor de setenta e cinco anos, com uma miopia de oito graus em cada olho e uma visão reduzidíssima. Às duas e meia da manhã, à luz fraca de um farol, ele teria condições de ler a placa de um automóvel em velocidade? Ora, por favor! Vamos então à sua pergunta. Esclareça-se que, neste último mês, as relações entre os dois irmãos haviam melhorado, a ponto de, ao longo desse período, o meu constituinte ter ido a Ragòna três vezes, a fim de ver o irmão. Diga-se também que a iniciativa

dessa reaproximação partiu justamente do suicida, que declarou várias vezes ao meu constituinte não estar mais conseguindo suportar a solidão, sentir-se muito deprimido e precisar do apoio fraterno. É verdade, no dia 13 o meu constituinte esteve em Ragòna, ficou algumas horas com o irmão, que lhe pareceu mais deprimido que das outras vezes, mas voltou para Palermo antes do jantar, por volta das 20 horas. De manhã, por uma rádio local, soube do suicídio.

Nos dias que se seguiram, aconteceram as coisas que costumam acontecer nesses casos.

Michele Ruoppolo, palermitano, declarou que estava voltando à sua residência às quatro horas da madrugada do dia 14 quando viu chegar o carro do professor Giacomo Larussa. De Ragòna a Palermo, gastam-se no máximo, no máximo duas horas. Se o professor saiu da casa do irmão às vinte, por que levou oito horas para fazer esse percurso?

O advogado Palillo rebateu que o professor tinha voltado à sua casa às vinte e duas, mas, preocupado com o estado do irmão, não conseguiu dormir. Então se levantou às três, pegou o carro e foi dar uma volta pela litorânea.

Arcangelo Bonocore jurou de pés juntos que no dia 13, ali pelas seis da tarde, ao passar pelas imediações da casa de Alberto Larussa, escutou, vindos lá de dentro, vozes e ruídos de uma violenta altercação.

O advogado Palillo disse que o seu constituinte se lembrava muito bem do episódio. Não tinha havido nenhuma altercação. A certa altura, Alberto Larussa ligou a televisão para assistir a um programa que o interessava, intitulado *Marshall*. Nesse episódio, ocorreu uma briga violenta entre dois personagens. O advogado Palillo se dispunha a exibir uma fita com a gravação daquela transmissão. O senhor Bonocore tinha caído num equívoco.

As coisas foram caminhando assim durante uma semana, até que o tenente Olcese puxou a carta da manga, como havia antecipado o juiz Boscarino. Imediatamente após a descoberta do cadáver, contou o tenente, ele mandou procurar algum papel, um escrito qualquer, que pudesse explicar as motivações de tão atroz gesto. Não o encontraram porque Alberto Larussa não tinha nada a explicar, dado que não lhe passava pela cabeça a ideia de suicídio. Em compensação, na primeira gaveta à esquerda da escrivaninha — não fechada a chave, sublinhou Olcese —, acharam um envelope bastante em evidência, no qual estava escrito: “Para ser aberto depois da minha morte”. Visto que o senhor Larussa estava morto, explicou com lógica lapalissiana o tenente, abriram-no.

Poucas linhas: “Deixo tudo o que possuo, em títulos, ações, terrenos, casas e outras propriedades, ao meu amado irmão mais novo Giacomo”. Seguia-se a assinatura. Não havia data. E foi justamente a ausência de data a provocar uma suspeita no tenente, o qual mandou submeter o testamento a um exame duplo, químico e grafológico. O exame químico revelou que a carta fora escrita um mês antes, no máximo, dadas as características da tinta usada, e que era a mesma adotada habitualmente por Alberto Larussa. O exame grafológico, encomendado ao perito do Tribunal de Palermo, levou a um resultado inequívoco: a letra de Alberto Larussa tinha sido habilmente imitada.

Essa história do testamento falso o advogado Palillo não digeriu.

— Eu sei qual é o quadro imaginado pelos condutores da investigação. Meu constituinte vai visitar o irmão, dá um jeito de fazê-lo perder os sentidos, escreve o testamento, pega no seu carro os objetos para a execução, que ele mandou alguém confeccionar em Palermo, transporta o irmão desmaiado para o ateliê (que o meu constituinte conhece muito bem, conforme admitiu, na medida em que Alberto o recebeu várias vezes ali) e organiza a macabra encenação. Mas eu me pergunto: que necessidade tinha ele de escrever um testamento falso, quando já existe um, devidamente registrado, que diz exatamente as mesmas coisas? Explicando melhor: o testamento de Angelo Larussa, pai de Alberto e de Giacomo, estabelece o seguinte: deixo todos os meus bens, móveis e imóveis, ao meu primogênito Alberto. Com a morte deste, todas as posses se transferirão ao meu filho mais novo Giacomo. Então eu me pergunto: *Cui prodest?* A quem poderia aproveitar esse inútil segundo testamento?

Montalbano ouviu as palavras de Olcese e do advogado Palillo no noticiário da meia-noite, quando já estava de cuecas e se preparava para dormir. Ficou inquieto, perdeu a vontade de ir para a cama. Era uma noite extraordinariamente calma e então, de cuecas mesmo, ele foi passear à beira-mar. O segundo testamento não se encaixava. Embora achasse que havia um culpado, o comissário percebia algo de excessivo na confecção daquele texto. Por outro lado, tudo era excessivo naquela história. Mas o testamento falso era como uma pincelada a mais num quadro, um retoque desnecessário. *Cui prodest?*, perguntara o advogado Palillo. E a resposta lhe veio aos lábios natural e incontida, foi como se ele visse uma luz ofuscante, como se um fotógrafo tivesse acendido um flash. Montalbano sentiu as pernas moles como ricota, a ponto de precisar sentar-se na areia molhada.

— Nicolò? Montalbano. O que era que você estava fazendo?

— Com a sua permissão, considerando a hora, já ia dormir. Ouviu Olcese? Você tinha razão: Giacomo Larussa não só é um assassino por interesse como também um monstro!

— Acha que consegue tomar umas notas?

— Um momentinho que eu vou pegar papel e caneta. Pronto. Pode falar.

— Já vou avisando, Nicolò: são coisas delicadas, que eu não posso mandar os meus homens fazerem, porque se os *carabinieri* vierem a saber isso pode dar confusão. Portanto, eu não posso aparecer. Fui claro?

— Claríssimo. Serão iniciativas minhas.

— Bom. Em primeiro lugar, quero saber o motivo pelo qual Alberto Larussa ficou muitos anos sem querer ver o irmão.

— Vou tentar.

— Em segundo, amanhã mesmo você vai a Palermo e procura o perito grafólogo interpelado por Olcese. Faça apenas a seguinte pergunta, anote bem: é possível uma pessoa escrever um bilhete conseguindo fazê-lo parecer falsificado? E é só, por hoje.

Nicolò Zito era muito inteligente e levou dez segundos para compreender o sentido da pergunta que deveria fazer ao perito.

— Caralho! — exclamou.

O monstro acabou sendo estampado, como se diz, na primeira página. A maior parte dos jornais, já que o caso tinha tomado âmbito nacional, detinha-se na personalidade do professor Giacomo Larussa, impecável mestre segundo o diretor, os colegas, os alunos, e impiedoso assassino que se insinuou como uma víbora na momentânea debilidade do irmão para conquistar-lhe a confiança e então, movido pelo mais torpe interesse, assassiná-lo de um modo atroz. A sentença já tinha sido pronunciada pelos meios de comunicação, a essa altura até o processo seria um ritual inútil.

O comissário sentiu-se roer por dentro ao ler aquelas matérias que condenavam sem apelação, mas ainda não dispunha de nada que lhe permitisse declarar a inacreditável verdade que tinha intuído na véspera.

Tarde da noite, finalmente Nicolò Zito lhe telefonou.

— Acabei de chegar. Mas foi muito produtivo.

— Diga.

— Vamos pela ordem. O advogado Palillo conhece o motivo do ódio, porque era disso que se tratava, entre os dois irmãos. Quem lhe contou foi o seu constituinte, como ele gosta de dizer. Lá vai: Alberto Larussa não caiu de um cavalo trinta anos atrás, como se espalhou agora por aqui. Essa história foi

inventada pelo pai, Angelo, para esconder a verdade. Durante uma briga violenta, os dois irmãos se estapearam, Alberto caiu da escada e lesionou a coluna. Disse que havia sido empurrado por Giacomo. Este negou, garantindo que Alberto havia tropeçado. Angelo, o pai, tentou abafar a coisa com a história da queda do cavalo, mas castigou Giacomo no testamento, de certa forma submetendo o caçula a Alberto. A coisa me cheira a verdade.

— A mim também. E o perito?

— O perito, que foi bem difícil de abordar, ficou espantadíssimo, confuso, embatucado, começou a gaguejar. Para resumir, disse que pode haver uma resposta afirmativa à pergunta. E acrescentou uma coisa muito interessante: por mais que uma pessoa tente falsificar a própria letra, um exame muito atento acabaria revelando a fraude. Aí eu perguntei se ele tinha feito esse exame muito atento. Candidamente, ele respondeu que não. E sabe por quê? Porque a questão apresentada pelo procurador-substituto era se a letra de Alberto Larussa havia sido falsificada, e não se Alberto Larussa havia falsificado sua própria letra. Pegou a diferença sutil?

Montalbano não respondeu: estava pensando em outra tarefa para dar ao amigo.

— Agora, você precisa descobrir sem falta em que data aconteceu o acidente da queda de Alberto na escada.

— Por quê? É importante?

— É, pelo menos eu acho.

— Bom, mas isso eu já sei. Foi num dia 13 de abril...

Nicolò interrompeu-se de repente, Montalbano percebeu que ele ficara sem voz.

— Meu Deus! — ouviu-o murmurar.

— E então, fez as contas? — perguntou Montalbano. — O acidente aconteceu num dia 13 de abril de 31 anos atrás. Alberto Larussa, suicida ou assassinado, morre em 13 de abril de 31 anos depois. E o número 31 é simplesmente o número 13 invertido.

— Larussa deixou o livro de Potocki ao lado da cadeira elétrica por desafio, um desafio a ser compreendido — disse Montalbano.

Ele e Nicolò estavam na *trattoria* San Calogero traçando uns salmonetes fresquíssimos ao molho.

— Compreender o quê? — perguntou Nicolò.

— Veja bem. Potocki, quando começou a limar a bolota da tampa do bule, fez um cálculo temporal: eu vou viver até quando a bola estiver no tamanho

certo para entrar no cano da pistola. Alberto Larussa deveria fazer sua vingança exatamente trinta e um anos depois e no aniversário exato, 13 de abril. Um cálculo temporal, como o de Potocki, um tempo determinado. Você parece perplexo. O que foi?

— Me ocorreu uma observação — disse Nicolò. — Por que Alberto Larussa não se vingou treze anos depois da queda?

— Eu também me perguntei isso. Talvez alguma coisa o tenha impossibilitado, talvez o pai ainda estivesse vivo e acabaria compreendendo, se você quiser a gente pode descobrir. Mas o fato é que ele esperou todos esses anos.

— E agora, o que é que a gente faz?

— Em que sentido?

— Como, em que sentido? A gente fica se contando essas histórias todas e deixa Giacomo Larussa na cadeia?

— O que é que você quer fazer?

— Ah, sei lá... Procurar o tenente Olcese e contar tudo. Ele me parece boa pessoa.

— Mas iria rir na sua cara.

— Por quê?

— Porque essa nossa conversa não passa de palavras, coisas que voam, nada concreto. Precisaríamos de provas para levar ao tribunal e não temos nenhuma, pense bem.

— E agora?

— Me deixe pensar um pouco hoje à noite.

Em seu habitual traje de espectador de televisão, a saber, camiseta cueca e pés descalços, Montalbano botou no vídeo a fita que Nicolò lhe entregara dias antes, acendeu um cigarro, instalou-se confortavelmente na poltrona e ligou o aparelho. Quando chegou ao fim, rebobinou a fita e viu-a novamente. Repetiu mais três vezes a operação, fixando bem os objetos que haviam servido para transformar a cadeira de rodas em cadeira elétrica. Seus olhos começaram a pestanejar de cansaço. Ele desligou tudo, levantou-se, foi até o quarto, abriu a gaveta mais alta da cômoda, pegou uma caixinha e voltou a sentar-se na poltrona. Na caixinha havia um esplêndido alfinete de gravata com que o pobre Alberto Larussa tinha lhe presenteado. Montalbano examinou-o demoradamente e depois, sempre segurando-o, assistiu de novo à fita. A certa altura desligou o vídeo, devolveu a caixinha à cômoda e consultou o relógio. Eram três da manhã.

Bastaram-lhe vinte segundos para superar os escrúpulos. Ele pegou o fone e discou um número.

— Amor? Salvo.

— Ai, meu Deus, Salvo, o que foi que aconteceu? — perguntou Livia, preocupada e com a voz cheia de sono.

— É para lhe pedir um favor. Desculpe, mas e muito importante para mim. Que coisas de Alberto Larussa você tem.

— Um anel, dois broches, uma pulseira, dois pares de brincos. Esplêndidos. Um dia desses olhei tudo isso de novo quando soube que ele tinha morrido. Meu Deus, que coisa tremenda! Ser assassinado pelo irmão daquela maneira atroz!

— Talvez as coisas não sejam como estão dizendo, Livia.

— Como assim?!

— Depois eu explico. Agora, preciso que você me descreva esses objetos, não tanto a forma, mas o material usado, entendeu?

— Não.

— Ora, Livia, é tão claro! Por exemplo: de que espessura são os fios de ferro, de cobre, ou seja lá do que for?

O telefone de Montalbano tocou antes das sete da manhã.

— Então, Salvo, o que você pensou em fazer?

— Olha, Nicolò, a gente só pode se mexer numa única direção, mas é como andar na corda-bamba.

— Ou seja, estamos na merda.

— Sim, mas só até o pescoço. Antes de afundar completamente, podemos fazer pelo menos uma coisa. O único que pode nos dizer algo de novo em relação àquilo que suspeitamos é Giacomo Larussa. Você liga para o advogado e pede que ele conte minuciosamente o que aconteceu durante as três visitas que Giacomo fez a Alberto. Mas tudo mesmo. Até se uma mosca voou. Em que aposentos eles entraram, o que comeram, de que falaram. Até as minúcias, até o que parecer inútil. Veja lá, hem! Preste bem atenção, mesmo que lhe dê hérnia no cérebro de tanto esforço.

“Caro doutor Zito”, começava a carta do advogado Palillo a Nicolò, “remeto-lhe a transcrição muito fiel do relato das três visitas do meu constituinte ao seu irmão, ocorridas nos dias 2, 8 e 13 de abril do presente ano.”

O advogado era um homem organizado e preciso, apesar do aspecto que fazia dele um dos Três Porquinhos de Disney.

Na primeira visita, a do dia 2, Alberto não fez senão desculpar-se e lamentar-se por sua teimosia em manter-se afastado o irmão. Mas agora não tinha mais importância ficar repisando a desgraça, não fazia mais sentido querer estabelecer se ele havia tropeçado ou se Giacomo o empurrara. Vamos botar uma pedra em cima do assunto, disse. Até porque, acrescentou, ele estava sozinho como um cão e isso começava a cansá-lo. Além disso, coisa que nunca havia acontecido, tinha dias de depressão, ficava na cadeira de rodas sem fazer nada. Às vezes, fechava as cortinas e, no escuro, começava a pensar. Em quê?, perguntou Giacomo. E Alberto: no fracasso da minha existência. Depois mostrou a Giacomo o ateliê, os objetos em preparo, e lhe deu de presente uma magnífica corrente de relógio. A visita durou três horas, das 15 às 18.

No segundo encontro, o do dia 8, tudo havia acontecido quase como numa cópia da visita anterior. O presente, desta vez, tinha sido um prendedor de gravata. Mas a depressão de Alberto evidentemente tinha se agravado, a certa altura Giacomo teve a impressão de que ele a muito custo continha as lágrimas. Duração do encontro: duas horas e meia, das 16 às 18:30. Despediram-se com uma combinação: Giacomo retornaria no dia 13 na hora do almoço e ficaria pelo menos até as vinte.

O relato da última visita, a do dia 13, apresentava algumas diferenças. Giacomo chegou um pouquinho adiantado e encontrou o irmão de péssimo humor, nervosíssimo. Alberto brigou com a empregada na cozinha, a ponto de jogar no chão uma panela, em desafogo. Ficou resmungando, quase sem dirigir a palavra a Giacomo. Pouco antes do meio-dia, bateram à porta. Alberto xingou a empregada, que não tinha ido abrir. Então Giacomo foi: era o mensageiro de um serviço de entregas rápidas, com um pacote de grandes dimensões. Giacomo assinou em nome do irmão e teve tempo de ler a identificação do remetente, num cartãozinho colado. Alberto quase lhe arrancou das mãos o pacote e apertou-o contra o peito como se aquilo fosse uma criatura querida. Giacomo perguntou o que havia ali de tão importante, mas Alberto não respondeu, disse apenas que já não esperava que o pacote chegasse a tempo. A tempo de quê? De uma coisa que eu preciso fazer ainda hoje, foi a resposta. Depois, Alberto dirigiu-se ao ateliê para guardar a encomenda, mas não convidou o irmão a segui-lo. Giacomo insistia em sublinhar que, daquela vez, não entrou no ateliê. A partir da chegada do pacote, a atitude de Alberto mudou inteiramente. Agora de volta ao humor normal, ele se desculpou amplamente com o irmão e até com a empregada, a qual, depois de servir o almoço, tirou a mesa, arrumou a cozinha e foi embora por volta das 15 horas. Durante a refeição, Alberto não bebeu nem uma gota de vinho, Giacomo também achava importante frisar isso, eram ambos abstêmios. Depois, Alberto convidou o irmão para descansar um pouquinho, até

havia mandado preparar uma cama no quarto de hóspedes. Ele iria fazer o mesmo. Giacomo se levantou por volta das 16:30, foi à cozinha e lá encontrou Alberto, que havia feito um café. Giacomo achou-o muito afetuoso, mas um tanto ausente, quase melancólico. Em nenhum momento Alberto mencionou a desgraça acontecida trinta e um anos antes, como Giacomo temia. Passaram juntos uma tarde agradável, falando do passado, dos pais, dos parentes. Enquanto Alberto se distanciou de todos, Giacomo manteve contato sobretudo com a velhíssima irmã da mãe, a tia Ernestina. Alberto se interessou muito por essa tia, que ele literalmente havia esquecido, perguntou como estava ela, como passava de saúde, e chegou a se dispor a mandar à velhinha uma consistente ajuda econômica, através do próprio Giacomo. E assim tinham corrido as coisas até perto das 20 horas, quando Giacomo entrou no carro a fim de retornar a Palermo. Despediram-se depois de combinar um novo encontro para o dia 25 do mesmo mês. Quanto ao nome do remetente do pacote, Giacomo, por mais que se tivesse esforçado, não conseguia lembrá-lo com exatidão. Podia ser Roberti (ou talvez Goberti ou talvez Foberti ou talvez Romerti ou talvez Roserti), uma firma de Seveso. Que o pacote tinha vindo de Seveso, Giacomo podia garantir: nos primeiros anos como professor, teve uma curta relação com uma colega que era justamente de Seveso.

Com medo de que a notícia de sua investigação paralela se tornasse pública, Montalbano dirigiu-se ao prédio dos correios, onde, tratando-se também de um posto telefônico público, poderia encontrar todos os catálogos. Roberti, Fausto era um dentista; Roberti, Giovanni, um dermatologista; mas Ruberti era uma firma. Ele arriscou, e atendeu uma cantarolante voz feminina.

— Ruberti, às suas ordens.

— Aqui é o comissário Montalbano, estou ligando de Vigàta. Preciso de uma informação. A Ruberti é que tipo de firma?

A moça hesitou um instantinho.

— O senhor quer saber que tipo de coisa ela produz?

— Isso, obrigado.

— Condutores elétricos.

Montalbano ficou todo eriçado, talvez estivesse no caminho certo.

— Poderia me passar o diretor de vendas?

— A Ruberti é uma empresa pequena, comissário. Vou transferir o senhor para o engenheiro Tani, que também cuida das vendas.

— Alô, comissário? Aqui é Tani. O que deseja?

— Preciso saber se vocês receberam alguma encomenda de material por parte do senhor...

— Um momento — interrompeu o engenheiro —, trata-se de um particular?

— Sim.

— Comissário, nós não vendemos a particulares. Nossa produção não vai para lojas de eletricidade, porque não se destina ao uso doméstico. Como se chama mesmo esse senhor?

— Larussa. Alberto Larussa, de Ragòna.

— Oh! — fez o engenheiro Tani.

Montalbano não perguntou nada, esperou que o outro se recuperasse da surpresa.

— Eu soube pelos jornais e pela televisão — disse o engenheiro. — Que fim louco e terrível! Sim, o senhor Larussa nos telefonou para comprar Xeron 50, sobre o qual ele tinha lido numa revista.

— Desculpe, mas eu não entendo disso. O que é Xeron 50?

— Um hipercondutor, patente nossa. Simplificando muito, uma espécie de multiplicador de energia. Muito caro. Ele insistiu tanto, afinal era um artista, que eu mandei os cinquenta metros que ele pediu, o senhor compreende, uma quantidade irrisória. Mas essa remessa não chegou ao destino.

Montalbano teve um sobressalto.

— Não chegou ao destino?

— Dessa primeira vez, não. Aí ele nos telefonou outras vezes, pedindo de novo. O senhor compreende, chegou a me mandar uns brincos maravilhosos para a minha mulher. Então eu remeti outros cinquenta metros pela entrega rápida. E esses, infelizmente, devem ter chegado.

— Como é que o senhor sabe?

— Porque vi na televisão as imagens macabras de tudo o que ele manipulou para construir a cadeira elétrica. Me refiro às tornozeleiras, às braçadeiras, ao peitoral. Bastou ver uma vez só. Ele usou o nosso Xeron 50.

Montalbano foi ao comissariado, mandou que Mimì Augello o substituísse, voltou à sua casa de Marinella, tirou a roupa, meteu-se no uniforme de telespectador, instalou a fita vista e revista, sentou-se na poltrona, munido de caneta e algumas folhas de papel quadriculado, e ligou o vídeo. Levou duas horas para concluir as contas, tanto pela dificuldade objetiva do cálculo quanto porque ele, com números, se enrolava todo. Mas conseguiu estabelecer quantos aros de Xeron tinham sido necessários a Larussa para confeccionar as tornozeleiras, as braçadeiras, o peitoral, o arco para a cabeça. Xingando,

transpirando, riscando, recalculando, reescrevendo, convenceu-se de que Alberto Larussa havia usado uns trinta metros de Xeron 50. Então levantou-se da poltrona e convocou Nicolò Zito.

— Veja bem, Nicolò, esse fio especial servia a Alberto por dois motivos. Primeiro: tratava-se de um material com diâmetro muito grosso, e ele, para os seus objetos de arte, adotava fios que pareciam de teia de aranha. Portanto, quem o conhecia iria dizer que a cadeira elétrica, com um desenho tão rústico e um material tão espesso, não tinha sido construída por ele. Até eu caí nessa. Segundo: Alberto, certamente, seguramente, queria ser morto, e não apenas queimado, pela cadeira elétrica. Portanto, precisava se garantir: o Xeron 50 era tudo de que ele precisava. Por isso o seu irmão Giacomo o encontrou tão nervoso, quando chegou lá na manhã do dia 13: o pacote ainda não tinha sido entregue. E, sem o Xeron, ele não tinha coragem de se sentar na cadeira elétrica. Quando Giacomo foi embora, ali pelas oito da noite, ele começou a trabalhar feito um louco para preparar a encenação. E eu estou convencido de que ele conseguiu se matar antes da meia-noite.

— E agora, o que é que eu faço? Procuro Olcese e conto tudo?

— A esta altura, sim. E acrescente que, com base nos seus cálculos, preste atenção, eu disse seus, Alberto Larussa deve ter usado uns trinta metros de Xeron 50. Portanto, no ateliê, ainda devem estar uns vinte metros desse fio, ainda que chamuscados. E não esqueça: no meu nome não se fala, eu não tenho nada a ver com isso, não existo.

— Salvo? Nicolò. Conseguimos. Assim que saí daí, telefonei pra Ragòna. Olcese me disse que não tinha nada a declarar aos jornalistas. Aí eu respondi que gostaria de vê-lo na qualidade de cidadão. Ele concordou. Dali a uma hora, eu estava em Ragòna. Vou logo te dizendo que falar com um iceberg é mais produtivo. Contei tudo, sugeri que ele fosse verificar se, no ateliê, ainda estavam os tais vinte metros de Xeron. Ele disse que ia ver. Eu não te contei essa primeira conversa para você não ficar puto.

— Você falou no meu nome?

— Está brincando? Não nasci ontem. Bom, hoje à tarde, ali pelas quatro, ele me convoca a Ragòna. A primeira coisa que me diz, mas sem mostrar a menor perturbação, considerando que aquilo que estava me comunicando significava que ele tinha errado completamente na investigação, a primeira coisa que me diz é que, no ateliê de Alberto Larussa, estavam, sim, os vinte metros de Xeron.

Nem uma palavra a mais, nem uma a menos. Me agradece com a mesma efusão com que agradeceria se eu lhe tivesse informado as horas e me estende a mão. E, enquanto nos despedimos, comenta: “O senhor nunca tentou entrar para a polícia?” Eu me espanto um pouquinho e pergunto: “Não, por quê?” Sabe o que ele respondeu? “Porque eu acho que o seu amigo, o comissário Montalbano, ficaria muito feliz.” Que grande filho da puta!

Giacomo Larussa foi solto, o tenente Olcese ganhou um elogio, Nicolò Zito deu um furo memorável e Salvo Montalbano comemorou com uma tal comilança que ficou passando mal durante dois dias.

O homem que acompanhava os enterros

Um cabo de amarração subitamente arrebentado durante uma ressaca havia cortado rente a perna esquerda de Cocò Alletto, que não mais pôde exercer seu ofício de mestre estivador: a perna artificial não lhe permitia circular sobre pranchas e assoalhos de navios.

Homem singular, termo que entre nós significa tanto magro de corpo quanto sem preocupações de mulher e filhos, com a pensão que o governo lhe pagava permitia-se uma pobreza digna, e seu irmão Jacopo, que vivia um pouco mais folgado do que ele, presenteava-o com um par de sapatos ou uma roupa nova, quando se apresentava a necessidade. Cocò não tinha nem quarenta anos quando ocorreu a desgraça. Assim que conseguiu ficar novamente de pé, pegou a mania de passar o dia inteiro sentado em cima de um cabeço, olhando o tráfego portuário. E assim pôde ver, ano após ano, cada vez menos navios entrarem e atracarem para carga ou descarga, até que só restou o barco regular para Lampedusa, a comprovar que o coma do porto era mesmo irreversível. Os grandes porta-contêineres, os gigantescos petroleiros agora passavam ao largo, desfilando na linha do horizonte.

Então Cocò se despediu do porto para sempre e deslocou-se para um frade de pedra junto à prefeitura, na principal rua de Vigàta. Um dia passou à sua frente um funeral solene, com banda de música abrindo o cortejo e bem umas cinquenta coroas; nem ele mesmo chegou jamais a saber por que lhe veio de repente o impulso irresistível de acompanhá-lo com seu passo bailarino: seguiu o carro fúnebre até o alto da colina onde ficava o cemitério.

A partir de então, aquilo se tornou um hábito: Cocò não perdia um só enterro, ainda que sob chuvarada ou ventania. Homens e mulheres, velhos e crianças, para ele não havia diferença.

E assim deu-se que, quando Totuccio Sferra recebeu o chamado do Senhor (“vê-se que o Senhor está sem parceiro para jogar três-sete e bisca”, foi o comentário unânime, dado que Totuccio jamais fez outra coisa na vida a não ser jogar três-sete e bisca), muitos perceberam que Cocò não havia aparecido no cortejo e até pediram uns aos outros alguma explicação. Simone Sferra, irmão do morto, que era homem de respeito, tomou a coisa como ofensa, uma desfeita

pessoal. Deixou então o enterro no meio e foi bater à porta da casa de Cocò a fim de exigir satisfações, mas ninguém veio atender. Simone Sferra já ia saindo quando escutou o que lhe pareceu ser uns gemidos. Homem de decisões rápidas como era, arrombou a porta e encontrou Cocò num mar de sangue: tinha caído e batido a cabeça de mau jeito. E assim se espalhou o boato de que Cocò tinha sido salvo por gratidão da parte de todos os mortos que havia acompanhado.

Quando os enterros rareavam e Cocò, sempre no frade de pedra, começava a ficar nervoso, aproximava-se alguma alma piedosa que lhe trazia notícias de conforto:

"Parece que o padre já levou os santos óleos para Ciccio Butera. Questão de horas."

"O filho de dom Cosimo Laurentano, aquele que se espatifou com a Ferrari, parece que está vai não vai."

De manhã, Cocò se levantava cedo, ainda no escuro, e, assim que o café Castiglione abria as portas, entrava e ia sentar-se a uma mesinha, esperando os brioches recém-saídos do forno. Comia dois, mergulhando-os num copo respeitável de *granita* de limão, e depois saía para ir observar o trabalho dos pregadores de cartazes. Entre editais da prefeitura e anúncios publicitários, não se passava um dia em que não aparecesse um aviso de morte tarjado de preto. Em certas ocasiões afortunadas, os avisos eram dois ou três e Cocò precisava tomar nota dos horários e sobretudo das igrejas, que em Vigàta eram muitas, onde aconteceriam os funerais. Quando aconteceu a epidemia de gripe maligna que levou velhos e crianças, Cocò quase teve um esgotamento pelo trabalho de correr de um lado a outro da cidade desde a manhã até a noite, mas conseguiu dar conta e não perdeu nenhum.

Ao comissário Montalbano, que o conhecia desde quando começou a prestar serviço em Vigàta, de repente pareceu não ter entendido direito.

— Hein? — fez ele.

— Atiraram em Cocò Alletto — repetiu Mimì Augello, o seu vice.

— Mataram?

— Sim, com um tiro só, bem na cara. Estava sentado no frade de pedra, de manhã cedinho, esperando que o café abrisse.

— Tem testemunhas?

— O cacete — respondeu lapidarmente Mimì Augello.

— Vá me informando — concluiu o comissário.

E isso vinha a significar que a investigação se depositava, com delicadeza, sobre os ombros de Augello.

Quatro dias depois, para o enterro de Cocò Alletto, a cidade inteira saiu de casa. Não houve alma criada que quisesse faltar: mulheres prenhas até com perigo de parir no meio do cortejo, velhos mal e mal postos de pé por filhos e netos, o conselho municipal em peso. Seguindo o caixão, apareceu até um moribundo: Gegè Nicotra, reduzido às últimas por um mal incurável, e isso sem ter ainda passado dos cinquenta. Sua presença no funeral impressionou, as pessoas não sabiam se sentiam mais pena do morto ou se do ainda vivo mas já irremediavelmente marcado.

No comissariado, logo se percebeu que a investigação não chegaria a lugar nenhum. O único fato indiscutível era que Cocò havia sido alvejado no rosto (quase como para destruir-lhe os traços) por alguém que se plantou à sua frente a um ou dois metros de distância, de pé ou sentado dentro de um automóvel. Mas quem, e por quê? Com certeza, Cocò jamais havia feito mal a ninguém, e por isso não tinha inimizades, pelo contrário. E então? Será que, acompanhando um enterro, tinha visto alguma coisa que não deveria ver? Mas Cocò, com aquele seu passo claudicante, andava de cabeça sempre voltada para o chão, como se tivesse medo de botar um pé em falso. E, mesmo que tivesse visto alguma coisa, com quem iria falar? Difícil ele abrir a boca para dizer mais de três palavras durante um dia inteiro. Mais do que caladão, era um verdadeiro túmulo.

"E nunca uma palavra foi tão apropriada", pensou Montalbano.

O primeiro enterro ao qual Cocò não pôde comparecer, dada sua condição de morto havia três dias, foi o do pobre Gegè Nicotra, o qual, tendo voltado à sua casa depois de acompanhá-lo ao campo-santo, e aproveitando que a mulher tinha saído para fazer as compras, escreveu duas linhas e deu um tiro no coração.

"Peço perdão, estou desesperado, não aguento mais a doença", dizia simplesmente o bilhete.

Montalbano, quando queria refletir melhor sobre um problema ou simplesmente tomar um pouquinho de ar fresco, costumava comprar um cartucho de tira-gostos, a saber, grãos-de-bico torrados e sementes de abóbora, e ir fazer uma longa caminhada até embaixo do farol, que ficava na ponta do quebra-mar do leste. Passeio ruminante, tanto de boca quanto de cérebro.

Foi durante um desses passeios que ele precisou intervir para apartar dois pescadores que brigavam. Dos insultos, pragas e palavrões, ambos pareciam

seriamente inclinados a passar às vias de fato. O comissário, embora sem a menor vontade, fez o seu dever: qualificou-se, meteu-se no meio, agarrou um pelo braço e mandou o outro se afastar. Este último, porém, depois de alguns passos, parou, virou-se e gritou ao adversário:

— Tu não vai vim atrás de mim!

O homem que Montalbano segurava pelo braço pareceu sacudido por uma corrente elétrica, mordeu os lábios e não abriu a boca. Quando o outro já estava bem longe, o comissário largou o prisioneiro e deu-lhe um aviso: que ele não se metesse a gracinhas, a briga acabava ali.

Chegado ao pé do farol, Montalbano sentou-se num recife e começou a beliscar seus tira-gostos.

"Tu não vai vim atrás de mim!"

Essa frase, escutada havia pouco, ecoou em sua mente.

"Tu não vai vim atrás de mim!"

Para quem não fosse siciliano, tais palavras seriam certamente incompreensíveis; mas, para Montalbano, eram claras como água. Vinham a significar: você não vai ao meu enterro, eu é que vou ao seu, porque vou matá-lo antes.

O comissário ficou paralisado; depois, levantou-se num pulo e começou a correr na direção da cidade, enquanto, dentro de sua cabeça, desenhava-se uma cena tão precisa e clara que a ele pareceu estar assistindo àquilo no cinema.

Um homem, que sabe estar condenado à morte pela doença e que só dispõe, isso se for para exagerar, de algumas semanas de vida, vira-se e revira-se na cama, sem conseguir pegar no sono. Ao seu lado, ao contrário, a mulher dorme, deliberadamente abatida por tranquilizantes, garantindo-se assim um pequeno oásis de esquecimento no cotidiano deserto de angústia que é obrigada a atravessar. O homem acende a luz e olha fixamente o despertador na mesa de cabeceira: a cada segundo que transcorre, sente aproximar-se o passo da morte. A primeira luz do alvorecer, que é sempre uma hora crítica para quem tem más intenções, o homem compreende que já esgotou qualquer capacidade de enfrentar os poucos dias que lhe restam. Não só a morte, mas a consciência de que vai morrer e de que a ampulheta só tem agora muito pouca areia na parte superior. Levanta-se da cama devagar, a fim de não perturbar o sono da mulher, veste-se, mete no bolso o revólver e sai para ir se matar longe de casa, na intenção de evitar que a mulher, acordada pelo tiro, sofra o choque de vê-lo agonizante entre os lençóis ensopados de sangue.

Chegado à rua, o homem vê Cocò Alletto em cima do frade de pedra, como um mocho. Está ali, imóvel. Esperando.

"Esperando pra ir ao meu enterro", pensa o homem.

Então se planta diante de Cocò, que o encara interrogativamente, puxa o revólver, sem pensar muito, e atira. No rosto, para eliminar o olhar da morte, que o observa de frente. E, de repente, compreende que a morte não pode morrer por um tiro de revólver. Percebe a inutilidade, o absurdo do seu gesto: não só isso, mas esse homicídio gratuito de certa forma esvaziou-o por inteiro, agora ele só tem forças para voltar à sua casa, para perto da mulher, que de nada sabe.

Assim que entrou no comissariado, Montalbano telefonou a Jacomuzzi, o diretor da Perícia da chefatura de Montelusa. Responderam que o doutor estava em reunião. Dariam o recado, e Jacomuzzi ligaria de volta assim que pudesse.

Na Perícia, eles tinham não só a bala que matou Cocò Alletto como a extraída do coração de Gegè Nicotra. E o revólver dele. Se os dois projéteis tivessem sido disparados pela mesma arma, a hipótese do comissário teria uma confirmação inequívoca, como se Gegè tivesse assinado o crime.

Montalbano sorriu, satisfeito.

E depois?

A pergunta repentina atravessou-lhe o cérebro. E a exultação que ele sentia começou a evaporar-se. E depois?

Declararia culpado de homicídio um morto que jazia a poucos passos do túmulo de sua vítima? Que porcaria de sentido tinha isso?

De que valia, somente em benefício próprio, mergulhar a viúva num mar de novas e diversas dores?

O telefone tocou.

— O que era que você queria? — perguntou Jacomuzzi.

— Nada — respondeu o comissário Montalbano.

Um assunto delicado

O professor Pasquale Loreto, diretor pedagógico do jardim de infância Luigi Pirandello (tudo, em Montelusa e arredores, recebia o nome do conterrâneo ilustre, dos hotéis às praias, passando pelas confeitarias), era um cinquentão careca, de aparência bem-cuidada e de palavra breve. Qualidade, esta última, sempre muito apreciada por Montalbano, exceto naquele momento, quando o evidente embaraço no qual se cozinhava o diretor volta e meia transformava a natural brevidade do seu discurso num balbucio desconexo que já tinha esgotado a paciência do comissário. O qual, a certa altura, concluiu que, se não tomasse em mãos o problema, a conversa iria até a noite. E ainda eram dez da manhã.

— Se eu entendi bem, na cabeça do senhor teria nascido a suspeita de que um dos seus professores estaria lançando mão de atenções, vamos dizer assim, particulares, para com uma menina de cinco anos que frequenta o jardim. É isso?

— Sim e não — respondeu Pasquale Loreto, todo suado e torcendo os dedos.

— Explique-se melhor, então.

— Bem, só para esclarecer: quem desconfiou não fui eu, mas a mãe da menina, que foi falar comigo.

— Ou seja, a mãe da menina quis denunciar a coisa ao senhor, na qualidade de diretor pedagógico.

— Sim e não — fez o diretor pedagógico, torcendo os dedos a tal ponto que por um instante quase não conseguia mais desenredá-los.

— Explique-se melhor, então — disse Montalbano, repetindo o bordão anterior.

Parecia-lhe estar ensaiando uma comédia. Só que aquela história, comédia é que não era.

— Bem, a mãe da menina me procurou para fazer, não, digamos, uma verdadeira denúncia circunstanciada, do contrário eu deveria conduzir-me de outro modo, o senhor não acha?

— Sim e não — retrucou maldosamente Montalbano, roubando o bordão do outro.

Pasquale Loreto estranhou, e depois se permitiu uma improvisação sobre o texto.

— Em que sentido, queira desculpar?

— No sentido de que o senhor, antes de, por sua vez, denunciar o professor à instância competente, deveria recolher alguns outros elementos de imputação. Desenvolver, como direi, uma investigação pessoal no âmbito do Instituto.

— Isso eu jamais faria.

— E por que não?

— Mas de jeito nenhum! Em menos de uma hora, todos no Instituto saberiam que eu estava fazendo perguntas sobre o professor Nicotra! Eles já mexericam sem motivo, imagine o senhor se eu lhes der um mínimo de pretexto. Eu só posso me movimentar com alguma base.

— E eu não posso me movimentar sem uma denúncia!

— Mas, veja bem, co... co... comissário, a ma... a mãe te... tem um ce... certo es... es... escrúpulo em...

— Façamos o seguinte — cortou Montalbano, percebendo que o outro recomeçava a gaguejar. — O senhor conhece dona Clementina Vasile Cozzo?

— Como não? — iluminou-se o diretor Loreto. — Ela foi minha mestra! Mas o que tem a ver?

— Pode ser uma solução. Se eu e a mãe da menina nos encontrarmos na casa da senhora Vasile Cozzo para uma conversa informal, a coisa não vai despertar curiosidade nem fofoca. Bem diferente de se eu fosse até a escola ou se a mãe se apresentasse aqui.

— Ótimo. Ela deve levar a menina?

— Por enquanto, não creio que seja necessário.

— Ela se chama Laura Tripòdi.

— A mãe ou a filha?

— A mãe. A menina, Anna.

— Dentro de uma hora, no máximo, eu lhe telefono para o Instituto. Antes, preciso falar com dona Clementina, para saber quando ela pode.

— Mas, comissário, que pergunta! O senhor pode vir a minha casa quando e com quem quiser!

— Então, amanhã de manhã, às dez, estaria bom? Assim dona Laura deixa a menina na escola e depois passa aí na sua casa. Espero não incomodar por muito tempo.

— Pode me incomodar até na hora do almoço, inclusive mando preparar alguma coisa de que o senhor goste.

— A senhora é um anjo.

Montalbano desligou e convocou Fazio.

— Você conhece alguém no Instituto Pirandello?

— Não, doutor. Mas posso me informar, a minha sobrinha botou lá o filho, Tanino. O que é que o senhor quer saber.

Dona Clementina serviu o café com desenvoltura, movimentando-se na cadeira de rodas, e a seguir desapareceu da sala. Inclusive, fechou a porta. Laura Tripòdi não era nem um pouco do jeito como o comissário a imaginara. Devia ter perto de trinta e, fisicamente, era uma mulher de respeito. Nada vistosa, pelo contrário, o sóbrio tailleur que ela usava tendia a castigar as formas: sua controlada sensualidade, porém, era uma coisa quase palpável que aflorava no olhar, no movimento das mãos, no modo de cruzar as pernas.

— O assunto de que o diretor Loreto me falou é muito delicado — iniciou Montalbano —, e eu, para me mexer, preciso de um registro claro da situação.

— Estou aqui para isso — disse Laura Tripòdi.

— Foi Anna, é esse o nome dela, não?, foi Anna quem lhe falou das atenções especiais do professor?

— Foi.

— E o que ela disse, exatamente?

— Que o professor gosta mais dela do que das outras, está sempre pronto a vestir nela o casaquinho ou tirar, que lhe dá caramelos às escondidas de todos.

— Não me parece que...

— A mim também não, no começo. Claro, me preocupava que a menina se sentisse uma privilegiada, até cheguei a decidir falar sobre isso um dia destes com o professor Nicotra. Depois, aconteceu uma coisa...

Ela parou, ruborizada.

— Entendo que lhe seja difícil falar de um assunto assim desagradável, minha senhora, mas faça um esforço.

— Eu tinha ido buscá-la, como, aliás, sempre faço, quando não posso quem vai é minha sogra. E Anna me apareceu, como direi, acalorada. Perguntei se ela havia corrido. Ela respondeu que não, disse que estava contente porque o professor tinha lhe dado um beijo.

— Onde?

— Na boca.

Montalbano teve certeza de que, se encostasse na pele do rosto da mulher um fósforo, este se acenderia.

— Onde estavam, quando o professor deu esse beijo?

— No corredor. Tinha começado a chover e ele estava ajudando minha filha a vestir a capa.

— Estavam sozinhos?

— Acho que não, era a hora da saída de todas as turmas.

O comissário se perguntou quantas vezes teria beijado crianças sem que as mães pensassem em intenções sujas. Mas depois viera a história, nacional e internacional, dos pedófilos.

— Aconteceu mais alguma coisa?

— Sim. Ele fez carinho nela, demoradamente.

— Como foi esse carinho?

— Não tive coragem de perguntar a Anna.

— Onde aconteceu isso?

— No banheiro.

Ai, ai, ai. O banheiro não é o corredor.

— E como foi que o professor convenceu sua filha a ir com ele até o banheiro?

— Não, comissário, as coisas não aconteceram assim. Anna tinha cortado um dedo, começou a chorar e então o professor...

— Entendi — fez Montalbano.

Na realidade, entendera muito pouco.

— Minha senhora, se as atenções do professor se limitaram a...

— Sei muito bem, comissário. Podem ser apenas gestos de afeto, sem segundas intenções. Mas, e se não forem? E se um dia ele se decidir a fazer alguma coisa irreparável? O meu coração de mãe...

Ela agora enveredava pelo melodrama, levara uma mão ao peito, respirando fundo. Seguindo a indicação da mão, Montalbano pensou não no coração de Laura Tripòdi, mas na carne que maciamente o cobria.

— ... me diz que as intenções daquele homem não são sinceras. O que devo fazer? Denunciá-lo eu não quero, poderia arruiná-lo por um equívoco. Foi por isso que falei com o diretor: poderiam afastá-lo discretamente da escola.

Discretamente? Seria pior que uma condenação: num tribunal o professor poderia se defender, mas assim, afastado sem explicações e deixado à mercê das más línguas, só lhe restaria dar um tiro nos miolos. Talvez a menina estivesse correndo algum perigo, mas quem, naquele momento, se encontrava com certeza numa situação bastante feia era justamente o professor Nicotra.

— Falou disso com o seu marido?

Laura Tripòdi deu uma risada gutural, parecia o arrulho de uma pomba. Aquela mulher não conseguia fazer uma só coisa, até a mais simples, sem que imagens de camas desfeitas e de corpos nus passassem pela mente de Montalbano.

— Meu marido? Mas eu sou quase viúva, comissário.

— Como assim, quase?

— Meu marido é técnico da ENI.[17] Trabalha na Arábia Saudita. Antes, morávamos em Fela, depois nos transferimos para Vigàta porque a mãe dele mora aqui e pode me ajudar com a menina. Meu marido vem a Vigàta duas vezes por ano e a cada uma passa quinze dias. Mas ganha bem e eu devo me contentar.

Esse "contentar" escancarou inteiramente um abismo de subentendidos, à beira do qual o pensamento do comissário se deteve, assustado.

— Então, a senhora vive só com a menina.

— Não exatamente. Tenho poucas amizades, mas, duas ou três vezes por semana, eu e ela vamos dormir na casa da minha sogra, que é velhinha e viúva. Nós nos fazemos companhia reciprocamente. Minha sogra até gostaria que nos transferíssemos definitivamente para lá. E talvez eu acabe fazendo isso.

— Leonardo Nicotra, nascido em Minichillo, província de Ragusa, em 7/7/1965, filho de Giacomo e Anita Colangelo, falecidos, reservista com dispensa do serviço militar.

Esta agora era bem nova! Reservista com dispensa do serviço militar! Montalbano se enfurecia com o pedantismo censitário de Fazio, não entendia por que, a cada vez, ele teimava em dar detalhes inúteis. Parou repentinamente de examinar uns papéis e o encarou. Os olhares dos dois se cruzaram e o comissário percebeu que Fazio tinha feito aquilo de propósito, para provocá-lo. Decidiu não passar recibo.

— Continue.

Um tantinho decepcionado, Fazio prosseguiu.

— De dois anos para cá mora em Vigàta, na rua Edison, número 25. É professor-suplente no Instituto Pirandello. Não temos registro de amantes ou de vícios. Não se envolve com política.

Fazio dobrou o papelzinho com as anotações, guardou-o no bolso e ficou olhando o seu superior.

— Hã? Acabou? O que foi?

— O senhor devia ter me dito... — disse Fazio, ofendido.

— Dito o quê?

— Que tão correndo umas fofocas sobre o professor Nicotra.

O comissário sentiu-se gelar. Teria acontecido algum outro caso? Poderia não se tratar da fantasia de uma mulher cujo marido estava ausente há muito tempo?

— O que foi que você soube?

— Minha sobrinha Zina me contou que de uma semana pra cá andam espalhando essa história, uma conversa de que o professor Nicotra abraça

demais as menininhas. Antes era tratado na palma da mão, todo mundo dizendo como ele era bom, maravilhoso. Agora tem umas mães pensando em transferir as filhas.

— Mas houve alguma coisa de concreto?

— De concreto, nada. Só boatos. Ah, eu já ia esquecendo: a minha sobrinha diz que o noivado trouxe azar para ele.

— Não entendi nada.

— O professor ficou noivo de uma moça de Vigàta e uns dias depois os boatos começaram.

— Diretor Loreto? Aqui é o comissário Montalbano. Parece que a situação está se precipitando.

— E... eu j... j... já so... so... soube.

— Preste atenção. Amanhã, às dez e meia, vou procurar o senhor no Instituto. Dê um jeito de eu me encontrar com Anna, a menina. Tem uma entrada secundária? Não gostaria de ser visto. E não diga nada à mãe, não quero essa senhora no meu pé, a presença dela poderia influenciar a menina.

Enquanto continuava a trabalhar no gabinete, volta e meia um pensamento aborrecido passava-lhe pela cabeça, a saber: sem uma denúncia de alguma mãe ou do próprio diretor, ele não estava autorizado a dar um só passo. Por temperamento, tendia a se lixar solenemente para autorizações em geral, mas este caso envolvia uma menininha, e a simples ideia de precisar falar do assunto com ela usando o máximo de delicadeza, de cautela, para não lhe turvar a inocência, fazia-o suar frio. Não, era absolutamente necessário obter uma denúncia da senhora Tripòdi. Discou o número que ela mesma tinha lhe passado de manhã. Atendeu a secretária eletrônica.

"Não estou em casa no momento. Deixe sua mensagem ou ligue para o número 535267."

Devia ser o telefone da sogra. Montalbano ia ligando, mas mudou de ideia. Talvez fosse melhor pegar Laura Tripòdi de surpresa. Iria pessoalmente, sem avisar.

— Fazio!

— Pode mandar!

— Quero o endereço do 535267.

Fazio voltou em menos de um minuto.

— Corresponde a Teresa Barbagallo, rua Edison, 25.

— Olha, a gente se vê amanhã de manhã. Agora eu vou passar nessa senhora e depois vou para casa, em Marinella. Boa noite.

Saiu do comissariado, deu alguns passos e parou de repente, apoiando-se num muro: a luz que estourou em sua cabeça deixou-o quase cego.

— Está se sentindo mal, comissário? — perguntou um transeunte, que o conhecia.

Não respondeu e voltou correndo ao comissariado.

— Fazio!

— O que foi, doutor?

— Cadê o papel?

— Que papel?

— Aquele que você leu para mim, com as informações sobre o professor.

Fazio meteu a mão no bolso, puxou o papelzinho e estendeu-o ao comissário.

— Leia você. Onde é que o professor mora?

— Rua Edison, 25. Puxa, que engraçado! Justamente no endereço aonde o senhor tava indo!

— Não vou mais, mudei de ideia. Vou direto para casa. Na rua Edison quem vai é você.

— Fazer o quê?

— Veja como é o prédio, qual é o andar da senhora Barbagallo e qual o do professor Nicotra. Depois me ligue. Ah, escute: procure saber também se Teresa Barbagallo é a sogra de uma senhora jovem, sobrenome Tripòdi, mãe de uma menina. Mas não dê bandeira, procure ser discreto.

— Sossegue, doutor, eu não ando com a banda municipal atrás de mim! — retrucou Fazio que naquele dia estava se ofendendo facilmente.

O telefonema de Fazio veio justamente no finalzinho do filme policial que Montalbano continuava adorando, embora já tivesse assistido a ele pelo menos cinco vezes: *Disque M para matar*, de Hitchcock. Sim, senhor, Teresa Barbagallo era a sogra de Laura Tripòdi, seu apartamento ficava no segundo andar do prédio, no terceiro e último morava o professor Nicotra. O prédio tinha um apartamento por andar. A senhora Tripòdi, com a filha, ia frequentemente dormir na casa da sogra. No primeiro andar morava um cidadão chamado... Ah, não interessa o primeiro andar? Tudo bem, então boa noite.

Para o comissário, a noite não foi só boa, foi excelente: seis horas de sono pesado. Agora que sabia o que fazer, já não sentia o embaraço de precisar interrogar a menininha.

Manchas de tinta nos dedinhos certificavam que era verdadeira: de outro modo, o vestidinho rosa e vaporoso, o laço nos cachinhos louros, os grandes olhos azuis, a boquinha perfeita, o narizinho levemente arrebitado fariam com que ela parecesse de mentira, uma boneca em tamanho natural.

Enquanto o comissário dava tratos à bola sobre como principiar a conversa, Anna atacou primeiro.

— Quem é você?

Por um instante, Montalbano se assustou, com medo de ter um ataque de dismorfofobia, que seria, conforme lhe explicara um amigo psicólogo, o temor de não se reconhecer no espelho. Claro, a menina não era um espelho, mas o confrontava com uma definição de identidade sobre a qual ele alimentava sérias dúvidas.

— Um amigo do papai — escutou sua voz dizer: alguma coisa dentro dele resolvera o impasse.

— O papai volta daqui a um mês — disse a menininha. — E toda vez ele me traz um monte de presentes.

— E até lá, pediu pra eu lhe entregar isto aqui.

E estendeu a Anna um pacotinho, que ela foi logo abrindo. Era uma caixa de plástico, em cores vivas e formato de coração, que, ao ser aberta, mostrava dentro um minúsculo apartamento com móveis e tudo.

— Obrigada.

— Quer um chocolatinho? — perguntou o comissário, abrindo o saquinho que havia comprado.

— Quero, mas não conte para a mamãe. Ela não quer, diz que dá dodói na barriga.

— O professor te dá chocolate quando você se comporta direitinho?

Eis o verme Montalbano começando a escavar a maçã do inocente paraíso.

— Não, ele me dava caramelo.

— Dava? Por quê, agora não dá mais?

— Não, eu é que não quero. Ele agora virou mau.

— Como assim? Sua mamãe me contou que ele lhe quer muito bem, bota você no colo, dá beijinho...

Eis o verme dentro da maçã, que começa a apodrecer.

— É, mas eu não quero mais.

— Porquê?

— Ele agora virou mau.

O telefone tocou de repente na sala, parecendo uma rajada de metralhadora. Praguejando em silêncio, Montalbano deu um pulo, agarrou o fone, rosnou:

“Estamos todos mortos”, desligou, tirou de novo o fone do gancho e deixou-o ao lado.

A menininha riu.

— Você é engraçado.

— Quer outro chocolatinho?

— Quero.

Engolidos os dois. Se a barriguinha ficar dodói, paciência.

— Mas me conte, você brigou com o tio?

— Eu? Não.

— Ele gritou com você?

— Não.

— Fez você fazer coisas que você não queria?

— Fez.

Montalbano experimentou uma aguda sensação de ter-se enganado. Havia errado tudo, as coisas eram de fato como a mãe da menina contara.

— Que coisas?

— Ah, ele queria me ajudar com o casaquinho, mas eu chutei a perna dele.

— Bom, então parece que você é quem foi má.

— Não. Ele.

O comissário inspirou como se fosse mergulhar em apneia, estufou-se.

— Quer apostar como eu sei por que você diz que o tio ficou mau?

— Não, você não sabe, é um segredo, só eu sei.

— Mas eu sou mágico e adivinho as coisas. Foi porque ele fez a mamãe ficar com raiva.

A menina escancarou simultaneamente os olhos e a boca.

— Você é mágico mesmo! Pois é, ele fez a mamãe chorar. Não quer mais bem a ela. Falou assim, que é para mamãe não ir mais encontrar ele lá em cima, quando todo mundo está dormindo. E a mamãe chorando. Eu estava acordada e ouvi tudo. A vovó, não, a vovó nunca escuta nada, toma remédio para dormir e também é um pouquinho surda.

— Você contou para a mamãe que ouviu?

— Não. Era um segredo meu. Mas quando o papai voltar, eu vou contar que o tio fez a mamãe chorar, aí o papai bate nele. Me dá mais um chocolate?

— Claro. Olha, Anna, você é uma menina muito legal. Quando o papai voltar, não conte nada, não precisa. A mamãe já está pensando num jeito de fazer o tio Nicotra chorar.

O iaque

Na primeira série do liceu, a professora de ciências Ersilia Castagnola literalmente magnetizava os alunos quando começava a falar de bichos, sobretudo quando descrevia animais de alta montanha para uma classe feita, em sua grande maioria de filhos de pessoas que, por uma razão ou por outra, tinham a ver somente com o mar. A professora Castagnola era, como se diria hoje, uma extraordinária fabuladora, e isso levava a fantasia dos meninos a se desencadear em seguida às suas narrativas. Salvo Montalbano — ou melhor, Montalbano Salvo, segundo o diário de classe — e seus colegas chegaram a organizar, no pátio da escola, aventurosas caçadas ora ao markhor, que é uma espécie de grande cabra selvagem do Beluquistão, ora ao argali, do qual o primeiro a falar tinha sido ninguém menos que Marco Polo.

Contudo, o animal que mais os fascinava era o iaque, o qual já despertava simpatia logo a partir do nome.

— O iaque — explicou naquele dia a professora Ersilia Castagnola — é também chamado de boi grunhidor. Vive nas zonas mais gélidas do Tibete e não pode absolutamente ser levado para longe de seu território. Impossível mantê-lo em cativeiro. De fato, se transportado às regiões temperadas, ele estará condenado a definhar, adoecer gravemente e perder todo o seu vigor.

O primeiro efeito das palavras da professora Castagnola foi que vinte e quatro cabeças, assaltadas pelo mesmo pensamento, viraram-se simultaneamente para a última carteira, onde cochilava o vigésimo quinto colega, Totò Aguglia. Peludo, atarracado, braços longos demais, cabelos crespos enraizados diretamente acima dos olhos, Totò ou rosnava ou grunhia, raramente soltava um monossílabo qualificável como tal. Para metade da turma, não havia dúvidas: Totò era inegavelmente um iaque. Mas, durante o recreio, a outra metade aderiu à linha de pensamento de Tano Cumella.

— Cuidado pra não cair num perigoso erro de classificação — advertiu Tano. — Totò Aguglia é o único exemplar vivo, no mundo, de *homo sapiens*, por assim dizer. E além do mais ele gosta de clima quente, vocês não veem que é sempre o primeiro em qualquer briga, o primeiro a dar barrigada, soco e chute?

— Ah, não! — interveio Nenè Locicero, que era um poeta. — Vocês não viram a cara que ele fez, assim que a professora disse “iaque”. Por um minuto,

os olhos dele, sempre pretos como carvão, ficaram de um azul-celeste tão claro que parecia branco.

— E daí, o que significa? — perguntou Tano Cumella, polêmico.

— Significa que ele, naquela hora, estava olhando as desmesuradas extensões de gelo do Tibete, seu país de origem.

— Mas e a história dele gostar de climas quentes?

— Digamos que você usou mal uma metáfora, confundindo a agressividade com o clima. O que é que você acha? Que os ursos polares, quando encontram um homem, vão logo abraçando e beijando?

Este último argumento resultou mais convincente do que todos. Desse momento em diante, Totò Aguglia ganhou o apelido de Iaque; e, quando veio a saber, grunhiu de satisfação.

A segunda série do liceu o Iaque não frequentou: parece que o pai, oficial da Capitania dos Portos, tinha sido transferido para Augusta. E Salvo Montalbano não mais ouviu falar do boi grunhidor.

Em 68 o futuro comissário, que estava então com dezoito anos, fez escrupulosamente tudo o que se esperaria de um rapaz de sua idade: participou de manifestações, ocupações, proclamações, trepou, puxou fumo, comprou brigas. Com a polícia, naturalmente. Durante um confronto particularmente duro, viu-se ao lado de um companheiro de cara coberta que casquinava e grunhia enquanto botava fogo numa garrafa de coquetel molotov. Teve a impressão de vislumbrar nele alguma coisa vagamente familiar.

— Iaque — arriscou.

O companheiro se deteve um instantinho, a garrafa na mão esquerda e o isqueiro na direita; depois acendeu o estopim, arremessou a garrafa, abraçou Salvo, grunhiu algo como “feliz” e desapareceu.

Queria dizer que estava feliz por se ver no meio daquela grande confusão ou por ter reencontrado o antigo colega de colégio? Talvez as duas coisas juntas.

Vinte anos mais tarde, como nos romances de Dumas, Montalbano encontrou casualmente, em Palermo, Nenè Locicero, que já não era poeta: tinha se tornado um importante construtor civil e se achava momentaneamente “restrito” à prisão do Ucciardone, acusado de corrupção, receptação e associação com a máfia.

Abraçaram-se com efusão fraternal.

— Salvù!

— Nenè!

Cavalheirescamente, o comissário fingiu não estar espantado por encontrar Nenè no Ucciardone. E, também cavalheirescamente, Nenè não abriu a boca para falar com ele sobre suas recentes adversidades.

— Como é que você anda?

— Não posso me queixar, Salvù.

— Continua escrevendo?

Um véu de melancolia desceu sobre as pupilas do ex-poeta.

— Não, não consigo mais. Mas leio muito, sabe? Redescobri dois poetas quase esquecidos, Gatto e Sinisgalli. Caramba! Comparados com eles, os de hoje dão vontade de rir!

Passaram a falar dos antigos colegas de colégio: Alongi, que se ordenara padre, Alaimo, agora subsecretário...

— E Totò Aguglia, que fim levou? — perguntou o comissário.

O outro o encarou, espantado.

— Você não sabe?

— Sinceramente, não.

— Mas como? Saiu tudo nos jornais! Até as revistas deram matérias sobre ele!

E, assim, o embasbacado Montalbano veio a saber que na África, mal se iniciava uma guerrilha de qualquer coloração política, aparecia um mitológico mercenário, conhecido em toda parte pelo apelido de Iaque, à frente de um bando de uns cem homens ferozes e sem escrúpulos. Um repórter mais corajoso que os outros tinha conseguido aproximar-se dele numa densa floresta equatorial e o entrevistou. O Iaque, depois de esclarecer que se chamava Salvatore Aguglia e que era siciliano, dissera uma frase inexplicável, que o repórter reproduzia fielmente:

“E minhas saudações à professora Ersilia Castagnola, se ainda estiver viva.”

O repórter, honestamente, acrescentava que a frase podia não ter sido exatamente essa, a interpretação não era clara, os longos anos passados na África haviam alterado a fala de Salvatore Aguglia — pelo menos, assim supunha o repórter —, dando-lhe uma dicção que parecia fortemente contagiada por certos guturalismos típicos dos dialetos de algumas tribos do Burundi ou de Burkina Faso.

Fazia um mês que Montalbano havia tomado posse em seu comissariado de Vigàta quando foi convidado para passar um dia em Mazàra del Vallo pelo subchefe de polícia Valente, seu amigo. Montalbano logo se pôs na defensiva, mostrando-se bastante hesitante quanto à possibilidade de conseguir um dia

livre: a comida preparada pela mulher de Valente era, em tudo e por tudo, um verdadeiro homicídio premeditado.

— Estou sozinho — acrescentou Valente. — Minha mulher foi passar uns dias com a família dela. A gente pode ir àquela *trattoria* que você conhece...

— Amanhã ao meio-dia, no máximo, estou aí — cortou imediatamente o comissário.

Assim que se apresentou no gabinete do amigo, o comissário viu que a coisa estava preta. Vozes alteradas, agentes correndo, uma viatura partindo, sirene ligada, com quatro homens dentro.

— O que houve?

— Meu amigo, você chegou numa hora ruim. Até eu estou indo ao local. Me espere aqui.

— Mas nem pensar — fez Montalbano. — Eu vou com vocês.

No carro, Valente contou o pouco que sabia sobre o incidente. Um cidadão, cujo nome ele ainda ignorava, tinha se entrincheirado na casinha onde morava, na extrema periferia, quase no campo, e, sem o menor motivo, começou a atirar contra quem se pusesse ao seu alcance. Valente havia mandado uma viatura com quatro homens, mas eles tinham pedido reforços: o maluco dispunha de bombas manuais e de um fuzil-metralhadora.

— Chegou a matar alguém? — perguntou Montalbano.

— Não. Apenas acertou a perna do carteiro, que ia passando de bicicleta.

Quando chegaram às proximidades da tal casinha, o comissário teve a sensação de estar assistindo a um filme: além dos dois carros da equipe de Valente, havia outros dois dos *carabinieri*. Todo mundo na defensiva, armas em punho. A chegada de Valente e Montalbano foi saudada por uma interminável descarga de metralhadora que os obrigou a se jogar de barriga no chão. Depois de um tempinho, aos pulos, como um canguru, Valente alcançou seus agentes e começou a parlamentar. Já Montalbano, rastejando, aproximou-se do oficial dos *carabinieri*.

— Eu sou o comissário Montalbano.

— Muito prazer, Tòdaro.

— O senhor conhece esse que está atirando?

— Claro! É um cara que mora aqui há dois anos, um forasteiro. Estava em Mazàra de passagem, viu uma moça, se apaixonou e se casou. Em menos de quinze dias, começou a encher ela de pancada.

— Por quê? Chifre?

— De jeito nenhum! A coitada é uma santa! Lembra-se daquele filme de Fellini, quando aparece na beira do mar uma mocinha inocente, inocente, sorrindo?

— Valeria Ciangottini?

— Essa. A mulher do desgraçado é a cara dessa atriz.

— Mas, afinal, por que os espancamentos?

— Bom, os vizinhos me avisaram, uma vez tiveram que levar a moça para o hospital e ela alegou uma queda. Mas eu mandei chamar o marido, dei uma bronca e exigi que ele me contasse por que tratava tão mal a mulher.

A conversa teve de ser interrompida porque o louco tinha recomeçado a disparar a esmo e os assediantes haviam respondido ao fogo. Até o oficial deu dois tiros distraídos, com seu revólver.

— E sabe o que ele me respondeu? — prosseguiu Tòdaro. — Que ele era um iaque. Eu não compreendi bem. "Iaque?", perguntei. Aí ele deu uma resposta que eu não entendi nada.

Mas Montalbano, ao contrário, havia entendido muito bem.

— Por acaso ele se chama Salvatore Aguglia?

— Sim — disse o oficial. — O senhor conhece?

O comissário não respondeu. Absurdamente, tinham-lhe voltado à memória as palavras exatas da professora Ersilia Castagnola: "... não pode absolutamente ser levado para longe de seu território, impossível mantê-lo em cativeiro...". Em cativeiro o próprio Totò Aguglia era quem se havia mantido, por amor, e depois, percebido o engano, tentado desesperada e animalescamente libertar-se da rede que ele mesmo lançara sobre si. Claro, podia não voltar para casa numa noite qualquer, desaparecer, retornar ao seu ambiente natural, uma guerra perdida num país ainda mais perdido. Mas daquela mulher, daquela rede, evidentemente não conseguia ficar longe, pobre Iaque.

— A mulher está lá dentro com ele? — perguntou ao oficial.

— Claro que não, comissário! Por isso é que aconteceu essa confusão toda! Ela não aguentou mais viver com ele e, ontem à noite, foi embora, depois de uma briga pavorosa, segundo os vizinhos.

Então Montalbano, num pulo, ficou de pé.

— Se abaixe, pelo amor de Deus! — gritou-lhe o oficial Tòdaro, puxando-o pelo paletó.

O comissário se libertou com um puxão e avançou um passo, completamente a descoberto.

— Salvo! Ficou maluco? Deite aí! — gritou Valente.

Montalbano levantou os braços e agitou-os no alto, para ser visto bem.

— Iaque! Totò! Sou Montalbano! Se lembra de mim?

O tempo fechou. Até os homens armados ficaram como estátuas. Depois, lá de dentro, ouviu-se uma voz gutural:

— É você, Salvuzzo?

— Sou eu. Saia daí, Iaque.

A porta da casa se abriu lentamente e o Iaque apareceu. Era como Montalbano o recordava dos tempos de colégio, só que agora os cabelos estavam completamente brancos. Empunhava uma pistola.

— Joga isso no chão, Iaque! — disse Montalbano, continuando a avançar.

Foi então que viu os olhos de Totò mudarem de cor, ficarem de um azul-celeste muito claro, quase branco. Estariam mirando as desmesuradas extensões de gelo do Tibete, como disse Nenè Locicero quando ainda era poeta?

E, nesse exato momento, o tiro de um imbecil o acertou.

Os dois filósofos e o tempo

Às primeiras luzes da manhã, o petroleiro *Nostradamus*, que tinha apenas dois anos de mar e era considerado um milagre da informatização, lançou âncora ao largo de Vigàta. Entrar no porto, nem pensar: o navio, comprido como era, ficaria um quarto dentro e três fora. Durante a noite, o comandante, pelo rádio, havia informado à Capitania que, em virtude de uma avaria, eles precisariam fundear ali por quatro dias, no mínimo.

Lá pelas cinco da tarde, um enorme barco inflável trouxe a terra seis marinheiros tão bem-vestidos e arrumados que pareciam jovens cavalheiros, até gravata usavam. Não tinham nada dos homens do mar aos quais os vigatenses estavam habituados, lembravam bancários indo para casa depois do expediente. Educados, corteses, discretos. Tratava-se de pouco menos da metade da tripulação: agora, era a eletrônica que governava um bicharoco daquele tamanho, e não mais gente de carne e osso.

Não somente aqueles seis não se vestiam como marinheiros, como também não se comportavam como tais. Quatro foram ao cinema e, entre dois filmes, *Bocas ardentes de banhistas molhadas* e *As afinidades eletivas*, escolheram o segundo. O quinto irrompeu na papelaria-livraria, arrebanhou uns dez romances policiais e começou imediatamente a ler, sentado a uma mesinha do café Castiglione, enquanto se escaldava por dentro com um cappuccino atrás do outro pois o dia estava mesmo de gelar. O sexto, depois de gastar cem mil liras em cartões telefônicos, fechou-se numa cabine pública e dali não saiu mais.

Às sete e meia, reencontraram-se todos e foram comer e beber (sobriamente) na *trattoria* San Calogero. Uma hora mais tarde, já estavam no barco inflável, de volta ao petroleiro.

Muito surpresas e decepcionadas, as três putas oficiais da cidade, Mariella, Graziella e Lorella, que esperavam um substancial incremento de ganhos, consultaram-se por telefone e concluíram que aqueles não somente não eram marinheiros como também nem sequer eram homens.

Talvez a culpa toda fosse do petróleo que eles tinham a bordo, via-se que as exalações atacavam aquela parte pela qual um homem é um homem. “Uns pirulitos!”, deploraram piedosamente as mulheres.

Às nove da noite, o barco inflável fez a viagem inversa para trazer à terra dois outros membros da tripulação. Pareciam não pertencer ao mesmo navio, tão

marinheiros de velha raça eram. E logo o demonstraram. O que se chamava Gino entrou direto na taberna de Pipìa, entornou dois litros sem acompanhamento e, depois de perguntar o endereço, foi procurar Lorella. Enquanto isso seu companheiro, que atendia pelo nome de Ilario, percorria o caminho inverso: primeiro Mariella e Graziella, de uma vez só, e depois a taberna de Pipìa.

Aqui, às dez e quarenta e cinco, Gino foi ao seu encontro. Parecia — no dizer dos poucos fregueses presentes, visto que, para Vigàta, esse horário era bem tardio — agitado e nervoso. Não quis beber um último copo que Ilario lhe oferecia, e por isso os dois saíram da taberna discutindo ainda. Mas não se compreendia o que falavam. Foram vistos dirigindo-se para o cais onde estava atracado o barco inflável.

Antes da meia-noite, Lorella ouviu baterem à porta, foi abrir e deparou-se com um homem de rosto coberto que, sem dizer uma palavra, empurrou-a para dentro e deu-lhe na cara um tapa que a fez apagar. Quando se refez do desmaio, Lorella percebeu que o desconhecido, além de lhe roubar dois colares e uma pulseira de ouro, um relógio, quatrocentas mil liras e um rádio de pilha, também a tinha violentado, de quebra.

Correu a fazer a denúncia no comissariado e declarou inclusive que o homem que a havia agredido, apesar de ter o rosto coberto pela gola rulê do suéter, desenrolada até o nariz, e pela boina de marinheiro descida até os olhos, lembrava muito o seu último cliente, aquele do *Nostradamus* que se chamava Gino.

— Agora me conte o que aconteceu ontem de noite entre você e esse marinheiro — disse Montalbano a Lorella na manhã seguinte —, e conte direito, em seu próprio interesse.

— Não aconteceu nada, comissário.

— Veja lá, Lorè.

Lorella iniciou um sorriso que logo interrompeu, com uma careta de dor. Tinha os lábios machucados, o nariz inchado e roxo.

— Vou explicar por que digo que não aconteceu nada. Esse marinheiro chegou que parecia uma fúria, dizendo que estava com uma fome de mulher atrasada em um mês. Tiramos a roupa, deitamos na cama, mas não aconteceu nada. Ele não conseguia. E olha que eu trabalhei, fiz tudo o que sei. Nada, ele parecia morto. No fim, quando viu que não dava, começou a se vestir. Aí eu cobrei o pagamento e ele não queria, gritando que a culpa era minha, eu é que não tinha sido competente. Acabou pagando, mas me ameaçou.

— Dizendo o quê?

— Que comigo o pau dele ia ficar duro, mas com um outro sistema. E tinha razão, aquele corno.

— Explique melhor.

— Explicar o quê? Tem tanto homem que nem ele! Precisam ser violentos, ver sangue, para fazer a coisa. Pegou a ideia?

— Perfeitamente. Tem certeza de que foi ele?

— Não, comissário, certeza, não. Eu vi só um instantinho, e ele estava com a cara coberta. Mas a altura...

— Tudo bem, pode ir.

O fato de Lorella não estar totalmente segura de ter reconhecido seu agressor persuadiu o comissário de que ela falava a verdade. Instintivamente, ele desconfiava de todos os que vinham expor o que haviam visto com absoluta certeza, que estavam prontos a botar a mão no fogo. É que, muitas vezes, acabavam na mesma situação de Múcio Cévola, com a mãozinha carbonizada. Estava convencido de que o testemunho mais verdadeiro era aquele engravidado pela semente da dúvida, e por isso muitas vezes incerto, quando não contraditório.

Com a ajuda da Capitania dos Portos, Montalbano mandou deter o marinheiro Gino Rocchi. Na volta, Fazio contou que o comandante do *Nostradamus* havia enrolado bastante até entregar o seu homem e que a busca no alojamento de Rocchi, dividido com outros três da tripulação, havia resultado em nada. Na verdade, o ladrão tivera todo o tempo que queria para esconder o produto do roubo. Gino afirmava-se inocente, dizia que havia tomado o barco inflável com o companheiro, para voltar ao navio, antes das onze e meia. O marinheiro de guarda jurava que os dois tinham subido a bordo entre onze e meia e quinze para a meia-noite, nem antes nem depois. Mas esse daí, para dar uma ajudinha aos colegas, sustentaria qualquer coisa.

— Mas aonde o senhor quer chegar?

— À verdade — disse bruscamente Montalbano.

O homem que estava sentado diante da sua escrivaninha exibiu um sorrisinho de superioridade.

Era um cinquentão que, como marinheiro, se mostrava um estereótipo, um verdadeiro figurante de filmes B. Ou melhor, um tipo situado entre João Bafo de Onça e Popeye.

Meio gorducho, barbicha cortada à Cavour, usava calça preta pata de elefante, camiseta listrada horizontalmente de vermelho e branco e tamancos de madeira. Para tornar o traje ainda mais carnavalesco, de sua orelha esquerda pendia uma grande argola de ouro.

O comissário queria perguntar por que, no *Nostradamus*, uma parte da tripulação se vestia de contador e outra, de pirata, mas preferiu interpelar:

— Por que esse sorriso?

Tendo antipatizado com aquele indivíduo logo à primeira vista, Montalbano precisava fazer um esforço contínuo para não o tratar mal.

— A que verdade o senhor pretende se referir, comissário? À absoluta, eu espero que não, pois não existe. A verdade é prismática, devemos nos contentar com a face que nos é permitido ver.

Filosofia de botequim. O comissário se irritou a ponto de sair da linha.

— Como foi mesmo que o senhor disse que se chama?

— Ilario Burlando.

— E acha que, com um nome e um sobrenome desses, pode esperar que alguém leve a sério as suas declarações?

A maldade lhe havia escapado, afinal, e ele logo se arrependeu.

— Quer dizer que se eu me chamasse, sei lá, Onorio Del Vero, o senhor acreditaria imediatamente em mim? Engraçado esse seu conformismo banal, comissário.

Colhendo o que havia plantado, Montalbano não retrucou.

— Então, o senhor veio aqui para testemunhar...

— Espontaneamente. Porque os seus homens não me interrogaram, sinal de que já faziam uma ideia preconcebida sobre a culpabilidade de Gino.

— ... para testemunhar que o senhor e o seu companheiro já estavam no navio às onze e quarenta e cinco. E que, tendo a agressão acontecido mais ou menos a essa hora, não pode ter sido Gino Rocchi.

— Exatamente.

— Pode me informar o que o seu amigo lhe contou, quando foi ao seu encontro na taberna de Pipìa? Me disseram que ele parecia agitado.

— Claro que posso. Ele estava furioso, não tinha conseguido nada com a puta, dizia que a culpa era daquela mulher, segundo ele uma pedra de gelo.

Montalbano, que não esperava essa admissão, ligou as antenas.

— E não manifestou o desejo de se vingar?

— Claro. Estava completamente bêbado. Mas eu o dissuadi, convenci-o a pegar o barco.

— O que Rocchi afirmou ter intenção de fazer se verificou pontualmente. Como é que o senhor explica isso?

Ilario Burlando fez uma cara de pensador.

— Eu aventaria duas hipóteses.

— Diga.

— A primeira é que se trate da concretização, a distância, de um desejo, de uma vontade tão forte que...

— Tire o rabo dessa cadeira e ponha-se já daqui pra fora — ordenou Montalbano, gélido.

— Estou aqui para inocentar aquele marinheiro detido — declarou tranquilamente ao comissário o professor Guglielmo La Rosa, mais de setenta anos, ex-docente de filosofia do conhecimento na universidade. — Mas antes — prosseguiu —, preciso que o senhor responda a algumas perguntas minhas.

Remexeu no bolso, puxou dali um papelzinho e começou a ler. Franziu a testa, dobrou de novo o papel e guardou-o de volta no bolso: evidentemente, aquele não era o certo.

Puxou outro e torceu a boca: tampouco este servia.

Montalbano olhava-o, gelado. Diante de professores de filosofia, nutria um complexo que o paralisava: o fenômeno remontava aos tempos do liceu, quando o professor Javarone, severíssimo e temível, havia lhe arrancado as tripas com uma arguição sobre Kant.

— Não estou achando as minhas anotações — disse La Rosa, entregando os pontos —, então faço-lhe somente uma pergunta.

O comissário sentiu subir-lhe um suor frio: "Agora é que eu fodo com a minha promoção", pensou. Porque estava de volta aos bancos escolares.

— Exatamente a que horas ocorreu o fato?

Montalbano soltou um suspiro de alívio: estava preparado, essa resposta ele sabia.

— Antes da meia-noite. Foi o que declarou a... a...

Como devia chamá-la? A puta? Não era respeitoso com o professor. A moça? Mas se ela estava com quarenta anos!

— A vítima — socorreu-o La Rosa.

— Pois é, isto mesmo — fez o comissário, ainda embatucado.

— Então, se as coisas foram assim, o marinheiro não é culpado — assegurou categoricamente o professor.

Montalbano, ainda entre os bancos escolares, levantou dois dedos.

— Dá licença? Como é que o senhor sabe?

— Porque ontem à noite, por volta das onze e dez, minuto mais, minuto menos, eu estava no cais e vi dois marinheiros dirigindo-se ao barco inflável.

— Queira desculpar, professor, mas o que o senhor estava fazendo no cais, a essa hora?

— Pensando. Sabe, meu caro, o frio depura as ideias. Bem, logo depois me dirigi à farmácia noturna. Fiquei conversando ali até à meia-noite, minuto menos, minuto mais. Tenho certeza porque, antes de entrar na farmácia, havia olhado o relógio, o qual marcava 23:30. Para voltar à minha casa, passei novamente pelo cais e o barco já não estava lá. Portanto.

Não um portanto seguido de reticências, mas um portanto seco, com ponto final.

Montalbano abriu os braços, desconsolado e resignado.

Assim que o professor La Rosa saiu, chamou Fazio e mandou soltar o marinheiro Gino Rocchi.

A conclusão era que, com seu minuto mais, minuto menos, o professor Guglielmo La Rosa tinha complicado uma história que parecia simplicíssima.

Sentiu-se invadido pelo mau humor. E estabeleceu que, para fazê-lo passar, a única alternativa era ir entregar-se a uma solene comilança. Olhou o relógio e percebeu que este havia parado, ele tinha esquecido de dar-lhe corda. Um pensamento repentino atravessou-lhe a mente: e se o relógio do professor estivesse com defeito?

Levantou-se da cadeira num pulo, precipitou-se lá fora e alcançou La Rosa ainda a poucos passos do comissariado.

— Professor, desculpe, posso ver o relógio?

— Que relógio?

— O seu.

— Mas eu nunca uso relógio. Detesto esses mecanismos que vão escandindo a hora da nossa morte.

Banal, banalíssimo. De repente, o comissário perdeu o medo de Guglielmo La Rosa.

— Então, como foi que o senhor soube que, segundo me disse agora há pouco, eram onze e meia, minuto mais, minuto menos, quando entrou na farmácia?

— Venha comigo.

Montalbano o acompanhou. Apesar da idade, o professor caminhava em passos rápidos.

— Veja o senhor mesmo — fez Guglielmo La Rosa, apontando a loja do relojoeiro Scibetta, que ficava bem defronte da farmácia.

A tabuleta era um relógio enorme, de algarismos romanos, pendurado numa alta trave ao lado da entrada. Em certo sentido, constituía o orgulho do lugar, pela precisão. Montalbano persuadiu-se de que sua tentativa de invalidar o

testemunho do professor havia fracassado; ainda por cima, aquele relógio, iluminado por dentro, ficava visível noite e dia.

— Bem, queira me desculpar — começou a dizer, mas, vendo a expressão intrigada de Guglielmo La Rosa, parou.

— O que foi, professor?

— Como pude cometer um tal erro? — perguntou a si mesmo o professor, em voz baixa.

Mas Montalbano o escutou.

— Explique-se melhor, professor.

Sem falar nada, La Rosa apontou o relógio, que marcava meio-dia e meia.

— E daí? — perguntou o comissário, começando a perder a paciência.

— Só agora me dei conta de que, ontem à noite, eu...

— Continue, mas que droga!

Os bancos escolares tinham-se perdido em longínquas névoas.

— Ontem à noite eu não olhei diretamente este relógio, mas a imagem dele refletida. E fui enganado pela posição dos ponteiros.

Montalbano virou-se abruptamente.

Refletido na vitrine, o relógio marcava onze e meia. Tudo o que o professor havia descrito devia ser deslocado para uma hora mais tarde, e, de álibi, transformava-se em testemunho contra.

Já que não podia botar na cadeia, por tentativa de falso testemunho o professor Guglielmo La Rosa, filósofo maior, o comissário Montalbano, além de Gino Rocchi, mandou prender por cumplicidade Ilario Burlando, filósofo menor.

Cinquenta pares de sapatos ferrados

Os americanos, quando desembarcaram na Sicília em 1943, introduziram o uso das botinas com sola de borracha que integravam o uniforme do seu exército, e a consequência foi o fim dos duros sapatões ferrados que tanto os soldados da nossa infantaria quanto os camponeses adotavam. Durante a balbúrdia do desembarque aliado, Michele Borruso, criador de cabras em Castro, saqueou um armazém militar italiano, abandonado às pressas, e carregou para casa, entre outras coisas, cinquenta pares de sapatões, suficientes para calçar uma dinastia inteira. Quando morreu, seu filho Gaetano herdou cabras, pastagens e quarenta e oito pares de sapatos ferrados. Muitos anos depois, roubaram de Gaetano umas trinta cabras, roubo esse que pareceu passar em brancas nuvens, na medida em que Borruso não só não denunciou o furto como nem sequer expressou propósitos de vingança. E assim os ladrões, convencidos de que um segundo furto também não iria dar em nada, repetiram a dose e desta vez sumiram com uma boa centena de animais, visto que, nesse meio tempo, os negócios de Borruso tinham progredido. Quinze dias depois do segundo furto, Casio Alletto, um homem violento que todos no lugar sabiam estar à frente de um bando que roubava indiscriminadamente qualquer bicho que se movesse sobre quatro ou duas patas, foi encontrado numa das margens da torrente Billotta massacrado a golpes de porrete, pedradas, socos e pontapés. Levado, agonizante, para o hospital de Villalta, já chegou morto. Que a coisa trazia a assinatura de Gaetano Borruso era indiscutível: as marcas de sapatos ferrados no rosto de Casio Alletto deixavam isso claro.

Dois dias antes do fato, o chefe de polícia de Villalta foi informado de que o comissário De Rosa, lotado em Castro, tinha se machucado ao cair do cavalo durante uma caçada. Portanto, não poderia encarregar-se do caso. Então o chefe despachou Salvo Montalbano, que naquela época estava com pouco mais de trinta anos, para ajudar o *brigadiere*[18] Billè, sobre cujos ombros viera a cair o peso, na verdade bem leve, de uma investigação que parecia muito simples.

Se leve era a investigação, o mesmo não se podia dizer da subida que, naquela manhã, Montalbano e Billè estavam fazendo para chegar ao curral onde Borruso havia construído um cômodo de pedras, no qual morava. Com o dinheiro que

possuía, ele certamente poderia permitir-se uma habitação mais confortável, mas isso não cabia nas tradições familiares dos Borruso, que não se contentavam em ser, mas faziam questão de parecer cabreiros. Depois de percorrerem de carro uns quatro quilômetros a partir de Castro, Montalbano e Billè tinham sido obrigados a estacionar a viatura e a iniciar a cansativa escalada em fila indiana, Billè na frente e Montalbano atrás, por uma trilha que até as próprias cabras declarariam intransitável. Trilha na qual o *brigadiere* Billè, que certamente escondia sob os trajes uma estrutura física de fauno, saltitava ágil e caprinamente, enquanto Montalbano se arrastava, resfolegante. O primeiro quarto de hora de subida (porque, depois, ficou-lhe difícil governar o pensamento) serviu a Montalbano para traçar uma sumária linha de conduta, muito sutil e tática, quanto ao interrogatório de Borruso; a qual, porém, no segundo quarto de hora de subida, se condensou num propósito simplicíssimo: assim que este imbecil entrar em contradição, vai preso. Sequer lhe passava pela cabeça a hipótese de encontrar sapatões manchados de sangue no quartinho de Borruso: esse aí ainda dispunha de quarenta e sete pares de reserva para embaralhar as cartas.

A manhã estava de uma nitidez de vidro recém-lavado. O azul do céu parecia gritar ao universo ser duas vezes mais azul, enquanto as árvores e as plantas, com toda a força que podiam, opunham-lhe seu verde ainda mais verde. Tinha-se de piscar os olhos, manter as pálpebras semicerradas, porque as cores feriam violentamente, assim como o ar muito fino doía nas narinas. Com meia hora de subida, Montalbano sentiu a improrrogável necessidade de uma parada. Com vergonha, disse isso ao *brigadiere* e este lhe respondeu que tivesse um pouquinho mais de paciência: dali a pouco, eles poderiam descansar, justamente no meio do caminho, na casa de um camponês que Billè conhecia bem.

Quando chegaram, dois homens e uma mulher, sentados ao redor de uma velha mesa de madeira sobre a qual havia um grande monte de trigo, estavam catando as impurezas dos grãos. Quase não perceberam a chegada dos dois estranhos. Mas um menininho de uns dois anos, se tanto, saiu cambaleando, pernas bambas como as de um bezerro recém-nascido, e grudou solidamente as mãozinhas sujas de geleia na calça de Montalbano. A mulher, que era evidentemente a mãe, levantou-se de repente e correu a pegar o garotinho no colo.

— Não tem Cristo que aguente este menino! É cada uma que ele inventa!

— Bom dia, *brigadiere* — cumprimentou um dos dois homens, erguendo-se. O outro continuou sentado, limitando-se a levar dois dedos ao barrete.

— Desculpe o incômodo, Peppi — disse o *brigadiere* —, estou de passagem com o doutor Montalbano. Você arrumaria um copo d'água pra gente?

— Água? Água é para a pessoa se afogar. Sentem aí, eu vou trazer um vinho que num instante acaba o cansaço — respondeu Peppi, entrando em casa.

A mulher seguiu-o, com o menino nos braços.

— Não, desculpe — disse Montalbano em voz alta —, eu só queria mesmo um pouco d'água.

E a seguir, como para se justificar:

— Eu nunca bebo em jejum.

— Se é por isso, tem jeito.

— Não, obrigado. Só quero água.

Sentaram-se à mesa. O homem de barrete continuou o seu trabalho.

— Como vai agora, Totò? — perguntou-lhe o *brigadiere*.

— Melhor — respondeu o outro, seco.

— Andou passando mal? — perguntou cortesmente Montalbano, enquanto notava a cara encabulada de Billè.

— Sim, eu andei mal — disse Totò, olhando Montalbano bem nos olhos. — O senhor, que é um doutor, como acha que se sente um cidadão que fica seis meses na cadeia sendo inocente?

— O nosso amigo aqui presente — obrigou-se Billè a explicar —, foi mandado para a prisão pelos *carabinieri*, por um erro de pessoa. Foi uma coisa...

— Taqui a água e o vinho! — interrompeu Peppi, aparecendo na porta.

Não tinha trazido um copo para a água, mas um cântaro inteiro. O recipiente de argila transudava, sinal de que havia sido bem enfornado. Montalbano encostou os lábios ao bocal e puxou um longo sorvo de água fresca, no ponto certo. Enquanto isso, Billè entornava o primeiro copo de vinho. Quando se levantaram para reiniciar a caminhada, o homem de barrete levantou-se, apertou a mão de Montalbano, voltou a olhá-lo fixamente e disse:

— Cuidado para não aprontar a segunda com Tano Borruso.

— O que foi que ele quis dizer? — perguntou Montalbano, depois de terem recomeçado a subida em direção ao curral.

O *brigadiere* parou e virou-se para trás.

— Isso mesmo que o senhor entendeu. Ele não acha que Tano Borruso matou Casio Alletto.

— E como tem tanta certeza?

— Todo mundo aqui também tem.

— Inclusive o senhor, *brigadiere*?

— Eu inclusive — afirmou Billè, tranquilo.

Montalbano se calou por uns cinco minutos e depois voltou a falar.

— Queria que o senhor me esclarecesse o que pensa.

Novamente, o *brigadiere* parou e virou-se.

— Posso lhe fazer uma pergunta, doutor?

— Claro.

— Veja bem, o comissário De Rosa iria me mandar prender Borruso e levar para o comissariado. Mas o senhor, quando eu perguntei se queria que eu fosse buscá-lo, respondeu que preferia vir junto, mesmo sendo uma canseira, como de fato é. Por que fez isso?

— Bom, *brigadiere*, talvez porque me parece correto ver as pessoas das quais devo me ocupar no ambiente em que vivem. Talvez me iluda, mas acho que, assim, entendo melhor como são elas.

— Pois então? É justamente isso, doutor: todo mundo daqui sabe como é Tano Borruso.

— E como é ele?

— Uma pessoa que não cortaria nem um pé de urtiga, imagine se mataria um homem.

Billè sorriu, sem tirar os olhos de Montalbano.

— Não leva a mal se uma pessoa com trinta anos de serviço na polícia, e que está para se aposentar, lhe disser uma coisa?

— Não, pode falar.

— Eu gostaria de ter trabalhado, quando era mais novo, sob as ordens do senhor.

A casa de Gaetano Borruso consistia num único aposento, mas bem grande. Atrás havia um curral imenso, do qual partia um ensurdecedor coro de balidos. Diante da casa abria-se um descampado de terra batida, onde, num dos lados, havia um caramanchão. Embaixo deste, coisa que espantou Montalbano, uns vinte tamboretes rústicos, feitos de galhos de árvore. Três desses banquinhos estavam ocupados por camponeses que discutiam animadamente e que baixaram as vozes quando viram o *brigadiere* e Montalbano. O mais velho dos três, sentado de frente para os outros dois, ergueu uma das mãos e fez um gesto de desculpa, como se dissesse que, naquele momento, estava ocupado. Billè assentiu e foi buscar dois tamboretes que instalou à sombra, mas bem longe do caramanchão.

Sentaram-se. Montalbano puxou o maço de cigarros, acendeu um e ofereceu outro a Billè, que aceitou.

Enquanto fumava, o comissário não conseguiu evitar uma ou outra olhadela na direção dos três, que continuavam a discutir. O *brigadiere* interceptou as olhadelas e, a certa altura, falou.

— Ele está administrando.

— Aqueles dois trabalham para ele? São empregados?

— Borruso tem oito homens pra cuidar das cabras, fazer queijo e outras coisas. As cabras não são só essas que o senhor viu ali, tem muito mais. Mas esses dois não são empregados.

— Então, por que o senhor disse que Borruso está administrando? Ele administra o quê?

— A justiça.

Montalbano encarou-o, intrigado. Com a delicadeza que se costuma empregar com as crianças e com os retardados, o *brigadiere* explicou.

— Doutor, todo mundo sabe que Gaetano Borruso é um homem de sabedoria e experiência, sempre pronto a dar uma ajuda, a dizer uma boa palavra. Então, quando surge uma discussão, um motivo de briga, aos poucos as pessoas foram pegando o hábito de vir falar do assunto com ele.

— E depois fazem o que ele aconselha?

— Sempre.

— E se decidirem agir de outro modo?

— Se tiverem achado uma solução mais justa, Borruso dá cobertura, está sempre pronto para reconhecer quando se engana. Mas, se a briga degenerar e as pessoas passarem às vias de fato, Borruso não quer nem ver a cara delas. E um homem que Borruso não quer mais ver é um homem com quem ninguém quer ter mais nada a tratar. É melhor mudar de lugarejo. E por lugarejo eu não me refiro só a Castro.

— Um esplêndido exemplo de comportamento mafioso — comentou Montalbano, sem conseguir evitar.

A cara faunesca do *brigadiere* endureceu-se.

— O senhor me desculpe, mas raciocinar desse jeito significa que a máfia não sabe onde bota os pés. O que é que Borruso ganha com isso que ele faz?

— Poder.

— Falando como policial — iniciou o *brigadiere*, depois de uma pausa —, acontece que Borruso só usou esse poder numa direção: evitar derramamento de sangue. O senhor conheceu o comissário Mistretta, que morreu num confronto a tiros, seis anos atrás?

— Não tive esse prazer.

— Era parecido com o senhor. Bom, depois de conhecer Borruso casualmente e de uma certa convivência, sabe o que ele me disse? Que Borruso

era um sobrevivente dos reis pastores. E me explicou quem eram os reis pastores.

Montalbano olhou novamente o caramanchão. Agora os três estavam de pé, bebendo, cada um por sua vez, de uma garrafa de vinho que Borruso tinha posto no chão, ao lado do tamborete. Não era um beber puro e simples: a lentidão dos movimentos, os olhares que eles trocavam depois de cada rodada sugeriam uma espécie de ritual. Cada um bebeu três vezes e, a seguir, todos se apertaram as mãos. Os dois que haviam vindo falar com Borruso se afastaram após cumprimentar Billè e Montalbano sem palavras, somente com os olhos.

— Venham, venham — fez Borruso, convidando-os para o caramanchão com um gesto amplo.

— O doutor Montalbano e eu — começou Billè — estamos aqui por causa do assassinato de Casio Alletto.

— Eu já esperava. Querem me prender?

— Não — disse Montalbano.

— Querem me interrogar?

— Não.

— Então, querem o quê?

— Conversar com o senhor.

Distintamente, Montalbano percebeu uma mudança no homem que estava à sua frente. Se, antes, Borruso fez as perguntas com uma espécie de indiferença, agora encarava o comissário com uma outra atenção no olhar. E o próprio Montalbano se espantou. Enquanto subia até o curral, não tinha se prometido prender Borruso à primeira contradição? Por que, agora, se dispunha a dar tempo àquele encontro?

Sentaram-se. E Montalbano viu, como se fosse com os olhos de um outro, que ele e o *brigadiere* estavam na mesma posição, nos mesmos banquinhos ocupados, pouco antes, pelos dois camponeses que haviam vindo pedir justiça a Borruso. Só que a perspectiva devia ser invertida: até prova em contrário, os representantes da lei eram ele e o *brigadiere*. E Borruso, se não o imputado, pelo menos o suspeito. Mas Gaetano Borruso sentava-se em seu tamborete com a simplicidade e, ao mesmo tempo, a autoridade de um juiz natural.

— Aceitam um pouco de vinho? — perguntou Borruso, estendendo a garrafa.

Billè aceitou e tomou um gole, Montalbano recusou com um gesto cortês.

— Não fui eu que matei Casio Alletto — disse direta e tranquilamente Borruso. — Se tivesse feito isso, já teria ido me entregar.

Toda palavra que é pronunciada vibra de um modo particular; as palavras que dizem a verdade têm uma vibração diferente de todas as outras.

— Por que os senhores acham que fui eu?

— Porque se sabe que foi Alletto quem mandou roubar as suas cabras — disse Montalbano.

— Eu não tiraria a vida nem mesmo de quem me roubasse todas as cabras que tenho.

— E também teve a história dos sapatos ferrados. Como esses que o senhor está usando.

Gaetano Borruso olhou os sapatos como se os visse pela primeira vez.

— Estes aqui eu já uso há cinco anos — disse. — Sapatos sólidos, sapatos bons. Dizem que os que deram aos nossos soldados na Rússia, na última guerra, tinham sola de papelão. A destes é de couro, coisa garantida. O meu pai, nos anos de vida que lhe restaram depois de apanhar aquilo tudo no armazém, conseguiu só gastar um par. Estava com eles nos pés quando morreu no campo, trabalhando a terra. Eu, quando vesti o corpo para o enterro, calcei nele um par novo. Me restaram quarenta e oito.

— E agora, quantos tem?

Gaetano Borruso semicerrou os olhos claríssimos.

— Este é o segundo que eu uso, de um ano pra cá. Portanto, restariam quarenta e seis, mas cinco eu dei a uns pobres que estavam precisando.

Percebeu alguma coisa na expressão de Montalbano.

— Não faça uma ideia errada, doutor. Essas pessoas a quem eu dei os sapatos são gente de bem e não têm nada a ver com o assassinato. Se o senhor quiser, pode conferir. Não estou jogando a culpa em ninguém.

— Então, ainda lhe restam quarenta e um pares.

— Deveriam ser, mas eu só contei quarenta.

— Falta um par?

— Sim, senhor. Quando soube que Casio tinha marcas de sola ferrada na cara, eu fui conferir, porque me ocorreu uma coisa.

— Qual?

— Que alguém me tivesse roubado um par de sapatos e usado, como usaram, para fazer crer que fui eu. Venham comigo.

Levantaram-se e entraram no único aposento. Estrado e mesa de cabeceira à esquerda, mesa com quatro cadeiras no centro, fogão e um grande aparador na parede oposta à porta de entrada. Na parede da direita, duas portinhas: por uma, entrevia-se o sanitário. Girando a maçaneta, Borruso abriu a outra e acendeu a luz. Encontraram-se num cantinho transformado em despensa e depósito.

— Os sapatos estão ali — fez Borruso, apontando uma estante rústica.

A muito custo Montalbano conseguia conter a náusea. Desde o momento em que entrou ali, um violento odor rançoso lhe revolveu o estômago.

Os sapatos estavam alinhados em quatro prateleiras da estante, cada par envolto em folhas de jornal. Borruso pegou um, desembrulhou-o e mostrou-o a Montalbano. E este então compreendeu de onde vinha o mau cheiro que o fazia passar mal: sobre cada sapato havia um dedo de banha.

— Passei isso quinze dias atrás — disse Borruso. — Assim eles se conservam como novos.

O *brigadiere* começou a contar e Montalbano aproveitou para conferir as datas dos jornais. Eram todos velhos; uns vinte exemplares estavam empilhados no lado livre de uma das prateleiras.

— Pedi esses encalhes na tabacaria de Castro — explicou Borruso, percebendo o que Montalbano estava pensando.

— ... quarenta — concluiu o *brigadiere*. — Contei duas vezes, não tem erro.

— Vamos sair — disse Montalbano.

O ar fresco fez-lhe passar a náusea. Ele inspirou profundamente e espirrou.

— Saúde.

Sentaram-se novamente sob o caramanchão.

— Como foi que esse ladrão conseguiu entrar na casa, em sua ausência?

— Pela porta — respondeu Borruso, com uma levíssima ponta de ironia. E acrescentou: — Eu deixo tudo aberto. Nunca fecho com chave.

A primeira coisa que Montalbano fez, assim que retornou a Villalta, foi correr ao médico-legista, um velhinho cortês.

— Doutor, me desculpe, mas eu preciso de uma informação sobre o cadáver de Casio Alletto.

— Ainda não fiz o relatório, mas diga.

— No rosto, além das marcas das solas ferradas, tinha vestígios de banha?

— Vestígios? — fez o doutor. — Tinha umas quatro arrobas!

Na manhã seguinte, Montalbano chegou tarde a Castro. Um dos pneus tinha furado e ele não só era incapaz de trocá-lo como nem sabia onde se guardava o macaco. Entrou no comissariado e à sua frente apresentou-se, sorridente, o *brigadiere* Billè.

— Estou achando que Borruso não tem nada a ver com essa história. As coisas aconteceram como ele nos disse, alguém roubou os sapatos para jogar a culpa em cima dele, a quem não faltavam motivos contra Casio Alletto. Temos que recomeçar do princípio.

Billè continuou a sorrir.

— Bem, o que houve?

— Houve que eu prendi o assassino, menos de quinze minutos atrás. Ele confessou. Eu quis avisar o senhor, telefonei para a chefatura, mas me informaram que o senhor estava vindo para cá.

— Quem é?

— Cocò Sampietro, que é do bando de Casio e meio idiota.

— E como foi?

— Hoje, às sete da manhã, apareceu no mercado um cara que vinha de fora pra vender favas. Estava montado numa mula. Eu vi os sapatos dele e levei um susto. Mas não fiz estardalhaço, puxei ele de lado e perguntei onde tinha comprado aquilo. Ele tranquilamente contou que Cocò Sampietro tinha lhe vendido os sapatos na noite anterior. Aí ficamos de plantão e, assim que Sampietro saiu de casa, metemos as algemas. Ele desembuchou logo. Contou que o bando inteiro tinha se rebelado contra Casio, que não andava cumprindo o combinado.

— Mas, se ele é meio idiota, como o senhor disse, talvez não fosse capaz de arquitetar isso de lançar a culpa sobre Borruso.

— Mas a ideia não foi dele. Contou que o plano foi organizado por Stefano Botta, que era o braço direito de Casio.

— Meus parabéns.

— Obrigado, doutor. Quer vir com a gente? Ainda falta prender mais cinco pessoas.

Montalbano refletiu um instantinho.

— Não — disse. — Vão sem mim. Eu prefiro ir visitar o rei pastor. Ele vai gostar de saber que o caso está resolvido.

O rato assassinado

Eram dez da manhã de um feliz dia do início de maio. O comissário Montalbano, após descobrir que não tinha nenhuma tarefa inadiável e constatar que o seu vice Mimì Augello, tocado pela graça divina, parecia seriamente inclinado a trabalhar, decidiu que uma longa caminhada até o farol era a melhor coisa que podia fazer. Passou pela habitual mercearia, comprou um saquinho consistente de amendoins, sementes de abóbora e grãos-de-bico torrados e dirigiu-se ao quebra-mar do leste.

Pouco antes de chegar ao seu recife preferido, bem embaixo do farol, foi obrigado a um desvio repentino: sem dar-se conta, ia pisando em cima de um grande rato morto. Em relação a esses bichos, Montalbano era absolutamente feminino: davam-lhe repulsa e desconcerto, mas ele conseguia disfarçar. Depois de três passos, parou.

Alguma coisa, sem que ele soubesse absolutamente explicar-se o quê nem por quê, deixou-o sutilmente inquieto. Nisso consistiam seu privilégio e sua maldição de tira nato: colher no ar, no faro, na pele, a anomalia, o detalhe às vezes imperceptível que não se encaixava no conjunto, a falha mínima em relação à ordem costumeira e previsível. Faltavam mais três passos até o recife na ponta do quebra-mar; ele deu-os e sentou-se. Abriu o saco plástico de tira-gostos, mas sua mão ficou lá dentro, imobilizada. Impossível fingir que não havia nada. No mundo que sua visão abrangia, alguma coisa destoava, fora da norma.

"Paciência!", murmurou, rendendo-se à sua condenação. "Vamos olhar."

Bem perto dali, estava atracado de popa, com uma amarra no cabeço, um enorme pesqueiro de alto-mar. Chamava-se *San Pietro Pescatore* e era de Mazàra del Vallo. O pesqueiro mantinha-se perfeitamente imóvel, sem o menor balanço, no mar que era uma tábua. A bordo não devia haver alma viva. Mais na direção da cidade, à direita, estava um pescador de anzol, um *habitué* que o comissário conhecia desde sempre e que todas as vezes o cumprimentava.

E só. E mais nada. Mas por que, então, aquela sensação aguda de desconforto? Depois, seu olhar caiu sobre o rato morto que por pouco ele não havia esmagado com o pé, e aquela vibração interna aumentou de frequência. Seria possível que a causa do seu mal-estar fosse um rato morto? Quantos deles não se viam, vivos e mortos, de dia e de noite, no recinto do porto? O que teria

de particular aquele ali? Montalbano pousou o saquinho de tira-gostos no recife, levantou-se, aproximou-se do rato e acocorou-se para vê-lo melhor. Não, ele estava certo, havia qualquer coisa estranha. Olhou ao redor, viu um pedacinho de amarra, recolheu-o e remexeu com aquilo a carcaça, vencendo o nojo com dificuldade. Como se mata um rato, em geral? Com veneno, com um golpe de bastão, com uma pedrada. Este aqui estava intacto, só que haviam-lhe aberto a barriga com uma lâmina afiadíssima e removido inteiramente as vísceras. Parecia um peixe depois de limpo. E a operação não devia ter sido feita muito tempo antes, o sangue ainda estava vermelho, não totalmente coagulado. Quem é que tem a pachorra de matar um rato retalhando-o? Montalbano sentiu um arrepio na espinha, um levíssimo choque elétrico. Maldizendo-se, foi até o recife, esvaziou no bolso do paletó o saquinho de plástico transparente, voltou e meteu o rato ali dentro, com a ajuda do pedaço de amarra. Depois embrulhou-o no jornal que havia comprado, para que não se dissesse no lugar que o comissário Montalbano não falava mais coisa com coisa e andava para cima e para baixo com um rato morto. Mas quando, sob o jornal e o plástico, sentiu a moleza do corpo do bicho, teve vontade de vomitar. E vomitou.

— Que merda o senhor quer? Faz quinze dias que não me chega um morto seu! — resmungou o doutor Pasquano, o médico-legista, enquanto o acomodava em sua sala.

Para quem soubesse manejá-lo, Pasquano era ótima pessoa, mas tinha um temperamento impossível.

Montalbano sentia-se completamente suado, o difícil vinha agora. Não sabia por onde começar.

— Preciso de um favor.

— Como sempre! Vá em frente, diga, que eu tenho pouco tempo.

— Pois é, doutor, mas antes o senhor deve me prometer que não vai ficar emputecido, senão eu não digo nada.

— E como é que eu faço? O senhor quer um milagre! Eu fico emputecido desde a manhã até a noite! E, com semelhante premissa, já me emputeço duas vezes mais!

— Sendo assim...

E Montalbano começou a levantar-se da cadeira. Estava sendo sincero, ter ido procurar Pasquano foi uma solene babaquice, agora percebia.

— Ah, não! Assim é muito fácil! Já que veio, agora tem que me contar tudo! — intimou-o o doutor, furioso.

Sem dizer uma palavra, o comissário puxou o pacote que lhe deformava o bolso do paletó e depositou-o sobre a escrivaninha. Pasquano debruçou-se, abriu-o, olhou-o e ficou roxo. Montalbano esperava uma explosão, mas o doutor se controlou, levantou-se, aproximou-se e botou paternalmente uma mão no ombro dele.

— Eu tenho um colega que é muito bom. E também discreto, um túmulo. Se quiser, podemos ir juntos.

— Um veterinário? — equivocou-se o comissário.

— Não, mas que ideia! — disse Pasquano, cada vez mais convencido de que Montalbano estava doido. — Um psiquiatra. Ele trata de coisas assim, estresse, esgotamento nervoso...

Então o comissário compreendeu e de repente sentiu raiva.

— Está achando que eu fiquei maluco? — gritou.

— Não, não, que é isso... — fez o doutor, conciliador.

Exasperado com a atitude de Pasquano, o comissário deu um tapa violento na escrivaninha.

— Calma, vai dar tudo certo — disse o doutor, solícito.

Montalbano percebeu que, se a coisa continuasse daquele jeito, iria sair dali metido numa camisa de força. Sentou-se e passou o lenço na testa.

— Eu não estou com nenhum esgotamento nervoso, não estou variando. Peço desculpas, foi culpa minha se o senhor cometeu algum equívoco. Vamos fazer o seguinte: eu conto por que lhe trouxe este rato e depois o senhor resolve se chama ou não os enfermeiros.

O telefone tocou bem no meio de um filme de espionagem com Michael Caine do qual o comissário estava tentando desesperadamente entender alguma coisa. Instintivamente, consultou o relógio antes de pegar o fone: eram onze da noite.

— Aqui é Pasquano. Está sozinho em casa?

A voz era de conspirador.

— Estou.

— Já fiz aquilo.

— O que descobriu?

— Bom, é muito estranho. Ele foi gaseificado.

— Desculpe, mas não entendi.

— Para matá-lo, devem ter usado um gás ou algo assim. Depois, fizeram a laparotomia.

Montalbano ficou estarrecido.

— Me parece um sistema complicado para eliminar um...

— Psiu, cale a boca!

— O que foi? Por que tanto medo de dizer claramente que fez a autópsia de um...

— E ainda continua?! Não sabe que, do jeito como vão as coisas hoje em dia, os nossos telefones podem estar grampeados?

— Mas por quê?

— Sei lá por quê, cacete! Pergunte para eles!

— A eles, quem?

— Eles, eles!

Talvez o estressado fosse o doutor Pasquano, era ele quem estava precisando do amigo psiquiatra.

— Escute, doutor, pense comigo. Mesmo que nos grampeiem e escutem que estamos falando de um...

— Mas o senhor quer mesmo é me arruinar! Não entende que, se dissermos abertamente que estamos falando de um... daquilo que o senhor sabe, eles não acreditam e pensam que estamos nos comunicando em código? Depois, vá tentar explicar!

O comissário compreendeu que era melhor mudar de assunto.

— Só uma informação, doutor. Um corpo jogado ao mar quanto tempo leva pra boiar?

— Digamos umas quarenta e oito horas. Mas vamos falar claramente, comissário: se me trouxer outro, eu jogo o senhor e ele pela janela!

Não conseguiu pegar no sono.

Às seis da manhã, banhado e vestido, telefonou ao seu vice Mimì Augello.

— Mimì? Montalbano.

— O que foi? O que aconteceu? Que horas são, caralho?

— Mimì, não faça perguntas. Se você fizer mais alguma, quando a gente se encontrar no comissariado eu te quebro os dentes. Fui claro?

— Sim.

— Você costuma ir pescar, não?

— Sim.

— Tem um cofo para me emprestar?

Silêncio total. A ligação não tinha caído, porque ele escutava distintamente a respiração de Augello.

— Por que não responde, panaca?

— Porque preciso lhe fazer uma pergunta.

— Tá bom, pode fazer. Mas só uma.

— Não entendi o que você entende por cofo. Um cartucho?

— Um cofo, um samburá, aquele negócio que vocês pescadores usam.

— Ah! Não, não tenho, eu não uso. Ou melhor, tenho um.

— Afinal, tem ou não tem?

— Tenho, mas é coisa de criança, meu sobrinho deixou aqui quando veio tomar banho de mar.

— Não tem importância, me empreste. Daqui a meia hora estou em sua casa.

Sentia-se aterrorizado com a ideia de que alguém do lugar pudesse vê-lo, com o samburá depositado aos seus pés e um binóculo de teatro nas mãos, ocupado em perscrutar, bem do alto do quebra-mar, não o horizonte, mas os recifes que ficavam ali embaixo. Por sorte, não havia ninguém à vista, o *San Pietro Pescatore* tinha zarpado. Dali a pouco, percebeu que alguma coisa não estava funcionando e ameaçava inutilizar sua busca. Para tirar a prova, pegou uma passagem usada de trem, esquecida no bolso sabe lá desde quando, e jogou-a na água. Lenta, mas decididamente, o papel começou a dirigir-se para o lado oposto ao dos recifes, para a entrada do porto. A corrente era contrária, àquela hora já tinha levado para longe qualquer coisa que tivesse vindo à tona de madrugada. Seria conveniente voltar com o samburá de criancinha na mão? Resolveu escondê-lo entre os recifes, depois mandaria Mimì Augello buscar. Baixou-se cautelosamente em meio aos recifes, arriscando-se a escorregar no limo esverdeado e cair na água. Enquanto estava inclinado assim, para escolher o melhor lugar, viu outra carcaça de rato, presa entre duas pedras. Usando o samburá, conseguiu recuperá-la depois de uma meia hora de muito trabalho e abundantes palavrões. Examinou-a atentamente: também este havia sofrido laparotomia. Jogou o bicho no mar, não queria levá-lo a Pasquano e enfrentar outra descompostura.

Ainda estava muito cedo e, em vez de seguir para o comissariado, ele se sentou e começou a pensar. Com noventa e nove vírgula noventa e nove por cento de possibilidade, também o segundo rato havia morrido gaseificado. Por que usar gás?, perguntou-se. A resposta lhe ocorreu quase na mesma hora: pela certeza de que o gás funcionaria melhor, usando um bastão ou uma pedra corria-se o risco de que algum rato conseguisse escapar, mesmo ferido. E, pela mesma razão, não podiam empregar veneno; o rato, com o veneno no corpo, tende a se esconder, a ir morrer longe. Quem os estava matando precisava de que os bichos ficassem todos no lugar onde iriam morrer. E por quê? Também essa resposta lhe veio fácil: para poder abrir-lhes a barriga e tirar o que lhes haviam dado para comer. Mas como teriam conseguido convencer os ratos a se reunirem todos

num mesmo lugar? Teriam contratado o flautista de Hamelin, aquele que, com o som seu instrumento, fazia com que os ratos o seguissem?

Foi a essa altura do raciocínio que ele viu o pescador de caniço chegar ao seu posto costumeiro e preparar-se para a pesca. Levantou-se e se aproximou.

— Bom dia, comissário.

— Bom dia, senhor Abate.

Era um bedel aposentado, que agora o olhava, curioso, porque até então os dois nunca haviam ultrapassado a simples troca de cumprimentos.

— Queria lhe fazer uma consulta.

— Às ordens.

— Ontem, o senhor deve ter notado que um pesqueiro de Mazàra estava atracado aqui.

— Pois é, o *San Pietro Pescatore*.

— Ele vem muito a Vigàta?

— Digamos, umas duas vezes por mês. Me permite uma liberdade?

— Claro.

— Já me disseram que o senhor é um bom policial. E agora está me dando a prova.

— Por que diz isso?

— Porque o senhor já descobriu o que fazem os homens daquele pesqueiro.

Montalbano experimentou dois sentimentos contrastantes: contentamento por ter intuído que havia alguma coisa pouco clara e desapontamento pela facilidade da solução.

Mas não fez nenhuma pergunta: exibiu um sorrisinho esperto e fez um gesto sutil, como para significar que ainda estava para nascer quem fosse capaz de lhe passar a perna.

— Estes cornos do pesqueiro — explicou Abate — tapeiam os companheiros de cooperativa. A obrigação deles seria desembarcar o pescado em Mazàra e botar tudo junto com o dos outros que fazem parte da cooperativa. Alguns trazem menos pescado, outros mais, mas não importa, é tudo dividido. Entende?

— Muito bem.

— Só que estes, antes de seguir pra Mazàra, param em Vigàta e vendem metade do pescado à gente daqui, que chega de caminhão frigorífico. E assim ganham duplamente: aqui recebem um preço mais caro, em Mazàra o pouco pescado que eles declaram ter conseguido é compensado pelo dos companheiros. São uns safados.

O comissário concordou.

— É um jogo antigo, chama-se fode-colega.

Os dois riram.

Oito dias mais tarde, antes do amanhecer, o *San Pietro Pescatore* atracou no cais de Vigàta. À sua espera estava um caminhão frigorífico anônimo, sem nome de empresa escrito na lateral. Foi entupido de caixotes de peixe e partiu. Menos de meia hora depois, o pesqueiro levantou âncora e saiu do porto. Na estrada de Caltanissetta, o frigorífico foi parado por uma patrulha da polícia fiscal, para o que, a princípio, parecia um controle supernormal.

Pela carteira de motorista, identificou-se ao volante um tal de Filippo Ribèca, ex-presidiário, mas com todos os outros documentos em ordem. Igualmente em ordem estava a guia de acompanhamento da carga.

— Então, posso ir? — perguntou sorridente Filippo Ribèca, baixando o freio de mão.

— Não — disse o chefe da patrulha. — Encoste aí e espere.

Praguejando, Ribèca obedeceu, enquanto os guardas mandavam parar um outro caminhão, que transportava verduras. Este segundo controle foi tão longo e minucioso que Ribèca saiu da cabine e acendeu um cigarro. Estava visivelmente nervoso.

Assim que viu parar um terceiro caminhão, este carregado de tijolos, não aguentou mais e aproximou-se do chefe da patrulha.

— Mas, afinal, posso ir ou não?

— Não.

— E por quê?

— Porque me deu na telha — disse o chefe da patrulha, seguindo tintim por tintim as instruções que o tenente tinha lhe dado.

Ribèca se invocou.

— Ora, vá tomar no cu! — explodiu.

E, como era um homem violento, partiu para cima do patrulheiro, dando-lhe um soco no peito. Imediatamente, foi preso por resistência e desacato à autoridade.

No quartel, durante a revista, acharam-lhe num dos bolsos da calça um saquinho de veludo. E, dentro do saquinho de veludo, diamantes que valiam centenas de milhões. O tenente da polícia fiscal apressou-se em telefonar a Montalbano.

— Parabéns, comissário. O senhor acertou. Um sistema de reciclagem original. Agora nós vamos a Mazàra, para pegar a turma da *San Pietro*. Quer ir conosco?

O estratagema era simples e genial. O *San Pietro Pescatore* zarpava de Mazàra levando uma gaiola com uns vinte ratos esfomeados. Ao largo, a gaiola era

encostada à boca de um contêiner de zinco dividido em dois compartimentos e ali, no primeiro compartimento, os bichos ficavam livres para mordiscar uns aos outros. Depois, ao largo da Líbia, o pesqueiro era abordado por uma lancha de alto-mar e a pessoa encarregada entregava ao comandante da embarcação o saquinho de veludo com os diamantes dentro. A essa altura, cada diamante era enfiado numa bolinha de queijo rançoso. As bolinhas eram jogadas, por uma abertura no teto, no segundo compartimento do contêiner. Então levantava-se a paredezinha de metal que separava os dois compartimentos. Os ratos, esfomeados, engoliam tudo. Depois de comerem (muito pouco, nisso consistia o segredo), eram postos em liberdade. Podiam então fazer tudo o que queriam durante os dois dias em que o barco ficava pescando: uma fiscalização rotineira não descobriria nada de anormal. Antes de seguir para Vigàta, enchia-se de queijo o segundo compartimento e os ratos se empanturravam, enquanto iam morrendo gaseificados por um bujão de metano acoplado ao contêiner. Já perto do porto, os animais, agora mortos, eram desventrados e os diamantes, recuperados e entregues a quem devia passá-los adiante.

A verdadeira conclusão de toda a história foi que Montalbano ficou sem conseguir comer queijo durante pelo menos um mês: sempre que levava à boca um pedaço, lembrava-se dos ratos e seu estômago embrulhava.

Um cantinho paradisíaco

— Que cantinho paradisíaco! — exclamou Livia, descendo do barco e ajudando Salvo a puxá-lo para a areia enxuta.

Concluídas as operações de transbordo da sacola com as roupas e da grande bolsa térmica cheia de sanduíches e garrafas de cerveja, o comissário Montalbano jogou-se na praia como morto, perguntando-se como pôde se meter num empreendimento como aquele. Porque era de fato um verdadeiro empreendimento. Seis dias antes, aquele imbecil do Mimì Augello, jantando com os dois num restaurante, começou a elogiar uma sua descoberta: a minúscula prainha situada três quilômetros depois do farol do cabo Russello, solitária, desconhecida de todos, alcançável somente por via marítima. Falou dela com um tal entusiasmo que Livia se encantou: Mimì descrevia o lugar como uma espécie de ilha de Robinson Crusoé sem uma única pegada de Sexta-Feira, e daquele momento em diante Montalbano não teve mais sossego:

— Quando é que você me leva à tal prainha? — repetia Livia em estribilho, em média nove vezes por dia.

Quarenta e oito horas antes da partida de Livia para Boccadasse, Gênova, depois de duas semanas de férias de agosto em Vigàta, Montalbano resolveu contentá-la, enviando mentalmente pragas e votos de desgraça àquele grandessíssimo miolo de merda de Mimì, que o metera nessa enrascada. Às sete da manhã, saíram de Vigàta, no carro, para a marina de Monterreale, onde alugaram um barco a remo de um pescador que devia ter sangue árabe: disse uma quantia e Livia contra-atacou na hora, totalmente à vontade em sua essência de genovesa e mão-fechada. Os olhos do pescador brilharam: ele intuiu ter encontrado uma digna rival. O duelo prosseguiu longamente, com variados movimentos: por fim, o acordo foi selado com um cafezinho num bar onde eram totalmente incapazes de entender a diferença entre cafeína e extrato de chicória. O mau humor de Montalbano teve a exata aceleração do vetor de um foguete espacial. Ele desafogou remando por três horas, enquanto Livia, de biquíni, tomava sol cantarolando, olhos fechados. Apesar do cansaço da remada, o comissário não queria chegar nunca: sentia-se literalmente aterrorizado pela perspectiva de ter de sustentar-se à base de sanduíches, só fazia isso em condições de extrema necessidade. Não concebia a própria ideia do piquenique (que às vezes chamava, sem se dar conta do erro, de piniquique): na única vez

em que se tinha obrigado a participar de um, para não entristecer uma namorada de juventude, empanturrou-se tanto de pão, queijo e formigas que ainda conservava todos os sabores na boca.

— Que cantinho paradi...

Repentinamente derrubada por uma pancada de sono, Livia não pôde terminar a frase: ficou esticada de barriga para baixo, braços abertos, numa espécie de crucifixão vista por trás. Fazia isso quando se sentia em estado de contentamento; às vezes, na cama, Montalbano continuava a falar por bem uma meia hora até perceber que Livia viajava "*In country sleep*", como se chamava um poema de Dylan Thomas de que os dois gostavam muito.

O comissário acendeu um cigarro e olhou ao redor. Uma faixa de uns trinta metros de areia dourada, tão fina que parecia talco, com mais ou menos vinte de largura, escondida por uma barreira de recifes que parecia compacta mas que apresentava um tortuoso canal de acesso, percorrível somente por barcos pequenos e em dias de absoluta calmaria. A prainha era completamente circundada por paredes rochosas quase a pique, nas quais não crescia um único talo de grama, nem a peso de ouro. À esquerda, quase encostadas à rocha, havia algumas moitas espinhosas, torradas pelo sol; à direita, o mar lambia uma enorme pilha de velhas redes de pesca, abandonadas porque já inutilizáveis. Cantinho paradisíaco ou não, o lugar certamente possuía uma sua beleza, e Montalbano teve a impressão de que ele e Livia eram os únicos habitantes da Terra, tão alto era o silêncio. O sol ardia. O comissário levantou-se com cuidado, para não incomodar sua mulher, e andou até a beira-mar. Bem na linha da arrebentação, viu a superfície da areia salpicada de cúpulas minúsculas. Encantou-se. Seriam caranguejos escondidos? Desde quando era criança, não viu mais nenhum. Inclinou-se e enfiou dois dedos na areia, bem ao lado de um cupulazinha. Fazendo uma alavanca, levantou um pouquinho de areia e descobriu um caranguejo pequenino que saiu correndo, todo de lado, para cavar outra toca.

A água não estava tão quente quanto ele temia, um jogo de correntes dava-lhe um frescor tonificante. Montalbano nadou longamente, devagar, deliciando-se braçada após braçada, até o contorno dos recifes e escalou um deles com dificuldade, o limo verde que recobria a pedra deixava-a escorregadia. O recife dava um espaço para se deitar. Ele fez isso e durante algum tempo ficou assim, lagartixando, o gostoso ruído do mar rumorejando entre os escolhos impedia os pensamentos de lhe entrarem na cabeça. Irritava-o apenas o fato de precisar dar razão a Mimì Augello, quando, na volta a Vigàta, este perguntasse se ele tinha gostado do lugar. Ou melhor, não: Mimì perguntaria a Livia, por quem tinha um fraco, aliás correspondido. E Livia iria papaguear:

“Um cantinho paradisíaco!”

E ele se emputeceria duplamente: em primeiro lugar, pelo inevitável ataque de ciúme ao ver aqueles dois sorrindo um para o outro; em segundo, porque os lugares-comuns o aborreciam e Livia, com frequência e de bom grado, deles fazia uso e consumo. Lembrou-se de que certa vez, quando rapazinho, durante uma estada em Turim, viu um grande cartaz pregado à entrada de um enorme edifício: NÃO ABUSEM DOS LUGARES COMUNS! Precipitou-se até a guarita e expressou solidariedade e comunhão de intenções ao porteiro. Este, perplexo, respondeu que havia sido obrigado a botar o cartaz porque os moradores abandonavam nos lugares comuns, tais como corredores e escadas, um monte de tralhas, carrinhos, bicicletas e velocípedes, que acabavam impedindo a passagem. Grande foi então o seu desapontamento.

Abriu os olhos e, observando a posição do sol, compreendeu que devia ter cochilado por uma meia hora. Ergueu-se a meio: do lugar onde se encontrava, podia ver a praia inteira. Livia dormia, sempre na mesma posição. Mas, ao desviar o olhar só um pouquinho, Montalbano sentiu um verdadeiro choque elétrico. Mesmo calculando a mudança de perspectiva, não havia dúvida de que a pilha de redes velhas, que antes estava a uns quinze metros de Livia, tinha se deslocado visivelmente, aproximando-se mais do ponto central da praia. Não podia ter sido o mar. Então, o quê? O comissário não teve dúvidas: sob as redes devia haver alguém, talvez chegado a nado, que pretendia mimetizar-se aos olhos dele para roubar Livia, ou fazer algo mais nefasto. A Robinson Crusoé, quando viu estampadas na areia as pegadas de Sexta-Feira, a paisagem ao redor certamente pareceu mudada. A Montalbano também, mas para pior. Sem demora, ele se jogou na água, nadou desesperado em direção à praia e, ao chegar, saiu correndo, por mais que lhe faltasse o fôlego. Em seu misterioso movimento, a pilha de redes velhas havia encolhido, embaixo via-se distintamente desenhada uma forma humana. Da qual vinha um choro muito fraco. Ajoelhado na areia, o comissário, com dificuldade, desenredou aquele corpo inerte. Era uma mocinha de uns quinze anos, nua, o escuro da pele era natural, não provocado pela exposição ao sol. A jovem não tinha forças para se manter de pé. Equimoses e ferimentos haviam-lhe martirizado a carne, o rosto estava coberto de sangue pisado. E ela fedia, terrivelmente: quando, ajudada pelo comissário, conseguiu se levantar, excrementos escorregaram-lhe pelo corpo e caíram na areia. Vencendo o nojo, Montalbano tomou-a nos braços, era miúda, frágil, carregou-a até a beira da praia, deitou-a e limpou-a cuidadosamente. Depois, soerguendo-a, levou-a até a água para que se lavasse. Mas um fio de sangue continuava a escorrer entre as pernas da jovem. O comissário entrou com ela no barco e correu a buscar um lenço de cabelo, uma

toalha e uma túnica que Livia às vezes usava depois do banho. Mais com gestos do que com palavras, já que a moça só falava um italiano rústico, mandou-a vestir a túnica, amarrar o lenço molhado na cabeça e botar a toalha entre as pernas. Empurrou o barco para a água e começou a remar na direção de uma praia, bem maior, que ele sabia existir depois daquela onde tinha deixado Livia, sempre adormecida. Durante o trajeto, a jovem, um pouquinho reanimada, contou ao comissário ser cabo-verdiana, chamar-se Libania, ter dezesseis anos e trabalhar na casa da família Burruano, de Fiacca, boas pessoas que a tratavam bem. Naquela manhã, sendo seu dia de folga, acordou cedo e pegou o ônibus para ir à praia, tendo descido em Seccagrande, para onde estavam indo agora. Ali, depois de um tempinho, tinham-se aproximado dela dois jovens que se disseram suíços, realmente pareciam bons rapazes, haviam chegado num furgão de camping. Ofereceram-lhe um sorvete de casquinha e depois propuseram ir dar um mergulho mais ao largo. Ela respondeu que não sabia nadar, mas aceitou mesmo assim, porque gostava de andar de barco. Haviam alugado um e partido. Depois os dois rapazes tinham visto a barreira de recifes que escondia a prainha onde Montalbano a havia encontrado. Descoberta a passagem, haviam entrado lá, explicando a Libania, por gestos, que eles poderiam tomar banho ali. Mal desembarcaram, os dois tinham mudado repentinamente de atitude: levantando-a nos braços, enquanto ela gritava inutilmente, levaram-na para trás das moitas, arrancaram-lhe a roupa e violentaram-na alternadamente, duas vezes cada um. A certa altura, ela tentou uma fuga inútil: os dois, tendo-a alcançado à altura da pilha de redes, seguraram-na com todas as suas forças e, jogando-a no chão, fizeram suas necessidades em cima dela. A última coisa que percebeu eram as redes com as quais eles a estavam cobrindo, certamente supondo-a morta. Ou melhor, não: ouviu ainda as gargalhadas deles, enquanto se afastavam. Montalbano não disse nada: por sorte, remando, podia desafogar a raiva cega que sentia dentro de si.

Chegados bem perto da praia, quando já se distinguiam as pessoas, Libania sufocou um grito e apontou numa certa direção:

— Meu Deus! Estão ali!

O comissário mandou-a baixar o braço: não queria que os dois, conscientes do que haviam feito, ficassem desconfiados. Havia um furgão estacionado na provincial que margeava a praia; os rapazes, altos e louros, óculos escuros, tomavam sol. Embora certo de que eles não poderiam reconhecer Libania vestida na túnica de Livia e com o rosto meio coberto pelo lenço, o comissário pediu-lhe que se deitasse no fundo do barco. A moça obedeceu, gemendo: qualquer movimento lhe era penoso.

Havia um enorme trailer equipado para vender bebidas e sorvetes. Montalbano aproximou-se e pediu uma cerveja gelada. O atendente sorriu, enquanto o servia.

— Aqui por estas bandas, doutor?

— O senhor me conhece?

— Claro que conheço. Eu sou de Vigàta. O senhor é o comissário Montalbano.

Este deu um suspiro de alívio: sozinho, não conseguiria prender os suíços, atléticos como eram.

— Preciso lhe pedir um favor — disse Montalbano, acenando para que o outro saísse de perto do balcão.

— Às ordens.

O homem deixou o trailer entregue à sua mulher, que estava lavando os copos, e afastou-se alguns passos, ao lado do comissário.

— Está vendo aqueles dois rapazes louros tomando sol?

— Sim. Chegaram naquele furgão. Hoje de manhã vieram comprar sorvete. Estavam com uma mocinha de Cabo Verde, pelo menos foi o que disseram.

— Esses dois bravos rapazes primeiro violentaram e depois tentaram matar a moça.

O vendedor de bebidas teve um sobressalto e certamente se atiraria contra os dois se Montalbano não o segurasse.

— Calma. Não podemos deixar que eles fujam. Sabe se aqui na praia tem alguém com celular?

— Quantos o senhor quiser.

Justamente nessa hora chegou um homem que pousou sobre o balcão um telefone e pediu uma casquinha de creme e chocolate.

— Com licença — disse Montalbano, pegando o aparelho.

— Mas que merda é...?

O vendedor prontamente interveio.

— Este senhor é um comissário. Tem urgência.

O outro logo mudou de tom.

— Imagine! Pode usar à vontade.

Montalbano chamou Fazio no comissariado, explicou-lhe onde se encontrava e mandou que ele chegasse dentro de, no máximo, quinze minutos, o motorista Gallo estava autorizado a acreditar-se em Indianapolis; e pediu também uma ambulância.

Depois, junto com o vendedor de bebidas, estabeleceu um plano, a fim de que a coisa fosse feita com discrição e segurança. O vendedor cortou uma corda robusta em quatro pedaços, deu dois ao comissário e ficou com os outros dois. A

seguir, foi até o homem que alugava barcos e pediu emprestados dois remos. Cada um com um remo no ombro, indolentemente, ele e Montalbano se aproximaram dos suíços. Chegado à altura dos pés de um, Montalbano virou-se de repente e desceu-lhe um golpe certeiro entre as pernas. Em perfeita sincronia, o vendedor fez o mesmo com o outro. Num abrir e fechar de olhos, sem ao menos ter tempo de recuperar o fôlego para gemer, os dois rapazes viram-se de bruços na areia, mãos e pés amarrados. E o melhor foi que nenhum dos banhistas percebeu nada.

— Fique aqui — disse o comissário ao vendedor, o qual olhava ao redor, firmando um pé em cima do suíço que tinha capturado, como um caçador de leões fotografado com o bicho abatido.

Montalbano pediu uma garrafa de água mineral com um copo de papel e correu até o barco. A mocinha tremia e gemia, a testa fervendo, viera-lhe uma febre alta. O comissário deu-lhe um copo d'água, mas Libania bebeu diretamente da garrafa, estava morrendo de sede.

— Daqui a pouco a ambulância chega e te leva para o hospital.

Libania agarrou a mão dele e beijou-a.

Na volta, o comissário levou muito mais tempo que na ida, sentia os braços destroçados. Já perto da prainha, dentro da barreira de recifes, cruzou com Livia, que nadava.

— Mas aonde você foi?

— Dar uma volta — respondeu Montalbano, cavernoso.

Livia subiu agilmente no barco.

— Meu Deus, que paz! Que tranquilidade! Mimì já devia ter falado deste lugar para a gente!

Puxaram o barco para o seco, evidentemente Livia não percebera o sumiço da toalha, da túnica e do lenço de cabelo. Cantarolando, ela pegou a bolsa térmica e abriu-a. O piniquique! Montalbano fechou os olhos, para não ver o horror.

— Está pronto.

Tudo ali: a toalhinha quadriculada, os copos de plástico, as garrafinhas de cerveja, os guardanapos de papel, os quatro pãezinhos já com o respectivo recheio.

Montalbano sentou-se, desanimado, tinha de beber o amargo cálice até a borra. E nesse momento Deus grande e misericordioso, movido pela piedade, resolveu intervir. Violento, sem o mínimo aviso prévio, nascido órfão praticamente do nada, chegou um pé de vento, só um, que fez voarem para longe

toalhinha e vitualhas, num turbilhão de poeira. Cambalhotando, as duas bandas dos sanduíches se abriram, deixando cair o recheio: omelete, queijo e presunto se cobriram de uma sutil camada de areia. Três sanduíches até foram acabar à beira-mar, inteiramente molhados.

— Temos que voltar — disse Livia, desconsolada.

— Puxa, que pena — fez Montalbano.

Réveillon

Montalbano passou o Natal com Livia, em Boccadasse, e no dia vinte e sete de manhã os dois seguiram para o aeroporto de Colombo: o comissário, a fim de retornar a Vigàta, e Livia, para ir romper o ano em Viena, com alguns colegas de trabalho. Apesar da insistência de sua mulher no sentido de que ele também participasse da farra, Montalbano tinha resistido: à parte o fato de que se sentiria deslocado com os amigos de Livia, a verdade era que não aguentava os rituais dessas festas. Uma noite de réveillon passada no salão de um hotel, com dezenas e dezenas de desconhecidos, fingindo alegria durante a ceia e o baile, seguramente o deixaria com febre. Que, porém, veio do mesmo modo: no percurso do aeroporto de Punta Ràisi até Vigàta, ele sentiu-a chegar. Chegado à sua casa, em Marinella, botou o termômetro: apenas trinta e sete e meio, não era coisa de se preocupar. Foi ao comissariado para saber as novidades, estava ausente havia uma semana. Na manhã do dia 31, quando ele se apresentou, Fazio observou-o demoradamente.

— Doutor, o que é que o senhor tem?

— Como assim, por quê?

— Está com a cara vermelha e o olho brilhando. O senhor está com febre.

Montalbano resistiu por uma meia hora. Depois não aguentou mais: não entendia o que lhe diziam, levantava-se e a cabeça começava a rodar. Em casa, encontrou Adelina, a empregada.

— Não me prepara nada. Tô sem pitite.

— Maria Santisma! E por quê? — perguntou ela, alarmada.

— Tô com um pouquito de febre.

— Quer que eu te faço uma sopinha levinha?

Botou o termômetro: quarenta. Não houve jeito: Adelina mandou-o se deitar imediatamente e Montalbano teve de obedecer. A empregada estava habituada a fazer-se respeitar pelos seus dois filhos, que eram autênticos delinquentes; o mais novo, que estava na cadeia, até havia sido preso pelo comissário. Adelina ajeitou os lençóis, ligou o telefone na tomada ao lado da cama e fez o diagnóstico:

— É esse resfriado que tá dando por aí. Tá todo mundo com ele.

Saiu, voltou com uma aspirina e um copo d'água, levantou a cabeça de Montalbano, obrigou-o a engolir o comprimido e baixou as persianas.

— O que é isso? Eu tô sem sono.

— É, mas vossenhoria vai dormir. Eu tô lá na cozinha. Se precisar, é só chamar eu.

Às cinco da tarde apresentou-se Mimì Augello, com um doutor que não pôde senão confirmar o diagnóstico de Adelina e prescreveu um antibiótico. Mimì foi à farmácia comprá-lo e, quando voltou, não se decidia a deixar o seu amigo e chefe.

— Passar uma noite de fim de ano assim, doente e sozinho!

— Mimì, esta é a verdadeira felicidade — disse franciscanamente o comissário.

Quando, por fim, foi deixado em paz, levantou-se, vestiu uma calça folgadona e um suéter, acomodou-se na poltrona e começou a assistir à televisão. Diante da qual adormeceu. Acordou às nove da noite com um telefonema de Fazio, que pedia notícias. Esquentou a sopinha levinha de Adelina e tomou-a de má vontade, não sentia o gosto. Perambulou por uma hora, arrastando os chinelos, ora folheando um livro, ora mudando-o de lugar. Às onze, entre um noticiário e outro, passou Nicolò Zito, chateadíssimo: o comissário deveria estar indo comemorar na casa dele a chegada do Ano-Novo. À meia-noite em ponto, enquanto os sinos badalavam e os foguetes estouravam, Montalbano pegou a segunda pílula do antibiótico (“uma de seis em seis horas, não esqueça”, dissera o médico) e jogou-a no vaso sanitário, como tinha feito com a primeira. À uma da manhã, o telefone tocou.

— Feliz Ano-Novo, amor — disse Livia, de Viena. — Só agora eu consegui a ligação.

— Eu acabei de voltar — mentiu Montalbano.

— De onde?

— Da casa de Nicolò. Divirta-se, amor. Um beijo.

Só pegou no sono de manhãzinha, durante horas ficou revirando-se na cama, suarento e impaciente. Às sete, o telefone, de novo.

— Alô, dotor? É o senhor pessoalmente em pessoa?

— Sim, Catarè, sou eu. Que merda você quer, a esta hora?

— De primeiro é pra lhe dar os meus voto. Muitas felicidade e sossego, dotor. De segundo, é pra dizer que tem um morto de passagem.

— Então, deixe ele passar.

Sentiu-se tentado a desligar, mas o senso de dever levou a melhor.

— O que significa de passagem?

— Quer dizer que acharam ele no hotel Reginella, aquele logo depois de Marinella, perto da casa de onde o senhor tá em casa.

— Tudo bem, mas por que você disse que é um morto de passagem?

— Dotor, e o senhor vem perguntar pra mim? Uma pessoa que tá num hotel não tem dúvida que é viajante de passagem.

— Catarè, você sabia que eu estou com febre?

— Pois é, dotor, peço desculpa. Foiça do hábito, por isso eu telefonei pro senhor. Agora vou ligar pro dotor Augello.

Às dez começaram os telefonemas de votos, um atrás do outro. No meio da manhã chegou Adelina, inesperadamente.

— Tá certo que é festa, mas eu não podia deixar o senhor sozinho, vim lhe dar assistença.

Arrumou a cama, limpou o banheiro.

— Agora faço pra vossenhoria uma sopinha menas leve que a de ontem.

Por volta de uma da tarde, Mimì Augello bateu à porta.

— Como é que você está? Tomou as pílulas?

— Claro. E estão me fazendo bem. A febre caiu para trinta e nove.

Naturalmente, também as pílulas das seis e das doze tinham tido a mesma sorte das duas primeiras.

— Escuta, Mimì, afinal que história era aquela do viajante?

— Que viajante?

— O que estava no hotel aqui perto. Catarella me ligou hoje cedo.

— Ah, aquele!

Montalbano olhou seu vice bem nos olhos: como ator, Augello era uma negação.

— Mimì, eu te conheço por dentro e por fora. Você está querendo se aproveitar.

— De quê?

— Do fato de eu estar doente. Quer me manter afastado da investigação. Desembuche, quero saber de tudo, tintim por tintim. Como foi que ele morreu?

— Levou um tiro. Mas não era um viajante. Era o marido da senhora Liotta, a proprietária do hotel.

Rosina Liotta era uma bonitona de seus trinta anos, de olhar magnético, que o comissário conhecia de vista, mas desse marido ele não sabia nada, pelo contrário: até havia se convencido de que ela era solteira ou viúva. Mimì Augello resumiu as coisas. Aos dezesseis anos, a cataniense Rosina trabalhava como camareira no hotel Italia, onde habitualmente se hospedava o comendador Ignazio Catalisano, quando precisava ir, a negócios, de Vigàta para Catânia. Catalisano era um lobo solitário, jamais quis se casar e tinha um único irmão com o qual não se dava. A apetitosa Rosina, que no momento certo se mostrava

branca e pura como um cordeiro pascal, enterneceu o coração e o resto do lobo, o qual, naquela época, já havia ultrapassado bastante os sessenta. A conclusão foi que, depois de três anos de viagens cada vez mais frequentes a Catânia, o comendador morreu de infarto na cama do seu quarto do hotel Italia, cama da qual Rosina, apavorada, saiu correndo. Algum tempo depois da morte de Catalisano, Rosina recebeu um chamado de um tabelião de Vigàta. Como era uma moça esperta, relacionou a morte do amante com essa convocação, demitiu-se do hotel e, sem dizer nada aos pais e aos irmãos, que aliás se lixavam solenemente para ela, foi até Vigàta. Aqui, soube que o comendador, a fim de evitar brigas e a eventual impugnação do testamento, havia deixado tudo para o irmão, exceto o palacete de Marinella e cem milhões líquidos, que cabiam a ela como agradecimento. Voltou então a Catânia, onde residia, e foi morar numa pensão modesta. O dinheiro da herança, a conselho do tabelião, foi depositado num banco dessa cidade. Na primeira vez em que foi até lá para buscar um talão de cheques, Rosina conheceu o caixa Saverio Provenzano, dez anos mais velho do que ela. Não foi nada fulminante, no início o caixa deu a Rosina alguns bons conselhos sobre como investir o dinheiro e ela lhe foi grata, a seu modo. Quando completou vinte e cinco anos, quis se casar com o caixa. Três anos depois, Provenzano saiu do banco. Com o dinheiro da rescisão e o de Rosina, os dois resolveram transformar o palacete de térreo mais três pisos, vizinho a Marinella, num pequeno mas elegante hotel: o Reginella, justamente. Os negócios não demoraram a correr bem.

Menos de um ano depois da inauguração do hotel, Provenzano recebeu de um antigo cliente uma tentadora oferta de emprego. Tratava-se de ir morar em Moscou como representante de uma empresa de importação e exportação. Rosina não queria que o marido aceitasse, houve até discussões bem ásperas. O marido ganhou. Em três anos de trabalho em Moscou, Provenzano voltou a Vigàta umas dez vezes, e não perdeu uma só noite de réveillon. Desta vez, havia chegado em cima da hora, na manhã do dia 31, por causa de uma greve dos controladores de voo.

A essa altura da narrativa, Mimì Augello se interrompeu.

— Vejo que você está pálido e cansado. Conto o resto depois.

E foi-se levantando. Montalbano agarrou-o por um braço e obrigou-o a sentar-se novamente.

— Daqui você não se mexe.

— O Reginella tinha sido alugado inteiro pelo doutor Panseca, que sempre passa lá, com os amigos, a última noite do ano. Mas dona Rosina deixou um quarto livre para o marido, provisoriamente instalado no vinte e dois, que...

— Espera aí — fez o comissário. — Dona Rosina dorme onde, normalmente?

— Ela tem um apartamentinho no hotel.

— E o marido não dormia com ela?

— Ao que parece, não.

— O que significa "ao que parece?" — irritou-se Montalbano.

— Olha, Salvo, eu não pude trocar nem meia palavrinha com dona Rosina. Quando cheguei, ela estava em plena crise histérica. Depois o médico chegou e deu-lhe um sedativo forte. Mais tarde, volto lá e a interrogo.

— E como foi que soube dessas coisas todas?

— Pelo pessoal. E principalmente pelo recepcionista, que ela já conhecia desde os tempos de camareira em Catânia e trouxe para cá.

— Prossiga. Por que você disse que a instalação do marido no quarto vinte e dois era provisória?

— Nem isso eu sei explicar. O fato é que, à meia-noite e meia, o engenheiro Cocchiara e sua mulher, hóspedes do doutor Panseca, liberaram o quarto vinte e oito, que eles tinham usado só para trocar de roupa, e foram embora, por causa de um compromisso com outros amigos. Dona Rosina mandou logo uma camareira arrumar esse quarto, que fica do lado oposto ao vinte e dois, e transferir as bagagens do marido. Por volta das duas, Provenzano disse que estava cansado com a viagem, cumprimentou Panseca e os outros amigos e subiu para o quarto. A mulher ficou embaixo, só foi se deitar lá pelas quatro, depois que a festa acabou. Às seis e meia da manhã de hoje, um hóspede de Panseca, que ocupava o quarto vinte, pediu o café, porque precisava partir. A camareira, ao passar, notou que a porta do vinte e dois estava meio aberta. Achou esquisito e...

— Espera aí, Mimì. Você está contando errado! Está confundindo o vinte e dois com o vinte e oito!

— De jeito nenhum! Provenzano foi encontrado morto com um tiro no quarto vinte e dois, onde não deveria estar. Lembre-se de que todas as bagagens dele tinham sido levadas para o vinte e oito! Talvez tenha se enganado, estava cansado, pode ter esquecido a troca de quarto...

— Como foi que atiraram nele?

— Com uma carabina. Bem no meio da testa. Defronte do hotel estão construindo um prédio, faraonicamente, lógico. Atiraram de lá. E ninguém ouviu o estampido, os hóspedes de Panseca estavam fazendo muito barulho.

— Segundo Pasquano, a que horas ele morreu?

— Bem, você sabe como é o nosso médico-legista. Se não tiver cem por cento de certeza, não fala. De qualquer modo, considerando que a janela estava

escancarada e que está fazendo frio, ele diz que a morte pode ter ocorrido por volta das duas da manhã. Em minha opinião, atiraram assim que ele acendeu a luz, não teve tempo nem de fechar a porta.

— Como estava vestido?

— O morto?

— Não, o doutor Pasquano, bobão.

— Salvo, como você é antipático, quando capricha! Estava de calça e camisa, o paletó...

Mimì se interrompeu e olhou humildemente para Montalbano:

— Ele não pode ter se enganado de quarto, se nós achamos o paletó no vinte e oito!

— E as bagagens, no vinte e oito, como estavam?

— Ele tinha posto tudo em ordem no armário.

— As luzes do banheiro estavam acesas?

— Estavam.

Montalbano refletiu por alguns segundos.

— Mimì — disse, por fim —, a primeira coisa que você vai fazer, assim que voltar ao Reginella, é chamar a camareira e mandar que ela leve de volta ao vinte e dois tudo o que pertencia a Provenzano, e depois reponha tudo no vinte e oito.

— Mas por quê?

— Assim, por nada, só para passar o tempo — retrucou grosseiramente o comissário. — E depois me informe por telefone. Os quartos vinte e dois e vinte e oito estão interditados, certo?

Mimì não só os tinha interditado como havia deixado Gallo e Galluzzo de guarda.

Assim que Augello foi embora, Montalbano engoliu duas aspirinas, entornou uma taça de vinho quase fervendo, dentro da qual tinha jogado também um copo de uísque, tirou do armário dois pesados cobertores, estendeu-os na cama e se deitou, embrulhando-se até o topo da cabeça. Decidira acabar com a febre em poucas horas, não suportava a ideia de que Mimì Augello tocasse aquela investigação em primeira pessoa, parecia-lhe estar sofrendo uma injustiça.

Quando a campainha do telefone o acordou, ele se viu completamente ensopado de suor, a sensação era de estar embaixo de lençóis banhados em água quente. Cautelosamente, estendeu um braço para fora e atendeu.

— Salvo? Mandei a camareira fazer o que você disse. Bom, no vinte e dois Provenzano só abriu uma mala. Trocou de roupa. Mas antes esteve no banheiro, tomou banho e fez a barba. Na mudança do vinte e dois para o vinte e oito, a camareira tinha apanhado inclusive as coisas que estavam na bancada da pia, e que Provenzano tinha usado para se arrumar. E, neste particular, a camareira está estranhando uma coisa.

— Qual?

— A camareira diz que, na bancada do vinte e dois, tinha também um embrulhinho de papel fechado com durex. Ela garante que levou esse embrulhinho para o vinte e oito e botou do mesmo jeito, ou seja, em cima da bancada da pia.

— E ela está estranhando o quê?

— Bom, o tal pacotinho sumiu. No vinte e oito não está. Nem na bancada da pia, onde a camareira jura de pés juntos que deixou, nem em nenhum outro lugar. Mandei vistoriar o vinte e oito três vezes.

— Falou com dona Rosina?

— Sim, e pedi explicações sobre a transferência de quarto. Provenzano tinha um ouvido tão sensível que era quase uma doença. Eles dormiam separados porque bastava que dona Rosina respirasse um pouquinho mais forte e Provenzano acordava de repente, sem conseguir adormecer de novo. No vinte e dois, cuja janela fica na fachada principal, certamente ele seria incomodado a noite inteira pelas vozes das pessoas entrando e saindo e pelo barulho dos carros chegando e partindo. No vinte e oito, ficaria bem mais sossegado, porque esse dá para os fundos.

— Você ainda vai ficar por aí?

— Vou.

— Me faz uma gentileza, Mimì, eu espero a resposta no telefone. Pergunte se Provenzano esteve em Vigàta na tarde de ontem.

Enquanto aguardava, Montalbano botou o termômetro. Trinta e seis e sete. Tinha conseguido. Afastou os cobertores, apoiou os pés no chão e tudo girou vertiginosamente ao seu redor.

— Alô, Salvo? Sim, ali pelas cinco da tarde Provenzano pegou emprestado o carro da mulher, mas não disse aonde ia. Dona Rosina diz que ele voltou menos de duas horas depois. Como é que você está se sentindo, Salvo?

— Muito mal, Mimì. Vá me informando, por favor.

— Tranquilo. Te cuida.

Montalbano levantou-se devagarinho. Primeira providência: entornar meio copo de uísque puro. Segunda providência: jogar na lixeira a caixa do

antibiótico. Pegou-a e ficou paralisado, sentindo que dentro de sua cabeça as engrenagens do cérebro giravam em altíssima velocidade.

— Fazio? Montalbano.

— Comissário, como é que o senhor está? Precisa de alguma coisa?

— Daqui a cinco minutos, quero saber quais eram as farmácias abertas ontem. Se hoje estiverem fechadas por turno, quero os telefones dos farmacêuticos em casa.

O suor era tanto que ele fedia. Foi até o banheiro, tomou um banho caprichado e logo se sentiu melhor.

— Aqui é Fazio, doutor. As farmácias de plantão ontem eram duas, a Dimora e a Sucato. A Dimora também abriu hoje, a Sucato está fechada, mas eu tenho o telefone da casa do farmacêutico.

Montalbano ligou primeiro para a Dimora e acertou.

— Claro que eu conhecia o pobre Provenzano, comissário! Ele ontem comprou aqui um pacote de tampões de ouvido e uma caixa de um sonífero poderosíssimo, que só pode ser vendido com receita médica.

— E quem tinha dado a receita a ele?

O farmacêutico Dimora hesitou em responder e, quando se decidiu, fez um rodeio.

— Veja bem, comissário, eu e o coitado do Provenzano tínhamos ficado muito amigos, no tempo em que ele morava em Vigàta. Não se passava um dia...

— Já entendi — cortou Montalbano. — Não tinha receita.

— Isso vai me causar problema?

— Sinceramente, não sei.

O portão do Reginella estava aberto pela metade e, sobre a banda esquerda, destacava-se uma larga faixa negra com a inscrição: “Fechado por luto”. O comissário, ao entrar, não encontrou ninguém, e então dirigiu-se para uma saleta da qual provinham vozes. Assim que o viu, Mimì Augello, que estava falando com um quarentão alto e distinto, quase pirou.

— Jesus Cristo! O que você está fazendo aqui? Doente desse jeito!

Montalbano não respondeu com palavras: limitou-se a lançar ao seu vice um olhar que vinha a significar aquilo que vinha a significar.

— Este senhor é Gaspare Arnone, o recepcionista do hotel.

Montalbano olhou o cidadão. Vá-se saber por quê, havia imaginado um homem velho e um pouquinho desleixado.

— Me disseram que o senhor conhece dona Rosina Provenzano há muito tempo.

— Há uma eternidade — respondeu Arnone, sorrindo e exibindo uma dentadura de ator americano. — Ela estava com dezesseis anos e eu com vinte e seis. Trabalhávamos no mesmo hotel em Catânia. Depois, a senhora fez fortuna e teve a bondade de me chamar.

— Quero falar com você — disse Montalbano a Mimì.

O recepcionista inclinou-se e saiu.

— Você está amarelo como um morto — comentou Augello. — Acha isso certo? Olha que pode te dar um negócio mais sério.

— Vamos falar de coisas realmente sérias, Mimì. Confirmei uma ideia que me veio. Sabe o que é que tinha naquele pacotinho que ninguém encontra? Tampões de ouvido e um sonífero.

— Como foi que você descobriu?

— Isso é cá comigo. E significa apenas uma coisa: Provenzano chega ao vinte e oito, desfaz a mala, vai ao banheiro e vê que o pacotinho não está. Não pode deixar por menos: sem botar os tampões e sem tomar o sonífero, com aquela barulheira toda no hotel, ele se arrisca a passar a noite em claro. Achando que a camareira esqueceu o embrulho no vinte e dois, vai até lá, acende a luz e não tem nem tempo de piar, já vai levando o tiro.

— A janela estava escancarada — acrescentou Mimì. — A camareira tinha deixado assim, para arejar o quarto.

— Uma pergunta — prosseguiu Montalbano. — Onde você achou a chave do vinte e dois?

— No chão, ao lado do morto.

— Dona Rosina faz alguma ideia sobre o motivo de terem matado o marido?

— Sim. Diz ela que, inclusive na vinda anterior a Vigàta, o marido tinha dito que andava preocupado.

— Com quê?

— Tinha sido ameaçado em Moscou. Parece, sempre segundo a mulher, que andou aborrecendo a máfia russa.

— Mas que babaquice! Se a máfia russa quisesse acabar com ele, que necessidade tinha de vir fazer isso aqui? Não, Mimì, quem preparou a cilada foi alguém que sabia que Provenzano ia trocar de quarto. Seguramente a camareira levou o embrulhinho para o vinte e oito, mas alguém sumiu com ele dali para obrigar Provenzano a entrar no vinte e dois. Depois, essa pessoa não teve tempo ou não achou um modo de devolver o embrulhinho ao seu lugar. E justamente a falta desse embrulhinho demonstra que ele serviu de isca. Você que entende de mulher, como é essa dona Rosina?

— Comível — definiu Mimì Augello. — Apesar do luto, exibe uma peitaria para vários talheres. Você acha que ela tem a ver?

— Sei lá! — respondeu o comissário. — No fundo, o marido não lhe dava muito problema, aparecia em Vigàta duas ou três vezes por ano, e por poucos dias. Não se mata um marido tão cômodo.

— Você está suando. Vá para casa, não exagere, Salvo. Eu poderia te contar tudo, iria até lá. Foi inútil você se dar essa canseira.

— Isso é o que você acha. Provenzano tinha trazido papéis, coisas de trabalho?

— Sim, numa pasta.

— Você examinou?

— Não tive tempo.

— Vá buscar. E me faça um favor: pergunte ao recepcionista se dá para eu tomar um uísque puro.

Por causa da fraqueza, Montalbano tinha a impressão de já ter bebido vários copos de uísque. Mas não sentia a cabeça confusa, pelo contrário.

O elegante recepcionista se apresentou com um copo vazio e uma garrafa nova, que abriu.

— Sirva-se à vontade. Mais alguma coisa?

— Sim, uma informação. O senhor estava de serviço ontem à noite?

— Claro. O hotel estava cheio e além disso tínhamos os convidados do doutor Panseca para a ceia.

— Me conte exatamente como foi feita a mudança das coisas de Provenzano do quarto vinte e dois para o vinte e oito.

— Sem problema, comissário. Entre meia-noite e meia e uma da manhã, o engenheiro Cocchiara e a mulher deixaram o vinte e oito. Me devolveram a chave, que eu guardei no painel. Mandei a camareira arrumar o quarto e transportar a bagagem do patrão do vinte e dois para o vinte e oito.

— Deu as chaves para ela?

O recepcionista sorriu com trezentos dentes, parecia um lustre de Murano repentinamente aceso.

— As camareiras têm chave mestra. Uma meia hora depois, Pina, a camareira, me disse que estava tudo pronto. Eu fui ao salão de festas e avisei ao patrão que, quando quisesse, ele já podia se recolher. Estava cansado da viagem. Entreguei inclusive a chave do vinte e oito.

— E a do vinte e dois, foi o senhor quem deu a ele também?

Gaspare Arnone embatucou por um momentinho.

— Não entendi.

— Meu amigo, o que é que tem para não entender? Provenzano foi encontrado morto no vinte e dois, com as chaves ao lado. Um minuto atrás, o

senhor me disse que, quando o engenheiro Cocchiara partiu, repôs as chaves no painel. Portanto, a minha pergunta é mais do que lógica.

— A mim ele não pediu — disse o recepcionista, depois de uma pausa.

— Mas o senhor não disse que ficou de serviço a noite inteira?

— Sim, mas isso não significa que eu fiquei o tempo todo plantado na recepção. Os clientes fazem muitas exigências, sabia? Por isso, pode acontecer que a gente tenha de se ausentar, nem que seja por cinco minutos.

— Entendo. Mas, então, quem deu a chave do vinte e dois para ele?

— Ninguém. Ele mesmo pegou. Sabia onde ela estava: à vista de todos. E depois ele era o patrão.

Mimì Augello entrou com uma pasta cheia de papéis. O recepcionista se retirou. Montalbano encheu de novo o copo de uísque. Dividiram os papéis em duas pilhas, cada um pegou uma e começou a ler. Cartas comerciais, faturas, balancetes. Montalbano estava ficando com sono quando Mimì Augello disse:

— Olha isto aqui.

E estendeu-lhe uma carta. Era da Italian Export-Import, remetida a Saverio Provenzano, em Moscou, e assinada pelo doutor Arturo Guidotti, diretor-geral da empresa. Nela se dizia que, considerando a reiterada insistência e as sólidas razões apresentadas, a empresa se resignava a aceitar o pedido de demissão do funcionário Saverio Provenzano, demissão que entraria em vigor a partir de 15 de fevereiro do ano entrante.

Montalbano ficou feliz e entornou o terceiro copo.

— Vamos falar com dona Rosina.

Foi um custo se levantar, Mimì o ajudou.

O recepcionista, ao telefone, explicava a alguém que o hotel não estava podendo aceitar clientes.

Montalbano esperou que ele pousasse o fone e lhe sorriu.

Gaspare Arnone retribuiu. O comissário não falou. Gaspare Arnone também não abriu a boca. Olhavam-se e se sorriam. A situação pareceu embaraçosa a Mimì Augello.

— Vamos? — perguntou ele a Montalbano.

O comissário não respondeu.

— Dona Rosina chamou o senhor para o Reginella depois que Provenzano partiu para a Rússia, certo?

— Sim. Ela precisava de uma pessoa de confiança.

— Obrigado — disse Montalbano.

A meia carraspana deixava-o refinado e cerimonioso.

— Mais uma curiosidade. Nos quartos não tem campainha para chamar as camareiras, certo?

— É, não tem. Os hóspedes têm que ligar aqui para a recepção, quando precisam de alguma coisa.

— Obrigado — repetiu Montalbano, desta vez fazendo até uma leve mesura.

O apartamentinho da proprietária do Reginella ficava no terceiro andar. Ao fim do primeiro lance de escada, o comissário sentiu as pernas virarem ricota. Sentou-se num degrau e Augello instalou-se ao lado.

— Posso saber o que está lhe passando pela cabeça?

— Vou dizer. Dona Rosina e o recepcionista tramaram juntos e mataram Provenzano.

— Mas que provas você tem?

— Nenhuma. Ache você as provas. Eu digo apenas como aconteceram as coisas. Quatorze anos atrás, no hotel de Catânia onde trabalham juntos, Rosina e o recepcionista Gaspare de vez em quando vão pra cama. Ela tem um amante velho e, compreenda, às vezes lhe dá vontade de variar. Muito bem. Quando o marido de Rosina vai para a Rússia, ela se lembra do amigo de Catânia e lhe oferece o emprego. A história entre os dois recomeça. Mas muda de intensidade e se transforma em amor, paixão, o que você quiser. A situação é tranquilíssima, o marido está sempre longe. Mas ocorre um fato novo. Por carta ou por telefone, Provenzano diz à mulher que se cansou de Moscou e pediu demissão. Virá a Vigàta para o réveillon, retornará a Moscou para instruir o seu substituto no cargo e depois voltará definitivamente para cá, no final de fevereiro. Os dois amantes perdem a cabeça e decidem matá-lo. O plano tem uma base muito tênue, mas, se funcionar, terá sido perfeito. Antes de avisar a Provenzano que o vinte e oito está pronto, o recepcionista sobe lá e pega o embrulhinho com o sonífero. Que Provenzano foi à farmácia o recepcionista deve ter sabido pela amante, que está mentindo quando diz desconhecer o motivo pelo qual o marido pediu o carro emprestado. A esta altura, Provenzano, disposto a ir dormir, não acha o embrulhinho. Interfona para a recepção mas ninguém atende, porque o recepcionista já se instalou no prédio em construção e está só esperando tê-lo sob mira. Provenzano, já que não pode chamar nem uma camareira, decide fazer tudo sozinho. Desce à recepção, pega a chave do vinte e dois, sobe de novo, abre a porta desse quarto para recuperar o embrulhinho, acende a luz e o recepcionista atira nele. Mas cometeu um erro: não podia ter deixado de repor o embrulhinho no vinte e oito. Vamos?

Os quinze degraus que levavam ao terceiro andar o comissário subiu balançando-se da esquerda para a direita e vice-versa, enquanto Mimì o mantinha de pé segurando-o pela axila. Pararam diante de uma porta e Augello bateu discretamente.

— Quem é?

— Augello, senhora.

— Entre, está aberta.

Mimì liberou a passagem para o seu superior. Este abriu a porta e ficou na soleira, a mão direita apoiada na maçaneta.

— Boa noite a todos! — disse alegremente.

A recém-viúva estranhou. Todos? No quarto só estava ela, e além do mais aquele homem parecia bêbado.

— O que deseja?

— Uma perguntinha fácil, fácil. A senhora sabia que o seu marido tinha pedido demissão da empresa para se estabelecer definitivamente em Vigàta?

Dona Rosina, sentada na cama, um lencinho nas mãos, não respondeu logo. Evidentemente, estava pesando os prós e contras. Mas o decote mostrou que, na brancura de sua peitaria para vários talheres, algum ser maligno estava passando uma mão de tinta vermelha.

— Não.

— Resposta errada! — exultou Montalbano.

O apresentador Mike Bongiorno não teria feito melhor.

— Prenda-a — disse simplesmente o comissário a Mimì Augello.

— Não! Não! — assustou-se dona Rosina, pulando da cama. — Eu não tenho nada a ver com isso! Juro! Foi Gaspare que...

Interrompeu-se e soltou um uivo, inesperado e agudíssimo, de fazer vibrarem as vidraças. O grito entrou pelos ouvidos de Montalbano, girou duas vezes em torno do seu cérebro, desceu pela garganta, escorregou para a barriga e chegou aos pés.

— Prenda também o recepcionista — conseguiu articular ele, antes de cair de cara no chão, desmaiado.

Fazio levou-o de volta para casa, trocou-lhe a roupa, levou-o para a cama e botou o termômetro. Quarenta e tantos.

— Esta noite eu fico aqui, me ajeito no sofá — disse Fazio.

O comissário caiu num sono pesado. Lá pelas oito da manhã, abriu os olhos, sentindo-se melhor. Fazio estava ali, com o café.

— Ontem à noite o doutor Augello ligou, queria saber notícias. Mandou dizer que as coisas aconteceram como o senhor tinha imaginado. Os dois confessaram, o cara até mostrou onde tinha escondido a carabina.

— Por que você não me acordou?

— Está brincando? O senhor estava dormindo que nem um anjo!

O punguista

Nas poucas vezes em que, não tendo mais ninguém à mão, o chefe de polícia o mandou representar a chefatura de Montelusa em congressos e convenções, o comissário Montalbano tomou a coisa como uma punição ou uma ofensa pessoal. Ao escutar as ornamentadas palavras dos participantes, as alocuções de boas-vindas, as que auspiciavam e as que apostrofavam, as que faziam votos e as que invocavam o apocalipse sem remédio, era invadido por uma onda de mau humor, em virtude da qual respondia às perguntas dos outros com engrolados e evasivos monossílabos. Suas contribuições para a discussão geral se resolviam numas quinze linhas paridas com esforço, mal escritas e lidas pior ainda. Sua palestra sobre as regras comunitárias em matéria de polícia de fronteiras estava prevista no programa para as 10:30 do terceiro dia, mas já no fim do primeiro o comissário se via esgotado, perguntando-se como faria para continuar resistindo por mais dois. Em Palermo, tinha se alojado no Centrale, cuidadosamente escolhido com base no fato de que a totalidade de seus colegas italianos e estrangeiros havia se hospedado em outros hotéis. Em tão espessa escuridão, a única luz era o convite para jantar feito por Giovanni Catalisano, seu antigo colega de estudos desde o primário até o liceu e agora atacadista de tecidos, pai de dois filhos nascidos da esposa Assuntina Didio, a qual, dos dotes culinários do progenitor Antonio, lendário *monzù*, ou cozinheiro, em principescas residências palermitanas, tinha herdado um avarento décimo. Mas esse décimo se mostrava mais do que suficiente: dos almocinhos preparados por dona Assuntina, o comissário tinha certeza de que se lembraria até na hora da morte, o que lhe tornaria mais doloroso o trespasse. Ao término do segundo dia de trabalho, depois que falaram os representantes da Inglaterra, da Alemanha e da Holanda, respectivamente em inglês, alemão e holandês, Montalbano sentia a cabeça pesar como uma bola de chumbo. De modo que foi lesto em afundar-se no automóvel do amigo Catalisano, que viera buscá-lo. O jantar resultou superior à expectativa, e a conversa que a ele se seguiu foi bastante relaxante: se dona Assuntina era de escassa palavra, seu marido Giovanni, em compensação, era de pronto e irreverente discurso. Consultando o relógio por acaso, o comissário viu que já era quase uma da manhã. Levantou-se logo, despediu-se afetuosamente do casal, vestiu o casacão de couro e saiu, recusando o acompanhamento que o amigo ofereceu.

— O hotel é pertinho, dez minutos de caminhada vão me fazer bem, não precisa se incomodar.

Mal saiu pelo portão, teve duas surpresas desagradáveis: chovia, e o frio era de rachar a cara. Então decidiu chegar ao hotel cortando caminho por umas ruelas das quais supunha se lembrar. Tinha nas mãos uma pasta que lhe haviam dado na convenção: com a esquerda, segurou-a sobre a cabeça, a fim de protegê-la um pouquinho da forte chuva que caía. Depois de caminhar por becos solitários e mal-iluminados, com a calça ensopada de água, desanimou: certamente se encontrava no caminho errado. Praguejou, se tivesse aceitado o oferecimento de Catalisano, àquela hora já estaria no calorzinho do quarto. Enquanto estava parado no meio do beco, incerto quanto à escolha do que seria melhor, abrigar-se num beiral esperando que estiasse ou prosseguir corajosamente, escutou o barulho de uma motocicleta que se aproximava às suas costas. Afastou-se para dar passagem, mas logo foi ensurdecido pelo potente ronco da moto, que acelerou repentinamente. Um instante de atordoamento, e alguém se aproveitou para tentar furtar a pasta, que ele ainda mantinha acima da cabeça para se proteger da água. Com o puxão, o comissário girou sobre si mesmo e veio a encontrar-se paralelo ao motociclista, o qual, ainda de pé sobre os pedais, tentava arrancar-lhe a pasta, que os dedos da mão esquerda de Montalbano seguravam fortemente. O vai não vai entre os dois durou, absurdo, por alguns segundos: absurdo porque a pasta, cheia de papéis sem importância, crescia de valor aos olhos do punguista, justamente porque defendida com tanta garra. Os reflexos do comissário sempre tinham sido imediatos e tampouco desta vez se desmentiram, permitindo-lhe passar ao contra-ataque. O violento pontapé que ele deu na moto alterou o já precário equilíbrio a que era obrigado o punguista, o qual, a esta altura, preferiu desistir, acelerar e ir embora. Mas não foi longe: quase no final do beco, fez uma curva em U e parou, com o motor agora roncando suavemente, bem embaixo de um poste de luz. Inteiramente recoberto pelo macacão, a cabeça escondida pelo capacete, o motociclista era uma figura ameaçadora que desafiava o comissário ao próximo movimento.

“E agora, que porra eu faço?”, perguntou-se Montalbano, enquanto ajeitava o casaco de couro. Não repôs a pasta acima da cabeça, até porque agora já estava completamente ensopado, a água entrava-lhe pelo colarinho, descia-lhe pelas costas e saía-lhe pelas pernas da calça, indo acabar em parte dentro dos sapatos. Virar as costas e começar a correr, nem pensar: além da má figura, o motociclista poderia alcançá-lo como e quando quisesse e ainda tripudiar. Só lhe restava ir em frente. Lentamente, balançando a pasta na mão esquerda, Montalbano começou a caminhar como se estivesse indo a um passeio num belo

dia de sol. Imóvel, parecendo uma estátua, o motociclista o via aproximar-se. O comissário andou direto até a moto e, chegado diante da roda anterior, parou.

— Vou te mostrar uma coisa — disse ao motociclista.

Abriu a pasta, virou-a, os papéis caíram no chão, molharam-se, empastaram-se de lama. Sem nem ao menos fechá-la, Montalbano jogou na rua também a pasta vazia.

— Se você furtasse a pensão de uma velhinha, garanto que faria melhor negócio.

— Eu não furto nem mulheres, nem velhas, nem meninas — reagiu o punguista, em tom ofendido.

Montalbano não conseguiu perceber que tipo de voz ele tinha, sufocada pelo capacete como lhe chegava.

Sabe-se lá por quê, o comissário decidiu levar adiante a provocação.

Meteu uma mão no bolso interno do paletó, puxou a carteira, abriu-a, escolheu uma nota de cem mil e estendeu-a ao punguista.

— Isso chega pra uma dose?

— Não aceito esmola — retrucou o motociclista, afastando com violência a mão de Montalbano.

— Se é assim, boa noite. Ah, escute, eu queria uma informação: qual é o melhor caminho pra chegar ao Centrale?

— Siga em frente e entre na segunda à esquerda — respondeu com extrema naturalidade o punguista.

A palestra de Montalbano, iniciada pontualmente às 10:30, estava prevista para terminar às 10:45, a fim de dar tempo a mais quinze minutos de debate. Porém, entre ataques de tosse, pigarros, fungadelas e espirros do orador, só foi terminar às 11. Os tradutores simultâneos passaram pelos piores momentos de suas vidas, visto que o comissário, à tartamudez que sempre o atacava quando ele devia falar em público, desta vez acrescentou o dariz endubido, vale dizer, aquele bardicular bodo de falar que surge quando uma bessoa é obrigada a resbirar bela boca e a drocar a bronúncia das consoandes. Ninguém entendeu nada. Depois de sentir-se perdido por um instantinho, o presidente da sessão teve um lampejo e adiou o debate. Desta forma, o comissário pôde sair da convenção e ir até a chefatura. Tinha se lembrado de que, um ano antes, o então chefe de polícia de Palermo havia instituído uma equipe especial antipunga que foi muito alardeada pelas televisões e pelos jornais da ilha. Nas tomadas de câmera e nas fotos que ilustravam as matérias, viam-se jovens agentes em trajes civis, andando de patins ou em reluzentes motos novinhas em folha, prontos a perseguir os

punguistas, prendê-los e recuperar o produto do furto. A chefia da equipe coube ao vice-comissário Tarantino. Depois, ninguém mais falou da iniciativa.

— Tarantì, você ainda cuida da antipunga?

— Está querendo me gozar? A equipe se dissolveu dois meses depois de ser constituída. Entenda: dez homens em meio expediente contra uma média de cem pungas por dia!

— Eu queria saber...

— Olha, não adianta falar disso comigo. Eu me limitava a rubricar os relatórios, nem chegava a ler.

Tarantino pegou o telefone, resmungou alguma coisa e desligou. Quase imediatamente, bateram à porta e apareceu um homem de seus trinta anos, ar simpático.

— Este é o inspetor Palmisano. O comissário Montalbano quer lhe perguntar uma coisa.

— Às ordens.

— É só uma curiosidade. Chegou a saber de pungas feitas com moto de época?

— O que o senhor entende por moto de época?

— Sei lá, uma Laverda, uma Harley-Davidson, uma Norton...

Tarantino começou a rir.

— Mas que ideia é essa? Seria como roubar os caramelos de uma criancinha usando uma Bentley!

Palmisano, ao contrário, continuou sério.

— Não, nunca soube. Mais alguma coisa?

Depois de mais uns cinco minutos conversando com o colega, Montalbano se despediu e foi procurar Palmisano.

— Não quer ir tomar um café comigo?

— Estou com pouco tempo.

— Só cinco minutos.

Saíram da chefatura e entraram no primeiro bar que encontraram.

— Quero lhe contar o que me aconteceu ontem à noite.

E descreveu o encontro com o punguista.

— O senhor quer mandar prendê-lo? Pelo jeito, ele não lhe roubou nada — disse Palmisano.

— Não. Gostaria apenas de conhecê-lo.

— Eu também — respondeu baixinho o inspetor.

— Era uma Norton 750 — acrescentou o comissário —, disso eu tenho absoluta certeza.

— Pois é — assentiu Palmisano —, e ele estava vestido nos conformes, inclusive de capacete.

— Sim. A placa eu não pude ler, porque estava coberta por um pedaço de plástico preto. E então, o que me diz?

— Foi no segundo mês em que eu prestava serviço na equipe. Faltava pouco para o fechamento matinal dos bancos. Eu estava na frente do Commerciale quando um homem com uma pasta saiu e foi furtado por um cara numa Norton 750 preta. Saí em perseguição, eu tinha uma bela Guzzi. Nada feito.

— Ele era mais rápido?

— Não, doutor, mais safo. Por sorte, o tráfego era pouco. Chegamos até a saída para Enna, ele sempre na frente e eu sempre atrás. Nessa altura, ele entrou por uma estrada rural. E eu atrás. Parecia que ele queria fazer motocross. Mas, numa curva lá, a minha moto não aguentou os pedregulhos e eu voei. Fui salvo pelo capacete, mas comecei a sangrar pela perna direita, aquilo doía. Quando me levantei, a primeira coisa que vi foi ele. Tinha parado, e me pareceu que, se eu não tivesse conseguido ficar de pé, ele seria capaz de vir me ajudar. Seja como for, enquanto eu me aproximava da Guzzi sem tirar os olhos do cara, ele fez uma coisa que eu não esperava. Levantou a pasta furtada e me mostrou. Abriu, olhou lá dentro, fechou e jogou a pasta no meio da estrada. Depois manobrou a Norton e se mandou. Eu, manquejando, apanhei a pasta. Cem milhões em notas de cem mil, tudo ali. Voltei pra chefatura e, no relatório, escrevi que havia recuperado o produto do furto depois de uma luta corporal e que, infelizmente, o punguista havia conseguido escapar. Não disse nem a marca da moto.

— Entendo — fez Montalbano.

— Porque o que ele queria não era o dinheiro — disse Palmisano depois de um silêncio, como se concluísse um raciocínio.

— E queria o quê, em sua opinião?

— Sei lá! Alguma outra coisa, mas não o dinheiro.

Esse Palmisano era de fato uma pessoa inteligente.

— Chegaram a lhe falar de outros casos como o seu?

— Sim. Três meses depois do meu. Aconteceu com um colega que foi transferido. Ele também recuperou tudo, mas porque o punguista devolveu. Da mesma forma, no relatório, ele não forneceu elementos que possibilitassem a identificação.

— Temos então um punguista que habitualmente sai por aí...

Palmisano balançou a cabeça.

— Não, comissário, ele não sai por aí “habitualmente”, como o senhor diz. Faz isso só quando não resiste à vontade de desafiar. Quer me perguntar mais alguma coisa?

O resfriado o impedia de sentir os sabores, era inútil comer. A convenção recomeçaria às três e meia, ele podia ficar pelo menos duas horas no calorzinho do cobertor. Pediu que levassem ao quarto uma aspirina e o catálogo telefônico de Palermo. Ocorrera-lhe que para cada hobby, da criação de bicho-da-seda à fabricação caseira de bombas atômicas, existe sempre uma associação, um clube correspondente, cujos membros trocam informações e peças raras e, de vez em quando, organizam um belo passeio no campo. Encontrou um Motocar, cujo significado não captou, seguido de um Motoclub, cujo número discou. Atendeu uma educada voz masculina. O comissário explicou confusamente haver sido transferido recentemente para Palermo e pediu informações com vistas a uma eventual inscrição no clube. O outro respondeu que não havia problema e depois, baixando repentinamente a voz, num tom de quem deseja saber a que seita secreta pertence o interlocutor, perguntou:

— O senhor é harleysta?

— Não, não sou — suspirou o comissário.

— Qual é a sua moto?

— Uma Norton.

— Bom, então é melhor procurar o Nor-club, uma ramificação nossa. Anote o telefone, depois das vinte horas tem gente lá.

Por escrúpulo, Montalbano tentou logo. Ninguém atendeu. Podia dar um cochilinho antes de ir ao encerramento da convenção. Acordou sentindo-se super bem, o resfriado havia desaparecido quase totalmente. Olhou o relógio e levou um susto: sete da noite. Já que agora seria inútil apresentar-se na convenção, relaxou. Às oito e cinco, telefonou do saguão do hotel e uma voz sadia, de mocinha, atendeu. Vinte minutos depois, ele se encontrava na sede do clube, no térreo de um prédio chique. Não havia ninguém, só mesmo a moça que atendia ao telefone e que, das oito às dez da noite, funcionava como secretária voluntária. O mesmo faziam, por turno, os sócios mais jovens do clube. Ela era tão simpática que o comissário não teve coragem de contar-lhe a mentirinha do nortonista transferido. Identificou-se, sem provocar na mocinha reações particularmente preocupadas.

— Por que o senhor veio aqui?

— Pois é, recebemos uma ordem no sentido de cadastrar todas as associações, os clubes, esportivos ou não, entendeu?

— Não — disse a mocinha —, mas me diga o que o senhor quer saber e eu informo, nossa associação não é secreta.

— São todos assim tão jovens?

— Não. O *cavaliere* Rambaudo, só para dar um exemplo, já passou e muito dos sessenta.

— Tem uma foto do grupo?

A mocinha sorriu.

— O senhor está interessado nos nomes ou nas caras?

E apontou a parede atrás de Montalbano.

— É de dois meses atrás — acrescentou ela —, e estamos nós todos.

Uma foto nítida, tirada em campo aberto. Mais de trinta pessoas, todas rigorosamente uniformizadas, macacão preto e botas. O comissário examinou atentamente os rostos e, quando chegou ao terceiro da segunda fila, teve um sobressalto. Não soube explicar como nem por que lhe viera a certeza de que aquele indivíduo atlético e sorridente, de uns trinta anos, era o punguista.

— Vocês são muitos — disse.

— Não esqueça que nosso clube abrange toda a província.

— Pois é. Há um fichário?

Havia. E mantido em perfeita ordem. Foto, nome, sobrenome, profissão, endereço e telefone do sócio. Placa da moto, características principais e particulares. Atualização semestral da cota de inscrição. Dados variados. Montalbano consultou o fichário fingindo tomar notas no verso de um envelope que achou no bolso. Depois sorriu para a moça, que estava falando ao telefone, e saiu. Na cabeça, levava três nomes e três endereços. Mas o do advogado Nicolò Nuccio, rua Libertà 32, Bagheria, telefone 091232756, estava impresso em negrito.

Era melhor esclarecer logo tudo. Na primeira cabine telefônica que encontrou, discou o número e um menininho atendeu.

— Plonto? Alô? Quem é você? Tá quelendo falar com quem?

Não devia ter nem quatro anos.

— O papai está?

— Vou chamar ele agola.

Na casa, estavam assistindo à televisão, ouvia-se a voz de... De quem era aquela voz? Montalbano não teve tempo de se responder.

— Quem fala?

Embora a tivesse ouvido sufocada e distorcida pelo capacete, o comissário a reconheceu. Sem sombra de dúvida.

— Aqui é o comissário Montalbano.

— Ah. Já ouvi falar do senhor.

— Eu também, do senhor.

O outro não retrucou, não perguntou. Montalbano escutava a profunda respiração dele através do receptor. Em segundo plano, a televisão continuava.

Ah, pronto: era a voz de Mike Bongiorno.

— Tenho motivos para acreditar que nós dois nos encontramos ontem à noite.

— Ah, é?

— É, senhor advogado. E eu gostaria de encontrá-lo novamente.

— No mesmo lugar de ontem à noite?

Não parecia nem um pouco preocupado com o fato de ter sido descoberto. Pelo contrário: até se permitia posar de espirituoso.

— Não, ali é muito incômodo. Eu espero o senhor no meu hotel, o Centrale, mas isso o senhor já sabe, amanhã de manhã, às nove.

— Estarei lá.

Montalbano comeu bem numa *trattoria* vizinha ao porto, voltou ao hotel lá pelas onze, durante umas duas horas ficou lendo um romance não policial de Simenon e, à uma, apagou a luz e adormeceu. Às sete da manhã, pediu no quarto um expresso duplo e o *Giornale di Sicilia*. A notícia que o fez pular de pé, num banho de suor, estava estampada em negrito, na primeira página: via-se que chegara em cima da hora do fechamento. Dizia que, às 22:30 da noite anterior, nas proximidades da estação, um punguista havia tentado furtar o mostruário de um representante de joias, o qual reagira a tiros e o matara. Com extrema surpresa, o punguista foi identificado como o advogado Nicolò Nuccio, trinta e dois anos, bem de vida, residente em Bagheria. O doutor Nuccio — prosseguia o jornal — não tinha nenhuma necessidade de roubar para sobreviver, a própria moto na qual ele tentara o furto, uma Norton preta, valia uns dez milhões. Tratava-se de um desdobramento da personalidade? De uma brincadeira concluída tragicamente? De uma bravata absurda?

Montalbano jogou o jornal em cima da cama e começou a se vestir. Nicolò Nuccio havia encontrado o que procurava e ele talvez conseguisse pegar o trem das oito e meia para Montelusa. De lá, telefonaria para o comissariado de Vigàta. Alguém iria buscá-lo.

Móbil de dois gumes

O finado Attilio Gambardella, quando ainda em vida, não tinha sido propriamente um homem de belo aspecto. Manco e estropiado, zarolho, enormes orelhas de abano, mãos de anão e pés de palhaço, boca tão torta que a pessoa nunca sabia se ele estava rindo ou chorando. Mas, agora que jazia esticado no piso da cozinha, massacrado por umas trinta cuteladas na cara, no peito, na barriga, na virilha, parecia que a morte quisera de algum modo cancelar-lhe a feiura, o estrago que o assassino havia operado no corpo do pobre Gambardella deixava-o parecido com tantos outros mortos a facadas. Na cozinha não era possível uma pessoa se mexer sem correr o risco de se sujar de sangue, havia esguichos até na tela da televisão ligada, na qual apareciam as imagens do jornal matinal. A arma do crime, uma faca de cortar papel com cabo de osso, tinha sido jogada dentro da pia, a lâmina ainda trazia vestígios de sangue, mas o cabo fora cuidadosamente limpo a fim de eliminar as impressões digitais.

— E então? — perguntou Montalbano ao doutor Pasquano.

— E então, o quê? — exasperou-se o outro. — Quer saber de que foi que ele morreu? Indigestão de figos-da-índia.

Naquela manhã, porém, Montalbano não sentia a menor gana de comprar briga com o médico-legista.

— Eu queria simplesmente saber...

— A hora da morte? Posso aproximar alguns segundos ou tenho que fracionar o minuto?

O comissário abriu os braços, desconsolado. O doutor, ao vê-lo tão surpreendentemente indolente, desistiu do prazer de bater boca.

— Tá bom. Entre oito e onze da noite de ontem. A primeira espetada foi nas costas, ele teve forças para se voltar e a segunda pegou no peito. Em minha opinião, caiu já morto. As outras facadas foram dadas com ele no chão, por passatempo ou desafogo do assassino. Satisfeito?

Aproximou-se Fazio, que havia dado uma olhada em toda a casa.

— Assim, à primeira vista, e sem saber o que ele tinha aqui, não me parece coisa de furto, não devem ter levado nada. Na gaveta da mesa de cabeceira tem dois milhões em espécie. Em cima da cômoda, um cofrinho com anéis, brincos e pulseiras.

— E também, por que um ladrão precisaria dar tantas facadas, dessas de ficar com dor no braço? — intrometeu-se Pasquano.

Galluzzo entrou na cozinha.

— Estive na casa de Filippo, o filho de Gambardella. A mulher me disse que esta noite ele não voltou.

— Vá procurar por ele — disse o comissário.

O prédio onde ocorreu o crime, mais para a periferia, era de propriedade de Gambardella e consistia numa construção de dois andares. No térreo havia duas lojas, uma de legumes no atacado e outra de ferragens; no andar de cima, dois apartamentos, aquele onde morava o falecido e o outro, alugado à senhora Gesuina Praticò, viúva Tumminello. Foi ela quem descobriu o homicídio — explicou Fazio a Montalbano —, e levou um tal choque que desmaiou logo depois de ir gritar à janela por socorro. O comissário devia ir devagar: o atacadista de legumes tinha avisado que dona Gesuina sofria do coração. Foi por isso que o dedo de Montalbano na campainha teve a mesma leveza de uma borboleta pousando numa flor. A porta foi aberta por um padre com cara de circunstância. Hoje em dia, ver um padre de batina impressiona, geralmente eles se vestem ou como bancários ou como punks; mas, ao vê-lo à sua frente, naquele apartamento e com aquela expressão, o comissário convenceu-se de que o reverendo viera dar os santos óleos à senhora Praticò.

— É grave o estado? — balbuciou.

— De quem?

— Da viúva Tumminello.

— Mas que nada! Eu vim para confortá-la, ela sofreu uma emoção muito forte. Sente-se. O senhor é o comissário Montalbano, não? Conheço, conheço. Eu sou o padre Saverio Colajacono. Gesuina é uma paroquiana piedosa e devota.

Quanto a ser ela piedosa e devota, não havia dúvida. No vestíbulo, o comissário contou um crucifixo de parede, uma Nossa Senhora das Dores e um Santo Antônio de Pádua numa prateleira. Outras duas estatuetas ele não teve tempo de identificar.

— Gesuina foi se deitar — disse o padre Colajacono, precedendo-o.

O quarto, com os batentes da janela semifechados, era praticamente uma cripta. Nas paredes, dezenas de santinhos pregados com tachinhas, e, embaixo de cada um deles, uma lamparina acesa, em cima da respectiva bancadinha. Montalbano sentiu um sufoco repentino, transpirou, precisou abrir o botão do colarinho. Uma espécie de baleia arfante e lamentosa jazia numa cama de casal,

coberta por uma colcha de flores vermelhas que deixavam entrever só a cabeça de uma cinquentona despenteada, sim, mas de face rosada e lisa.

— Gesuina, deixo-a em boas mãos, volto mais tarde — disse o padre e, feita uma meia inclinação para o comissário, saiu.

Montalbano sentou-se numa cadeira ao pé da cama. Na mesa de cabeceira, uma lamparina iluminava a fotografia de um sujeito com cara de delinquente de manual lombrosiano: certamente o senhor Tumminello, aquele que, morrendo, deixou viúva a senhora Gesuina Praticò.

— Acha que conseguiria responder a algumas perguntas — principiou o comissário.

— Se Nosso Senhor me assiste e Nossa Senhora me acompanha...

O comissário desejou ardentemente que Nosso Senhor e Nossa Senhora estivessem disponíveis naquele momento: ele não aguentaria permanecer naquele quarto um minuto além do necessário.

— Foi a senhora quem descobriu o cadáver, não?

— Sim.

— Me diga como foi.

— É uma história comprida.

— Não se preocupe, pode contar.

Resfolegando pelas narinas como uma verdadeira baleia, a mulher ergueu-se a meio, sempre mantendo pudicamente a colcha apertada contra aquela praça d'armas que era o peito.

— Por onde eu começo?

— Por onde quiser.

— Uns vinte anos atrás, quando eu já morava nesta casa com o meu pobre marido Raffaele...

O comissário se maldisse por ter dado liberdade histórica e cronológica à viúva, mas não havia nada a fazer, a culpa era dele.

— ... Attilio sofreu um acidente de carro pavoroso.

Attilio. Chamavam-se pelo primeiro nome, dona Gesuina e o assassinado.

— A mulher morreu, ele quebrou as pernas e Filippo, o filho, que na época tinha doze anos, bateu com a cabeça e ficou um mês entre a vida e a morte. No ano seguinte, uma pneumonia dupla levou o meu pobre Raffaele. O que o senhor quer que eu lhe diga, comissário? Vê hoje, vê amanhã, cumprimenta hoje, cumprimenta amanhã, acabou que nós unimos nossas solidões.

A frase, evidentemente lida em algum romance cor-de-rosa, teve o poder de desorientar Montalbano.

— Viraram amantes?

A baleia arregalou os olhos, levantou as mãos para tapar os ouvidos e expeliu sua indignação pelos respiradouros. As quarenta e tantas lamparinas vacilaram, ameaçando se apagar.

— Não! Mas que ideia é essa?! Eu sou uma mulher honrada! Todo mundo me conhece na cidade! Attilio nunca me tocou e eu nunca encostei nele!

— Me perdoe, senhora. Eu lhe peço desculpas — fez o comissário, apavorado pela ideia de que o quarto pudesse ficar às escuras.

— Eu quis dizer foi que nós começamos a nos fazer companhia o dia inteiro. Às vezes Attilio, que já quase não saía, ficava em casa durante semanas, por causa das dores nas pernas, principalmente com a mudança de tempo. Então eu cozinhava para ele, guardava as coisas no lugar... tudo o que uma dona de casa faz.

— Como se sustentava?

— Eu tenho a pensão que o pobre Raffaele deixou.

— Não, eu me referia a ele, Gambardella.

— Mas Attilio era rico! Aqui em Vigàta ele era dono de umas dez lojas, uns quinze apartamentos, e tinha outros bens em Fela. Não precisava de uma pensão miserável!

— E as relações com o filho, como eram?

Ponto nevrálgico. Desta vez, umas dez lamparinas se apagaram. Montalbano tremeu.

— Ele matou o pai!

— Tem certeza, minha senhora?

— Foi ele, foi ele, foi ele!

As lamparinas se apagaram todas ao mesmo tempo. Tateando, o comissário alcançou a janela e escancarou-a.

— A senhora se dá conta disso que está dizendo?

— Claro que me dou conta! É como se eu tivesse visto com estes olhos!

A baleia era agora sacudida por sobressaltos e tremores, e a colcha parecia um campo de papoulas agitado pelo vento.

— Explique-se melhor.

— Esse Filippo é um desgraçado, um delinquente, um sem eira nem beira que há trinta anos vive nas costas do pai! E ainda por cima resolveu se casar! Para encurtar a história, não se passava uma semana sem que ele viesse aqui para pedir dinheiro ao pai. E Attilio vivia dando. Para mim, dizia que sentia pena do filho, se tinha ficado assim era por culpa dele, a responsabilidade pelo acidente era dele, o filho tinha prejudicado o cérebro e não podia trabalhar em nada porque não tinha cabeça para isso. E o tremendo corno do filho tirando vantagem. Finalmente, eu consegui fazer Attilio entender que raça de tratante e

aproveitador era Filippo. E Attilio começou a dar menos dinheiro, às vezes negava. Aí aquele delinquente chegou a ameaçar o pai! Uma vez botou as mãos em cima dele! Ontem de noite...

Ela se interrompeu e começou a soluçar. Puxou de sob o travesseiro um lenço do tamanho de uma toalha e assoou o nariz. Os vidros da janela retiniram.

— Ontem de noite, Attilio veio comer aqui comigo e depois foi para casa, disse que queria ver uma coisa na televisão e depois ia se deitar. Televisão eu não quero ter. A gente vê sem querer umas coisas que fazem uma mulher honesta morrer de vergonha!

Montalbano não queria adentrar por uma discussão sobre ética televisiva.

— A senhora ia dizendo que, ontem à noite...

— Minha cozinha e a de Attilio são separadas por uma parede. Eu estava lavando os pratos quando escutei as vozes de Attilio e de Filippo. Eles estavam brigando.

— Tem certeza de que a voz era mesmo do filho?

— Boto a mão no fogo!

— Escutou alguma palavra ou frase com clareza?

— Sem dúvida. Ouvi Attilio dizendo: "Nada, eu não te dou nem mais um centavo!", e Filippo gritando: "E eu te mato! Te mato!" Depois teve um barulho de... de...

— Luta corporal?

— Sim, senhor. E uma cadeira caindo no chão. Eu fiquei com medo e com raiva. Não sabia o que fazer. Mas, como depois não ouvi mais nada, só a televisão, sosseguei. E pensar que...

Aos soluços, desta vez uniram-se gemidos e ganidos.

— Como é que a senhora acha que Filippo entrou lá?

— Ele tinha a chave! Eu aconselhei Attilio mil vezes a pegar de volta, mas ele, nada!

— Como descobriu o que havia acontecido?

— Hoje de manhã fui à missa no primeiro horário, mas, como ia comungar, não entrei na cozinha para tomar café. Quando voltei, ainda não eram nem sete, ouvi a televisão ligada na cozinha de Attilio. E isso eu achei estranho, ele nunca via televisão de manhã. Então fui lá e...

— E quem abriu a porta?

A viúva Tumminello, que estava prestes a desmanchar-se novamente em soluços, encabulou.

— Ninguém. Eu tenho uma chave.

Ouviu-se a campainha da porta.

— Deixe que eu vou — disse o comissário.

Era Fazio. Ao lado dele, um homem de seus trinta, magro, magro, calça amarrotada, paletó deformado, cabelos despenteados, barba comprida. Montalbano sequer tinha acabado de abrir a porta quando às suas costas ressoou um grito altíssimo.

A viúva Tumminello, que, além da inclinação pelos romances cor-de-rosa, devia ter outra pela tragédia, tinha se levantado e agora apontava o rapaz com o braço esticado, o indicador trêmulo.

— O assassino! O patricida!

E desabou no chão, desmaiada. Parecia que um leve abalo sísmico havia atingido o edifício.

— Vamos sair daqui — disse Montalbano, preocupado — e levá-lo pro comissariado.

— Então o senhor não sabia que o seu pai tinha sido assassinado?

— Não, senhor.

— Mas como, se ao entrar na casa a primeira coisa que você disse foi: "É verdade que papai?..." E começou a chorar — interveio Fazio.

— Verdade. Mas a morte do meu pai eu soube pelo dono da loja de ferragens, que me viu entrar pelo portão.

— O senhor brigou com o seu pai ontem à noite?

— Sim, senhor.

— Por quê?

— Ele não quis me dar o dinheiro que eu pedi.

— Por que ele não quis dar?

— Disse que não ia me sustentar mais.

— E você ameaçou ele de morte. Disse e fez — interveio Fazio novamente.

De cara amarrada, Montalbano olhou para Fazio. Não gostava de ser interrompido, e também não lhe parecia correto tratar por você uma pessoa só porque ela se encontrava em posição de inferioridade. Mas Filippo Gambardella quase não reagiu às palavras de Fazio. Estava apático, ausente.

— Não fui eu.

Em voz baixa.

— Que motivo o levou a procurar seu pai de novo, hoje de manhã? Achando que ele ainda estava vivo, queria pedir outra vez o dinheiro que ele não tinha dado na véspera?

— Não foi essa a razão.

— E qual foi?

Filippo Gambardella pareceu embaraçado e murmurou alguma coisa que o comissário não entendeu.

— Mais alto, por favor.

— Eu queria pedir perdão.

— De quê?

— De ter dito que, se não me desse o dinheiro, eu ia matar ele.

— Mas não tinha havido outras brigas?

— Nos últimos tempos, sim. Mas eu nunca tinha dito que ia matar ele.

— Depois da briga, aonde o senhor foi?

— Para o botequim de Minicuzzo. Me embebedei.

— Quanto tempo ficou lá?

— Não sei.

— E, depois da bebedeira, aonde foi?

— Não sei.

— Dormiu onde?

— Não sei.

Não é que não quisesse responder às perguntas. Montalbano sentia que ele estava sendo sincero.

— Chegou a trocar de roupa?

Filippo Gambardella olhou-o, atrapalhado.

— Hoje de manhã, antes de ir à casa do seu pai, o senhor passou na sua? Trocou de roupa?

— Trocar o quê? Eu só tenho esta.

— Desde quando não come?

— Não sei.

— Leve ele — disse o comissário a Fazio —, mande tomar banho e peça no bar alguma coisa para ele comer. Depois a gente continua.

— Achei isto aqui atrás de um quadro que Gambardella tinha no quarto — disse Galluzzo, ao voltar das buscas na casa do morto.

Era um envelope pardo, de tipo comercial. Em cima estava escrito: “Para ser aberto depois da minha morte”. Já que o signatário estava inequivocamente morto, o comissário o abriu. Poucas linhas. Diziam que Gambardella Attilio, em pleno domínio de suas faculdades mentais, deixava tudo o que possuía, casas, lojas, terrenos e dinheiro líquido, ao seu único filho Gambardella Filippo. A data era de três anos antes. Nesse momento, entrou Fazio.

— Ele comeu e adormeceu. O que é que eu faço?

— Deixe ele dormir — disse o comissário, estendendo-lhe o testamento.

Fazio leu, a boca torcida numa careta.

— E isto é um belo agravante em cima de Filippo Gambardella — comentou.

— Como assim?

— Seria o móbil do crime.

— Eu me chamo Gianni Puccio — disse o quarentão distinto e de boas maneiras que pedira para ser recebido pelo comissário.

— Muito prazer. Pode falar.

— Estão dizendo na cidade que os senhores prenderam Filippo Gambardella pelo assassinato do pai. É verdade?

— Não é verdade — respondeu Montalbano, curto e grosso.

— Então ele foi posto em liberdade?

— Não. Não seria melhor o senhor me dizer o que veio dizer. Sem fazer perguntas?

— Talvez seja melhor — admitiu Gianni Puccio, um pouquinho assustado. — Bem, ontem à noite, ali pelas oito e meia, quinze pras nove, o meu carro, eu sou representante comercial, o meu carro enguiçou bem na frente da casa de Gambardella, que eu conheço há anos. E também conheço o filho, Filippo. Desci e abri o capo. Nessa hora, ouvi a voz de Attilio Gambardella, alterada. Olhei para cima. Attilio estava na janela, gritando pra uma pessoa na rua: "Não me apareça mais! Você só vai pegar o meu dinheiro depois que eu morrer!" Depois, entrou e fechou a janela.

— Viu para quem ele estava gritando?

— Sim. Para o filho, Filippo. Então, como estão dizendo por aí que Filippo matou o pai depois de uma discussão, eu posso declarar em sã consciência que as coisas não foram assim.

— O senhor me foi muito útil.

— E o que significa? Não significa nada — disse Fazio. — Tudo bem, ele não matou durante a discussão, mas matou depois. Foi para o botequim, encheu a cara, o vinho lhe deu coragem, ele voltou à casa do pai e assassinou o velho.

— Você encasquetou que foi ele, não é?

— Mas sem dúvida!

— Poderia ser. Gallo interrogou Minicuzzo, o dono do botequim. Este afirma que Filippo chegou por volta das nove, entornou uma garrafa de dois litros e saiu antes das dez e meia.

— Então, o senhor não está vendo? Ele teve todo o tempo que quis para voltar e esfaquear o pai. O doutor Pasquano disse que o crime aconteceu entre oito e onze, não? Faz sentido.

— Pois é.

— Afinal, posso saber o que é que não convence o senhor?

— À luz da lógica, não me convence o fato de ele não ter apanhado os dois milhões que estavam na casa. Mata o pai, muito bem. E, tendo chegado a esse ponto, por que não vai adiante, levando os dois milhões? E também como se consegue dar trinta cuteladas numa pessoa e não ter nem um pingo de sangue na roupa? Você lembra quanto sangue tinha na cozinha?

— Doutor, o que é que há, o senhor está brincando? Se for contar essas dúvidas ao juiz, ele vai rir na sua cara. Filippo não pegou os dois milhões porque o assassinato não foi premeditado. Quando viu o pai morto, passada a raiva que fez ele dar trinta facadas, se apavorou, entrou em pânico e fugiu. Depois, ou voltou pra casa, ao contrário do que diz a mulher, e trocou a roupa suja de sangue, ou então arrumou alguma limpa, com os amigos do botequim, e jogou a dele no mar.

— Ou seja, você está convencido de que ele sujou a roupa de sangue?

— Não tenha dúvida.

— Me acompanhe, Fazio. O senhor Puccio veio nos dizer que viu Filippo por volta das oito e meia, quinze para as nove, defronte da casa do pai. E Gambardella ainda estava vivo. Minicuzzo diz que Filippo chegou ao botequim às nove. Portanto, se ele, logo depois de ser visto por Puccio, voltou atrás e assassinou o pai, como iria ter tempo de ir até em casa e trocar de roupa, se às nove já estava no botequim? Faz sentido?

— Sim, senhor.

— Ou seja, isso significa que ele teria cometido o crime depois que se embebedou, certo? É uma hipótese que você mesmo levantou.

— Sim, senhor.

— Mas, se ele agiu assim, as coisas mudam. Já não é um assassinato por impulso, no meio de uma briga. É uma coisa pensada e raciocinada. E, nesse caso, não encontraríamos os dois milhões na gaveta. E olha que ele teria o máximo interesse em sumir com esse dinheiro, para nos obrigar a supor um furto.

— Quem falou de furto? — interrompeu alegremente Mimì Augello, entrando no gabinete do seu superior.

Montalbano se aborreceu.

— Mimì, mas você é realmente um cara de pau! Não apareceu a manhã inteira!

— Ué, não lhe disseram nada? — disse Mimì, surpreso.

— Dizer o quê?

— Hoje cedo — explicou pacientemente Augello —, o comendador Zuccarello veio denunciar um furto na residência dele, aquela perto da estação velha. Ele e a mulher tinham dormido em Montelusa, na casa da filha casada. Quando voltaram, descobriram o prejuízo. Roubaram a prataria e umas joias. Já que você estava ocupado com o caso Gambardella, eu me encarreguei desse outro.

— Ou seja, se a coisa está em suas mãos, os ladrões podem dormir sossegados e é melhor que os Zuccarello digam adeus à prataria — comentou o comissário, maligno.

Mimì Augello, pouco elegantemente, fechou o punho direito, esticou o braço e, com a mão esquerda, bateu com força em cima dele, na dobra do cotovelo.

— Aqui para você! O ladrão eu já prendi.

— E como?

— Salvo, Vigàta inteira só tem três ladrões de casas, e cada um trabalha com uma técnica particular. Você não sabe disso porque não se ocupa dessas coisas, seu cérebro só enfrenta questões de alta especulação.

— Peppe Pignataro, Cocò Foti ou Lillo Seminerio? — perguntou Fazio, que, ao contrário, sabia tudo a respeito de Vigàta.

— Peppe Pignataro — respondeu Augello. E a seguir, virando-se para o comissário: — Ele quer falar com você. Está lá na minha sala.

Cinquentão, magro, comprido, vestido com propriedade, Pignataro levantou-se assim que viu o comissário. Este fechou a porta da sala e foi instalar-se na poltrona de Mimì.

— À vontade, à vontade — disse ao ladrão.

Pignataro sentou-se novamente, depois de fazer uma meia inclinação.

— Todo mundo sabe que no senhor se pode confiar.

Montalbano não falou, não moveu um músculo sequer.

— O furto fui eu que fiz.

Montalbano mostrava a mesma imobilidade de um manequim.

— Só que o comissário Augello não vai conseguir provar. Eu não deixei impressões digitais, a prataria e as joias estão escondidas num lugar seguro. O comissário Augello desta vez vai quebrar os cornos, com o devido respeito.

Com quem falava? Montalbano estava fisicamente na sala, mas parecia embalsamado.

— Mas, se o comissário Augello grudar no meu pé, eu não posso me mexer para nenhum lado, não posso procurar quem eu devo procurar para receber o dinheiro em troca da prata e das joias. Só que eu preciso desse dinheiro, e com urgência. O senhor acredita se eu lhe disser uma coisa?

— Sim.

— Minha mulher está mal, o senhor pode se informar. Os remédios para ela não são de graça, eu tenho que comprar e eles custam os olhos da cara.

— O que é que você quer?

— Que o senhor fale com o doutor Augello para ele me deixar em paz durante um mês. Depois, eu juro que me apresento.

Olharam-se demoradamente, em silêncio.

— Vou tentar falar com ele — disse Montalbano, levantando-se.

Peppe Pignataro pulou da cadeira, inclinou-se e tentou pegar a mão de Montalbano para beijá-la. O comissário esquivou-se a tempo.

— Eu queria lhe contar uma outra coisa. Ontem à noite, ali pelas nove, comecei a rodear a casa de Zuccarello para ver como estava a situação. Eu sabia que o comendador e a mulher tinham saído no carro. Mais ou menos umas onze horas, Filippo Gambardella apareceu na rua. Eu conheço bem a cara dele. Não se aguentava nas pernas, estava completamente bêbado. A certa altura, não conseguiu andar mais, se estabacou no chão, ao lado da casa de Zuccarello, e apagou. Ainda estava dormindo às quatro da manhã, quando eu saí depois do furto.

— Por que você está me contando isso?

— Como agradecimento. E para livrar o senhor de um erro. Andam dizendo que o senhor prendeu Filippo pelo assassinato do pai e eu queria...

— Obrigado — cortou Montalbano.

— O que é que a gente faz com Filippo Gambardella?

— Solte ele.

Fazio hesitou, depois abriu os braços.

— Como queira.

— Ah, escute, me chame o doutor Augello.

Levou mais de meia hora para convencer Mimì, mas afinal Peppe Pignataro foi liberado por um mês. Entre uma coisa e outra, já eram quase duas e o comissário sentia uma fome de dar tonteira.

— Tem lugar lá? — perguntou Montalbano, entrando na *trattoria* San Calogero.

“Lá” significava uma sala pequenininha, com duas mesas.

— Não tem ninguém — tranquilizou-o o proprietário.

Primeiro ele bateu um abundante antepasto de camarões e polvinhos ao molho e, a seguir, traçou quatro percas gigantes, do tamanho de um bonde.

— Trago um café?

— Mais tarde. Até lá, se não for incômodo, eu vou dar um cochilo de meia hora.

O proprietário encostou a porta e o comissário adormeceu, a cabeça apoiada nos braços cruzados sobre a mesa, na boca ainda o sabor do peixe fresquíssimo, nas narinas o cheiro da boa cozinha, nos ouvidos o longínquo tilintar da louça que estava sendo lavada. Depois de meia hora em ponto, o proprietário trouxe o café, Montalbano lavou o rosto, enxugou-o com papel higiênico e seguiu cantarolando para o comissariado. Ainda por cima, o dia estava uma maravilha de Deus.

Fazio esperava por ele na porta.

— O que houve?

— Houve que a viúva Tumminello está aí. Quer falar com o senhor, parece nervosa.

— Tudo bem.

Foi só o tempo de se instalar atrás da escrivaninha e a luz da sala diminuiu. A viúva, com sua enorme tonelagem, ocupava todo o vão da porta.

— Posso entrar?

— Mas é claro! — fez o comissário, galante, apontando-lhe uma cadeira, a qual rangeu penosamente ao receber todo aquele peso.

Sentada na beirada, bolsinha nos joelhos, mãos enluvadas, a viúva começou:

— O senhor me desculpe, comissário, mas eu, quando tenho uma coisa aqui...

Levou uma mão ao coração.

— ... tenho também aqui.

A mão foi até a boca.

— E a mim agradaria que essa mesma coisa chegasse até aqui — fez o comissário, tocando os ouvidos.

— É verdade que o senhor mandou soltar Filippo?

— É.

— Por quê?

— Não temos provas.

— Como?! E tudo o que eu lhe contei? A briga, os xingamentos, a queda da cadeira?

— Tem uma testemunha dizendo que, quando Filippo saiu de lá, o senhor Gambardella ainda estava vivo.

— E quem é esse corno? Certamente um cúmplice, um amiguinho do patricida! Veja bem, comissário, a cidade inteira está convencida de que foi ele, e a cidade inteira se admirou porque o senhor soltou ele!

— Minha senhora, eu devo me ater aos fatos, e não às palavras. Por falar em fatos, sabia que agora à tarde eu pretendia passar em sua casa?

Dona Gesuina Praticò, viúva Tumminello, que até um minuto antes gesticulara amplamente, tanto que sua bolsa caíra ao chão duas vezes, paralisou-se de repente, semicerrando os olhos.

— Ah, é? E o que o senhor queria comigo?

Montalbano abriu a primeira gaveta da escrivaninha, tirou um envelope pardo e mostrou-o à viúva.

— Queria lhe mostrar isto.

— O que é?

— O testamento, as últimas vontades de Gambardella.

A viúva empalideceu tanto, mas tanto, que ao comissário sua pele pareceu a de uma água-viva morta à beira-mar.

— Vocês ach...

Ela parou, mordendo o lábio.

— Pois é. Tivemos mais sorte do que a senhora, que certamente deve ter procurado isto aqui todas as vezes em que Gambardella lhe deu chance.

— E que interesse eu poderia ter?

— Não sei, talvez simples curiosidade. Veja aqui, reconhece a letra de Gambardella? — perguntou Montalbano, aproximando dela o envelope.

— "Para ser aberto depois da minha morte" — leu a mulher. E acrescentou: — É dele.

— Se tivesse achado o testamento, a senhora teria uma surpresa. Quer que eu leia?

Montalbano tirou o papel do envelope, devagar, e leu mais devagar ainda, quase soletrando:

— "Vigàta. Eu, Gambardella Attilio, em pleno domínio das minhas faculdades mentais, desejo que, depois da minha morte, todos os meus bens móveis e imóveis sejam transferidos à senhora Gesuina Praticò, viúva Tumminello, que durante anos foi minha amiga dedicada. Assim sendo, meu filho Filippo será deserdado. Assinado..."

O urro de alegria da viúva foi tão forte que provocou alguns efeitos desastrosos, tais como: Catarella se queimou com um café quase fervendo; Galluzzo deixou cair no chão uma máquina de escrever que ele estava levando de uma sala para outra; Miliuzzo Conti, detido como suspeito de furtar rádios de automóveis, acreditou que no comissariado tinham começado a praticar torturas (na noite anterior, havia assistido a um filme de nazistas) e tentou uma fuga desesperada, que se concluiu com a perda total dos seus dentes da frente.

Montalbano, mesmo estando preparado, ficou momentaneamente surdo. Enquanto isso, a viúva se levantara e agora dançava, balançando-se de um pé para o outro. Fazio, que logo chegou correndo, olhava-a de boca aberta.

— Pegue um copo d'água para ela.

Fazio voltou imediatamente, mas a viúva parecia não ver o copo que ele lhe estendia sempre diante da boca, deslocando a mão no mesmo ritmo. Finalmente, ela percebeu e bebeu tudo de um só gole. Voltou a sentar-se. Estava roxa e banhada de suor.

— Leia a senhora mesma — disse o comissário, passando-lhe o testamento.

A viúva o pegou, leu-o, largou-o, empalideceu novamente, levantou-se, recuou, os olhos sempre fixos naquele pedaço de papel. Sem conseguir respirar, levou as mãos à garganta, tremendo inteira. O comissário postou-se à sua frente.

— A senhora ouviu o que Gambardella disse ao filho... que deixaria tudo para ele quando morresse... e então foi lá para pedir explicações... porque ele tinha lhe prometido a herança...

— Ele vivia me dizendo isso — arquejou a viúva —, vivia repetindo, aquele porco... Gesuinuzza querida, eu te deixo tudo... e enquanto isso vá segurando aqui... vá metendo ali... um porco, um bicho é o que ele era... só pensava em me pedir para fazer coisas sujas... não bastava que eu fosse como uma empregada... E ontem de noite teve a coragem de me dizer que ia deixar tudo para aquele patife do filho! Dois da mesma laia, dois animais nojentos que...

— Resolva o resto — disse o comissário a Fazio.

Tinha de fazer uma caminhada pelo molhe, estava precisando de ar puro, de mar.

Nota

Os contos aqui reunidos são trinta. Lendo-se um por dia, leva-se exatamente um mês: é o que pretende significar o título.

Foram escritos entre primeiro de dezembro de 1996 e 30 de janeiro de 1998. O Noir in Festival de Courmayeur me deu a deixa para escrever "O companheiro de viagem", que saiu na revista *Sintesi* de maio de 1997. "Prodígios de Trieste" foi composto a convite do meu amigo triestino Piero Spirito para a manifestação Piazza Gutenberg e publicado no volumezinho *Raccontare Trieste* (junho de 1997). "O pacto" eu escrevi porque tomei gosto, e a revista *La grotta della vipera*, de Cagliari, incluiu-o em sua edição outono-inverno 1997. Os outros vinte e sete são inéditos.

As trinta situações nas quais se vê envolvido o comissário Montalbano nem sempre (felizmente) comportam fatos de sangue: trata-se também de furtos sem furto, de infidelidades conjugais, de investigações no fio da memória. E nem todas ocorrem em Vigàta; algumas até remontam aos primórdios da carreira do comissário.

É útil (e inútil, ao mesmo tempo) repetir que lugares e nomes são totalmente inventados. A quem vier a lamentar algumas coincidências, quero lembrar que a própria vida (bastante superior, em matéria de invenções, à fantasia) não passa de uma simples coincidência.

Nascido em Porto Empedocle (Agriento) em 1925, Andrea Camilleri trabalhou muito tempo como roteirista e diretor de teatro e televisão, produzindo os famosos seriados policiais do comissário Maigret e do tenente Sheridan. Estreia como romancista em 1978. A consagração, porém, viria apenas no início dos anos 90, quando publica *A forma da água*, primeiro romance do comissário Salvo Montalbano. Desde então recebeu alguns dos principais prêmios literários italianos e tornou-se sucesso de público e crítica em todos os países onde foi lançado.

Notas

[1] Arma dei Carabinieri ou Arma Benemerita, também chamada simplesmente “a Arma” ou ainda “os *carabinieri*”, corpo do exército italiano que exerce funções de polícia militar, judiciária e civil. Esta última atribuição coincide com as de Montalbano e sua equipe. (N. da T.)

[2] Xantipa, mulher do filósofo Sócrates, proverbialmente famosa como uma pessoa rabugenta. (N. da T.)

[3] Corruptela de Calogero, padroeiro da fictícia Vigàta. (N. da T.)

[4] “Fausto primitivo”, título da primeira versão do *Fausto*, de Goethe. (N. da T.)

[5] Personagem da peça *I giganti della montagna*. (N. da T.)

[6] Cerca de R$200,00 ou R$300,00. A proporção é de aproximadamente R$1,00 para mil liras. (N. da T.)

[7] “Tu que bateste as asas em direção a Deus”, ária da ópera de Donizetti (1797-1848) *Lucia di Lammermoor*. (N. da T.)

[8] “Sardinhas à papa-figo”, um dos pratos típicos da Sicília. As sardinhas, recheadas com uma mistura de farinha de rosca, *alici*, passas, pinhões e alguns temperos, são levadas ao forno e servidas frias. (N. da T.)

[9] Massa gratinada ao forno, em camadas alternadas com carne moída, berinjela, mortadela ou salame, ovos cozidos, três tipos de queijo e alguns outros ingredientes. Adiante, *rollè*, espécie de bife rolê gigante, e *pecorino*, queijo feito com leite de *pecora*, ovelha. (N. da T.)

[10] “Carapinhada”, bebida feita com gelo triturado, batido com café ou com suco de limão, laranja etc. (N. da T.)

[11] Trata-se do poeta Umberto Saba (1883-1957), nascido em Trieste e autor dos versos citados no texto: “Trieste tem uma abrutalhada/graça. Se apraz/é como um rapagão áspero e voraz/de olhos azuis e mãos grandes demais...” (N. da T.)

[12] Irônico apelido (algo como “Chico Zé”) dado na Itália a Francisco José (1830-1916), imperador da Áustria e rei da Hungria. (N. da T.)

[13] *Guatto*, ou *goatto*, é o nome dado no Adriático a várias espécies de peixes da família dos gobídeos. (N. da T.)

[14] Jogo de cartas semelhante à escopa. (N. da T.)

[15] Figura provavelmente lendária (séc. XII), que se tornou símbolo da luta contra o estrangeiro. Teria sido um dos responsáveis pela vitória dos italianos na batalha de Legnano (1176) contra o imperador

romano-germânico Frederico I Barba-Roxa. (N. da T.)

[16] O *cannoli* (“canudinho”), doce típico da Sicília, lembra um pouco a bomba ou o churro. Consiste num invólucro de massa, de forma cilíndrica, recheado com uma mistura de ricota, açúcar, frutas cristalizadas, chocolate, baunilha etc. O recheio pode variar, segundo a região. (N. da T.)

[17] Sigla de Ente Nazionale Idrocarburi, a estatal italiana do petróleo. (N. da T.)

[18] Agente graduado de polícia civil, numa denominação já suprimida mas ainda em uso na linguagem do dia a dia. Hoje, essa qualificação é reservada a um suboficial militar, de patente equivalente à de primeiro-sargento. (N. da T.)